

RUMORES DE GUERRA

de Março a Junho de 1961

nos Dembos

Março.1

Em Rabat o novo soberano marroquino, ontem entronizado, reúne uma Conferência sobre a Argélia e o Magreb, com Bourguiba da Tunísia e Fahrat Abbas do GPR argelino.

– «O Magreb é a defesa sul da Europa.»¹

Por essa ocasião em Brazzaville, é promulgada a primeira constituição pós-independência: o PR do Congo passa a ser eleito, em sufrágio universal directo, por cinco anos; nomeia ministros, dirige a administração e as forças armadas e pode, em certos casos, recorrer ao referendo; o poder legislativo pertence à AN eleita por cinco anos; o francês é a língua oficial.

Enquanto isso em Washington, o presidente John Kennedy anuncia a institucionalização do seu Peace Corps – «Corpo de Paz de Jovens Americanos para a cooperação no estrangeiro»² –, nomeando o seu cunhado Sargent Shriver para dirigir aquela «espécie de liga missionária do idealismo americano, fundada para combater o comunismo nas nações pobres».

– «The concept of the Peace Corps grew out of a 1960 presidential campaign proposal by John F. Kennedy to find new ways of halting the spread of Communism in underdeveloped countries. But the declared purpose of the Peace Corps is to promote the progress of other countries by providing them with skilled workers in the fields of education, agriculture, health, trade, technology, crafts, and community development. Peace Corps volunteers are assigned to specific projects on the basis of their ability, education, and experience. They serve overseas for 2 years after a 9 to 14 week training period in the local language, the technical requirements of the assigned job, and cross-cultural skills to help them adjust to a different society. The Peace Corps Act of 1961 established the government-funded service as an agency in the United States Department of State. The Peace Corps grew from 900 volunteers serving 16 countries in 1961.»³

¹ (Cunha Leal, op.cit pp.52/3); ² (Williams, op.cit pp.213); ³ (Robert Sargent Shriver Jr. was born in 1915, in Westminster Maryland; US business executive and lawyer, assistant general manager of Merchandise Mart in Chicago 48-61; married with Eunice Kennedy, sister of the president; director Peace Corps 61-66; director Office of Economic Opportunity 64-68; ambassador in Paris 1968 to 09Mar70)

Março.2

No aeroporto de Luanda desembarcam, de um Superconstellation da TAP, diversos jornalistas portugueses¹ e o escritor Amândio César.

No retorno a Lisboa, aquele avião transporta o chefe de polícia Manuel das Neves que foi gravemente ferido no assalto do 4 de Fevereiro e vai ser internado no Hospital do Ultramar.

¹ (notícia in "Revista de Angola")

Março.4

Em Lisboa são desembarcadas, aos ombros de camaradas-de-armas, as urnas com os restos mortais de cinco agentes da polícia mortos nos assaltos de Luanda (madrugada de 04Fev61), e de dois militares do Exército mortos em combate na Baixa do Cassanje (06Fev61). A título póstumo, foram os guardas promovidos ao posto de subchefe e agraciados com a Medalha de Serviços Distintos, e os primeiros-cabos promovidos ao posto de furriel e agraciados com a Medalha de Mérito Militar.

† FERNANDO JAIME DE OLIVEIRA MADEIRA, Guarda de Polícia

† JOAQUIM BAPTISTA, Guarda de Polícia

† JOSÉ MARQUES, Guarda de Polícia

† MANUEL BRÁS FERREIRA, Guarda de Polícia

† NUNO AUGUSTO FERREIRA MENDES, Guarda de Polícia

† JOÃO MARIA DE ALMEIDA FIGUEIREDO, 1ºCabo

† MANUEL BAPTISTA DA COSTA, 1ºCabo

No cais de desembarque, onde cada urna está coberta pela Bandeira Nacional, «o Chefe do Estado quis pessoalmente impôr as condecorações sobre as urnas dos heróis tombados ao Serviço da Ordem na província de Angola; terminadas as cerimónias fúnebres, apresentou condolências aos familiares»; e em seguida as urnas são colocadas em armões e transportadas para os cemitérios das respectivas freguesias de naturalidade.

Entretanto em Accra o presidente jugoslavo Tito termina a sua visita oficial e, com o governo do presidente Nkrumah, apresenta um programa conjunto de cinco pontos: «desarmamento geral; eliminação da guerra-fria em África; proibição de todas as bases estrangeiras em África; liquidação total do sistema colonial; e um plano para desenvolvimento do continente africano».

– «Março 4 - Fred Hubbard, garantindo que há gente controlada pela CIA dentro da chefia da UPA, comunica ao gabinete de Botelho Moniz que se prepara uma ofensiva armada para 15 de Março, dia da votação nas Nações Unidas de uma moção da Libéria contra Portugal. [O chefe-de-gabinete do MDN, major Carlos] Viana de Lemos confirma a bombástica informação [?] junto dos serviços secretos alemães, Bundes Nachrichten Dienst (BND) e redige um telegrama em código para o quartel-general de Luanda. Botelho Moniz dá a novidade [?] a Salazar, que não se mostra alarmado, pelo menos em frente do seu ministro da Defesa. Beleza Ferraz, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas (CEMGFA) encontra-se em Angola à frente de uma missão de observação. O telegrama de Viana de Lemos não chega ao CEMGFA e, aparentemente, perdeu-se num rodópio de informações conflituais.»¹

Por essa ocasião em Lisboa, é emitida a port. 18298 que declara fretado à CNN o navio Niassa, destinado a «transporte de tropas e material-de-guerra, com direito ao uso de bandeira e flâmula, e ao gozo das imunidades inerentes aos navios públicos»².

¹ (Antunes, op.cit pp.16; esta "versão de acontecimentos" é anacrónica, dado que já na 2ª quinzena de Maio o comandante militar de Angola, general Monteiro Libório, tinha enviado telegrama ao Governo central, alertando para o conhecimento detalhado sobre um plano de subversão, previsto para a safra cafeicola de Março de 1961; como tal, não há aqui lugar a qualquer «bombástica informação» e, por outro lado, não foi neste dia 04Mar61 que o MDN comunicou ao PM aquela suposta «novidade», mas sim em 14Mar61 através de um memorando, cuja resposta lhe é verbalmente dada em 29Mar61, precisamente 15 dias após confirmação da eclosão terrorista);

² (ainda este mês, é também fretado o "Rovuma" da CNN)

Março,5

Em Léopoldville é difundido pela emissora oficial, o anúncio de «grandes festejos para 15 de Março», código indicado aos adeptos da UPA já infiltrados ou recrutados em diversos locais do noroeste angolano, para o arranque de «ataque aos brancos e a todos quantos apoiem a administração portuguesa».

– «Reagindo à acção empreendida pelos patriotas, os colonialistas impõem aos quadros da hierarquia administrativa a eliminação física de qualquer suspeito que possa pertencer ao movimento de libertação, incluindo os pastores protestantes e outros "assimilados" contestatários. A partir de testemunhos de vários militantes [da UPA], está-se de acordo que este genocídio estava fixado para o dia 20 de Março [2ªfeira]. Os colonos ardem em impaciência de participar nele, deixam transparecer nas suas conversas o segredo das notas confidenciais dirigidas aos administradores e chefes de posto. Isto atea a chama da violência popular, de tal modo que os trabalhadores das plantações tomam espontaneamente a iniciativa de antecipar o plano de exterminação. A madrugada de 15 de Março aparece assim como uma antecipação das massas angolanas sobre os sinistros designios dos seus carrascos.»¹

Mas o que na realidade se passa é que, por intermédio de rádio-emissores do Baixo Congo, os indígenas do Congo Português têm vindo a ser aliciados à rebeldia e ao massacre de europeus: entre os métodos de aliciamento, conta-se a distribuição de galões de major, capitão e tenente, com promessas de boa-vida e entrega de lugares dos brancos e das respectivas mulheres.

– «O indígena Jacinto, ao serviço do sr. Teixeira da Junta do Café, fez várias declarações importantes, entre elas a de que um tal José Teta fazia reuniões em sua casa; que ele ouvira dizer ao próprio José Teta que era necessário matar todos os brancos e cortar-lhes a cabeça; que a coisa ia começar pelo Quitexe e seguindo depois Uije; e que os pretos iriam ficar com as lojas dos brancos de Uije. Acabar com todos os brancos, que eles tinham vindo ou fugido do Puto e que a terra pertencia aos pretos e não aos brancos. Que os pretos têm que se juntar para matar todos os brancos.»²

– «The Uije district is sparsely populated (386000 inhabitants in 1970), in an area of 62000km². Before 1961 the population was scattered, sometimes a few families lived together, sometimes they lived in small villages far away in the jungle where they hardly ever saw whites. Big areas are mountainous, with thick forest; in other parts a flowing landscape is seen, with low, treeless hills, while in the valleys small rivers are edged by strips of bush. There were few roads as is was senseless to build a road to a village which the inhabitants would leave for some reason or other, sooner or later. The rebellion uprooted these people and chased them away from their humble huts. On their return they often found their homes destroyed, burnt down or made uninhabitable by the destructive influences of the climate. As the population was so scattered it was almost impossible before 1961 to bring the people into contact with the western benefits of civilisation. Little education was available, it was difficult to offer medical assistance, hardly any contact with the authorities was kept up, it was difficult to transport agricultural products.»³

Manipulada por agentes norte-americanos, que têm estado a trabalhar no Congo-Léo contra a influência soviética naquela ex-colónia belga, a UPA deverá atacar no Congo Português antes do MPLA a fim de não permitir que a iniciativa do movimento subversivo fique cativa do apoio soviético: a data tinha já sido aprovada por Robert Aldane, Aníbal de Melo, Eduardo João Pinock (alias Johny Eduardo) e Rosário Neto, de acordo com uma «decisão do Comité Executivo da UPA reunido em conselho restrito e superior»⁴.

– «The revolt was not spontaneous, but the result of a carefully detailed and premeditated plan. The events in Luanda and the action of the UN, probably spurred on the leaders of terrorism to start before they were fully prepared. Whatever the case may be, on the 10th [?] of March the order was given to start a general strike on the 15th of March – it would coincide with the voting in the General Assembly.»⁵

Em simultâneo e aproveitando a agitação no vizinho Congo-Léo, mais cerca de 600 bacongos provenientes de Matadi apresentam-se no posto fluvial de Nôqui com o estatuto de “refugiados” e entram em território angolano, onde iniciam a distribuição de panfletos em dialectos locais e linguagem figurada com as «normas a seguir pela população de Angola nos Dias de festa», convidando a população nativa a «tratar bem os chefes de posto, suas famílias e demais brancos»:

- «Depois de 15 deste mês têm de começar as festividades respeitantes à realização do enlace matrimonial do Senhor, por toda a parte, isto é, cada qual na sua área ou no seu posto, em toda a Angola, deverá agir da seguinte maneira: 1- Mulheres e crianças devem abandonar as suas povoações e ir para a sede do posto administrativo. As festividades vão começar nesses lugares; 2- As fazendas ou simples lavras pertencentes aos brancos devem ser limpas. Da mesma maneira, as casas dos funcionários governamentais, dos amigos desse governo, dos encarregados brancos das fazendas e as lojas, têm de ser bem limpas e lavadas de branco. As viaturas do governo e dos particulares devem ser bem limpas e bem pintadas; 3- Todos os homens e mulheres, jovens e donzelas, velhos e crianças, devem unir-se para que o êxito dessas festividades se realizem em satisfação do Senhor, para que ele saiba que também as gentes de Angola sabem alegrar ao seu Senhor, tal como os povos negros de outras terras. Especialmente os jovens devem mostrar a sua valentia e destreza em todas as coisas que lhe possam ser pedidas para fazer durante as festividades. Eles não se podem esquecer que têm de ser os mais empenhados; eles têm de ser o orgulho de cada povoação e são a esperança de cada povoação; 4- Cada qual deve ter um farnel para o ajudar a percorrer longas distâncias, especialmente para se proteger contra a chuva. As pontes sobre todos os rios, ao longo das quais eles hão-de vir, têm de ser bem preparadas; 5- Os soldados e cipaios devem juntar-se ao povo na realização dessas festividades. Eles devem lembrar-se que em toda a parte eles são sempre os primeiros a tomar a dianteira em casos como este, pois eles têm de proteger a nação e dar-lhe a paz necessária. Se nas suas acções eles não mostrarem o seu acordo com estes sentimentos, eles podem ter a certeza que o Senhor os vai considerar como inimigos da pátria deles. Aqueles que têm ouvidos para ouvir têm que manter os seus corações na data indicada, pois que tais festividades vão ser de tal grandeza como nunca antes houve na nossa terra desde o princípio do mundo. Possa Deus nosso Senhor ajudar-nos a alcançar sucesso nesta data, para que nos sintamos satisfeitos com o êxito que desejamos.»⁶
- «Esta dinamização era conduzida dentro do maior sigilo, embora não deixasse de possibilitar pistas para se concluir de que algo estava em gestação. Basta lembrar uma assembleia que teve lugar em Nova Caipemba [...], em que compareceram cerca de 3 mil nativos.»⁷

¹ (Andrade, “Africasie”, trata-se obviamente de mais uma interpretação falaciosa do ex-presidente do MPLA); ² (auto lavrado a 27Abr61 pelo tenente miliciano de cavalaria António Guapo Garção, oficial de serviço no quartel da milícia em Carmona); ³ (Huibregtse, op.cit pp.47); ⁴ (Dossier Angolais, in “Présence Africaine”, Set62 e Mar63); ⁵ (Huibregtse, op.cit pp.63); ⁶ (panfleto apreendido no concelho do Uije, traduzido em 27Abr61 pelo governo distrital); ⁷ (Silva Cardoso, op.cit pp.136)

Março.6

No restaurante Tavares em Lisboa, o MDN general Botelho Moniz almoça com o embaixador norte-americano Elbrick que lhe explica as dificuldades dos EUA em apoiar a posição de Portugal quanto ao Ultramar, particularmente no sentido de contrariar a proposta da Libéria para incluir na agenda do CS/ONU a «questão de Angola». Por seu lado, o ministro reafirma que a melhor situação seria mudar a estrutura interna do Governo português, alargando a base política a elementos não-comunistas e fazer reformas drásticas em África, criando províncias autónomas ligadas a Portugal numa estrutura tipo Commonwealth; e acrescenta que a decisão dos EUA de inscrever a questão portuguesa no CS/ONU poderá retardar a via das reformas, produzindo sentimentos anti-americanos em Portugal e em Espanha.

- «Março 6 - Botelho Moniz e Elbrick encontram-se durante três horas. Na maior das confidências, o embaixador diz ter recebido instruções do secretário de Estado, Dean Rusk, para pressionar Salazar a aceitar o princípio da autodeterminação em África. Botelho Moniz defende uma remodelação que dilate a base social do Governo, de forma a incluir elementos não comunistas da oposição, e a autonomia ultramarina no quadro de uma relação de “tipo Commonwealth”.»¹

Entretanto no areópago da ONU em Manhattan, o embaixador português Vasco Vieira Garin chama a atenção da AG para o parágrafo 7º do art.2º da Carta de Princípios daquela organização; de igual modo relembra o art.3º, no qual se afirma o respeito pela soberania e integridade territorial de cada Estado, e de igual forma a não-ingerência nos assuntos internos.

Por essa ocasião, chega a Nova Iorque vindo de Accra o presidente ghanês Nkrumah e declara aos jornalistas que «a crise do Congo só deve ser resolvida pelos próprios africanos».

¹ (Antunes, op.cit pp.16/7)

Março.7

Em São Bento o PM Salazar recebe em audiência o embaixador norte-americano Elbrick, a pedido deste, que lhe dá conta da posição do departamento de Estado através do telegrama nº471, sobre a decisão de inscrever a «questão de Angola» no CS/ONU; e solicita ao Governo português que conceda a «autodeterminação aos territórios ultramarinos, de acordo com os princípios da ONU». Salazar ouve e responde não estar surpreendido face a posições semelhantes adoptadas durante a última campanha eleitoral por altos responsáveis do governo norte-americano, afirmando que as políticas dos EUA para África demonstram o empenho em destruir as duas nações da Península Ibérica, porque governos comunistas em Espanha e em Portugal conduziram à comunização da Europa: a URSS ataca Portugal através da África e os americanos fazem o jogo soviético; qualquer outro Governo português, que não fosse comunista, sentir-se-ia obrigado a manter os territórios ultramarinos, onde os incidentes ocorridos ultimamente são insignificantes e instigados a partir do exterior. Quanto à independência, comentando a frase «autodeterminação dentro de um prazo realista», o PM lembra que quando o rei belga Baudoin mencionou pela primeira vez a palavra «independência», os belgas pensaram em termos de 50 anos de transição, mas logo que a

ideia foi agitada as pressões aumentaram e o período transitório estreitou progressivamente até ser reduzido a 6 meses, com os desastrosos resultados visíveis no Congo. No respeitante à URSS, Salazar admira-lhes a consistência política, cujo objectivo é o enfraquecimento dos EUA e da aliança ocidental. Volta a afirmar que, sem os brancos, África regressará rapidamente ao tribalismo, pois que são necessárias sucessivas gerações para formar líderes e técnicos competentes: a transição em África apenas tem sido calma nas antigas colónias britânicas onde praticamente não existia comunidade branca radicada, mas em todos os outros territórios africanos haverá grande dificuldade em implementar o sistema ocidental «um homem, um voto», pois tal significará o fim dos brancos no poder, com resultados previsíveis; e relativamente à tese da «África para os africanos» apoiada por G. Mennen Williams, secretário de Estado adjunto para os assuntos africanos, o PM considera-a um incitamento, isto é, a pura técnica “da cenoura e do pau”. Quanto à UPA, controlada pela CIA, vai agir no noroeste de Angola a mando de JFK, se o Governo português não aceder aos argumentos agora claramente apresentados em jeito de “aviso”.

– «Março 7 - Elbrick comunica a Salazar o documento enviado por Rusk, a mando de Kennedy. Os Estados Unidos prevêem convulsões graves em Angola, do tipo das do Congo ou piores, e vão votar contra Portugal em 15 de Março. Sentem que faltariam ao seu dever, como aliados da NATO, se não pedissem a Portugal a realização de reformas graduais em África, no sentido da “autodeterminação num prazo realista”. Salazar recusa os argumentos, diz-se um admirador da consistência política da União Soviética, afirma que a África sem os brancos voltaria rapidamente ao tribalismo e acusa os americanos de fazer o “jogo dos russos”.»¹

¹ (Antunes, op.cit pp.17)

Março.8

NTT "Niassa" segue rumo a Goa com 1355 militares, destinados a reforço da guarnição do CTIEI

De Lisboa larga para Goa o navio *Niassa*, levando a bordo um contingente de 1355 militares para rendição de tropas que concluíram na Índia Portuguesa a sua comissão.

Entretanto em Washington, o presidente Kennedy recebe o presidente ghanês Nkrumah.

– «O MPLA recebe ajuda humanitária e militar da Argélia, Marrocos, Sudão e Suécia. Em 1961 [antes de haver sido constituída a CONCP], o MPLA, pensando que a administração Kennedy estava disposta a apoiar o nacionalismo africano, solicita ajuda aos Estados Unidos mas esta é-lhe recusada. [...] Aliás, o MPLA já mantinha uma ligação com a União Soviética devido aos contactos que tinha com o Partido Comunista Português [PCP]. Esta ajuda fazia parte da política global da União Soviética para os movimentos de libertação nacional em toda a África Meridional.»¹

¹ (Wright, op.cit pp.37,38)

Março.9

Em Moscovo, o foragido comunista português Álvaro Barreirinhas Cunhal é confirmado pelo CC/PCUS como secretário-geral do PC português.

– «Reunião do comité central do PCP, onde Álvaro Cunhal é eleito secretário-geral. É feita uma severa crítica ao “desvio de direita” e divulgado o documento “O desvio de direita no PCP nos anos de 1956-1959”. É traçada uma nova orientação política, definindo-se a “via para o derrubamento do fascismo e para a conquista das liberdades políticas”.»¹

– «Um dos grandes esforços de Cunhal depois da sua fuga, foi tornar a pôr a casa em ordem e voltar às normas estabelecidas na década de quarenta. Cunhal, logo de seguida, responsabilizou a Direcção da segunda metade da década de 50, por introduzir alterações que punham em risco a segurança do partido.»²

Entretanto as atenções públicas mundiais estão viradas para os feitos aeroespaciais URSS, que hoje lança o seu satélite *Sputnik 9*.

¹ (Morais e Violante, op.cit pp.174); ² (Pacheco, op.cit vol.II pp.217)

Março.10

No areópago da ONU em Manhattan, o CS é solicitado a votar uma resolução sobre o Caso de Angola, que no passado dia 23 ali foi formalmente apresentada pela Libéria, apoiada por 28 países afro-asiáticos. O delegado da China abstém-se, votando a favor da proposta de discussão os representantes (delegados da Libéria, Ceilão e Egipto), tal como os EUA e a URSS cujo embaixador Zorin¹ agita os habituais tópicos propagandísticos; por seu turno, o embaixador norte-americano Adlai Stevenson justifica o seu voto, com um discurso sobre «princípios democráticos».

– «Durante as discussões, Stevenson sugere que Portugal encete um avanço “passo a passo” no sentido da “autodeterminação”.»²

– «The debate about the situation in Angola started on the 10th of March. The delegate of Congo Brazzaville, supported by the Russian, Zorin, made a sharp attack on Portugal. The american Stevenson, invited Portugal to accept the proposals of the motion and to give autonomy to her overseas domains, to take the aspirations of the population into account and to help with the realisation of these aspirations. The English and French delegates felt that the situation in Angola was not a threat to world peace and that there was no reason why Angola should be discussed. The Liberian, supported by the Afro-Asiatic block, announced that if the Security Council rejected the resolution, he would take the case to the General Assembly.»³

Entretanto no rio Zaire perto do cais fluvial de Boma, a fragata portuguesa *Nuno Tristão* é alvejada da margem por forças congoleesas, mas não reage à provocação.

¹ (conhecedor da estratégia dos EUA, da influência junto da delegação liberiana, e das actividades de organizações norte-americanas em Léopoldville que, indirecta mas objectiva e ingenuamente, beneficiam a política soviética em África, o delegado da URSS silencia as intenções do adversário relativamente a Cuba e vota favoravelmente a moção contra Portugal. Uma tal cortina de fumo, lançada sobre as relações sempre ambíguas da guerra-fria EUA-URSS, permite que decorridos quase 5 meses os soviéticos se aventurem na construção do Muro de Berlim, subjugando os países seus satélites à chamada *cortina-de-ferro*. Ou seja, a URSS não se envolve directamente nos assuntos do continente americano e noutras zonas de influência yankee; e os EUA consentem a expansão do Pacto de Varsóvia e da Comintern);

² (Wright, op.cit pp.84); ³ (Huibregtse, op.cit pp.62)

Março.11

No areópago da ONU em Manhattan, prossegue no CS a discussão sobre o hipotético Caso de Angola:

– «Na sua 944ª sessão, aprecia os acontecimentos de Luanda e a situação em Angola, na sequência da aceitação de uma moção da Libéria e apesar da oposição de Portugal.»¹

Na circunstância, o embaixador português Vasco Vieira Garin denuncia «a participação de comunistas nos acontecimentos de Luanda, as instruções ghanesas aos agitadores de Angola e Moçambique, as armas transportadas por navios de pesca soviéticos, a agitação através de imprensa e rádio dos países de Leste com que a URSS procura subverter a ordem nos territórios portugueses»; e afirma que «na Libéria há leis raciais, no Ghana² há opressão, na Guiné-Conackry há trabalho forçado tal como no Congo ex-Francês».

– «Os portugueses reagem veementemente contra a administração Kennedy. Salazar denuncia o voto do Conselho de Segurança como uma “traição” e insiste que o caso de Angola é um assunto interno, não necessitando de observadores nem de interferências internacionais. A imprensa portuguesa junta-se-lhe, “admoestando os Estados Unidos” pela sua própria discriminação racial e violência.»³

¹ (Morais e Violante, op.cit pp.173); ² (o delegado Alex Quason-Sackey, ex-funcionário na embaixada em Londres, produz extensa declaração de voto contra Portugal); ³ (Wright, op.cit pp.85)

Março.12 (domingo)

Na floresta angolana dos Dembos, durante a manhã os autóctones da área do Quitexe dirigem-se às *quitandas* (lojas) de diversas povoações e compram quantidades inusitadas de sal e peixe seco: os comerciantes estranham, mas não reflectem sobre a estranha afluência.

– «[...] os angolanos, brancos, mulatos ou pretos, ter recebido com muita afectividade os refugiados idos do Congo, quer fossem brancos – eram essencialmente as populações brancas que fugiam – ou mestiços. [...] O general Sá Viana Rebelo fez, no dia 12 ou 13 de Março de 1961, uma conferência no Instituto de Altos Estudos, dizendo exactamente que, em Angola, era impossível ocorrer uma situação idêntica à do Congo, porque, ao contrário dos Belgas, os Portugueses tinham uma enorme aptidão para a miscigenação, para a criação de um povo constituído por diferentes etnias. Embora essa asserção seja verdadeira (os Belgas, de facto, nunca quiseram, tudo fizeram mesmo para impedir a mistura da população belga, puramente ariana, com a africana), o certo, no entanto, é que não fomos capazes de fazer uma miscigenação forte, capaz de resistir à vontade de independência na altura manifestada por todos os povos. [...] Ainda que eu continue a defender o princípio de que os Portugueses foram os melhores colonizadores do mundo. Não estou de forma alguma a defender o nosso colonialismo. O que quero dizer é que a nossa colonização, por muitos e variados aspectos, teve características únicas. [...] Como o “Movimento dos Capitães”, também a “Abrilada” foi, inicialmente, um movimento de classe que se foi transformando num movimento político. Também, na “Abrilada”, se começou, a certa altura, a alargar os contactos, sobretudo através do embaixador americano em Lisboa, que tinha relações privilegiadas com o Botelho Moniz. Ele insistia na ideia de que devíamos alterar profundamente a nossa política em relação ao Ultramar, até porque a pressão internacional começava a ser insustentável. De facto, na ONU, sobretudo nas assembleias gerais e reuniões do Conselho de Segurança, a esmagadora maioria dos países estava contra nós. Inicialmente, só podíamos contar com o Brasil, a Espanha e a África do Sul. Fomos evoluindo à medida que íamos reunindo e que aumentavam os nossos contactos, sobretudo com o embaixador americano. Recordo a já citada conferência do general Sá Viana Rebelo, que foi governador de Angola, no Instituto de Altos Estudos Militares na véspera da carnificina verificada [no dia 14 de Março] naquela colónia, onde ele afirmou que não havia comparação entre o sucedido no Congo Belga e o que poderia acontecer em Angola. Eu por mim, depois da 1ª visita ao Ultramar (estive lá quase 2 meses [16Jun59 a início de Jul59], a analisar a situação), fiquei absolutamente convencido de que a guerra era inevitável. [...] Tínhamos em Angola uma situação quase sem operações militares, o que não queria dizer que a guerra estivesse ganha. Como, aliás, se verificou com o ataque da UPA que, a 14 de Março, lançou uma ofensiva nos distritos do Norte, tendo matado, de forma bárbara, cerca de três mil brancos.»¹

Entretanto em São Salvador do Congo decorre a celebração do XIII Aniversário da chegada dos frades capuchinhos a Angola. Logo a seguir, o padre Ângelo Lázaro Graziani² sai em missão para a região distrital leste, acompanhado do catequista Miguel Ferreira e do interno Manuel Alves, com itinerário previsto pelo Unze, Macandi-Lamba e Pangala, seguindo depois para Vunda, Muanca e Senga até Cuimba.

– «Betrayal by the natives did not exist, but it often happened that whites were given guarded warnings: “Patron, why don’t you go to Luanda on business?”, or “Shouldn’t you go on a journey, Patron?”. But the warnings were not understood and could not be understood, as the whites had not the faintest idea of what was in store of them, the incitement to the start of terrorism on the 15th of March. It must have resulted in terror among the natives, caused by the terrorists, who had no scruples whatsoever. They arrived at a village, killed a few inhabitants, showed the mutilated bodies to the others and threatened to continue if the survivors did not join them immediately.»³

Por essa ocasião em Luanda, o comandante da 2ªRA brigadeiro Pinto Resende remete para Lisboa, ao CEMFA general Albuquerque de Freitas, uma informação adicional à sua anterior carta, com dados relativos aos administradores das concessionárias algodoeiras *Cotonang e Lagos & Irmão*.

¹ (Costa Gomes, op.cit pp.86/7,91/2,112/3,64); ² (italiano de 42 anos natural de Sarcedo; vindo há um ano de Quimbele para São Salvador do Congo);

³ (Huibregtse, op.cit pp.65)

Março.13

navio larga para Bissau com a CCE74, mobilizada pelo BC5-Campolide para reforço da guarnição do CTIG

De Luanda, o governador-geral dr. Silva Tavares remete para o ministro do Ultramar contra-almirante Lopes Alves outro telegrama (nº83):

– «Foram presos feiticeiros que confessaram estar sendo preparado para dia 19 a 25 do corrente ataque vila Catete para extermínio todos brancos. No ataque tomariam parte todas populações área com milhares indígenas iriam massacrando todos brancos até ataque definitivo Catete. Ataque poderia porém ser antecipado. Todos atacantes seriam untados com óleo que os tornaria imunes às balas. Assunto está sendo tratado com Comando Militar.»

Na zona fronteiriça norte de Angola é tradicional o tráfico de marfim, e os habitantes não estranham o inusitado movimento de bacongus vindos do Congo ex-Belga. Pela picada do Cuílo, Mariela e Cabuque, durante todo o dia passam numerosos grupos em direcção ao posto administrativo de Icoça (povoação isolada a 20km do limite nordeste do Congo Português), onde apenas existe um posto de guarda-fiscal, um outro da alfândega e uma única casa comercial.

– «Considerava que Angola era o Estado para onde devíamos canalizar o excesso de população que tínhamos: pela sua excepcional riqueza e por ser um país com características muito especiais, tanto do ponto de vista geográfico como climático.[...]. A nossa população não chegava para desenvolver a Metrópole, quanto mais para desenvolver os territórios do Ultramar. Só emigravam para África aqueles que sabiam exactamente para o que iam, ou então os que não tinham outra solução. Além de que era mais fácil emigrar para a Europa, Brasil ou América do que para África.»¹

– «Para os que tinham emigrado para África como emigraram para França ou para a Alemanha, apenas para ganhar mais uns tostões e regressar à aldeia, construir uma vivenda e adquirir meia dúzia de hectares de vinha ou de pinhal, para esses os pretos que fossem para a selva pilar mandioca, enquanto não desaparecessem como acontecera aos selvícolas brasileiros e aos peles-vermelhas americanos. O destino parecia inclinado a transformar “aquilo” num Brasil ou numa Rodésia, futuros poderosos estados, construindo para si o futuro e fazendo milhões de esfomeados.»²

¹ (Costa Gomes, op.cit pp.90/114); ² (Múrias, op.cit pp.28)

Qualquer acto, destinado a causar a morte ou ferimentos, em civis ou a não combatentes, com o objectivo de intimidar uma população ou forçar um governo ou uma organização internacional a realizar ou abster-se de qualquer acto, seja considerado terrorista.

(proposta do secretário-geral da ONU, apresentada em 20 de Março de... 2005)

Março.14 (vésperas de lua-nova)

No noroeste de Angola os grupos terroristas da UPA, que ontem se infiltraram pela fronteira nordestina distrital do Uíje, ao longo da madrugada e manhã atacam as fazendas isoladas da região e massacram todos quantos encontram pela frente. Um pouco para leste, outro grupo bacongo da UPA que há dias ocupou a povoação congoleza de Sua-Quibula, logo a seguir aos rápidos de Quicongo atravessa o rio Cuango em barcos com motor a gasolina e entra em território angolano com armas e bagagens: percorridos os 30km de picada que separam a fronteira do povoado Macolo, o grupo assalta o posto administrativo, lança fogo a tudo que encontra e chacina todos os residentes, impedindo que a sua presença seja notada na região. Tomada esta posição avançada, outros grupos terroristas da UPA chegam pelo mesmo caminho e durante todo o dia espalham-se em direcção ao interior do distrito, semeando morte e destruição nas zonas de Santa Cruz e de Sanza Pombo.

– «14 de Março de 1961: Deflagra no Norte de Angola uma onda de violência contra a presença portuguesa.»¹

– «No norte de Angola deu-se o horroroso genocídio de milhares de pessoas – brancas, negras, mulatas – por hordas idas do Congo aliciadas pela UPA de Holden Roberto, que a srª Eleanor Roosevelt e o American Committee on Africa ostensivamente protegiam.»²

– «Em Fevereiro-Março de 1961, ao eclodir em Angola a primeira guerra de libertação [?] de um povo dominado pelo colonialismo português [?], numerosos oposicionistas e sectores inteiros da burguesia liberal compreenderam que a fronteira principal entre os portugueses deixara de ser a do combate pela “democracia” para passar a situar-se entre a recusa e o reconhecimento do direito à independência [...] e escolheram o campo do colonialismo. [...] No pólo oposto ao dos sectores mais conservadores da Oposição, militantes e pequenos grupos revolucionários, tendo compreendido como os primeiros a importância decisiva da questão colonial para o processo da luta de classes em Portugal (e à escala mundial), optaram claramente pelo reconhecimento do carácter dominante da luta anticolonialista.»³

– «Logo no primeiro embate, a tática terrorista deixou a marca com que saíra dos cérebros diabólicos que a criaram e orientaram. Fôra ensaiada na Argélia e no Congo, perante a França e a Bélgica que viram de braços cruzados falhar toda uma política reles de acomodaticia feição egoísta. O preto de Angola, intensa e persistentemente drogado pelos mais variados estupefacientes e ensandecido pela doutrinação calculada, através de promessas e imunidades que os feiticeiros puseram na sua mente exaltada, é hoje um autómato que

mata pais e irmãos, insensível, aos gritos que puseram na sua boca e no seu cérebro, na monstruosa empresa que foi gozo falhado, de outros criminosos profissionais da arruaça fácil, para dividir. Assim, vieram pela calada da noite as primeiras vagas manobradas à distância por brancos cobardes, que desejam vir a ser suseranos em África, pondo na boca do preto a palavra “nacionalismo”... africano. À mesa da ONU, cobria-se a nossa Pátria de insultos, bolçados de outros negros e negreiros preparados para a ridícula função. A farsa não convenceu ninguém. Não foram cautelosos os cabecilhas, gerais deste movimento de terror e de vergonha, porque não previram a nossa resistência à própria morte, supondo-nos de fácil capitulação perante o crime estudado, como poltrões que abandonam ao diabo a própria alma que um dia juraram salvar para Deus. Como os belgas, queríamos dizer... Mas estes, não eram senhores de nada, que sempre foram discutíveis seus direitos de posse sobre as terras congolenses apenas administradas e tão somente exploradas. [...] A América e a Rússia, sobretudo, com a parte do maçonismo de avental inglês, são os “capangas” activos dos criminosos que actuam contra a soberania portuguesa em Angola. Aqui o escrevemos para que o saibam sobretudo nossos filhos e netos, para honrar a Pátria e continuá-la. Como exemplos de coragem ficam os sacrifícios de negros fiéis que, perigosamente, guiaram ou conduziram às costas através dos capinzais e matas frondosas e compactas os homens e mulheres feridos ou acossados pela fúria assassina nos primeiros e duros contactos com a matula. Os casos do Tibúrcio, professor indígena assassinado por seu amor à Pátria, o da mulher do soba de Banza Polo, que nas vésperas de ser mãe foi morta e esquartejada a golpes de catana, assim como o filhinho que trazia no ventre; o caso dos negros que se envolveram na Bandeira da Pátria para morrer; o dos militares do BC3 de Carmona, que beijaram, chorando, a Bandeira Nacional; e tantos outros.»⁴

Ao mesmo tempo na área fronteiriça do Congo angolano, um outro grupo bacongo vindo de Thysville a soldo da UPA entra no sobado N’Kanda (oes-sudoeste da Serra da Canda, confluência fluvial do Culunga com o afluente Lefunde do M’brije): o bando tenta aliciar os residentes autóctones a lutar contra os brancos, o soba opõe-se ao recrutamento e, à frente dos súbditos, é retalhado e assassinado a golpes de catana.

– «As invulgares características orográficas da Serra da Canda e a sua relativa proximidade com a fronteira (do Congo que foi belga), facultaram ao inimigo uma posição forte. Pelos seus flancos – que são banhados pelos rios M’brije, Lefunde e Lueca –, fazia-se grande trânsito de terroristas.»⁵

O acima referido grupo terrorista segue para sul e entra em Pangala, onde ao fim da tarde haviam chegado o frade capuchinho Graziani e seus dois acompanhantes, tendo o missionário ficado a pernoitar em casa do regedor Álvaro Casimiro de Água-Rosada⁶, enquanto os dois ajudantes dormem no terreiro acompanhados por outros residentes; noite alta, a aldeia é atacada pelo bando terrorista e um deles arromba a porta do quarto onde o padre dorme e dispara sobre o missionário, que é assassinado durante o sono.

– «Numa grande aldeia católica, [...] um missionário italiano [...] tendo ido ao Zaire [meses após a eclosão terrorista], ao contactar com diversos católicos tomou conhecimento da tragédia seguinte: em São Salvador do Congo foram mortos, só numa mata, cerca de 5 mil católicos. Mais tarde a tropa foi a essa mata e encontrou as ossadas. Portanto não houve fantasia, foi um facto confirmado. Assim como em São João da Ponte, uma outra povoação, também aí numa mata que eles indicaram foi-se ver e lá estavam mais ossadas; e embora não se pudessem contar, deveriam ser também de milhares de pessoas, de católicos que foram mortos pela UPA. E isto porque os católicos nunca aderiram aos movimentos terroristas.»⁷

– «We are dealing here with attacks on small centres, but lonely plantations did not escape the attention of the terrorists. Horror repeated on almost all the plantations in the surrounding areas. Terror organised specifically to force the white Angolese population to leave the country, as the Belgians had left the Congo. Blacks cannot simply be told to commit murder in cold blood and therefore they had to be incited to violence. In Northern Angola a kind of hemp grows from which a drug is made. In earlier years, it was used to give fighters courage for the battle. This drug was given to the terrorists before they attacked. They were also given alcohol. That, and the ceremonies during which they were supposed to become invulnerable, brought them to a condition of madness and insanity, and led them to commit unimaginable atrocities. The Angolese terrorists were convinced that no life is possible in the hereafter for a mutilated body. That is why they maimed their victims with their “catanas”, but they didn’t leave it at that. Women were raped or crucified, children were burnt alive, sometimes their eyes were stabbed out so that they wandered around in the jungle till they died. New-born children were hacked to pieces, unborn babies jerked from the mother’s womb.»⁸

– «Houve acções que fizeram história. Lembro-me perfeitamente da primeira que correspondeu ao ataque e à ocupação da fazenda Zalala pelos homens da UPA, uma das mais importantes do Norte e que se situava numa zona que estrategicamente sempre fôra ponto de passagem do Congo para Malanje, para sul ou para leste em busca de Luanda. Sabiam-no os velhos colonos do Uije que vezes sem conta mo transmitiram. A pouca distância para norte situava-se a Ambuíla, onde outrora os portugueses tinham obtido uma vitória decisiva contra os negros vindos em força de São Salvador. Era uma linha de passagem paralela ao vale do Lueje e que consistia em trilhos e trilhos passados e repassados [desde a fronteira do Luvo em direcção ao Piri, passando por São Salvador, Quiende, Toto, Vale do Loje, Nova Caipemba, São José do Encoje, Zalala, Quitexe, Aldeia Viçosa, Vista Alegre e Quibaxe], ao longo dos séculos pelas populações negras. Nessa linha se tinha instalado a fortaleza de São José do Encoje, infelizmente abandonada pelas Forças Armadas há largas dezenas de anos.»⁹

– «O Quitexe é um mar de sangue: na vila, 19 europeus são horrorosamente trucidados, carnes esfaceladas e retalhadas, membros decepados e cabeças cortadas; na Fazenda Monte Verde, de Rui [Duarte] Poombo, matam um empregado, raptam a mulher deste e massacram todos os bailundos fiéis; ainda perto do Quitexe, na Fazenda José Poço o proprietário é assassinado e, depois de morto, cortado aos bocados; seu filho com apenas 11 anos, empunha a pistola que fôra a única defesa de seu pai e, aos tiros, enfrenta a matilha esfaimada, desta forma salvando a mãe e outras pessoas. Ambuíla está cercada por terroristas. No Zalala, o massacre de toda a população branca nas fazendas da firma Rimaga [Ricardo de Matos Gaspar] é completo

– 13 mortos, entre homens e mulheres –, uma raia de que apenas se salvam 3 empregados, entre os quais o gerente [José Neves] Cordeiro cuja esposa é assassinada. [...] No massacre do Zalala, perderam a vida, horrorosamente trucidados e mutilados, os seguintes brancos: Leonor [Neves] Cordeiro, de 43 anos; Lídia de Sousa, de 34 anos; Francelina Rita da Silva, de 21 anos; Áurea Maria S. Esteves, de 2 anos; Lucília Clemente Borges, de 44 anos; Manuel José Gonçalves Borges, de 34 anos; Cercínio Teixeira de Carvalho, de 43 anos; Manuel da Silva Raposo, de 37 anos; António Gonçalves e Manuel Castanheira da Silva, cujos restos mortais não foram encontrados; e os mestiços Eugénia Branco, Etiano Luís Mendes Branco e Fernando Amaral Leitão.»¹⁰

¹ (Williams, op.cit pp.213); ² (Mascarenhas, op.cit pp.370); ³ (Sertório, op.cit pp.25-26); ⁴ (Orbelino, op.cit pp.26-44); ⁵ (Diniz Ferreira, op.cit pp.103); ⁶ (descendente do último rei do Congo, em 08Jan-27Jul63 no SecF/ZIN será guia do GCav345, recebendo do tenente-coronel Spínola um louvor e a Medalha de Dedicaco e Mérito: cf pp.111/2 da HU-GCav345); ⁷ (capelão Luis Ribeiro da Silva, dep.cit); ⁸ (Huibregtse, op.cit pp.67); ⁹ (Rebocho Vaz, in "A Guerra de África" pp.928); ¹⁰ (Orbelino, op.cit pp.48-50/121)

Março.15

Ao alvorecer no concelho do Danje, 280km nordeste de Luanda e em plena floresta dos Dembos, nos arredores a sul do Quitexe (08°03'S 14°46'E), a Fazenda Nunes é assaltada por um bando terrorista da UPA que, no terreiro frente à habitao, massacra à catanada o proprietário, sua mulher e 2 bebs de colo (1 deles dentro da alcofa), 1 criança mestiça e o gerente da propriedade.

– «Forty kilometres south from Carmona lies the village of Quitexe. At six o'clock, on the morning of the 15th, the owner [Ricardo de Matos Gaspar] of the plantation Zalala had arrived at the office of the administrator, to report that a hundred men had left his plantation on the previous evening. Then he had noticed unusual activity and the presence of many agitators from the Congo-Leo. The administrator then left to investigate the situation on a few plantations in the vicinity. His journey was without incident but before his return he remembered a small plantation he had nearly forgotten and went there. Here a dreadful spectacle awaited him. The owner, an assistant and his wife, lay, dreadfully mutilated, in pools of blood. The wife of the planter, still holding a hunting rifle, ran to meet him. Very upset, the administrator returned and met a few whites from Quitexe who warned him not to return, as everyone at his office had been killed! Just before seven, little groups of natives started to go to various shops of the Quitexe village. The shops had opened at seven o'clock and the "clients" had gone inside. A signal was heard and a few minutes latter the shopkeepers, their wives and children lay dead. The list of the victims starts with a row of names of children of under 10 years old. Blacks also went to the office of the administrator. A black servant saved the wife and children of the administrator, but other servants murdered the masters they had known for many years. As soon as the first shots were fired by the survivors, the bandits disappeared into the bushes. On his return, the owner of Zalala found thirteen dead. One white overseer had escaped and told the tale of horror. What had happened in Quitexe also happened in Nambuanguo¹, but here almost the entire population was wiped out. Here, the terrorists did not flee but made the little place their headquarters. Quicabo, Zala and Quimbumbé had the same fate.»²

– «Muito mais srio para os Portugueses do que os ataques de Luanda [em 04Fev61] foi a violência que rebentou por todo o lado nas plantaoes de café no Norte de Angola, em 14 e 15 de Março. O levantamento foi influenciado pelos acontecimentos verificados na fronteira com o antigo Congo Belga, onde os bacongos se envolveram na guerra civil que se seguiu à precipitada retirada da Bélgica nos meados de 1960.»³

– «No Quitexe [Fazenda Aveiro] matam ferozmente o [Manuel Ferreira] Bastos, a esposa [Fernanda Cardoso Lopes] e dois filhos [José Cardoso Lopes de 3 anos e José Manuel Bastos de 5 meses]. A mesma sorte negra tem a esposa do Ferreira Carlos, salvando-se este através do capim. Para sul, em Quibaxe, Nambuanguo, Vista Alegre e Aldeia Viçosa, a situao é idêntica e os crimes da máxima repugnância.»⁴

– «Em [finais de Junho de] 1961, quando chegámos a Aldeia Viçosa, encontrámos fornos de pão que estavam atulhados. Como tínhamos padeiros na companhia [CCE89], o comandante [capitão de infantaria Sampaio Nunes] achou que era boa ideia desatuharmos um forno para fazermos pão. Quando começamos a desatuhar o forno, começaram a aparecer ossos de crianças. Posteriormente, soubemos que eles [terroristas da UPA] tinham comido crianças bailundas. [...] Os terroristas eram bacongos. Não sei se eram antropófagos ou não. [...] Estou-me a lembrar de termos passado pela Fazenda Santa Isabel, uma fazenda grande [a oes-sudoeste do Quitexe, entre a Fazenda Liberato e o Clua] no caminho para Aldeia Viçosa. Não me lembro do nome do proprietário mas sei que a um dos homens que ia connosco tinham-lhe matado a família toda. Encontrámos os esqueletos l. Os esqueletos deviam ser dos brancos que trabalhavam na fazenda, mas também devia haver de muitos bailundos. Eram mortos à machadada.»⁵

Por essa ocasião, no extremo noroeste de Angola junto à foz do Zaire, grupos terroristas armados e orientados pelo soba do Quimanete assaltam e chacinam habitantes em Lucala (sul de Cabinda), no Sumbe e na Pedra-do-Feitiço. E às 07:00 no posto fronteiriço do Buela (a nordeste de São Salvador do Congo), o guarda-fiscal Aníbal Alves Ferreira apercebe-se perto de umas obras de construo civil que o chefe do posto Orestes Freitas Torres Pontes está amarrado a um poste e a ser barbaramente espancado por um negro, enquanto o pedreiro das obras é perseguido por um bando de negros. O guarda-fiscal dirige-se ao local, é travado por quatro negros em atitude ameaçadora, foge para chegar ao carro perseguido por outros 10 negros e consegue entrar na viatura, enquanto do lado oposto o pedreiro é morto à catanada por outros atacantes. A mulher do guarda-fiscal, Lucinda Gomes da Cruz Ferreira (natural de Agueda), corre ao edifício do posto administrativo em busca de uma pistola e da varanda vê o marido a lutar corpo-a-corpo com os negros, subir para o carro e p-lo em andamento; a senhora foge pela porta das traseiras e v o carro arrancar, ouve tiros e escondida no capim vê o marido sangrando abandonar a viatura e depois cair mortalmente ferido. Aterrorizada e silenciosa, durante as seis horas seguintes vê o chefe Orestes e sua mulher, amarrados cada qual a seu poste, a ser supliciados até à morte; entretanto os dois cães da família Ferreira localizam a dona e fazem-lhe companhia sem soltar o mínimo latido. O bando terrorista

desaparece e após algumas horas a senhora sai do esconderijo acompanhada dos cães, dirigindo-se sem destino para a floresta.

Quase à mesma hora do ataque ao Buela, na serra da Canda a 13km sul-sudoeste de Cuimba outro bando com 400 terroristas da UPA assalta a Fazenda M'brije da Sociedade de Plantações Agrícolas Rio M'brije do grupo *Comfabril/CUF*, exploração experimental de lavoura mecanizada com 30 mil hectares, perto do rio Lefunde e das minas de vanádio do Quingo (exploradas naquela zona fronteiriça pela *Empresa do Cobre de Angola*). Aquela propriedade é gerida pelo eng. Brandão de Melo, no momento ausente em Cuimba, encontrando-se na fazenda apenas alguns capatazes e trabalhadores orientados pelo regente agrícola scalabitano Manuel Lourenço Neves Alves (casado com Maria Teresa Daupins), e outros oito europeus com mulheres e crianças, cuja única defesa são duas carabinas e uma pistola, tendo uma espingarda sido já roubada por um trabalhador negro. O regente agrícola é baleado no braço direito e fica com várias equimoses no rosto e corpo depois de espancado pelos terroristas, que fecham todos os europeus na enfermaria da fazenda enquanto aguardam a vinda do seu chefe Botamundo, que deve chegar num avião da UPA vindo do Congo, segundo eles um «homem velho de origem europeia que esteve em Moscovo a tirar um curso de guerrilhas»; (durante toda a tarde e noite os terroristas vão tentar pôr em marcha uma camioneta da fazenda para levar os europeus, mas o motor não pega).

– «A cidade de Carmona acordou cedo. Desde as sete horas que estamos a preparar a saída dos repatriados para Sanza Pombo e Quimbele. O Porfírio Pereira segue para o Vale do Loje a ensacar café para Luanda. Pelas oito horas o Marques vem ao escritório e diz-me que há barafunda em São Salvador, onde os indígenas se apossam, em golpe fulminante, das plantações da CUF. Sigo imediatamente para a administração do concelho do Uije, a avistar-me com o administrador Custódio Abel Fernandes Ramos; entretanto o prof. Pedro Pires vai à agência da DTA na Casa Ferreira Lima, a levantar o bilhete marcado na véspera para Luanda, e mal sai de casa sabe que algo de anormal se passa em várias terras atacadas de surpresa. Desconhece-se a extensão da “fogueira”, que em breve se esboça pelo volume de notícias incessantemente chegadas de várias localidades: os nativos matam indistintamente novos e velhos, crianças e mulheres; degolam crianças de meses e matam, sem piedade, rasgando e desventrando suas vítimas com catanas que parecem navalhas de barba com dois gumes. Mário de Oliveira recebe na administração do concelho a triste notícia, ouvida da boca do administrador e do intendente Amaral, que pedem que se comunique imediatamente às fazendas para que todo o pessoal europeu as abandone. A tropa entra imediatamente de prevenção e sai uma força para o Ambuíla, onde incessantemente a reclama a população cercada, ameaçada a cada minuto: no Ambuíla caem 44 infelizes, numa onda assassina que refina os seus processos selvagens e sádicos. Mobilizam-se todos os carros de Carmona, para levar auxílio às populações indefesas. Faltam notícias do Vale do Loje. Daí a pouco, no aeródromo de Carmona e com destino ao hospital de Luanda, vêem-se senhoras com a cara cortada em diagonal e os braços sangrantes debaixo de ligaduras provisórias. No campo de aviação deparamos com dois indígenas que são levados para Luanda: um deles, principal cabecilha nos ataques ao Quitexe e Zalala na noite anterior, havia sido lavadeiro no nosso Colégio Maria João durante três anos. O avião do dia chega ao princípio da tarde a Luanda. Aqui, a catástrofe avoluma na imaginação da gente que sofre por seus irmãos, parentes e amigos. A época das chuvas está ainda em decurso, a prolongar-se neste lamaçal inclemente, braseiro lento de todo o Norte de Angola. A terra tropical cobriu-se de capim com mais de dois metros de altura, quase impenetrável, e as chuvas inutilizaram estradas e veredas. O mato é todo ele um mar de lama. Os que puderam fugir vêm estropiados, vencidos mais pelos elementos do que pelo medo de morrer. Alguns gritam pela morte, ante visões que os atormentam de violações e assassinios que se não descrevem, agora que lá ficaram de bruços ou de olhos muito abertos seus entes queridos, naquele embate brutal de que ninguém conhecera longa preparação. São populações indefesas, a quem nunca se consentiu sequer uma arma. Todos ardem no mesmo fogo vivo de terror e desespero e o nosso desgosto é tanto que só às dezoito horas conseguimos comer.»⁶

Por essa ocasião no areópago envidraçado de Manhattan, procede-se no CS à votação da moção liberiana sobre o fantasioso Caso de Angola, com o intuito do «estabelecimento de uma subcomissão a fim de elaborar relatório sobre a situação naquela colónia portuguesa». Apesar dos 5 votos favoráveis (Libéria, EUA, Egipto, URSS e Ceilão), aquela moção é rejeitada por 6 abstenções (Chile, China, Equador, França, GB e Turquia), pelo que só assim a AG/ONU é forçada a reconhecer «não ter competência para intervir na vida interna portuguesa».

– «A votação no Conselho de Segurança ocorre no mesmo dia em que rebenta a violência no norte de Angola e tem como efeito o facto de o voto dos EUA ser imediatamente conotado com o apoio ao nacionalismo africano. Kennedy sofre críticas internas na sequência do voto americano a favor da resolução do Conselho de Segurança. O anterior [1949-53] secretário de Estado, Dean Acheson, diz a Kennedy numa reunião do Conselho de Segurança Nacional realizada no dia da votação: “Agredimos os portugueses e acho que não é deste modo que se honra uma aliança. É exactamente a maneira mais errada de o fazer [...] Deveríamos ter tentado uma abordagem suave em vez de dar um pontapé em público a um governo amigo”. [...] Os senadores republicanos Everett Dirksen e Charles Halleck declaram que o voto americano “não foi um momento de orgulho para o Tio Sam”. [...] Quando Roberto [Aldane chefe da UPA] se reúne com alguns membros do Departamento de Estado, em finais [?] de Março em Nova Iorque, estes “advertem-no contra a violência e contra a atracção do comunismo”. O historiador Thomas Noer relata [em 1985]: “Roberto respondeu que apesar de ser, pessoalmente, a favor da não violência, a verdade é que ela se revelara ineficaz. E afirmou que perderia o controle do movimento de libertação para os extremistas, se abandonasse o uso da força”. O dirigente da UPA “agradeceu o apoio moral da América”, mas declarou que “precisava de ajuda económica e militar directa para evitar perder poder para os seus rivais marxistas”. E os encontros entre os EUA e Roberto continuaram.»⁷

- «Nesse mesmo dia, Holden Roberto, presidente da UPA que desde há alguns meses [?] se encontrava nos Estados Unidos, discursa na Assembleia Geral [?] das Nações Unidas, solicitando a sua intervenção a favor da independência dos povos de Angola. [...] Holden Roberto passou os últimos meses que precederam o 15 de Março nos EUA, acabando por discursar na Assembleia [?] das Nações Unidas no mesmo dia [?] em que foi votada a moção apresentada pela Libéria com o fim de condenar a política portuguesa naquele território. [...] Por altura do 15 de Março, Holden Roberto encontrava-se nos EUA onde passara vários [?] meses, não se conhecendo qual o papel [em Léopoldville] dos restantes elementos [Aníbal de Melo, Eduardo João Pinock, Manuel Barros Ncaka e Rosário Neto] que estiveram na base da criação da FNLA [i.e., UPA] nesta primeira acção.»⁸
 - «Março 15 - No Conselho de Segurança das Nações Unidas, em Nova Iorque, a moção da Libéria é rejeitada porque a Inglaterra e a França abstêm-se. Mas os Estados Unidos, numa inversão política da administração Eisenhower, votam pela primeira vez contra Portugal ao lado da União Soviética. De madrugada, na Fazenda Primavera [Madimba]⁹ perto de São Salvador, grupos de bacongos empunhando catanas e canhangulos, e julgando-se imunes às balas dos brancos, lançam uma ofensiva contra propriedades e povoações na zona de fronteira com o Congo, na Baixa do Cassange [?], até às cercanias [?] de Vila Carmona. O Norte de Angola é avassalado por uma onda de brutalidade tribal: assassinios em massa, incêndios, destruições e rapina de haveres, violação de mulheres e crianças. Os tumultos espalham-se [?] às plantações de café isoladas, aos postos de abastecimento [?], às vias de transporte. Esse terror apocalíptico lançado pela UPA tem por objectivo arrasar o sistema vital das comunidades brancas.»¹⁰
 - «Desde o dia 14 que estava a ser discutido na ONU o problema de Angola e no dia seguinte o delegado de Brazzaville naquela organização internacional anunciava a insurreição quando ela ocorria, desafiando o delegado português, embaixador Vasco Garin, a desmenti-lo. Isto mostra à evidência que havia conjugação de esforços contra Portugal. Para obstar a esta manobra, o primeiro-ministro determinou que fosse sustada a difusão da notícia do ocorrido em 15 de Março, o que, em Luanda, onde estavam a chegar os feridos e os fugitivos, causou grande espanto e mesmo escândalo, sendo o governador-geral alvo de severas críticas: era acusado de não ter posto o Governo de Lisboa, em devido tempo, ao corrente da evolução da situação em Angola e de, por isso, querer ocultar os acontecimentos, apesar de esse procedimento poder privar Angola de socorros e reforços militares. Era evidente que a história era absolutamente inverosímil, pois os comandos militares, a PIDE e os inspectores superiores do Ministério do Ultramar estavam em contacto directo com Lisboa. Porém, o governador-geral tinha de calar – nenhuma defesa lhe era possível desde que pusesse acima de tudo as razões de Estado; no entanto o [director-geral de Negócios Políticos do] MNE, Franco Nogueira, não deixou de insistir na falta de informações. [...] No dia 15 de Março, os generais Beleza Ferraz e Câmara Pina, respectivamente CEMGFA e CEME, e a sua comitiva estavam em Cabinda, onde os fiz avisar do sucedido e lhes pedi que passassem no regresso pelo Uíje, para visitar os locais dos acontecimentos e se inteirar directamente do ocorrido, o que, efectivamente, fizeram.»¹¹
 - «Em Fevereiro-Março de 1961, voltei a Angola com o general Câmara Pina e com o general Beleza Ferraz. Quando se deram os acontecimentos de Março de 1961, a missão estava em Cabinda, no Buco-Zau. Fomos então de Cabinda para Luanda, passando por vários [?] sítios, entre os quais São Salvador [e o incompleto AM32 no Toto].»¹²
- Ao mesmo tempo, de Carmona e de Luanda saem pequenos destacamentos militares em auxílio das populações nas zonas afectadas. Prosseguem as notícias de terríveis chacinas de europeus em várias regiões do noroeste de Angola, algumas com epicentro no Quitexe e outras a centenas de quilómetros norte de Luanda, de onde a Emissora Oficial transmite:
- «Coordenada com a votação no CS/ONU da moção da Libéria sobre o Caso de Angola – onde os EUA tomaram posição ao lado da URSS contra Portugal – inúmeros bandos armados com catanas, canhangulos e outras armas rudimentares, avançaram a partir do Congo ex-Belga para o norte de Angola onde se juntaram a grupos previamente organizados¹³, atacando em vários pontos e assassinando grande número de portugueses brancos e negros, fazendeiros e bailundos, desencadeando uma verdadeira onda de terrorismo em toda a região setentrional. A simultaneidade destes acontecimentos com a votação no CS/ONU demonstra claramente a estreita ligação entre a máquina clandestina da conjura e a organização oficial da mesma.»
 - «When voting took place on the 15th of March, the proposal did not get the required seven votes. But the favourable vote of the USA had given the Afro-Asiatic countries the courage to take the case to the General Assembly, where the matter was put in agenda to the next day. On the 15th of March, the terrorism started in Northern Angola. In anti-Portuguese literature I read how the black workers of the Primavera plantation demanded wage increase. The planter, Ruis, refused and shot at his employees, who attacked and killed him. At this, the spontaneous revolt spread to other plantations. In pro-Portuguese publications, little mention is made of these spontaneous strikes, neither they mention that in the early morning of the 15th of March, a rebel-army moved across the border. The truth is different. The rebels were already in Angola. [...] The world is startled by sensational news: "Revolt in Angola! The labourers of the Primavera plantation had demanded a wage increase, the owner refused. The labourers rebelled and shots were fired. The revolt spread spontaneously to other plantations". [...] I read how without any form of legal process, on the said plantation, twenty natives were murdered because they rebelled against the unfair treatment.»¹⁴
 - «Não corresponde à realidade que a luta armada, que teve início na Fazenda Primavera [Madimba] no dia 15 de Março de 1961, era uma continuação das acções dos militantes do MPLA [?]. Os ataques organizados pela UPA às plantações de café da Fazenda Primavera, reflectem um passo mais avançado em relação ao 4 de Fevereiro. A revolta de 15 de Março apresentou cenário e actores novos: as populações que tomaram parte na insurreição eram das zonas rurais; o palco foi uma região onde as forças inimigas praticamente não existiam, um único batalhão de infantaria estava em acção nos distritos do Uíje e Zaire e três das quatro companhias estavam na fronteira com o Congo, quando os ataques tiveram lugar em regiões a mais de

160km; e os actores eram trabalhadores forçados das plantações de café, que não tinham mais a perder do que as correntes que lhes atavam pés e mãos. Contudo, a insurreição liderada inteiramente por emigrantes do Congo não podia analisar correctamente a situação; as associações de emigrantes eram de natureza tribal e os líderes da insurreição careceram da dimensão necessária para unir todo o povo oprimido; e o levantamento ultrapassou a capacidade de controle dos líderes, criando assim a anarquia e a inacção. Fazemos votos para que os líderes da UPA saibam tirar partido das suas experiências e falhas num futuro próximo.»¹⁵

- «A actividade terrorista foi a sequência de tudo o que se estava passando e não se pôde dominá-la prontamente dada a fraca quadrícula das Forças Armadas: os terroristas evitaram as povoações onde havia núcleos armados de defesa e atacaram as habitações isoladas dos agricultores; agiram de forma brutal e selvática, mutilando cadáveres e praticando até a antropofagia. Não foram só massacrados brancos mas também negros do Bailundo, sendo assinalado que por cada branco tinham sido trucidados três negros. A tropa, constituída por jovens oficiais e soldados metropolitanos e africanos, alguns deles recrutados no sul e portanto da etnia dos negros chacinados, iria assistir ao terrível espectáculo dos cadáveres cruelmente mutilados: imagine-se o impacto e a conseqüente dificuldade dos comandos militares em evitar as respectivas represálias. Para todos os distritos onde se verificavam operações de guerra foram nomeados militares para governadores, com a intenção de promover a unidade de comando e facilitar a colaboração a nível militar.»¹⁶

Esta eclosão de actos terroristas por parte da UPA no noroeste de Angola, resulta num só dia em massacre brutal de mais de 600 europeus e perto de 1000 angolanos: no Buela, em Luvaca, Cuimba, Madimba e na Canda, tudo povoações junto à fronteira norte; em Bessa Monteiro, Quibala, Nambuanguo, Nova Caipemba, Zalala e Cambamba, no interior noroeste; em M'brije dois assassinatos, mas no Mavoio não houve distúrbios.

- «Em território congolês existe igualmente uma Luvaca. Tanto a Luvaca portuguesa como a sua congénere congolês, foram célebres pela antiga feira que nelas se realizava e na qual chegavam a concentrar-se mais de sessenta mil nativos.»¹⁷

No concelho de Maquela do Zombo, o ataque começou pela morte de 1 europeu no posto fronteiriço do Luango, queimado este em seguida. As vagas terroristas em Madimba, Béu e Cuíma obedeceram às directrizes verificadas em vários aglomerados da região fronteiriça de São Salvador do Congo, tal como nas fazendas do Uíje: assassinam barbaramente crianças, mulheres e homens; assaltam casas comerciais e fazendas agrícolas, com destruição e rapina de numerosos dos seus haveres. Não há ataques onde estão aquarteladas unidades militares e, dispersos por todo o noroeste de Angola, os grupos terroristas cometem assaltos contra pessoas isoladas em pequenas localidades e plantações. As forças militares apenas contam, para todo o território de 1.2 milhão km², com cerca de 8 mil homens (mal armados e equipados); o sistema de informações é precário e desarticulado e o dispositivo militar de fraca densidade, de tal forma que equivaleria a dispôr apenas de 265 militares (66 europeus e os restantes autóctones), se aplicado à segurança militar da Metrópole.

- «A 15 de Março, [...] surto do terrorismo desencadeado no norte da Província de Angola, organizado e comandado do exterior, que causou muitas centenas de mortes, largamente superior a 1 milhar, em horas do mais incrível barbarismo, não respeitando mulheres, crianças nem velhos, crimes nefandos praticados por hordas selvagens, drogadas e açuladas, transformadas nas piores alcateias de feras. Mas os principais responsáveis ficaram de fora, sem correr quaisquer riscos e indiferentes às monstruosas e sangrentas hecatombes que provocaram, por interesses ocultos (comunistas e económicos), sem a menor das vergonhas e sem riscos de remorsos, dada a inexistência neles, de qualquer vestígio de consciência.»¹⁸

¹ (topónimo resultante de Nambu-à-Ngongo, sobado local ao tempo do governador Almeida e Vasconcelos; as primeiras acções de colonização da área ocorreram há trezentos anos, na segunda metade do séc.XVII, sob comando do capitão Diogo Gomes de Moraes, em simultâneo com o reconhecimento do outeiro Embo, actual Bembe, e uma operação militar sob comando do capitão António da Silva no revoltoso dembo Mutemo);

² (Huibregtse, op.cit pp.66/7); ³ (MacQueen, op.cit pp.44); ⁴ (Orbelino, op.cit pp.58); ⁵ (Raul Miguel Socorro Folques, in "A Guerra de África", pp.695);

⁶ (Orbelino, op.cit pp.47-58); ⁷ (Wright, op.cit pp.84-85,87-88); ⁸ (Silva Cardoso, op.cit pp.115/6,134,184);

⁹ (esta estória da eclosão terrorista ter irradiado a partir da «Fazenda Primavera», faz parte da mitologia posta a circular anos depois pela contra-informação do MPLA);

¹⁰ (Antunes, op.cit pp.17); ¹¹ (Silva Tavares, governador-geral); ¹² (Bethencourt Rodrigues, em 25Fev95 a Freire Antunes);

¹³ (quase 14 anos depois, na cimeira de Alvor o comandante Barroso da UPA/FNLA confirma que «o ataque não foi espontâneo, houve grande pressão exterior sobre a UPA para provocar a revolta, e grande parte dos atacantes era formada por soldados nativos que tinham pedido baixa no Exército português»);

¹⁴ (Huibregtse, op.cit pp.62,5/6); ¹⁵ (Savimbi, op.cit pp.146/7); ¹⁶ (Silva Tavares, governador-geral); ¹⁷ (Fernando Laidley, op.cit pp.53);

¹⁸ (PR Thomaz, por ocasião da efeméride em 15Mar72; op.cit pp.276)

Março.16

Na região fronteiriça noroeste de Angola, ao alvorecer um avião militar sobrevoa a Fazenda M'brije onde detecta o grupo terrorista desde ontem ali instalado, faz uma passagem com duas rajadas de metralhadora que provocam dois mortos e dois feridos entre os assaltantes, forçando os restantes a debandar. Logo a seguir os sitiados saem do seu precário refúgio na enfermaria e, com todo o pessoal da plantação (incluindo mulher e filha do capataz e os dois terroristas feridos), organizam uma coluna de viaturas com um jipe, um tractor e uma jardineira. Mas decorrida uma légua são atacados por um grupo que procedia à destruição de uma ponte, regressando à fazenda que cerca das 12:00 é sobrevoada por uma avioneta alugada ao aeroclube pela CUF, da qual é largada uma pistola-metralhadora que ao cair se avaria (tendo sido reparada só ao fim de sete horas); entretanto dois negros fiéis, que haviam seguido para Cuimba a entregar um bilhete ao eng. Brandão de Melo, encontram a patrulha militar do tenente Luís de Melo acompanhado de três cabos veteranos do Exército na Índia, sendo um mensageiro reconhecido por um dos militares que com ele tinha estado na Índia; mas 3km antes da fazenda o jipe da tropa avaria e o restante percurso é feito a pé com uma metralhadora, granadas-de-mão e munições; com a chegada da patrulha militar à fazenda, estabelece-se um pequeno fortim e só então as vítimas do ataque podem tomar uma refeição.

- «On the 16th of March, Danje, Aldeia Viçosa and Vista Alegre were attacked. Aldeia Viçosa was warned by refugees from Quitexe and the attack could be repelled. In the border-area to the East of São Salvador attacks

took place with the same abuses and massacres. The Congo-border and the vicinity of Carmona had been specially selected by the terrorists: the area in the north between São Salvador and Maquela do Zombo, where practically no whites lived, could act as a bridgehead for further action supported by the Congo; and at the second area called Dembos, mainly a coffee-producing area important for this very reason, the hilly landscape offers many possibilities for the guerrilla fighters and the roads are impassable when it rains. No military or police forces were found on both areas and that is why the terrorists could attack isolated plantations and could spread terror among the white inhabitants. In this they succeeded admirably well. During the first days it was not possible to broadcast the truth in view of the forthcoming voting in the UN and thus the planters could not be warned to safeguard themselves. [...] As far as the strategy is concerned, from those first two bridgeheads – one in the north next to the border and another of the Dembos area – agitators went out to influence the population of the various villages and centres. These places must be attacked afterwards and those secondary actions were not connected to the previous actions of the two bridgeheads: they will be all directed from Congo by the men of the UPA, the party mainly responsible for the “events” in Northern Angola.»¹

- «João Baptista, contínuo [da filial em Carmona] do Banco de Angola, declarou que os indígenas dos povos Quimango e Tange se dirigiram para o [sobado] Quimwana na quarta-feira [15Mar61], dia da “maka” do Quitexe, a fim de vir atacar o Uije na mesma noite, sendo muitos deles feridos e tendo sido tratados no povo Quimanga, em casa do soba. Mais declarou que ele e o servente Eduardo vieram trabalhar na quinta-feira de manhã; que o servente Domingos só veio na tarde de quinta-feira; e que o servente Augusto, do Catalambanza, só veio no fim do mês.»²
- «Em Carmona já ninguém dorme, no desespero da vigília da morte. Pelas zero horas é intenso o patrulhamento de civis armados que se deslocam em carrinhas. Toda a cidade desperta sob o matraquear intermitente das metralhadoras. Os primeiros assaltantes atacam a cidade e escolhem a parte norte, emboscados no capim em direcção às traseiras do Bar Borges, tentando alcançar a polícia, governo distrital e administração civil. Tiros isolados anunciam que muitos olhos vigiam o negrume da imensidão da selva, onde ruge a tempestade e a chuva é cada vez mais forte. Cerca de 200 negros conseguem entrar mas, drogados e em desarticulação com uma retaguarda de rapazes que os alvejam pelas costas a tiros de caçadeira, não conseguem atingir nenhum dos seus objectivos. Às quatro horas da madrugada cessa o fustigar da chuva e já não se ouvem tiros: depois contam-se cinco indígenas mortos e muitos devem ter sido feridos e carregados pelos fugitivos; ao contrário do que lhes ensinaram – “as balas dos portugueses são ‘maza’ (água)” –, a bala do branco mata e fere. Mais notícias começam a chegar apenas rompeu a manhã, de massacres sofridos pelas populações europeias. Confirmam-se os ataques do dia anterior, há falta de notícias precisas mas sabe-se que no Vale do Loje se encontram, presos pelo Valentim, seis indígenas que tomaram parte nos assaltos ao Zalala.»³
- «Em Luanda, os habitantes reclamavam exaltadamente providências que travassem a ofensiva da terra queimada. Armaram-se milícias que vigiavam dia e noite. Cortaram-se árvores e arbustos de jardins, que poderiam esconder a aproximação de bandoleiros. Os automóveis eram arrumados de modo a poderem, com os faróis, devassar a noite. Desapareceram as diferenças de classe, fossem profissionais ou de cultura. De um dia para o outro, a equipa de operários da Câmara retirou os canhões imprestáveis dos poucos carros de combate que existiam, instalando metralhadoras rotativas. Os “Dragões”, comandados pelo capitão José Maria Mendonça, saíram da cidade ao encontro dos atacantes.»⁴
- «Foi a primeira missão operacional [do 1ºERec] ao mato: tentar recolher [na área sul de Nambuanguo] o máximo de civis isolados. Noite de azáfama no quartel, prontos para sair dois pelotões reduzidos e o comando reforçado: três núcleos compostos por 1 ETT [Panhard] e 2 ou 3 jipes, comandados pelo capitão Martins Jerónimo [i.e, José Maria de Mendonça Júnior], tenente Evaristo [i.e, Eduardo Roque da Cunha] e alferes [miliciano de cavalaria] Carreira [?]. [...] Os rádios eram velhos, expectativa apenas. Ao cabo de longas horas de espera ansiosa, cada vez mais ansiosa, começam a regressar. Primeiro um jipe com excesso de lotação: viatura, armas, uniformes e rostos sujos; rostos sujos e envelhecidos, expressões que deixaram de ser jovens. [O soldado natural de] Mogadouro vai contando, um pouco a saca-rolhas: “Os gajos caíram-nos em cima, em força [na zona do Quicoxe conhecida por “Sete Curvas”, entre Quicabo e Balacende]. O alferes Carreira ao auxiliar à manobra das viaturas debaixo de fogo, ficou entalado entre o jipe e o ETT. A Picada estava enlameada e deu de si, o ETT resvalou para o barranco e lá ficou. A malta da secção de atiradores teve de dividir-se pelos jipes, nós viémos primeiro com os feridos: o sargento Laurentino que ia na torreta do ETT, comeu logo com uma ameixa na cabeça; ficámos sem oficial nem sargento. O desgraçado do Seis [soldado 6/60 Raul da Silva Coelho] ficou lá [mortalmente atingido com tiro de canhangulo através da vigia da Panhard], nem teve tempo de gritar um queixume sequer”. [...] 3 cabos da secção de atiradores surpreendida [no ETT] pelo inimigo naquela célebre primeira saída, um deles tinha-se agarrado à metralhadora e disparado para o ar, perante a horda atacante. O capitão [Mendonça Júnior] substituiu-o ao sopapo e agarrou-se à metralhadora, acção que veio a ser comentada mais tarde sob diversos ângulos.»⁵

† RAUL DA SILVA COELHO, Soldado

Enquanto isso em Luanda, o comandante da 3ªRM general Monteiro Libório convoca de urgência todos os praças da classe anterior:

- Carmona, seguem para reforço da capital distrital um pelotão indígena de atiradores do RIL e um outro do RINL;
- Cuímba, segue por via aérea uma secção de atiradores (que, isolada e sem viaturas, retira alguns dias depois);
- Quibaxe, segue um pelotão metropolitano de caçadores de infantaria (atacado no percurso, teve acção relevante);

- *Camabatela*, segue um pelotão metropolitano de caçadores de infantaria (que consegue acalmar a população e evitar o êxodo total para Luanda);
- *Luvo*, organiza-se um pelotão de convocados atiradores (que mantém a população no local, apesar dos ataques a que foi sujeita);
- *Pango-Aluquém*, instalação de uma secção reforçada de convocados (que evita a evacuação da localidade);
- *Damba*, está previsto um pelotão de convocados atiradores (em substituição de um pelotão de 10 pára-quedistas), a fim de estabelecer a segurança na localidade;
- *Toto*, instalação de um pelotão indígena de atiradores do RIL (para substituir a CCE61 que fica à ordem do Cmd/3^oRM para operações de limpeza nas áreas mais afectadas);
- *Quinzala* (ou Quinzau?), instalação de um pelotão de atiradores;
- *Nova Caipemba*, instalação de um destacamento indígena do BC3, vindo de Nova Lisboa;
- *Quitexe*, instalação de um pelotão de atiradores;
- *Lufico*, instalação de uma secção de atiradores;
- *Malanje* (*Duque de Bragança*, *Tembo-Aluma*, *Forte República*, *Cuale*, *Cacuzo*, *Catota* e *Cateco-Cangola*), instalação de pequenas guarnições em secção ou pelotão, para consolidar as acções exercidas na Baixa do Cassanje e evitar progressão do terrorismo para nordeste.

Ao mesmo tempo em Nova Iorque, o matutino NYT publica um texto oficioso do State Department onde este, depois do mal feito e verificadas as consequências, considera como «um acto precipitado» a posição dos EUA na ONU e o seu voto ao lado da URSS contra Portugal.

- «O embate causado pelo voto [do embaixador Adlai Stevenson no CS/ONU] na semana passada – e ainda mais significativamente o do discurso que foi feito com a sua sinistra ameaça para o futuro –, não atingiu principalmente os portugueses ou a crise de Angola. Na verdade através de África, a grande necessidade não está em empurrar mais povos para a independência, que não sabem usar melhor do que o têm sabido os congolezes. Independência para todos esses povos não é já um problema realista. O grande e crucial problema consiste em prepará-los com muito mais que a simples velocidade para enfrentar o futuro inevitável.»⁶

Entretanto em Conackry, decorre uma reunião promovida por guineenses do MLG imigrados na capital guineana, para discutir a questão da «União Guiné-Cabo Verde» defendida pelo PAIGC.

- «O princípio da Unidade [?] Guiné-Cabo Verde comprova [?] que a luta de libertação nacional não está na sequência da resistência primária à colonização, e que os novos Estados africanos são fruto da imposição desta. Tal como os movimentos de libertação nacional, tais Estados formaram-se como “negativo” do fenómeno colonial, nos limites (geográficos) impostos por este, ou seja, não detêm uma historicidade endógena. Por isso, no caso concreto da Guiné-Bissau – integrada numa zona que foi, durante cerca de cinco séculos, “cenário de um poder territorial integrador, a que hoje chamaríamos Estado confederal que dava pelo nome de Kaabú, Cabo ou Gabú” –, tal desfazamento mina a sua existência e “explica a relação – crioula – com Cabo Verde, em vez de aceitar os apelos de integração do Norte e, mais paradoxal, do Sul”. Esta última poderia aproximá-la do Casamance e do Senegal, ou da “Grande Guiné” (a que se dizia aspirar Sekou Touré) com o objectivo, fechando um ciclo histórico, de reconstituir a “Alta Guiné” que os portugueses encontraram e exploraram a partir do século XV.»⁷
- «No decorrer de uma reunião do MLG em 16 de Março de 61, em Conackry, o problema domina as atenções dos 75 presentes. O presidente de honra é José Francisco Gomes, que rebate vivamente um memorando do PAIGC ao Governo de Lisboa, que “preconiza que as representações respectivas na futura Assembleia Nacional seriam de um representante para 10 mil caboverdeanos e de um representante para 30 mil guineenses”. Com a aprovação de “toda a assistência”, Gomes afirma que a proposta em causa “demonstra o desprezo dos caboverdeanos pelo povo da Guiné”. O calor das críticas aumenta com a intervenção de Adriano Correia, que reclama o direito dos guineenses de definir “o seu próprio destino”, uma vez que estão “em melhores condições de conhecer as aspirações profundas do povo da Guiné”. A finalizar, Correia alerta: “Querem confiar esta tarefa a estrangeiros [caboverdeanos], que não poderão senão pensar nos seus próprios interesses”. [...] Alguns adversários do PAIGC – os mais retintamente guineenses e étnicos – gozam [em Conackry] dos favores e simpatias de parte da ‘nomenklatura’ no poder. Luís Cabral há-de registar, referindo-se a 1961: “Os nossos opositores de Conackry beneficiavam do apoio de alguns responsáveis da República da Guiné”.»⁸
- «Pensavam que Amílcar tinha uma qualquer influência sobre o presidente Sekou Touré. Ora isso é completamente falso. Quando Amílcar Cabral saiu de Portugal não tinha influência alguma. Quem politicamente valorizou Amílcar foi o próprio Sekou Touré. Recordo-me que, no princípio da rebelião, havia na República da Guiné cerca de 900 naturais da nossa Guiné. Na primeira reunião com a ideia de formar uma frente anti-portuguesa, uma maioria esmagadora votou contra Amílcar Cabral, acusando-o de ser comunista como Sekou Touré. Tal atitude ocasionou a expulsão de 780 elementos, na sua maioria de etnia manjaca. Muitos foram para Dacar e outros para Casamance, sem contar com os restantes espalhados pela França. Amílcar teve do seu lado poucos balantas e alguns muçulmanos, na sua maioria fulas. Perante esta situação Modibo Keita, então presidente do Mali, e o próprio Sekou Touré apoiado por Nkrumah, formaram um corpo de soldados dos seus próprios exércitos, para apoiar Amílcar Cabral.»⁹
- «A sua acção foi extremamente facilitada pela geografia da Província, com uma área de cerca de 30 mil km² e com 600 mil habitantes, cercada a norte, a leste e a sul pelos territórios do Senegal e da República da Guiné. [...] Podia aceitar-se que o PAIGC representava todo o povo da Guiné? A Guiné era a província [ultramarina] onde a divisão étnica era mais profunda. Nos seus escassos 30 mil km² viviam cerca de 30 grupos tribais diferentes, bem caracterizados. A esta divisão sobrepunha-se a divisão religiosa, pois 2 dos principais grupos tribais – os fulas e os mandingas – estão profundamente islamizados e têm exercido uma acção de proselitismo sobre algumas das tribos feiticistas, do que resultou a sua islamização parcial como foi o caso dos manjacos, dos sossos, dos nalus e até dos balantas. Dos 600 mil habitantes da província, cerca de

1/3 está islamizado. A islamização não superou, porém, a diversidade tribal; e sucedia até que os próprios islamizados se encontravam divididos, pois na Guiné exerciam influência 2 grandes confrarias muçulmanas – a dos Quadirya e a dos Tidjani –, que enquadravam respectivamente os mandingas e os fulas. O PAIGC recrutava os seus adeptos principalmente entre os feiticistas, com particular relevo para os balantas. Os fulas e os mandingas, e a maior parte das tribos feiticistas, permaneceram-nos sempre fiéis combatendo lealmente a nosso lado. Acresce a tudo o que fica dito, que Amílcar Cabral não era guinéu [nem islamizado]. Nasceu em Cabo Verde na cidade da Praia, de uma velha família caboverdeana. Os homens do seu estado-maior político eram caboverdeanos. Os guinéus seus partidários desempenhavam predominantemente funções militares. A situação de supremacia dos caboverdeanos e a atribuição das funções de maior risco a guinéus, eram causa de tensões profundas no seio da organização. O seu programa, que tinha por objectivo a independência da Guiné e de Cabo Verde, também não agradava aos guinéus, os quais recebiam que se mantivesse e agravasse a posição de relevo que, tradicionalmente, os naturais do arquipélago ocupavam. Não podia pois aceitar-se a legitimidade do PAIGC para representar o povo da Guiné. E também não a tinha para representar o de Cabo Verde cuja paz, mau grado as afirmações da propaganda, nunca foi perturbada e onde o PAIGC nunca exerceu qualquer influência real. Também aqui a “descolonização exemplar” [do 25A] saltou por cima do desejo dos povos e das realidades. Os resultados estão [em Jun77] à vista!»¹⁰

¹ (Huibregtse, op.cit pp.67/8,72/3);

² (cf auto lavrado em Carmona na tarde de 13Abr61, pelo tenente miliciano de cavalaria António Guapo Garção, do Corpo de Defesa Civil do Uíje);

³ (Orbelino, op.cit pp.57/8); ⁴ (Pomílio, op.cit pp.70); ⁵ (Barão da Cunha, op.cit pp.348/9,353/4); ⁶ (Dean Acheson, ex-secretário de Estado em 49-53; carta a Kennedy);

⁷ (Duarte Silva, op.cit pp.55/6); ⁸ (Castanheira, op.cit pp.163/4,182); ⁹ (António Baticá Ferreira, carta ao PM Caetano, 05Fev73; cit. Antunes, op.cit pp.66);

¹⁰ (Silva Cunha, op.cit pp.29-31)

Março.17

avião militar segue rumo a Luanda com a 1ª Companhia Pára-quedista, mobilizada pelo BCP-Tancos

Pouco depois da meia-noite em Tancos, descola da BA3 um avião militar rumo a Luanda, onde ao romper da alvorada desembarca no aeroporto o 1º reforço de pára-quedistas constituído pela 1ªCCP sob comando do major Armindo Videira. Após breve escala para reabastecimento, embarcam num DC3-Dakota para Carmona e dali seguem prontamente em operações para o norte, onde apenas existem guarnições de tropa indígena enquadradas por alguns militares da Metrópole, aquarteladas em Santo António do Zaire, São Salvador, Nóqui e Maquela do Zombo: por exemplo a sul dos Dembos, para todo o Cuanza-Norte, a guarnição da respectiva capital distrital apenas dispõe de 1 pelotão de caçadores indígenas; mais a norte, em Carmona está o BCac do Uíje com 5 companhias indígenas; e no Toto a CCE61 vai ser rendida por 1 pelotão indígena destacado do RILuanda, a cuja cidade continuam a afluir refugiados em estado físico e anímico que favorece o pânico generalizado e a ideia de êxodo para a Metrópole.

Entretanto, do Caxito havia arrancado de madrugada em rumo nordeste, uma coluna-auto com meia centena de agricultores que desejam regressar aos seus povoados, fazendas, roças e tongas, escoltados por um pelotão de 32 caçadores de infantaria (quase todos minhotos), comandados pelo alferes miliciano Fernando Augusto Colaço Leal Robles, coadjuvado pelo sargento Pêgo com os furriéis milicianos Bucho e Raposo. Ao amanhecer chegam ao Ucuá e seguem para Quibaxe, onde o administrador concelhio conseguiu manter grande parte da população em boa ordem e pronta para qualquer eventualidade. Dali saem em direcção ao Quitexe, com intenção de regressar à noite mas, chegada esta, ainda se encontram na estrada de Vista Alegre, cortada em todas as pontes e com abatizes¹ cada quarto-de-hora de marcha; passam as sanzalas Quissala e Cambeje e continuam a andar toda a noite removendo obstáculos da picada.

– «After these outrages, on the 15th and 16th of March, the terrorists started to destroy bridges and blockaded roads, by digging holes and chopping down trees: on one hand to prevent the surviving whites from fleeing; and on other hand to prevent help arriving from outside.»²

A zona cafeeícolá que abrange a área dos Dembos é uma região histórica e politicamente sensível, pacificada apenas há quarenta anos por soldados bailundos e ficou na história pela crueldade, mistério e antropofagia dos seus habitantes. Os sobas fazem-se obedecer cegamente pelo uso de práticas de feitiçaria, nas quais eles próprios acreditam:

– «Para se fazer uma ideia de tais superstições basta referir o que se passou com o oficial que chegou à região com o seu pelotão e deparou com o espectáculo dos chefes dembos reunidos e ataviados com os seus trajes e símbolos de mando. Era tal o convencimento no poder de Patrice Lumumba e na força dos seus feitiços, que perguntaram ao oficial português se fôra enviado pelo chefe da revolução congoleza; como o comandante do pelotão lhes respondeu que estava ali por ordem do Governo de Portugal, o chefe dembo que o interpelou logo retorquiu que os brancos já não tinham força e que as suas armas só disparavam água, prestando-se à respectiva prova; depois de este ter morrido, ainda houve mais um que se ofereceu para repetir a experiência...»³

– «Na zona [sudeste dos Dembos] onde estive [Jun61-Jun62] só havia população nos núcleos onde os brancos se tinham mantido, o resto tinha fugido para a mata. [...] O alferes Robles, que devia ter uns 21 anos, foi para ali com o pelotão dele que tinha trinta homens, logo no princípio depois do 15 de Março, e fez o que pôde. Por causa disso as populações estavam receosas. Quando nós [CCE89] estivemos nessa zona, havia populações no Pumbassai, uma fazenda, e no Quitexe. Em Aldeia Viçosa as sanzalas estavam abandonadas, a população estava no mata. Quando encontrávamos alguns negros, procurávamos apanhá-los e trazê-los.»⁴

Enquanto isso em Luanda, o governador-geral dr. Silva Tavares remete ao ministro do Ultramar o seu telegrama nr.86: «Situação conforme tenho informado telefonicamente Vexa é muito grave. Fim poder ser constituídas milícias peço enviar por avião armas e munições para esse efeito. População europeia grande alarme e muito impaciente por não poder tomar parte defesa falta armas. Assunto

relaciona-se meu ofício confidencial 844 de 21 Fevereiro corrente ano». Em seguida, o governador-geral fala na Emissora Oficial de Angola e procura acalmar o pânico entre os milhares de refugiados do Norte, afirmando que «estamos em condições de dominar os bandos criminosos». Entretanto calcula-se que nos distritos do Congo angolano (Uíje e Zaire), a UPA já tenha assassinado 5-6 mil pessoas, das quais $\frac{1}{5}$ de origem europeia.

- *«Orquestrado pela UPA, de Holden Roberto, o levantamento em si causou a morte de um 300 a 500 [?] europeus e talvez de uns 1500 [?] africanos, números, no entanto, insignificantes [?] quando comparados com a carnificina provocada pelas represálias dos brancos [?] e, a partir de Maio de 1961, pela tardia reacção dos militares portugueses.»*⁵
- *«Foram destruídas cerca de 700 quintas [fazendas], estabelecimentos comerciais e postos governamentais. Esta turba destruiu tudo o que se atravessou no seu caminho e matou homens e mulheres, negros e brancos, crianças e velhos. Foi mais um acto de violência sem sentido com um alcance político indeterminado, do que uma campanha militar com um objectivo político. Roberto não compreendia a diferença, Portugal inteiro ficou chocado com o horror. [...] Estima-se que tenham sido mortos nesta “jacquerie” 500 [i.e, 600-700] europeus e cerca de 20 [?] mil habitantes locais. Esta série de acontecimentos chocou profundamente Portugal e dificultou o compromisso colonial e a restauração da ordem em Angola. Para os portugueses era impensável que tanto desregramento pudesse ser tolerado e foi largamente apoiada uma forte e intransigente reacção ao comportamento nacionalista [i.e, terrorista].»*⁶
- *«De tão fortes emoções e tão grandes desgostos, nem cheguei a dormir. Do Cacuaco fui ao hotel mudar de roupa e dali imediatamente para o campo de aviação de Luanda. Milhares de pessoas ali se conservam para receber notícias e ver chegar os feridos. A DTA e a FAP colocam os seus aviões à disposição de quantos desejam transporte para Luanda. Chegam reforços de tropas da Metrópole, constituídos por “caçadores especiais”, carros ligeiros e algum material bélico. De Carmona informam que os bandoleiros se encontram perto, para cercar a cidade. Então muitas dezenas de camionistas ali presentes, oferecem-se para levar ajuda imediata a Carmona, mas faltam armas, Nesse momento, eu, o José Igreja da Camabatela, e outros, vamos ao Quartel-General apresentar o nosso caso e pedir armas para o efeito. Somos mal sucedidos e resolvo regressar num avião a Carmona, onde me esperam familiares e amigos: “estariam todos vivos ainda?”, eis a dúvida que me atormenta. Em vôo baixo o ‘Dakota’ transpõe a fogueira que espalhou o crime e a dor nas populações sacrificadas. No chão, nem indícios de vida humana; apenas aqui e além restos fumegantes de uma cubata ou outra incendiadas. Chegamos a Carmona durante a tarde e os arredores da pista de aterragem parecem uma floresta de armas brancas. Muitos, não dispendo de espingardas, soldaram catanas em tubos de ferro galvanizado, lembrando uma hoste da Idade Média, provando que em Angola se vivia desarmado e na santa paz do Senhor.»*⁷
- *«Em Março de 1961 fomos apanhados desprevenidos pela onda de terrorismo: mercê dessa boa-fé, a Força Aérea não estava praticamente presente em Angola. O [AB3 nos arredores do] Negaje tinha sido precariamente inaugurado no mês anterior. Dado este particularismo, as asas da DTA tiveram uma vital missão a cumprir na defesa e na salvação de Angola. A evacuação para Luanda de milhares de refugiados e de feridos, cumulativamente com o abastecimento e muniamento aéreo das populações cercadas por toda a parte, teve foros de verdadeira epopeia. O material de vôo era escasso (7 Dakotas e 4 Beechcraft-D18S) mas, graças ao patriotismo, abnegação e sacrifício das suas briosas tripulações, foi possível salvar milhares de inocentes e fazer cair do céu as armas, as munições e os alimentos necessários. [...] De permissão, lançaram também algumas bombas sobre concentrações inimigas. Sem uma avaria e operando muitas vezes em plena noite em aeródromos sem qualquer espécie de iluminação, o material suportou cargas incríveis: o Dakota, que tem lotação para 28 pessoas, chegou a transportar 73. [...] Indefesas populações do norte [...] foram objecto do mais bárbaro crime de genocídio da história moderna, iniciado a sangue-frio na madrugada de 15 de Março de 1961 por bandos vindos e telecomandados do exterior. No primeiro e segundo dias do ataque, foram de surpresa e selvaticamente atacadas as seguintes povoações: Aldeia Viçosa, Bessa Monteiro, Canda, Cuimba, Danje, Luvaca, Madimba, Nambuanguo, Nova Caipemba, Quibala, Quibaxe, Quicabo, Quimbumbé, Quitexe, Vista Alegre, Zala e Zalala. [...] Milhares de portugueses indefesos (homens, mulheres e crianças), tombaram perante a cruel arremetida dos assassinos. Outros porém, mercê de algumas armas e de um ousado apoio aéreo, resistiram heroicamente embora cercados. Na primeira fase dos sangrentos acontecimentos e dadas certas circunstâncias que lhes eram favoráveis – surpresa, sincronização de movimentos, corte de comunicações e ausência quase absoluta de Forças Armadas e de Polícia –, os terroristas lograram dominar um vasto território.»*⁸

Por essa ocasião em Lisboa, é distribuído aos órgãos de informação pública o primeiro comunicado oficial, sobre o terrorismo que grassa no Congo Português: «Agentes terroristas infiltraram-se em território português e atacaram de surpresa algumas pessoas que viviam isoladas em pequenas plantações. A situação em Angola encontra-se inteiramente sob domínio das autoridades».

- *«A situação mantém-se perfeitamente tranquila em todo o território de Angola, não havendo notícias de quaisquer novos incidentes mesmo nas regiões fronteiriças, mais permeáveis aos elementos terroristas vindos do exterior. [...] Bandos vindos do exterior atacaram postos fronteiriços entre Maquela do Zombo e São Salvador. Sabe-se que os assaltantes atacaram de surpresa e quase simultaneamente numa área que vai de 200 a 600 km ao norte de Luanda. Parece ter sido nas regiões de Nova Caipemba, Nambuanguo e Quitexe que os criminosos cometeram as maiores violências.»*⁹

A vila do Negaje, cujo conchelo é administrado por António José dos Santos Reis, não sofreu qualquer ataque terrorista mas no aeródromo militar há mais de um milhar de mulheres e crianças – vindas de Carmona em superlotados DC3-Dakota civis –, que aguardam no AB3 a evacuação para Luanda, onde hoje são divulgadas as primeiras notícias sobre massacres em Aldeia Viçosa, Vista Alegre, Damba e Bungo. Simultaneamente, para os lados da fronteira com o Congo e a pouco mais de 10km sul de Cuimba, os 26 ocupantes da Fazenda M’brije, agora acompanhados por quatro

militares, organizam uma caravana motorizada que, poucos quilómetros andados, sofre uma emboscada terrorista da qual se livram com rajadas de metralhadora e granadas-de-mão, calculando-se em uma centena as baixas entre os terroristas. O comboio automóvel segue por trilhos até Cuimba, onde um DC3-Dakota vindo da BA9 consegue aterrar e levar para São Salvador os sobreviventes da Fazenda M'brije e os dois prisioneiros feridos. Aviões militares Auster e Nordatlas da FAP, e civis Cessna dos aeroclubes e da DTA, evacuam refugiados do Norte fugidos ao terrorismo; os tripulantes informam por rádio que pela picada vêm fugidas muitas pessoas das áreas de Bessa Monteiro, Nambuanguo, Quibaxe e Ucuca. Os primeiros a chegar ao aeroporto de Luanda provêm do AM32-Toto onde se acolheram pessoas de Ambuíla, Bembe e Nova Caipemba; e a segunda leva é proveniente do AB3-Negaje com refugiados de Vista Alegre, Aldeia Viçosa, Quitexe, Camabatela e Santa Cruz.

Nambuanguo, em cuja área foram já assassinados mais de 300 europeus, desde antontem está classificada como zona controlada pelos terroristas que atacam as regiões do Ambriz e Tábi, o Ucuca e a estrada nova dos Dembos.

– *«Invariavelmente, os criminosos faziam-se preceder por mulheres e crianças. Em Santa Cruz, os atacantes não variaram de tática de modelo comunista: mulheres e crianças na frente dos terroristas. Adversários civilizados não abririam fogo contra seres indefesos. Um alferes comandava uma força negra que começou a disparar. O oficial, ao perceber-se da repugnante carnificina que se iniciava, levantou os braços e gritou: “Não atirem! Não atirem, são mulheres e crianças!”. Um cipaio desfez a pontaria, descansou a espingarda e observou, com calma fatalista: “Meu alferes. É melhor matá-los agora, senão daqui a dez anos temo-los cá outra vez!”. Uma profecia que se concretizou, com um erro de três anos... »*¹⁰

Ao mesmo tempo no litoral a norte de Luanda, residentes do Ambriz encontram na Fazenda Quimbumbé-Velho (picada para o interior em direcção a Zala), os cadáveres mutilados dos proprietários e dos empregados. Regressados à vila, a população prepara mantimentos que carrega em dois batelões, onde durante a noite são embarcadas mulheres e crianças, tendo na precipitação do embarque algumas mulheres caído à água mas prontamente salvas por homens que ficam a defender a vila, onde não existe qualquer guarnição militar; em seguida, os batelões são postos ao largo sob vigilância.

Enquanto isso em Dar-es-Salaam, o ministro das colónias britânicas MacLeod abre os trabalhos de uma conferência, que nos próximos cinco dias vai discutir a autonomia do Tanganica e sua futura independência.

¹ (grandes árvores e troncos derrubados por terroristas sobre picadas e trilhos, para atrasar movimentos de tropas e fazer emboscadas aproveitando paragens forçadas); ² (Huibregtse, op.cit pp.67); ³ (Silva Tavares, governador-geral); ⁴ (Raul Folques, in “A Guerra de África”, pp.695); ⁵ (MacQueen, op.cit pp.44/5); ⁶ (Cann, op.cit pp.56,57); ⁷ (P. Pires, “Brasero...” pp.60-62); ⁸ (Diniz Ferreira, op.cit pp.93-94,87); ⁹ (cf “Diário de Lisboa”, 1ª e 2ª tiragens de 17Mar61); ¹⁰ (Pompilio, op.cit pp.71)

Março.18

avião segue rumo a Luanda com o 2º escalão da CCE78¹, mobilizada pelo BC5

No noroeste de Angola a coluna de civis, escoltada na densa floresta dos Dembos por militares sob comando do alferes Fernando Robles, chega de madrugada a Vista Alegre, povoação cujas casas assaltadas têm todas as montras e prateleiras estilhaçadas mas nada está pilhado, restando vários mortos entre os destroços deixados pelos revoltosos do dembo Quipenone. De regresso a Quibaxe, a coluna faz alto em Cambeje e o alferes Robles dirige-se à sanzala onde manda reunir todos os cerca de 50 negros, dizendo que *«passo por aqui amanhã outra vez, quero as valas da estrada todas tapadas»*.

Por essa ocasião no litoral noroeste, entre o Ambriz e o Ambrizete, desembarcam contingentes da guarnição da Armada, vindos de Luanda no NRP São Vicente sob comando do primeiro-tenente Jorge Gamito e noutros navios-de-guerra, apoiados por um pelotão indígena comandado por um tenente de artilharia, marchando todos² para o interior sob orientação do comandante da BA9 tenente-coronel piloto-aviador Pereira Vaz, a fim de proteger as populações assediadas pelos terroristas da UPA.

Entretanto no Quitexe dois exaustos residentes, Bernardo de Oliveira e Emídio Nunes, acolhem às 16:00 os primeiros reforços civis chegados por via aérea; uma hora depois entra na Fazenda Nunes o primeiro grupo de civis, a quem se depara o massacre perpetrado há três dias naquela propriedade.

Ao mesmo tempo chega a Carmona o civil Orlando Traila num jipe, trazendo os restos de treze cadáveres do Zalala, área sem forças militares ou civis e onde os terroristas atacaram a principal fazenda de Ricardo de Matos Gaspar, assassinando todos quantos encontraram pela frente, com selvajaria e barbárie ao extremo de ter degolado uma criança e violado mulheres espetando-lhes um pau no sexo.

– *«Outra coluna motorizada saiu para Aldeia Viçosa. Não conseguiu atingir o seu objectivo, por estar cortada em vários pontos a estrada de ligação. Num dos cortes, os terroristas armaram uma cilada que apanhou um jipe do Exército, sendo ali assassinados todos os seus componentes, com requintes de ferocidade nunca até hoje verificados.»*³

Enquanto isso a zona fronteiriça noroeste é continuamente assediada a partir de Léopoldville por grupos terroristas orquestrados, cujo chefe bacongo Robert Aldane – rebaptizado Holden Roberto pelos mentores norte-americanos –, apoiado em resoluções da ONU e na solidariedade de vários países, concede em Nova Iorque uma conferência de imprensa declarando ter 40 mil adeptos e, a um jornalista do vespertino francês *Le Monde*, gaba-se de haver mandado assassinar uma família de

portugueses numa serra mecânica a 50km da fronteira e de, no posto fronteiriço do Luvo, ter feito «empadas» com os seus restos mortais.

- «Todos temos conhecimento do selvático assalto das hordas da UPA contra portugueses brancos e negros do Norte de Angola, lançado a 15 de Março de 1961, e no qual foram trucidadas cerca de 7 a 8 mil pessoas, europeias e africanas. Três dias depois desse genocídio, Holden Roberto partiu para Washington, sendo imediatamente recebido na Casa Branca pelo presidente Kennedy. Era público e notório que Holden Roberto era protegido da senhora Eleanor Roosevelt e do American Committee on Africa. Mas o dinheiro que os Estados Unidos gastaram com a UPA não rendeu quaisquer dividendos em relação a Angola, pela frustração das esperanças que pusera na UPA, movimento que apoiou por todas as formas contra um seu aliado na NATO, não se impressionando sequer com o genocídio de milhares de homens, mulheres e crianças! Os Estados Unidos ainda não se preocupavam com os direitos humanos...»⁴
- «Bandos assassinos caíram sobre as populações e fazendas indefesas do Norte de Angola, naquela noite de sangue e de terror que não poupou nem brancos nem negros, nem crianças nem mulheres. Houve criancinhas barbaramente mutiladas, mulheres esventradas, despojos humanos pregados nas paredes das casas, espalhados a esmo. O mentor de toda esta barbárie haveria de gabar-se, mais tarde, dos seus crimes, e em entrevista a um jornal francês diria, impante, que a uns colonos do Luvo os haviam metido, vivos, a serra mecânica, e cortado como quem faz toros de pinheiro. Por sinal, o jornal que isto publicou, sem pejo de nenhuma espécie veio há semanas [Mar64] protestar candidamente, por se tornar públicas as fotografias de tais atrocidades, que ofendiam – dizia – a sensibilidade das crianças de Bagnex. Trata-se, como os leitores estarão lembrados, do diário parisiense Le Monde. Nada nos deve admirar. Como o sujeito era o tipo acabado do “herói” do nosso tempo, logo nos Estados Unidos houve quem o convidasse a visitar aquele país, por onde andou a fazer conferências em algumas universidades! Talvez explicações do modo como expeditamente se mete gente à serra mecânica.»⁵
- «O impressionismo de um repórter dá conta da dimensão da tragédia. “Que haverá, por exemplo, a acrescentar ao depoimento daquele pai que fôra espancado com as pernas do próprio filho morto a golpes de catana? Ou aquele marido que, amarrado a uma árvore, foi obrigado a ver a sua mulher violada por mais de duas dezenas de assassinos, em toda a sua fúria animal? Ou ainda à inacreditável barbaridade com que foram mortos alguns europeus, perto de Maquela, serrados vivos numa serra mecânica?”. Robert Beeston, do “Daily Telegraph”, único [?] repórter estrangeiro a viajar pelas áreas da violência depois do 15 de Março, conta a um diplomata americano em Londres que oitocentos portugueses, entre uma população de dez mil, foram massacrados em três dias. [...] Holden Roberto está em Nova Iorque e reclama para a UPA a direcção de quarenta mil quadros armados, e mais de meio milhão de simpatizantes no interior de Angola.»⁶
- «The members of a family were sawn in two by a circular saw. The deeds of terror were not limited to whites: mulattos and blacks who had remained loyal, were also among the victims. The workers from the south especially, had not identified themselves with the conspiracy and were not spared. It is generally accepted that 1500 whites were killed during the wave of terrorism, but the number of blacks who were killed is ten times as much – one of the biggest massacres ever held in Africa. It is a mystery to me what the killing of members of the same race has in common with freedom and independence, and neither did these blacks escape torture and mutilation. Innumerable photos, taken afterwards, tell the lugubrious tale of senseless slaughter and inhuman atrocities, committed by the nationalist warriors, the champions of freedom. In Nova Caipemba a loyal black warned the administrator. He could then capture the bandits, organise the defence and repel all attacks. This little village never fell into the hands of the terrorists.»⁷
- «1961.03.18 - Início da actuação da Força Aérea no norte de Angola.»⁸
Durante a noite no aeroporto de Luanda aterra o 3º avião vindo de São Salvador, com 57 mulheres e crianças que conseguiram fugir do Mavoio, Buela, Cuimba, Maquela do Zombo e Madimba; os tripulantes informam que de Nambuanguongo se dirigem à capital angolana num tractor com atrelado, 6 homens, 3 mulheres e 2 crianças.
- «Entretanto foram chegando algumas centenas de fugitivos, entre eles elementos portugueses das missões protestantes que quiseram falar comigo, relatando que nas missões se reuniam negros que conspiravam com apoio dos dirigentes estrangeiros das referidas missões, pelo que deveria ser determinado que aqueles dirigentes deviam ser substituídos por portugueses: notei-lhes que as missões funcionavam com base em tratados internacionais, pelo que de nada valeria estabelecer tal regra. Com o apoio do “American Committee on Africa” da srª Eleanor Roosevelt, acolhiam, facilitavam, ajudavam e incentivavam o espírito de revolta, mas deixavam aos negros a acção directa: a luta nunca foi entre brancos e negros, mas entre os que queriam e os que não queriam continuar a ser portugueses.»⁹
- «De meados de Fevereiro a meados de Março de 1961, a situação esteve relativamente calma. Em 15 de Março foram desencadeados ataques africanos que conduziram à morte violenta e brutal centenas de portugueses brancos, entre os quais mulheres e crianças. Ocupava-me em reuniões evangélicas próximo do Úcuva, quando os ataques foram desencadeados. Lá fiquei até 18 de Março. O chefe de posto veio-me pedir para deixar o local imediatamente porque “eles iam bombardear estas aldeias”. Bombardearam aldeias em todos os distritos dos Dembos e do Congo. Por diferentes razões, os protestantes pareceram ser os primeiros visados pela cólera branca. Os nossos ministros e fiéis nas regiões do Golungo Alto, Ambaca, Dondo, Cacuzo e Libolo, foram presos e numerosos foram mortos. A milícia branca, tentando vingar a morte dos portugueses assassinados no Norte de Angola, foi muito para além das intenções que tiveram os oficiais ao darem-lhes armas.»¹⁰

São martirizadas pela UPA milhares de pessoas, europeus na sua grande maioria, sem poupar mulheres e crianças, envolvendo famílias inteiras, sujeitas previamente às mais abomináveis sevícias e horrores, num quadro de selvajaria e insânia só julgado possível na antiguidade bárbara, vivendo-se em Angola múltiplas e inenarráveis tragédias, heroísmos e cobardias. Estimam-se em 600 o número de europeus massacrados pelos terroristas entre os dias 14 e 15 no noroeste de Angola, e

cerca de outros 1400 com paradeiro desconhecido. O sub-director do CITA Carlos Ribeiro proíbe filmagens da equipa da RTP¹¹ sem sua autorização, pois «as reportagens filmadas e transmitidas pela televisão foram a primeira informação dada ao público metropolitano e o País está alarmado com as reportagens».

- «O ministro do Ultramar contra-almirante Lopes Alves, já então muito doente, era mandado [pelo PM] a Angola e tomava conhecimento [em Lisboa] dos enredos e conciliábulos de Júlio Botelho Moniz e dos seus cúmplices. [...] Pouco depois dos acontecimentos no norte de Angola, um príncipe europeu soberano avisava-o [a Oliveira Salazar] de que os serviços secretos franceses [SDECE] haviam detectado sinais preparatórios de um atentado contra a sua vida, provavelmente com a colaborante complacência da CIA. Em Washington mantinha-se a teoria de que as coisas se deviam fazer porque eram racionais e necessárias, e não porque eram justas e boas...»¹²
- «(Botelho Moniz terá defendido a divulgação pública dos massacres, publicando inclusivamente fotografias. Parece que Salazar se opôs...), o que teve um enorme inconveniente. Se esses documentos têm sido divulgados na altura, talvez se tivesse modificado a opinião que, nas Nações Unidas, havia a nosso respeito. Como só foram publicados um ano depois, toda a gente os considerou forjados e sem veracidade, com a finalidade de justificar a recusa de Portugal à autonomia entretanto votada na ONU.»¹³

Ao largo do Ambriz são mantidos os 2 batelões com mulheres e crianças daquela vila, enquanto no final da tarde muitos refugiados e feridos continuam a chegar a Luanda, onde já se encontram cerca de 2 mil mulheres e crianças evacuadas do norte de Angola.

¹ [http://ultramar.terraweb.biz/Imagens/Angola_7CCE_CCAC78.htm];

² (mantém-se no interior noroeste, até chegar o BCac109 comandado pelo tenente-coronel de infantaria Mário Fernandes da Ponte);

³ (reportado a 18Mar61, cf Orbelino, op.cit pp.64; ver em 03Abr61 auto levantado em 1962 pelo administrador de Aldeia Viçosa, posto concelhio do Quitexe, cf. Artur Maciel, in "Angola Heróica", pp.220-222);

⁴ (Pinheiro de Azevedo, in "25 de Novembro sem Máscara", pp.57/8); ⁵ (editorial, in *Revista de Angola* de 15Mar64); ⁶ (Antunes, op.cit pp.17); ⁷ (Huibregtse, op.cit pp.67/8);

⁸ (Afonso e Gomes, op.cit pp.567); ⁹ (Silva Tavares, governador-geral); ¹⁰ (McVeigh, op.cit);

¹¹ (chegada no início de Janeiro, com o realizador José Eduardo Eliseu, o operador António Silva e o redactor Horácio Caio);

¹² (Múrias, op.cit pp.76,80); ¹³ (Costa Gomes, op.cit pp.92)

Março.19

Enquanto as notícias sobre a situação do noroeste de Angola continuam a ser controladas pela imprensa metropolitana, em Luanda junto ao QG aglomeram-se multidões que exigem escoltas para voltar às fazendas a saber dos seus familiares e recuperar os seus bens. São divulgadas verdades à mistura com boatos, notícias em duplicado e triplicado, o que calha; autoridades e alguns particulares com emissores-receptores lançam no ar informações e colocam em risco as guarnições locais e as patrulhas que tentam surpreender assassinos terroristas. Nos muceques periféricos o clamor «Mata Branco!» enche as noites, multiplicando os pedidos de socorro ao comando militar. Os residentes em grande nervosismo provocam incidentes, alguns traduzidos em massacres de nativos, causando fossos insanáveis entre as comunidades étnicas. A tudo isto se somam alarmes de luzes suspeitas no mar, tiros ouvidos em certos locais da periferia, supostos planos de ataques à cidade, ameaças de corte da energia eléctrica, receios de envenenamento das águas – em sucessivas noites de terror, não compensadas à luz do dia preenchido com múltiplas acções, às quais os militares são obrigados a acorrer para debelar crises de primeira prioridade.

- «Início dos planos Centauro Grande e Marfim Negro, com vista à remodelação do dispositivo das forças portuguesas em Angola, com a companhia como unidade-base da contraguerrilha.»¹
- «Os líderes militares enfrentaram uma situação na qual mais de 100 [?] postos administrativos e municípios, em três distritos do norte de Angola [Zaire-Uíje, nordeste distrital de Luanda e noroeste do Cuanza-Norte], desde a fronteira do Congo até 50 [?] km de Luanda, a capital, foram aniquilados ou tomados pelos grupos nacionalistas [?] africanos; mais de 1000 [?] europeus e um número incerto de africanos foram mortos; a economia do norte [i.e, noroeste] de Angola foi prejudicada; as comunicações [itinerários] foram em grande parte cortadas ou danificadas; e milhares de refugiados portugueses foram acomodados em Luanda ou enviados para Portugal. A situação interna de Angola foi rapidamente projectada, de forma sensacionalista, para uma enorme audiência internacional durante vários meses.»²

Eis o sumário factual das acções militares de maior envergadura desenvolvidas no noroeste de Angola:

- a Força Aérea realiza acções de fogo, reconhecimento e transporte de tropas; devido a laços de amizade entre o comandante da 2ªRA e o seu homólogo francês em Brazzaville, ao primeiro apelo este informa a cedência de bombardeiros-hélice Tó (dos quais seguem imediatamente 4 para o AB3 e mais tarde outros 2 para a BA9) com munições sobressalentes e equipamento indispensável à operacionalidade das aeronaves para superação de insuficiências do equipamento terrestre da Força Aérea; os quatro aviões chegam ao AB3-Negaje durante a noite e sem identificação exterior, aterrando no aeródromo em construção (com faixas apenas utilizáveis nas bermas) e sem quaisquer ajudas à navegação;
- a Armada faz transporte de tropas para o litoral a norte de Luanda e para o rio Zaire;
- na região do Toto, acções punitivas da CCE61 nos itinerários para Cuimba, Nóqui e São Salvador; terminadas as primeiras operações, os caçadores especiais ficam em reforço das duas últimas localidades;
- na região de Nambuanguongo, salvamento de 120 europeus e primeira acção punitiva efectuada pelo ERec/Dragões; face à situação planeada para aquele dispositivo ser incontrolável na área, regressa a Luanda e é substituído pela CCE66 que, após êxito da missão e esgotados os recursos, recolhe ao Caxito e dali passa a actuar;
- no noroeste distrital do Cuanza-Norte, actividade operacional do BCacEv recuperado da Baixa do Cassanje, cujas três CCE's passam a actuar no eixo Quitexe-Ucua-Caxito;
- «Perto de Zalala, a 4km de Nova Caipemba, durante a madrugada a Fazenda São José de João Martins Ferreira é atacada e morrem três assalariados; um rapaz mestiço ali empregado é ferido mas defende-se à cacetada e consegue escapar numa carrinha, dando o alarme em Nova Caipemba; dali foge para o Toto

com outro companheiro mas pelo caminho este é abatido pelos terroristas. Também na área de Nova Caipemba, na fazenda do agricultor Constantino, os indígenas lançam-se ao assalto da residência onde se encontra a esposa e o filho mais novo. A pobre senhora foge aterrada para o capim, (onde permanece três dias e de onde sai por milagre). O filho fica e, de revólver em punho, faz frente à matula ébria de drogas e do sangue quente das suas vítimas. O rapaz atira, calma e certamente, e os facinoras desistem do ataque frontal à propriedade, começando a desviar-se para as traseiras. Chegam reforços [no dia 22] e a debandada dos terroristas faz-se imediatamente. Um irmão deste valente rapaz, ficou gravemente ferido e foi internado num hospital de Luanda.»³

- «Torna-se claro que os americanos e outros protectores da UPA, que não tem uma estratégia nacional mas impulsos tribalistas, subestimaram a capacidade de resistência dos portugueses. A revolta negra em Angola, ao contrário do que sucedera no Congo, não se dirige contra brancos de passagem e oriundos da classe média, como os belgas, que tinham a retaguarda segura e partiram à primeira escaramuça. Dirige-se contra colonos enraizados, alguns deles já nascidos em Angola, e no geral sem recursos na Metrópole. A UPA falha o seu intento de não deixar uma alma branca viva.»⁴

Calculam-se em 10 mil os refugiados do norte de Angola, grande parte dos quais chegam por seus próprios meios ou por via aérea a Luanda, onde passam a ser auxiliados por instituições locais de caridade. Há menos de um ano, quando dos eventos que precederam a independência do Congo Belga e logo que foram conhecidos os assassinatos de sete europeus naquele território, a Bélgica conseguiu mobilizar a seu favor a «consciência internacional», ao contrário do que agora sucede nos noticiários de actualidade mundial, em particular com os portugueses metropolitanos, na ignorância de que apenas em dois dias cerca de 2 mil pessoas (entre elas aproximadamente 600 de origem europeia), foram atroz e selvaticamente assassinadas no Congo Português, uma parte de território angolano onde se encontravam apenas 2 mil militares da Metrópole em missão de soberania.

Entretanto nos Dembos, a coluna militar do alferes Robles regressa à sanzala de Cambeje: as valas da picada estão tapadas e a Bandeira Portuguesa, que ontem tinha ficado hasteada no mastro da casa grande, continua a flutuar lá no alto; o pelotão segue para Aldeia Viçosa, onde encontram apenas vivos um cozinheiro surdo a quem mataram um filho no Úcua, e um caboverdeano de olhos azuis que passa a servir de guia ao alferes; tudo o resto é destruição e morte, com os cadáveres esquarterados e mutilados de 15 mulheres e crianças, a quem logo depois foi dada sepultura.

- «Contra a fome e a sede, a chuva e a fadiga, o terror de corpos horrosamente mutilados e as impaciências dos civis, a coluna foi onde teve de ir, durante três dias consecutivos no mato, somente com 20 militares a acompanhar o alferes Robles, tendo os restantes do pelotão ficado a guarnecer a vila de Quibaxe.»⁵

¹ (Afonso e Gomes, op.cit pp.566); ² (Douglas Wheeler, in "The Portuguese Army in Angola", Out69); ³ (Orbelino, op.cit pp.78-80); ⁴ (Antunes, op.cit pp.17); ⁵ (João Azevedo, repórter do Comércio de Luanda)

Um voluntário
é melhor que uma dúzia de forçados.
(aforismo africano)

Março.20

avião segue rumo a Luanda com a CCE82, mobilizada pelo RI14-Viseu

Em Luanda o governador-geral anuncia ter determinado, por seu despacho, a criação do Comando Geral da Milícia de Angola.

- «Em Carmona circula o boato, da vinda de mais uma coluna militar de Luanda ao que parece já a 160 quilómetros. Em breve desmentido, por se esquecer os comandos militares de fazê-la anteceder da indispensável brigada de pontoneiros para reparar as pontes destruídas. E assim, regressa de novo à base. O desânimo e a exaltação invadem os espíritos. Recomendam-nos calma, receita fácil de dar mas de difícil aceitação para quem lhe dói na carne e na alma as dores de irmãos retalhados à catana! Prisões em massa de elementos comprometidos no massacre, todos filiados da UPA ou a ela ligados de qualquer maneira. Não respondem às perguntas da investigação. Nada confessam, mesmo sem tempo de esconder o cartão de filiado terrorista. Com eles, a apreensão de listas de vítimas inocentes a abater em futuros massacres, bem como os nomes das esposas e filhas destinadas ao gozo vil dos vários elementos da turba criminosa. A meio da tarde, amontoados como coisas em camionetas de carga, chegam refugiados de Nova Caipemba, onde houve um massacre na Fazenda São José, de João Martins Ferreira. De seguida, chegam também camionetas de passageiros e de carga com fugitivos do Songo. Seguirão todos para o Negaje e dali para Luanda, enquanto os homens regressam ao Songo, onde alguns viram assassinar os próprios filhos. Carmona quase não dorme há 120 horas, não se alimenta e só não esquece o perigo em que se debate. Principiam a escassear os géneros alimentícios, os hotéis e restaurantes só fornecem sopa e um prato às duas principais refeições. Não se dorme e come-se o que calha e o que há. Muita gente passa mal e a perspectiva é dolorosa. Faltam armas e munições, muitos europeus pouco mais têm que as mãos para resistir a um inimigo que recebe ajuda constante.»¹
- «The terror was perhaps even greater among the natives themselves, some of whom had joined up with the terrorists while others had fled into the jungle or to the Congo, away from the terrorists whose cruelty they

feared, away from the whites from whom they expected reprisals. A period of apparent peace followed after the 16th of March. The entire area of Dembos was in the hands of the terrorists and news of what was happening on the fazendas did not spread to the outside world. As so few reports about the atrocities ever came through, people were loath to believe the stories of the survivors who arrived in Luanda. It simply had to be exaggerated! The officials reports were reasonably reassuring and the absence of news from the "mato" where everyone had been killed, gave a false sense of security. During this time the terrorists were trying to get more natives on their side. No clashes with soldiers took place as there were hardly any military men. Some planters even returned to their properties, where they were soon murdered as victims of their own credulity. The centres would only be attacked later. Some of these centres were at Carmona, Quitexe and Negaje. The aim of the terrorists, i.e. to drive away the whites, was a failure. In the beginning, many fled to Luanda and even to Portugal, but after a while many returned and assembled in a few villages and cities, from where they fought the terrorists, so that the government had time to mobilise its forces.»²

– «Enquanto a população civil, auxiliada por alguns destacamentos militares, aguentava como e onde podia a vaga assaltante, de Lisboa pacatamente [?] mandavam-se [por via aérea] duas companhias de caçadores especiais [CCE78 e CCE82] e elaborava-se um esquema demorado para o envio de reforços. O plano de alguns altos chefes militares era evidente: deixar a situação deteriorar-se e colocar a Nação perante o irremediável de um massacre ou facto consumado. Nestes termos, outra hipótese não haveria que entrar em negociações com os terroristas, que teriam como consequência final o abandono.»³

Enquanto isso em Londres, um porta-voz do MPLA, em conferência de imprensa, qualifica as acções terroristas da UPA no noroeste de Angola como «manifestação de selvajaria, incompetência e racismo».

– «A minha decisão de, em 1961, aderir à UPA, fez-se a partir da convicção pessoal de que era impossível conseguir um diálogo com o governo português, que levasse à solução do conflito que opunha o povo angolano ao regime colonial. Sendo a UPA a organização nacionalista que mais prontamente se tinha pronunciado pela luta armada, pareceu-me que ela representava melhor as aspirações de quantos desejavam participar activamente na acção anticolonial. Pensei na altura, e ainda penso, que a acção empreendida em Março de 1961, era uma forma de vencer a frustração até aí sentida pela maior parte da população angolana, que aspirava à independência e não via outro caminho para a alcançar senão o recurso à violência. As críticas feitas à UPA e aos métodos que marcaram essa acção violenta, considero-as descabidas. Tudo deve ser visto e analisado no tempo e no espaço em que os acontecimentos ocorrem. As acções desencadeadas no 15 de Março revestiram-se de grande dose de espontaneidade popular e o seu controle pelos seus organizadores foi, por isso, ultrapassado.»⁴

– «O recurso às armas para vingar a justiça gravemente ofendida não é mais um meio digno do homem, nem o meio mais apropriado. As operações militares são injustas e criminosas, tanto como as acções das guerrilhas. O direito à vida e à dignidade da vida exigem das forças empenhadas na luta, o respeito da imunidade das populações civis.»⁵

Entretanto chega a Conackry o presidente jugoslavo Tito, a convite do seu homólogo guinéu Sekou Touré.

¹ (Orbelino, op.cit pp.68-72/78); ² (Huibregtse, op.cit pp.68/9); ³ (Nogueira Pinto, op.cit pp.130); ⁴ (Savimbi, op.cit pp.17/8);

⁵ (Dom Manuel Vieira Pinto, bispo de Nampula, homilia de 01Jan74 na Sé Catedral de Nampula)

Março.21

navio segue rumo a Lourenço Marques com as CCE79 e CCE80, mobilizadas pelo BC10-Chaves para reforço da guarnição da RMM

Em Lisboa a imprensa refere que já foram evacuados para Luanda, cerca de 3500 refugiados do Congo Português, informa que há quatro dias «para-quedaistas chegaram a Carmona, tendo sido carinhosamente recebidos pela população», e que amanhã o ministro do Ultramar viaja para Angola.

– «Em Angola, começa [?] a evacuação de mais de 3500 fazendeiros residentes no Norte do país [sic], zona de conflito aberto [?] entre a UPA, União dos Povos de Angola, e as forças [?] portuguesas.»¹

– «As povoações do Norte – Negaje, Puri, Sanza Pombo, Macocola, Santa Cruz, Macolo, Quimbele, Buenga, Cuílo e muitas outras –, estão em relativa e aparente calma. É impossível a defesa a uma chacina porque, além dos terroristas, é preciso contar com a traição dos sobas que há muito dificultam a mão-de-obra para asfixiar a agricultura e o comércio; tarde se conheceu o facto e por isso não se preveniu. Em Carmona estamos quase isolados. Alguns carros têm vindo de Luanda pela estrada do Dondo e Lucala, mas cada vez é maior a carência de alimentação. Perto do meio-dia chega o secretário provincial Neto Miranda e a multidão reúne frente ao palácio do governador [distrital do Congo] para ouvir uma palavra sua. Nem um gesto de estímulo! E o governador, esse nem sai do gabinete, nem os feridos visita! Há notícias de que uma coluna militar, há dias a caminho, afinal se encontra ainda a mais de 200 quilómetros, perto de Quibaxe; e não a 45, já no Quitexe. A mentira com que nos enganam ofende, a população já não confia em ninguém e o descontentamento alastra; com o povo, apenas o administrador Custódio Ramos; o mesmo não diremos do secretário provincial, nem do governador distrital.»²

¹ (cf as "Efemérides" desta data, referidas pelo "Correio da Manhã" em 21 de Março de 2004); ² (Orbelino, op.cit pp.74-76)

Março.22

avião segue rumo a Luanda, com 2 pelotões para-quedaistas (da futura 2ªCCP)

Em Dar-es-Salaam termina a conferência sobre a total autonomia do Tanganica, ficando marcada para 28Dez61 a data de independência: aquela colónia britânica recebeu em 54 a visita de uma

missão da ONU que então aconselhou fosse a independência concedida daí a 25 anos, não tendo contudo a Grã-Bretanha demorado mais que 7 anos a satisfazer a recomendação.

Entretanto chega a Rabat o presidente ghanês Nkrumah, numa breve visita a Marrocos de onde vai seguir para a Tunísia.

– «A Tunísia e o Tanganica ajudam a UPA, o Ghana e a Guiné-Conackry canalizam armas e dinheiro para Holden Roberto.»¹

Ao mesmo tempo no noroeste de Angola, progride o terrorismo: de Sacandica (25km sul da fronteira e 150km leste de Maquela do Zombo) à Camabatela, e do posto fronteiriço do Buela ao Úcua, os bandos terroristas causaram milhares de vítimas, encontrando-se já identificados mais de 200 mortos de origem europeia, de entre eles se destacando numerosas mulheres e crianças atrozmente mutiladas pela UPA subsidiada pelos EUA. Em consequência da eclosão terrorista, quase diariamente tem sido anunciada por emissoras estrangeiras a formação de mais grupos “fantoques” antiportugueses, como por exemplo a SAIA (Solidariedade Africana para a Independência de Angola), UCLA (União Congoleza para a Libertação de Angola), COMCABI (Comunidade Cabindense), e o recente DIRECO (Grupo de Defesa da Região Costeira).

Por esta ocasião junto à fronteira com o Congo-Léo, depois de ter caminhado sem tino pela floresta durante quatro dias e noites, Lucinda Ferreira é conduzida pelos seus cães de volta ao posto do Buela, onde antontem avistou um enfermeiro negro conhecido que lhe fez sinal para permanecer escondida até que, de noite lhe leva comida, a qual, não tocada pela senhora, é aproveitada pelos cães; na manhã de ontem, a área foi sobrevoada por duas avionetas do aeroclube de São Salvador, a senhora acena-lhes mas não é localizada. Na manhã de hoje, sete dias depois do massacre local, os terroristas regressam à cena dos crimes, entregam-se à orgia do saque cantando e dançando, e disparam contra as duas avionetas que voltam a sobrevoar o posto fronteiriço, tendo de seguida os pilotos comunicado por rádio com uma patrulha militar que progride naquela zona.

– «No Alto e Baixo Loje, alguns serviços começam a fugir das fazendas, engrossando os grupos rebeldes para não morrer às suas mãos. Na Cananga, cerca de 70 indígenas chefiados pelo próprio soba, descem a serra bem armados e municados, invadem a Fazenda Cipriana [junto à Roça Lisboa, ambas na margem sul do Loje] e, exigindo todas as chaves, declaram que a partir daquele momento a única pessoa que manda ali é o soba da Cananga: abertas as portas o saque é total, especialmente roupas, mas nada é destruído; matam galinhas que levam consigo, bem como bebidas; todo o pessoal é forçado a acompanhá-los e o único a oferecer resistência, o capataz bailundo Paulo Mupala, é levado amarrado; mas quatro naturais do concelho do Uije conseguem fugir e dão o alarme na vizinha Roça Vila Olívia (de João Ferreira), junto à serra do Pingano. Ao longo da estrada Carmona-Luanda, pelos Dembos, outros crimes isolados se vão produzindo: um empregado da firma Armazéns Franco, foi atacado e imediatamente perseguido através do capinzal; o mesmo aconteceu ao viajante de ourivesaria, Saul [que, ajudado por dois serventes indígenas que nunca o abandonaram, após penosa marcha através da selva e dos capinzais, consegue chegar no dia 14 de Abril a Luanda]. Em Carmona, são nomeados [o empresário e fazendeiro cafeicola] José Ferreira Lima e [o presidente do município dr.] Manuel Montanha Pinto para chefiar a milícia de protecção às fazendas. Os homens que a formam governar-se-ão segundo os princípios da disciplina militar. A milícia instala-se na Escola Primária nº68 e respectiva secção escolar, que está a cargo dos professores Mário Oliveira e Pedro Pires. Aparecem carrinhas e camiões com desenhos de leões, elefantes e outros animais de influência psicológica, e com legendas de guerra para levantar o moral: por exemplo, “Esta é a caravana da Fazenda ‘Vale do Loje’. Morra um homem fique fama, desta terra ninguém foge!”, pintada na guarda metálica de uma carrinha. De Carmona sai de manhã para o Vale do Loje uma expedição de militares e milicianos com seis veículos, a fim de criar uma rotina de vigilância às fazendas da margem direita. Ao mesmo tempo, pela estrada do Negaje vão ser evacuadas para Luanda senhoras e crianças desalojadas de Nova Caipemba. Há poucas prisões de nativos, mas sabe-se que têm passado toneladas de armamento através da fronteira de Maquela do Zombo: nisso andaram empenhados alguns cabecilhas conhecidos, como o Sardinha agora procurado em toda a parte. Pelas 19 horas regressa a expedição ao Vale do Loje, que percorreu a margem direita do rio mas nada observou de anormal, assinalando-se no entanto fugas quase totais do pessoal de trabalho. O grupo dos “mirícia” salvou dois europeus, que desconheciam os horrores até agora cometidos pelos bandos terroristas.»²

– «A serra da Cananga é na parte superior um enorme planalto que se eleva a mais de 500 metros dos terrenos circundantes, de encostas muito escarpadas e completamente revestida de densa vegetação. [...] Tivemos conhecimento [na BA6-Montijo] de que reforços militares iriam seguir para Angola por meios aéreos civis e militares. Entre estes reforços podiam também participar dois P2V-5. [...] Creio que na altura já lá estariam [na BA9-Luanda] dez aviões PV-2, seis Nordatlas e outros aviões ligeiros [Auster, Broussard e Dornier]. [...] Entretanto confirmou-se a ordem da ida [na madrugada de 27Mar61 para Luanda] de dois P2V-5 [o 4706 sob comando do major António da Silva Cardoso e o 4710 sob comando do capitão Manuel Gomes de Almeida], e de que as respectivas tripulações e pessoal de apoio já estavam nomeadas.»³

Entretanto em redor do Quibaxe, pequena vila onde estão acantonadas duas secções de uma CCE que reporta ao BC3-Carmona, os militares acompanhados de residentes europeus fazem uma primeira rusga e capturam um encorpado negro cabinda; interrogado e provado que não é aderente da UPA, passa a colaborar como guia tendo em ocasiões diversas saído sozinho à noite para o mato e dali trazendo à-vez dois e três terroristas de origem congoleza enviados sob escolta para Luanda, onde a imprensa local informa hoje que já se encontra detido pela PIDE o pároco da Sé cónego Manuel Joaquim Mendes das Neves, confirmando-se assim os rumores que circulavam pela cidade sobre a sua implicação nos assaltos citadinos perpetrados nas madrugadas de sexta para sábado, dias 3/4 e 10/11 do mês passado: «uma grande quantidade de catanas, com gume bem afiado, foi encontrada armazenada nos vãos dos altares da Sé», as quais iriam ser usadas na próxima semana, no decorrer da procissão de Sexta-Feira Santa.

– «É o caso de um distinto e caritativo reverendo que foi preso em Luanda [...] por ter querido exprimir todo o conteúdo dessa bela expressão – todos os homens são irmãos – com um pacífico arsenal de catanas, escondidas atrás do altar-mor, e que se destinavam a, no momento oportuno, distribuir amor aos homens, seus irmãos, não à paulada (coisa bárbara), mas à catanada, o que tinha a vantagem de separar de uma só vez a cabeça para longe do pescoço.»⁴

Na região entre o Negaje e Carmona, ontem à noite a missão protestante do casal norte-americano Patterson foi devastada verificando-se no entanto que, estando as dez casas parcialmente destruídas, ninguém havia sido molestado. Por outro lado, entre aquela Missão e a capital distrital, várias sanzalas são encontradas abandonadas e as suas cubatas destruídas pelo fogo. Quanto aos dois americanos, comprovadas anteriores suspeitas da sua cumplicidade no fomento local da sublevação indígena, são detidos e imediatamente enviados pelas autoridades do Uije para Luanda, onde já se encontram com ordem de expulsão do governo-geral – por manifesta colaboração ou simpatia com os terroristas, além do citado Mendes das Neves –, mais cinco padres: Alfredo Osório, Domingos Gaspar, Lino Guimarães⁵, Martinho Samba e Vicente Rafael.

– «O cônego Manuel das Neves [...] foi acusado (e as provas obtidas eram irrefutáveis), de auxiliar os inimigos de Portugal em África. A polícia, bem documentada sobre a actividade marginal à Igreja do cônego Manuel das Neves, deteve-o. O reverendo não só não desmentiu a acusação, como durante os interrogatórios terá afirmado não estar arrependido. A detenção do cônego Manuel das Neves deixou estupefacta a maioria dos luandenses, já que aquele era um padre “de falas bondosas” e possuía distinções atribuídas pela Igreja Católica somente aos eleitos. O reverendo, após julgamento [?], foi punido com a saída de Angola e colocado na Metrópole, numa igreja do Norte.»⁶

– «Sacerdotes da arquidiocese de Luanda [foram levados para Lisboa no final de Março] e estiveram presos no Aljube. [...] Passados [quatro] meses foram enviados cada um para uma casa religiosa do norte [de Portugal], depois duma intervenção da Nunciatura. Nessa altura, [na qualidade de arcebispo de Luanda] mandei a cada prelado das dioceses onde passaram a residir, as costumadas “Letras Comendaticias” declarando que todos se encontravam no exercício das suas ordens ao ser presos, e recomendando-os dizendo que não os julgava culpados do que se lhes tinha atribuído na imprensa nos primeiros momentos de efervescência, nem de qualquer acto impróprio dum sacerdote.»⁷

– «O cônego Manuel das Neves foi preso,⁸ acusado de ser o organizador do ‘4 de Fevereiro’ em Luanda: teria ligações à UPA em Léopoldville, a quem enviaria dinheiro e relatórios sobre os movimentos das tropas portuguesas. [...] Um dos vice-presidentes do MPLA, o reverendo Domingos da Silva, pertencia à Missão Evangélica Metodista Americana de Luanda [que em Junho abandonou para se refugiar em Léopoldville]. Acusada de dar cobertura à rebelião, a Igreja Metodista foi alvo de um violento ataque das autoridades e dos colonos.»⁹

– «Realmente a Igreja por cá anda muito mal representada. Bom era que mandassem padres bons e sãos em vez de uma corja de ralé cheia de vícios. [...] A começar no velho arcebispo ainda não vi cá nada que se aproveitasse.»¹⁰

Durante a manhã em Luanda, é divulgada a informação de que o governo norte-americano havia atribuído ao líder da UPA mais «uma ajuda financeira não-militar no montante de 6 mil dólares iniciais», através da CIA e por intermédio do governo liberiano e de missionários metodistas em Léopoldville. Logo que a nova notícia se espalha, começa a formar-se na avenida Paulo Dias de Novais uma grande manifestação popular diante do consulado norte-americano, onde cerca das 17:00 as forças de segurança são impotentes para conter a multidão que entoia o Hino Nacional, depois de um negro hastear a Bandeira Nacional no primeiro andar do edifício e de uma outra bandeira ter aparecido na janela do quarto piso. Uma delegação vai protestar junto do representante americano e este, recebendo-a no patamar com a porta entreaberta, limita-se a responder «Go away, this is territory of the United States!», tendo de seguida um grupo de populares empurrado a viatura oficial do consulado que é atirada da marginal para as águas da baía. Logo a seguir, perto de 30 mil pessoas dirigem-se para o largo do Colégio das Irmãs Doroteias onde, no meio de gás lacrimogéneo lançado pelas forças de segurança comandadas por um capitão do Exército, se manifestam com violência em redor da estátua de Monsenhor Alves da Cunha, frente à residência do cônsul norte-americano William Gibson. A população revoltada estilhaça os vidros¹¹ da igreja evangélica.

– «Most of the mission stations applied themselves to the tasks at hand, but a few meddled in politics in a negative sense and spoilt matters for all concerned. At the outbreak of terrorism, the Protestant Missions in Northern Angola were viewed with misgivings and the dangerous elements were sent away.»¹²

– «Março 22 - O ministro do Ultramar, contra-almirante Lopes Alves, parte para Angola. Mais de 3500 colonos são evacuados por ponte aérea. Em Luanda, cerca de quatrocentos brancos cercam e isolam o consulado americano e atiram às águas da baía o carro do cônsul William Gibson. [...] Para muitos brancos, a violência da UPA tem uma demoníaca e bicéfala paternidade: os comunistas instruídos no Congo e os missionários protestantes. Nenhuma missão protestante é atacada pelos bacongos e os brancos concluem que os pastores metodistas dão cobertura à rebelião. Os jornais de Luanda acusam-nos de fornecer armas aos atacantes. Nas áreas de Libolo, Ambaca, Golungo Alto, Dondo e Cacusó, pastores e membros da Igreja Metodista são mortos ou presos. [...] Franco Nogueira, director-geral dos Negócios Políticos do MNE, hábil nas metáforas, [no palácio das Necessidades] diz a Elbrick que a nova política dos Estados Unidos pode provocar uma viragem pró-comunista na península Ibérica. Insiste o embaixador nas sugestões feitas a Salazar em nome de Kennedy. Franco Nogueira diz que elas são inaceitáveis.»¹³

– «Os portugueses ficam particularmente “aborrecidos” com esta acção dos Estados Unidos e o [próximo] ministro dos Negócios Estrangeiros, Franco Nogueira, anuncia-o a Elbrick. O embaixador, porém, explica que o dinheiro [autorizado pelo NSC com destino à UPA] se destinava a recolha de informações secretas.»¹⁴

Enquanto isso no aeroporto Craveiro Lopes aterra um *Superconstellation* da TAP, vindo de Lisboa com mais dois pelotões pára-quedistas, e no qual viajou o ministro do Ultramar contra-almirante Vasco Lopes Alves acompanhado pelos seus chefe-de-gabinete Ângelo Ferreira e ajudante-de-campo capitão de infantaria Níveo José Ramos Herdade, e pelo inspector-superior dr. Nuno Ferreira; quanto ao presidente do Conselho Superior de Fomento Ultramarino, eng. Trigo de Moraes, já se encontra desde ontem na capital angolana.

¹ (Antunes, op.cit pp.22); ² (Orbelino, op.cit pp.76-82); ³ (Silva Cardoso, op.cit pp.232,118); ⁴ (Luís Sena Esteves, in semanário "A Ordem"; Porto 16Jan71);

⁵ (havia sido recentemente preso pela população da Quibala, povoação do posto administrativo do Loje no concelho de Ambrizete); ⁶ (Adulcino, op.cit pp.71);

⁷ (Dom Moisés Alves de Pinho, carta ao advogado de Joaquim Pinto de Andrade; Luanda 31Out70);

⁸ (em meados de Ago61 é-lhe fixada residência no seminário jesuíta do Soutelo, em Vila Verde no distrito de Braga);

⁹ (Cabrita Mateus, op.cit pp.33/35); ¹⁰ (alferes de cavalaria Manuel Barão da Cunha, Luanda 09Abr61);

¹¹ (no dia seguinte, a imprensa metropolitana noticia que «a população de Luanda manifestou-se frente a uma missão evangélica protestante»); ¹² (Huibregtse, op.cit pp.93);

¹³ (Antunes, op.cit pp.18); ¹⁴ (Wright, op.cit pp.88)

Março.23

Em Londres o diário *Standard Times* publica um artigo, onde traça o perfil de Robert Aldane: «baptizado Holden Roberto pelos amigos americanos, antigo trabalhador agrícola despedido [em 1955] por incompetência, fundamentou a rebeldia em ódio patológico do reconhecimento da sua própria inaptidão».

Ao mesmo tempo em Lisboa, a imprensa refere que o cônsul norte-americano em Luanda teria afirmado: «Vão-se embora que esta terra é dos pretos».

Em Luanda está desde ontem o ministro do Ultramar, para mais estreito contacto com as autoridades civis e militares por motivo da eclosão do terrorismo no noroeste do território, principalmente no distrito do Congo cuja capital, com 600 civis europeus e rodeada por 27 mil indígenas em inúmeras sanzalas, está completamente desprotegida e em tempo de safra tem quase 30 mil habitantes – que escoam a produção de 250 fazendas de café (25 mil toneladas/ano no valor de 500 mil contos) –, e estão revoltados contra atitudes das autoridades: há oito dias a cidade foi alvo de uma tentativa de assalto mas os atacantes não chegaram às casas, sendo repelidos e mortos nos limites da cidade, não tendo havido baixas entre os sitiados. Mas enquanto a população delibera, resolve e mantém a iniciativa, os poderes constituídos administrativo e militar limitam-se ao estudo da situação: o governador distrital, inspector administrativo Fernando Simões de Almeida, foi dos primeiros a enviar a família para Luanda e não sai do seu gabinete; o gerente da filial do Banco de Angola não dispensa funcionários para cumprir rondas do Corpo da Defesa Civil; as pistolas-metralhadoras pedidas a Luanda há seis dias ainda não chegaram e já por duas vezes, em substituição, receberam pacotes com panfletos de propaganda; o comandante militar não atende as solicitações que lhe são dirigidas; a guarnição do BC3 tem apenas 120 militares, dos quais somente 30 são europeus, todos activos participantes em várias missões desde a eclosão do terrorismo, solicitados para o Quitexe, Zalala e várias fazendas atacadas.

– «Os dois generais [CEMGFA Beleza Ferraz e CEME Câmara Pinã] estiveram seguidamente em Luanda com o ministro do Ultramar [contra-almirante Lopes Alves], a quem transmitiram que consideravam a situação dominada, o que haviam já comunicado para Lisboa. O ministro deu-lhes conta de que tanto ele como o governador-geral discordavam desse entendimento, e telegrafou imediatamente para Lisboa afirmando que considerava a situação muito grave e susceptível de alastramento a toda Angola, o que só ainda não sucedera por ter sido sucessivamente abortadas pelas autoridades administrativas e policiais as respectivas tentativas.»¹

– «A inspiração americana da revolta da UPA é indistarcável. [O futuro director do CITA, major CEM] Pedro [Alexandre Gomes] Cardoso, um dos membros da missão de Beleza Ferraz, diz que o consulado americano em Luanda tinha uma acção maior do que o normal e que se apercebeu da presença de aviões de transmissão americanos.»²

Enquanto isso na floresta dos Dembos angolanos, um pelotão de caçadores especiais, acantonados em Aldeia Viçosa, quando procedia a uma patrulha na área sob comando do alferes Robles, cerca das 15:00 sofre uma emboscada de 200 terroristas junto à ponte fluvial do Danje, 60mts sobre penedos e águas tumultuosas: ao fim de duas horas de renhido combate alguns atacantes são mortos, outros presos e o restante retira em debandada; (no mesmo local tinha sido preso um negro catequista protestante que, nos interrogatórios, afirmou não se importar de morrer porque «vêm mais negros do antigo Congo Belga para matar todos os brancos»). Os terroristas apanhados após este recontro indiciam estar embriagados por *cachipembe*, ou narcotizados por *quimbombo* ou *cacharama* (mistura de beberagens com liamba), de tal modo que pouco depois caem em sono profundo.

Entretanto em Lisboa é emitida pelo Ministério do Ultramar a port.18353, que concede à *Companhia Carbonífera de Moçambique*, com sede em Moatize e administração na capital portuguesa, o exclusivo de «pesquisas de minério de carvão e subsequente direito de exploração em determinada área da província ultramarina de Moçambique».

E no Cairo tem início a III Conferência dos Povos Africanos (VI Conferência Pan-Africana), que reúne 60 partidos políticos e sindicatos de 27 países, estando presente como observador por parte do PAIGC o caboverdeano Amílcar Cabral, vindo de Moscovo.

– «Em Março, Cabral deslocou-se a Moscovo, mas as suas diligências também não obtiveram êxito: os soviéticos suspeitavam de tendências pró-chinesas do PAIGC [que já tinha meia-dúzia de militantes a treinar em Nanquim desde fins de Jan61]. No regresso passou pelo Cairo.»³

– «Início da Conferência dos Povos Africanos, no Cairo, em que foi aprovada uma resolução política respeitante aos territórios portugueses.»⁴

Ao mesmo tempo no areópago da ONU em Manhattan, a AG aceita à discussão mais uma moção contra Portugal – votada por 49 contra 2 e 8 abstenções –, para «apreciar o Caso de

Angola, no sentido de não ser os territórios ultramarinos portugueses considerados como parte integrante da Nação Portuguesa». De novo, os EUA votam ao lado da URSS; e a delegação portuguesa, chefiada pelo embaixador Vieira Garin, abandona em bloco a sala das sessões.

Enquanto isso, perto da fronteira noroeste de Angola, por volta das 14:00 a sul de Buela ressoa uma rajada de metralhadora no capinzal de onde surge o capitão Ramos com os seus soldados, alertados pelos aviadores civis ontem alvejados do solo. Chegados ao local, os militares são recebidos alegremente pelos terroristas embriagados, do grupo se destacando o chefe que, caminhando em direcção aos soldados para os abraçar, diz em bom português: «*Até que enfim! Temos estado à vossa espera há três anos. Viva a UPA!*». A tropa rapidamente domina os embriagados e confundidos terroristas, dando seguidamente sepultura aos quatro cadáveres putrefactos que jazem no terreiro e regressando a coluna militar a São Salvador, levando a viúva do guarda-fiscal, única sobrevivente do ataque terrorista àquele posto fronteiriço.

Chega a Tunes vindo de Rabat o presidente ghanês Nkrumah, para uma visita oficial.

¹ (Silva Tavares, governador-geral); ² (Antunes, op.cit pp.18); ³ (Duarte Silva, op.cit pp.45); ⁴ (Afonso e Gomes, op.cit pp.567)

Março.24

Em Lisboa é aprovado pelo Governo um decreto¹, que define as «*competências dos governadores e dos comandantes das Forças Armadas das Províncias Ultramarinas, na condução da política da defesa do respectivo território*».

Por essa ocasião, o *Dia do Estudante* é celebrado pelas associações académicas «*apesar da vigilância policial, sendo a última vez que a sua comemoração não será proibida*»².

– «*Marcelo Caetano recolhe oficialmente à [...] cátedra na Faculdade [de Direito em Ago58], que o leva [em Jan59] à Reitoria da Universidade de Lisboa, onde ampara e chega a encabeçar as primeiras greves, as primeiras desordens estudantis. [...] Nos bastidores repetem-se as reuniões e negociam-se pastas ministeriais, postos estratégicos (desde Craveiro Lopes a Marcelo, desde Moreira Baptista a Ramiro Valadão³, desde João Dias Rosas a Manuel José Homem de Melo), marcelistas antigos e recentes, marcelistas retirados ou ainda no serviço activo do Estado.*»⁴

– «*Na altura em que começou a guerra em Angola, eu tinha deixado de ser deputado à Assembleia Nacional e era assessor político do [ex-PR] marechal Craveiro Lopes. [...] Fui também o elemento de ligação entre Botelho Moniz e Craveiro Lopes na tentativa de golpe de Estado de Abril de 1961. [...] Forjou-se a tentativa de golpe de Estado de Botelho Moniz, que falhou [no dia 13], e eu deixei de ter qualquer intervenção.*»⁵

E ao fim da tarde no Ministério do Exército, o titular coronel Almeida Fernandes informa os seus colaboradores que se «*retira no fim-de-semana para a sua casa de Colares, para meditar*»⁶.

¹ (dec.43560 de 27Mar61); ² (Morais e Violante, op.cit pp.173); ³ (director dos Serviços de Informação do SNI e director da revista cultural "Panorama"; em 63 e conluído com outros marcelistas, entre eles o director de informação da RTP Manuel Figueira, será juntamente com este exonerado de funções na sequência da tentativa de usar o telexjornal para uma "golpada palaciana", vindo a ser colocado por José Paulo Rodrigues (a partir de 04Dez62 subsecretário adjunto da presidência do Conselho), na Casa de Portugal em Nova Iorque, de onde só vai regressar 5 anos depois, aquando da alteração governamental subsequente ao internamento hospitalar de Salazar); ⁴ (Freitas da Costa, op.cit pp.49,51); ⁵ (Manuel José Homem de Mello, in "A Guerra de África" pp.843; em 57-61 deputado *marcelista* da UN pelo círculo de Aveiro); ⁶ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182)

Março.25

Aterra no AB3-Negaje às 10:10, um avião militar vindo de Luanda com 9 pára-quedistas da 1^oCCP, sob comando do tenente pára-quedista Manuel Claudino Martins Veríssimo¹, que descarregam rolos de arame farpado, caixas de munições, dezenas de cadeiras metálicas e vigas de ferro compridas e enferrujadas. Com aqueles militares vieram os seguintes jornalistas, primeiros a chegar à zona do Uije: Perdigão Queiroga², da *Visor-Imagens de Portugal*; Adelino Tavares da Silva, do jornal *O Século*; José Drummond, do *Rádio Clube Português*; e a equipa da RTP. Numa dependência da administração civil do Negaje estão detidos 3 jovens negros com cerca de 20 anos de idade, presos na área do Quitexe: o sapateiro Tito, o empreiteiro Santos Milongo, e o trabalhador Faustino de uma ronga das redondezas. Bem vestidos e alimentados, todos usam calções azuis com uma risca branca fornecidos pela UPA instalada em Léopoldville, da qual se confessaram agentes e participantes nos massacres porque «*o comando decidiu avançar com acções de terrorismo para ganhar ao MPLA a condução da guerra, prevista para início do próximo mês*». As acções da UPA concentram-se nos Dembos sobre os eixos Quitexe-Nambuanguo, Quicabo-Zala e Aldeia Viçosa-Danje. Os jornalistas deslocam-se do Negaje para Carmona, na altura em que ali chegam para interrogatório mais 15 bacongos recém-capturados no mato, todos ex-residentes em Léopoldville, dos quais três são congoleses e os restantes angolanos. Pouco depois chega uma camioneta com outros 3 terroristas apanhados pelo respectivo condutor: os populares querem linchar imediatamente todos os prisioneiros e o jornalista Tavares da Silva interpõe-se, pede calma, mas o jornalista Sousa Costa, do *Jornal do Congo*, rebela-se contra interferências de estranhos; a multidão começa a gritar «*não precisamos de jornalistas, digam em Lisboa que precisamos é de armas e soldados para nos defendermos*».

– «*A brigada da Televisão chegou a Carmona, antipática e a insultar os que sofrem e choram a morte de entes queridos, acusando a população europeia de provocar a chacina. Fedelhos empertigados, vomitando 'a priori' conclusões sem fundamento sério, não podem nem querem avaliar a extensão do nosso drama, eles que não sentiram ainda a dor do sangue nem viram esquarterar um ente querido e cortá-lo em postas para atirá-lo às galinhas! Entretanto desconhece-se o paradeiro do regente agrícola Cunha, em viagem para o Toto onde foi pedir socorro para o Colonato que está a seu cargo. Crê-se que tenha sido assassinado pelo caminho, pois é notório o empenho dos terroristas em se apossar de viaturas.*»³

Pouco depois na residência do presidente do município do Uije dr. Manuel Montanha Pinto, os recém-chegados jornalistas tomam conhecimento de que a população considera inoportuna a sua presença, forçando todos os repórteres metropolitanos a abandonar a cidade no mesmo avião

militar de retorno a Luanda, na qual seguidamente começam a circular as primeiras fotografias dos massacres terroristas, lançados na manhã do dia 15 sobre o Quitexe e arredores.

– «*Há indignação no Negaje contra o director [i.e. comandante tenente-coronel piloto-aviador Soares de Moura] do AB3. Ao agricultor Silva, que teve sete empregados chacinados e tinha urgência de ir a Luanda, foi-lhe respondido: “Não pode seguir, que o avião é destinado a senhoras e crianças. Se teve 7 mortos na fazenda, volte para Caipemba que terá oportunidade de matar 14 de cada vez, ou então passe pelo Uije que lá lhe ensinam como se matam pretos.”*»⁴

Enquanto isso no aeroporto de Luanda, aterriza outro avião proveniente de São Salvador com mais refugiados do norte, entre eles a viúva do guarda-fiscal assassinado no Buela. A capital angolana está militarmente desguarnecida e a partir das 21:00 as ruas são percorridas por jipes de patrulhas civis, necessárias face à ausência de efectivos do comando militar para se encarregar da tarefa de vigiar durante a noite, principalmente nos bairros e muceques periféricos. Com a prisão em Luanda de indivíduos reconhecidos por fazendeiros como participantes nos atentados terroristas do norte, circula paralelamente o célere *mujimbo* atizado por agentes da subversão, de mistura a factos estranhos, tais como um jornalista sul-africano que, descoberto no jardim de uma casa particular e instado a identificar-se, se pôs em fuga. Cresce o descontentamento popular pela manutenção da ausência de defesa militar, pois que a chegada de aviões vindos de Lisboa com alguns pára-quedistas é insuficiente para a defesa e a ofensiva contra o terrorismo.

– «*Continuei a insistir junto do Ministério do Ultramar pelo envio de reforços e pedi, pelo menos, armas para ser distribuídas pelas milícias. Como as armas não fossem fornecidas e em face da oposição do Ministério da Defesa à importação de armas do estrangeiro pelo Governo, promoveu-se a sua importação através do comércio mediante a garantia de aquisição: logo que os aviões ingleses chegaram com as armas e respectivas munições, procedeu-se à sua distribuição por intermédio das autoridades administrativas.*»⁵ Os brancos em geral mantiveram-se cumpridores da lei e defenderam os negros em muitos casos; o inverso também foi verdade e não poucos negros morreram em defesa dos brancos.»⁶

– «*Formaram-se milícias civis e armaram-se africanos leais. Foi esta miscelânea de defesa civil-militar e a sua actividade frenética que refreou o ímpeto da UPA.*»⁷

– «*Alguns marinheiros da guarnição da Base Naval eram os únicos militares de que Luanda dispunha para a sua defesa. Esses poucos homens ocupavam, pela calada da noite, postos de combate em diversos bairros, a fim de dar a ilusão de que a cidade possuía forças suficientes para resistir. No campo da guerra psicológica, imprimiram-se panfletos de contra-propaganda que anulavam os efeitos dos ‘slogans’ adversários e moralizavam os habitantes. Com autorização do governador-geral, o subdirector do CITA, Carlos Ribeiro [ex-funcionário dos Caminhos de Ferro de Lourenço Marques], organizou e montou [na Central Automática de Luanda, com o dr. Jorge Eduardo da Costa Oliveira e o funcionário administrativo Ferreira Borges] um sistema de escutas telefónicas: detectaram-se conversas que revelaram autênticas redes de espionagem e indiscrições explosivas de pessoas altamente colocadas, que falavam com irresponsabilidade confrangedora para familiares e amigos em Lisboa.*»⁸

Entretanto em Lisboa o MDN general Botelho Moniz, coadjuvado pelo seu chefe-de-gabinete major Viana de Lemos e por 2 outros oficiais – «*face às dificuldades internas em Angola, Timor e por toda a parte, e embora o terrorismo de Angola esteja a ser instigado fora do território, muitos nativos apoiaram abertamente a conspiração*» –, rascunha o seguinte texto a enviar por carta ao PM, exortando-o à realização de «*imediatas reformas no plano interno*»:

– «*A gravidade do actual momento político internacional enche de preocupação o País, ao que as Forças Armadas não podem ficar indiferentes e, antes pelo contrário, vivem intensamente as dificuldades que de todo o lado surgem. Dia a dia, a situação tem-se agravado e deteriorado de forma que, em minha opinião, só um choque psicológico de envergadura poderá desanuviar o ambiente político nacional e o pesado clima internacional. Julgo que se torna necessário reforçar a unidade nacional, alargando o âmbito da cooperação ao maior número dos que, acima de tudo, querem servir o País, pondo de parte todas as razões que nos dividem, tornando-se assim necessário encontrar um vasto campo de entendimento comum que nos não separe por razões mesquinhas. O quadro político da actual situação é muito estreito e tem-se sucessivamente apertado, estando hoje confinado a valores políticos gastos e, em muitos casos, sem idoneidade moral bastante que se imponha. É sentimento geral que a acção política da nossa diplomacia desde há muito tempo se revela inadequada e que os factos demonstram não ter estado à altura da sua missão histórica. No que mais propriamente diz respeito às Forças Armadas, a situação destas é angustiada e caminhamos para uma situação insustentável, onde poderemos ficar à mercê de um ataque frontal, com forças dispersas por quatro continentes, sem meios bastantes e com uma missão de suicídio da qual não seremos capazes de sair, uma vez que a política lhe não encontra solução nem parece capaz de a procurar. Perfilho inteiramente estes pontos de vista e, pessoalmente, pelas afirmações recebidas de tantos outros membros das Forças Armadas, atrevo-me a testemunhar a V.Ex.^a a gravidade da situação, juntando os meus votos para que se não desagregue a coesão das Forças Armadas, a última força que pode impedir que a Nação caia no caos e na irresponsabilidade.*»

– «*Botelho Moniz escreveu a Salazar, fazendo sua a argumentação falaciosa dos anticolonialistas daquém e dalém fronteiras e propondo nova orientação diplomática e da política interna.*»⁹

– «*Não tínhamos alternativa se pretendíamos restabelecer a ordem naquele território. Mas estariam os executores das vítimas do Norte, dispostos a acatar essa ordem? Estariam dispostos a libertar as populações, deixando-as em paz? Estariam os colonos dispostos a aceitar [imediatamente] essa paz, depois dos dramas que tinham vivido ou a que tinham assistido? Eis as muitas dúvidas ou interrogações que se poderiam pôr. Não era fácil a solução, até porque se um ataque planeado e executado com o enorme e trágico sucesso que se verificou, com aquela dimensão, não seria para parar. Haveria com certeza uma retaguarda que estaria disposta e pronta a alimentar a frente de batalha e muito mais vidas iriam ser sacrificadas. Se o objectivo*

deste primeiro e brutal ataque era correr com os brancos de Angola, como aconteceu em larga medida com os belgas do Congo, esse objectivo estava longe de ser alcançado. Mas não iriam parar com a chacina indiscriminada até ser confrontados com uma força que se opusesse com firmeza à sua onda destruidora, neutralizando-a e se necessário eliminando-a. [...] A autoridade legítima responsável pela manutenção da ordem teria de agir, agir para o pleno restabelecimento dessa ordem. Uma das vias seria através do diálogo mas, neste caso específico, dialogar com quem? Com os chefes ou comandantes operacionais dos guerrilheiros? Com os dirigentes da organização na qual estavam integrados? Com a entidade que teria levado à criação e orientação da acção do movimento, neste caso os norte-americanos? Tudo hipóteses a colocar mas cuja eficácia não podia deixar de ser posta em causa. Entretanto, iríamos permitir que mais vítimas inocentes, de interesses alheios aos seus próprios interesses, continuassem a cair? Que saída nos restava se não combatermos pela força os protagonistas da agressão no mesmo terreno onde faziam sentir a sua acção, prevenindo mais mortes e punindo os agressores. Poderá pôr-se em causa a justeza desta atitude? Com quais alternativas, pelo menos a curto prazo? [...] Muito se tem escrito sobre a legitimidade das guerras ou da sua justeza tanto sob o ponto de vista jurídico como ético. Mas ali o que importava era enfrentar a dura realidade e lutar com todos os meios disponíveis.»¹⁰

- «Botelho Moniz expõe os seus pontos de vista, repetição quase literal dos argumentos há muito usados por Marcelo Caetano nas suas críticas à política governamental: só um choque psicológico poderá desanuviar; é preciso chamar gente nova para os cargos de responsabilidade; a diplomacia portuguesa provou-se completamente inepta; há uma descoordenação na governação; a revolução foi adulterada nos seus fundamentos pela invasão dos interesseiros e dos oportunistas. [...] O caso mais flagrante é o da abortada golpada de 13 de Abril de 1961, architectada por Costa Gomes e por Botelho Moniz com a cumplicidade da embaixada americana. O antigo ministro da Presidência “fôra sondado para aderir ao movimento”; seria [Marcelo Caetano] o chefe do governo indigitado no caso da intentona vencer; muitos marcelistas (incluindo os subsecretários de Estado da Educação Nacional, Baltasar Rebelo de Sousa e da Assistência Social [?]¹¹ José Guilherme de Melo e Castro), estavam envolvidos na conspiração e serviam de agentes de ligação entre Botelho Moniz, Craveiro Lopes e Marcelo Caetano. O antigo presidente da República sucederia a Thomaz. Marcelo soube de tudo, mas não participou em nada; por vias sinuosas procurava tirar as castanhas do lume sem se queimar; (em 1974 repetirá a jogada, perdendo novamente mas arrastando consigo o desgraçado Portugal). [...] Cria [em 28Ago40-05Set44] na Mocidade Portuguesa uma “púrria” de admiradores dedicados (quase todos [13 anos depois] instalados no abrilismo), que o considerava o “delfim” de Salazar sem rival possível.»¹²
- «Sobre a participação efectiva de Marcelo [Caetano] permanecem dúvidas [?], havendo entretanto quem afirme que em sua casa se teriam realizado reuniões conspiratórias. De qualquer modo, era evidente a sua simpatia pelos objectivos da conjura e sobretudo pelos conjurados, que “reabilitou” [particularmente Costa Gomes] e protegeu quando [decorridos 7 anos e meio] chegou ao Governo.»¹³
- «Março 25 - Botelho Moniz escreve uma carta a Salazar a defender a renovação do Governo e um saneamento à escala nacional. Diz que, no que respeita às Forças Armadas, se caminha para uma situação insustentável, por falta de meios, e que lhes está atribuída “uma missão suicida”.»¹⁴
- «Foi, na minha opinião, um excesso ripostar ao primeiro ataque da UPA. O que devíamos ter feito era expulsar o agressor com rapidez, mas pensado de imediato num processo de descolonização. Se tivéssemos aceite as sugestões [?] americanas [repetidas em Set65], não suportaríamos 13 anos de guerra, nem sacrificaríamos tantas vidas.»¹⁵
- «Durante os 13 anos de guerra [61-73]¹⁶ morreram em Angola 3455 militares portugueses, dos quais apenas 1369 em combate: de acordo com os padrões da maioria das “guerras”, uma média de pouco mais de 100 mortos por ano em acção é notavelmente baixa. Praticamente todos os sectores da economia angolana beneficiaram de um crescimento contínuo durante todo o tempo que durou o conflito: a produção de café no norte de Angola, o epicentro da violência em 1961, aumentou na década seguinte.»¹⁷

¹ (desde 21Dez60 em Angola; em 10Jun62 será agraciado em Luanda, pelo secretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga, com a Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma, pela actividade desenvolvida até 12Abr61 com o seu pelotão na região da Damba; em 03Nov73-19Jul74 será tenente-coronel comandante do BCP32 em Nacala)

² (nascido em 12Mai15; virá a falecer em 08Mai80 em Lisboa); ³ (Orbelino, op.cit pp.85); ⁴ (idem, pp.86);

⁵ (somente passados dois meses, com o general Botelho Moniz exonerado de MDN, os governos provinciais do Ultramar ficam legalmente autorizados, com a promulgação do dec.43632, à «importação livre de direitos e de outras imposições, com excepção do imposto de selo, das armas e munições que se destinam à defesa de propriedades ou estabelecimentos industriais, agrícolas ou mineiros, ou a quaisquer entidades particulares, sempre que as circunstâncias o aconselharem»);

⁶ (Silva Tavares, governador-geral); ⁷ (Cann, op.cit pp.56); ⁸ (Pompilio, op.cit pp.77); ⁹ (Mascarenhas, op.cit pp.370); ¹⁰ (Silva Cardoso, op.cit pp.185-187);

¹¹ (esta subsecretaria foi extinta na remodelação governamental de 14Ago58, sendo Pires da Cruz o seu titular desde 03Jun57 dado que o citado José Guilherme de Melo e Castro havia sido exonerado e desde então é provedor da Misericórdia de Lisboa, cargo onde se mantém até 15Out63);

¹² (Múrias, op.cit pp.77, 228,230); ¹³ (Nogueira Pinto, op.cit pp.149); ¹⁴ (Antunes, op.cit pp.18); ¹⁵ (Costa Gomes, op.cit pp.370);

¹⁶ (cf. quadro elaborado a partir dos dados do EMGFA, cit Paulo Guerra in “Memória das Guerra Coloniais”, pp.379-381); ¹⁷ (MacQueen, op.cit pp.57)

Março.26 (domingo de Ramos)

No aeroporto de Luanda aterra um avião militar, vindo do Negaje com 21 terroristas capturados na área de Carmona.

Simultaneamente, da capital angolana seguem para os distritos do Congo e Malanje, mais algumas secções de caçadores especiais de infantaria.

† MÁRIO DE OLIVEIRA LOPES, Soldado (em rusga no muceque Rangel)

Entretanto em Ziguinchor, capital regional do Casamance senegalês – e ao mesmo tempo que no Cairo decorre a cimeira pan-africana –, é levada a efeito pelo MLG uma 2ª reunião a fim de rebater as ideias do caboverdeano Amílcar Cabral sobre a «União Guiné-Cabo Verde».

- «Comparecem no “Cinema Rio” três centenas de pessoas: presentes, o líder do movimento François Mendy; e como observador [pelo PAIGC], Luís Cabral. Falando em francês, Mendy avisa que, “antes de expulsar os colonialistas portugueses, começaremos por fazer sair da nossa [?] terra os lacaios dos colonialistas, quer dizer, os caboverdeanos, os mestiços, os sem raça. Para eles, como para os portugueses, seremos inflexíveis.»

Todos os traidores serão severamente castigados”. A tradução [...] é feita por Henrique Mendy [i.e, Henri Laboury], que se pronuncia abertamente contra a constituição de uma “mesa-redonda” com os ilhéus. A razão é simples: “Os caboverdeanos são escravos dos colonialistas portugueses, têm feito o jogo dos portugueses e entretanto pretendem enganar-nos. Não permitiremos que executem o seu plano diabólico”. Impossibilitado de tomar a palavra perante tão hostil plateia, [o caboverdeano] Luís Cabral abandona a sala.»¹

¹ (Castanheira, op.cit pp.164)

Março.27

No porto de Mormugão atraca o navio Niassa, de onde é desembarcado um pequeno contingente militar metropolitano para rendição das guarnições distritais do Estado Português da Índia, com 911 efectivos destinados a Goa (3611km² com 548 mil habitantes), 324 para Damão e 120 para Diu.

- «O primeiro-ministro Nehru, encorajado pela explosão da revolta armada em Angola, colocou algumas exigências peremptórias aos portugueses. Nehru anunciou que a Índia “não estava disposta a tolerar a presença dos portugueses em Goa, ainda que os goeses os quisessem lá”.»¹
- «Deflagrada a guerra em África, [...] por mando de Costa Gomes a partir de 1961 foram transferidas da Ásia para África muitas e muitas munições. [...] Os ataques terroristas à província de Angola, tinham despertado no espírito do pândita Nehru dois tipos de sentimentos, o primeiro dos quais era o de certo vexame: apesar do seu apregoado pacifismo sentia-se ultrapassado pelo Congo ex-Belga que, mesmo meio asselvajado e recém-chegado à independência, se tinha atrevido a agredir Portugal ficando impune e sendo aplaudido pelas mais altas instâncias internacionais; por outro, verificando que eram os americanos que estavam por detrás do então principal movimento terrorista actuando em Angola, sentiu-se seguro de que ninguém o admoestaria.»²
- «As primeiras palavras de alarme, quanto ao provável ataque da União Indiana [sobre Goa], ouvimo-las da boca do comandante militar [brigadeiro António José Martins Leitão], em visita que efectuou [a Navelim] ao Agrupamento [Afonso de Albuquerque, a 3km de Margão], em Abril de 1961.»³

Ao mesmo tempo no Montijo, de madrugada uma parelha de P2V-5 da BA6 levanta vôo rumo a Luanda.

- «Descolei do Montijo no 4706 com excelentes condições atmosféricas pelas 04:20, cerca de vinte minutos depois do 4710 [sob comando do capitão Manuel Gomes de Almeida]. E como estava previsto, aterrámos em Bissau sem problemas pelas 14:30. O [capitão SAM] Rui [Almeida e Sousa] encontrava-se à minha espera, [...] acompanhou-me ao centro de comunicações. [...] O jantar em casa do Rui foi calmo. [...] Após o jantar apareceu o capitão [de infantaria Carlos Alberto Idães Soares] Fabião⁴. [...] O objecto da conversa foi a situação em Angola, dispondo os dois de informações bastante pormenorizadas sobre o que se passava naquele território e que não eram nada animadoras, e confirmavam alguns rumores que corriam em Lisboa. [...] Tudo tinha sido acordado para se descolar pelas 04:00 [de 28Mar61 de Bissalanca rumo a São Tomé], o transporte do pessoal estava tratado e, se tudo corresse sem incidentes, estaríamos em Luanda doze horas mais tarde.»⁵

Horas depois no AB1 do Figo Maduro, vindos da BA9-Luanda desembarcam o CEMGFA general Beleza Ferraz e o CEME general Câmara Pina que, ao longo da sua estadia de um mês no noroeste de Angola, se teriam «comportado como antigos inspectores do cacimbo, perturbando o funcionamento do QG pelas suas constantes e hierarquizadas intervenções, atenuando com sucessivos pedidos de directivas – e através da sobreposição de opiniões –, a linha de comando do general Monteiro Libório que, contrariando a sua personalidade mas mantendo a disciplina militar, foi forçado a aceitar as intervenções dos seus superiores hierárquicos e a subestimar-se relativamente àqueles» que, logo chegados à Cova da Moura, entregam no SGDN relatórios onde formulam opiniões desfavoráveis sobre a acção do comandante da 3ªRM-Angola.

- «Os chefes de Estado-Maior das Forças Armadas e do Exército, que acompanham em fins [dia 22] de Março a Angola o ministro do Ultramar, regressam com a notícia de “estar a situação militar praticamente resolvida, havendo apenas que realizar acções de limpeza e policiamento”. Informações diversas eram enviadas pelo comandante da 2ª Região Aérea brigadeiro Pinto Resende, que “informara que a situação em Angola se agravava constantemente e que em pouco tempo atingiria o ponto de irreversibilidade”.»⁶
- «O chefe do Estado-Maior do Exército, general Câmara Pina, e o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Beleza Ferraz, no regresso de uma visita a Angola não se cansaram de repetir que estava tudo bem, que aquilo não havia passado de umas revoltazitas já totalmente controladas. Os únicos dois oficiais gerais que não concordavam com estas ideias eram o comandante militar de Angola, general Monteiro Libório, e o comandante da Força Aérea, general Resende.»⁷
- «Ao chegar a Lisboa os generais disseram à imprensa que se tratava de uma “guerra de catanas” e asseguraram ao primeiro-ministro que a situação estava dominada. No CSDN, presidido [nessa tarde] pelo MDN general Botelho Moniz, confirmaram oficialmente a mesma posição.»⁸

Ao fim da manhã no palácio da Cova da Moura, o MDN general Botelho Moniz – pressionado pelo embaixador norte-americano Elbrick a avançar com uma acção anti-governamental –, convoca reunião urgente do Conselho Superior do Exército; mas antes recebe o respectivo ministro coronel Almeida Fernandes, a quem «expõe a agenda de trabalhos». No entanto, o CEMGFA e o CEME não se limitam a apresentar os seus SitRep sobre Angola, antes aconselham a rápida substituição do general Monteiro Libório: o conteúdo da carta é analisado por 18 oficiais-generais e merece aprovação geral; mas o CEME general Câmara Pina não concorda.

- «Iniciada a reunião, o MDN informou que entregara [i.e, iria mandar entregar] a Salazar os extractos da acta da última reunião do Conselho Superior Militar, em que era focada a necessidade de se tomar medidas urgentes para enfrentar a situação actual. Depois da informação do MDN, os generais Ferraz e Pina expõem

largamente os acontecimentos de Angola e dão conta da missão desempenhada, tendo-se resolvido acelerar a preparação e envio de maior número de forças.»⁹

- «*Março 27 - De tarde, numa reunião do Conselho Superior Militar na Cova da Moura, Botelho Moniz submete a carta à discussão [i.e, o texto colectivo antontem redigido para o PM Salazar, preconizando “imediatas reformas no plano interno”, é subliminarmente colocado à aprovação do CSE como hipótese de substituição do Governo]. Estão presentes dezoito responsáveis, entre os quais o ministro do Exército, Almeida Fernandes, o subsecretário de Estado do Exército, Costa Gomes, [o CEMGFA] Beleza Ferraz, o chefe do Estado-Maior do Exército, Câmara Pina, e da Força Aérea, Albuquerque de Freitas. Só Câmara Pina mostra reticências.»¹⁰*

Entretanto na baixa de Lisboa desenvolve-se uma manifestação de desagravo pela atitude de apoio dos EUA aos terroristas da UPA, e milhares de pessoas encaminham-se para a embaixada norte-americana na avenida Duque de Loulé, onde partem os vidros de quase todas as janelas e pintam as paredes de negro.

- «*Salazar instiga [?] uma manifestação contra os Estados Unidos em que a teatralização governamental e a espontaneidade patriótica se conjugam numa mostra de anti-americanismo radical. De tarde, o Rossio enche-se de gente furiosa e de dísticos hostis: “Racistas! Traidores! Fora dos Açores! Antes sós do que mal acompanhados! Kennedy igual a Krustchev!”. Cerca de vinte mil manifestantes dirigem-se à embaixada na avenida Duque de Loulé, partem 47 janelas [?] e pintam a fachada de negro.»¹¹*

Cerca das 17:00, o MDN manda entregar na residência do PM em São Bento um dossier, com o memorando do CEMFA general Albuquerque de Freitas (discutido no IAEM há quinze dias), ao qual anexa a carta por si antontem subscrita, informando que «*através dos adidos militares americanos em Lisboa*» tem conhecimento sobre «*o que se está a preparar em Angola*», e solicita uma audiência para as 18:00 de amanhã; simultaneamente manda recado ao embaixador norte-americano, dizendo que gostaria que almoçassem «*juntos depois de amanhã, dependendo do resultado da reunião com Salazar*».

- «*Em fins de Março de 1961 o general Botelho Moniz dirigiu uma carta ao primeiro-ministro, tomando posição contra a política do Governo, designadamente em relação ao Ultramar. Estava assim posto em causa o regime e toda a política ultramarina nacional: era o confronto aberto entre Salazar e Botelho Moniz.»¹²*

Ao mesmo tempo no Cairo, os anticolonialistas africanos prosseguem a sua 3ª reunião magna. «*As “relações coloniais” poderiam equivaler [para os anticolonialistas] às “relações internacionais” do art.2º-4 [da Carta da ONU], proibindo a resistência por via armada [dos Estados] à vontade de autodeterminação dos povos coloniais. O primeiro passo para a legalização [?] foi dado pelos países do Terceiro Mundo logo no início dos anos sessenta. Em Março de 1961, a III Conferência dos Povos Africanos, reunida no Cairo, aprovava “o recuso à força para liquidar o imperialismo.”*»¹³

Ao fim da tarde em Lisboa, por intermédio da RTP é lançada uma campanha de recolha de fundos destinados a auxiliar as vítimas do terrorismo: a população da Metrópole não se encontra suficientemente esclarecida¹⁴ quanto à extensão e gravidade dos acontecimentos no noroeste de Angola, tanto mais que os jornais diários insistem em que tudo está a voltar à normalidade e que os assassinatos de fazendeiros do Congo foram actos violentos mas sem continuidade. Por outro lado, os relatos dos refugiados que continuam a chegar a Luanda e a Lisboa, confirmam as piores suspeitas sobre a extensão da tragédia e a persistência de objectivos do terrorismo, nomeadamente alguns factos da barbárie: mais de uma centena de crianças com idade inferior a 15 anos, morreram mártires às mãos assassinas armadas de catanas; a autópsia já realizada no hospital de Luanda a uma menina de 11 anos, confirmou que havia sido sexualmente violada e morta em seguida; mulheres de origem europeia raptadas e supliciadas durante mais de 24 horas pelos assaltantes que, aos homens, cortaram os sexos e os espetaram em paus ou colocaram na boca das próprias vítimas; perto de Nambuanguo foram encontradas, espetadas em fieira num pau, as cabeças de sete europeus; e ainda inúmeras povoações selvaticamente depredadas, plantações arrasadas e edifícios destruídos nas roças e fazendas.

¹ (Cann, op.cit pp.60); ² (Múrias, op.cit pp.97,93); ³ (Carlos Morais, op.cit pp.51);

⁴ (nascido em 09Dez30 em Lisboa; em 50 entrou para a Escola do Exército, em 54 concluiu o curso de Infantaria e foi promovido a alferes; em 55 seguiu em comissão para a Guiné, um ano depois foi promovido a tenente e em Jul59 a capitão, tendo assistido em 03Ago59 aos tumultos grevistas no cais do Pidjiguiti; poucos dias após este referido jantar, vai regressar à Metrópole, tendo ficado na Guiné com o cognome de “pilha-galinhas”; em 15Jun61 seguirá de Lisboa para o noroeste de Angola como oficial de operações do BCac132, que a partir de 07Jul61 vai ficar aquartelado em Quibaxe desenvolvendo até Jun62 operações naquela área);

⁵ (Silva Cardoso, op.cit pp.120); ⁶ (Nogueira Pinto, op.cit pp.130); ⁷ (Costa Gomes, op.cit pp.113); ⁸ (Silva Tavares); ⁹ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182);

¹⁰ (Freire Antunes, op.cit pp.18); ¹¹ (idem); ¹² (Silva Tavares); ¹³ (Duarte Silva, op.cit pp.342); ¹⁴ (apesar disso, 3 dias depois a subscrição pública chega aos 10 mil contos)

Março.28

Em Lisboa é promulgado o dec.43568, que oficializa a formação nos territórios ultramarinos de um «*corpo de voluntários constituído por cidadãos portugueses ali residentes e em condições de cooperar na manutenção da ordem e na defesa da integridade da soberania nacional no respectivo território*»¹.

- «*Compromisso entre o centralismo de Lisboa e a exigência branca, de que o ministro do Ultramar resida em Angola. É formado o Corpo de Voluntários nos territórios ultramarinos [e extintas as Milícias de Carmona, sendo a OPVDCA oficializada no dia seguinte].»²*
- «*Desde cedo se tornou claro que as Forças Armadas, com os seus recursos humanos limitados, não podiam manter uma presença em cada aldeia para a proteger de possíveis ataques rebeldes. Só existia uma solução óbvia: “Armar e instruir a população de forma adequada, independentemente da cor da pele ou do nível de educação”. Assim, tornou-se habitual [...] ver-se pequenas aldeias com cidadãos prontos a repelir qualquer ataque terrorista, protegendo o que lhes pertencia. Tal como o programa médico itinerante, as Forças Armadas procuraram através do treino e da concessão de armas às aldeias, dar às pessoas uma forma de auto-suficiência na sua própria protecção. Os procedimentos eram [posteriormente] semelhantes em todos os teatros e foram introduzidos em vários estilos. [...] Foi no campo da autodefesa da aldeia que os portugueses tiveram uma das maiores oportunidades para frustrar o contacto dos guerrilheiros com a população. Acima de*

tudo o resto, a população valorizava os produtos do seu trabalho e queria ser deixada em paz para os gozar e para prosperar. Em contrapartida, o povo defender-se-ia para manter este privilégio. [...] As milícias locais foram criadas originalmente para mobilizar os colonos brancos em Angola, e mais tarde em Moçambique, sob a bandeira da OPVDC; só depois do amadurecimento da luta, por volta de 1968, é que os negros se difundiram nesse corpo. A função fundamental era a defesa e a segurança, desempenhando também um papel secundário na ajuda logística e nas operações sociais. [...] Era o Corpo Militar de 2ª Linha que estava organizado como uma milícia, essencialmente para apoiar o programa de aldeamento. Os membros desta última organização eram os verdadeiros “campos de batalha” e, quando adequadamente armados e treinados, ofereciam a Portugal uma oportunidade para derrotar os guerrilheiros. [...] As tropas locais foram reunidas, não só pelas Forças Armadas como também pelas autoridades civis semelhantes, e utilizadas como “unidades de segunda linha” com as funções de guias, milícia civil, forças auxiliares, grupos de autodefesa para aldeias e outras funções especializadas. As unidades de autodefesa eram apenas civis armados que tinham sido organizados e treinados para agir em defesa da sua aldeia se esta fosse surpreendida pelos guerrilheiros. Esta organização deu um certo grau de confiança às comunidades locais devido à capacidade rudimentar de defender os seus membros. [...] As unidades do Exército podiam, com alguma surpresa, dar por si a patrulhar a mesma área em concorrência com outra força amiga. Esta actividade sancionada prosseguiu ao longo das campanhas e nos três teatros de guerra estas tropas irregulares combateram bem e prestaram um inestimável serviço. Em Angola as várias forças policiais e “unidades de terceira linha” da Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil (OPVDC), eram organizadas num único corpo. A OPVDC era composta por indivíduos contratados, cuja função inicial era proteger as áreas rurais no norte de Angola. A organização começou como um veículo para mobilizar os colonos brancos, mas tornou-se cada vez mais multirracial. [...] Estas tarefas expandiram-se para incluir a protecção de equipamentos de construção de estradas em áreas de forte actividade da guerrilha.»³

– «A região de Vista Alegre, em Angola, é ocupada por forças militares.»⁴

Ao fim da tarde no aeroporto de Luanda, aterra a parelha de bimotores P2V-5 vinda da BA6-Montijo, com escalas técnicas em Bissau e São Tomé, sob comando do major piloto-aviador Silva Cardoso.

– «Pouco passava das 14:00 quando [vindos de Bissalanca] aterrámos em São Tomé, onde já se encontrava o 4710 com o capitão Gomes de Almeida e ninguém nos esperava. [...] Com dez minutos de intervalo os aviões voltaram a descolar tendo por destino Luanda. Foram mais quatro horas de vôo bastante calmo e quando aterrámos já os serviços normais da Base Aérea 9 em Luanda estavam encerrados. Uma tremenda miscelânea de aviões se acumulava naquela placa do aeroporto civil.»⁵

Por essa ocasião na residência de São Bento, o PM Salazar recebe o MDN general Botelho Moniz em audiência por este ontem solicitada.

– «Salazar conversou demoradamente com o seu ministro da Defesa, sem que este pudesse fundamentar e esclarecer o seu critério: a sua posição era nitidamente derivada da influência sobre ele exercida pelos americanos.»⁶

– «Março 28 - Salazar e Botelho Moniz discutem a situação. O ministro expõe a necessidade de uma mudança urgente que garanta a solidariedade dos Estados Unidos. Não se trata de abandonar África, segundo ele, mas de subtrair Portugal ao isolamento na comunidade internacional. Salazar ouve-o cortesmente e, no final do encontro que dura três horas e meia, pede-lhe: “Ajude-me, senhor ministro!”»⁷

– «A serenidade com que Salazar encarou as tortuosas manobras luso-americanas foi entendida pelo embaixador Elbrick, por Júlio Botelho Moniz, pelos partidários deste (Craveiro Lopes, Costa Gomes, Beleza Ferraz e Albuquerque de Freitas), e ainda por alguns amigos de Marcelo Caetano envolvidos na conspiração, como passividade, resignação e senilidade. O frenesim de agir que se apossou dos políticos passou, por isso, a imperar na cena política portuguesa.»⁸

¹ (em 02Mar62, será publicado o dec.44217 com a revogação de «toda a legislação referente a formações patrióticas de voluntários» existentes no Ultramar, sendo em substituição criada «em cada uma das Províncias Ultramarinas, uma organização de voluntários de carácter permanente, com a missão de colaborar na defesa da integridade da soberania nacional»);

² (Antunes, op.cit pp.18); ³ (Cann, op.cit pp.215-217,133-134); ⁴ (Morais e Violante, op.cit pp.174);

⁵ (Silva Cardoso, op.cit pp.121); ⁶ (Mascarenhas, op.cit pp.370); ⁷ (Antunes, op.cit pp.18); ⁸ (Múrias, op.cit pp.74)

Março.29

Em Lisboa é promulgado o dec.43571, com a *Organização da Defesa Civil do Ultramar*.

Durante a manhã em São Bento, o PM Salazar recebe pela 2ª vez em audiência o MDN general Botelho Moniz que, ao longo de outras 3 horas e meia, lhe repete quase *ipsis verbis* os argumentos do final da tarde anterior: mas o chefe do Governo dá a conhecer ao ministro partes da conversa havida no passado dia 7 com o embaixador norte-americano, bem como da abordagem que este havia feito ao homólogo britânico; e dando por terminada a audiência, rebate toda a argumentação do general Botelho Moniz afirmando que «Portugal está a ser alvo de conspiração internacional» e, no respeitante à atitude dos adidos militares norte-americanos «sobre o que se estava a preparar em Angola», acrescenta que «é precisamente dos EUA a autoria da agitação contra as posições portuguesas em África».

– «Março 29 - A segunda reunião Salazar-Botelho Moniz difere da cordialidade da véspera. O ministro conclui: “A porta fechou-se”. Mas garante ao embaixador norte-americano e ao chefe do posto da CIA que, apesar de tudo, Salazar estava a considerar seriamente a proposta de renovação.»²

Pouco depois algures na cidade, o MDN e o seu chefe-de-gabinete major Viana de Lemos almoçam com o embaixador norte-americano, acompanhado por Fred Hubbard, chefe do posto local da CIA. O general Botelho Moniz relata a recente conversa havida com o PM e apresenta desculpas pela manifestação anteontem ocorrida frente à embaixada norte-americana.

Entretanto no comando do EMFA na Avenida da Liberdade, o CEMFA general Albuquerque de Freitas envia para Luanda, dirigido ao comandante da 2ªRA brigadeiro Pinto Resende, um relatório

acompanhado pelo seguinte memorandum: «Junto relação n/arsenal, que dará somente para 10 dias de operações intensivas».

– «Face a este panorama e às notícias que diariamente chegavam do norte de Angola, onde a carnificina parecia não ter fim, decidi [menos de 12 horas após ter chegado a Luanda] pôr-me à disposição do comando [da BA9] para dar uma ajuda visando uma mais adequada exploração dos PV-2. [...] Esta decisão levou-me ao comandante de grupo, o tenente-coronel Diogo Neto. [...] Perguntou-me de imediato se eu não queria ir dar uma volta com ele em PV-2 pelas áreas mais afectadas do norte. [...] A descolagem teve lugar após o almoço. Era o primeiro vôo do comandante de grupo em PV-2, tendo ocupado o lugar do segundo-piloto. [...] Rumámos para nordeste e após 10-15 minutos de vôo sobre uma zona bastante plana, surgiu um terreno muito acidentado e coberto de densa vegetação. [...] Passámos um pequeno aglomerado de casas tipo europeu, Úcuá, e prosseguimos para norte ao longo da chamada estrada do café que ligava Luanda à então cidade de Carmona. [...] Ao longo deste itinerário de macadame ou simples terra batida, tinham surgido pequenas povoações de colonos como Quibaxe, Vista Alegre, Aldeia Viçosa, Quitexe e outras que contrastavam com as dos naturais da região, as conhecidas sanzalas cobertas com várias camadas de colmo. Durante todo o vôo a muito baixa altitude, mantivemo-nos ao longo da estrada do café até por alturas de Aldeia Viçosa, inflectindo depois para oeste para a região dos Dembos procurando todo e qualquer indício de actividade subversiva. Os únicos mas significativos sinais da insurreição que se tinha iniciado há quinze dias, era a quase total ausência de vida humana em toda aquela área porque a população se tinha refugiado nas matas, [...] inúmeros abatizes ao longo dos principais itinerários, instalações das fazendas do café ou de pequenos povoados incendiados ou destruídos. [...] A presença de forças militares ou policiais em toda aquela área, parecia limitar-se ao nosso próprio avião e a duas patrulhas das forças terrestres nas zonas de Vista Alegre e Aldeia Viçosa, dois pequenos aglomerados populacionais quase totalmente destruídos. [...] Ao fim de cerca de quatro horas de vôo, bastante esgotante por ser conduzido a muito baixa altitude e quase permanentemente voltando para a esquerda ou para a direita, regressámos a Luanda. [...] Os actos de “banditismo” referidos pelos órgãos de comunicação social, surgiam aos meus olhos como uma tarefa gigantesca, ciclópica.»³

¹ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182, as duas audiências do PM ao MDN teriam ocorrido «em 29 e 30 de Março», nas quais o general «Botelho Moniz expõe, durante duas longas audiências, as preocupações que já manifestara em carta de acompanhamento da acta da reunião do Conselho Superior Militar»);

² (Antunes, op.cit pp.18); ³ (Silva Cardoso, op.cit pp.124-126)

Março.30 (5ªfeira Santa)

A 32km sudoeste do Negaje na direcção do Quitexe e a 5km da Fazenda Quéssua de Fernando Santos, está implantada a Fazenda Maria José, junto à nascente do Loje e a oeste da nascente do Danje, uma das maiores propriedades da área que emprega uma centena de pessoas. Na fazenda aparecem dois negros estranhos que aliciam os contratados bailundos a fazer guerra contra os europeus, conseguindo influenciar 13 nativos enquanto os restantes são ameaçados de morte, caso ali permaneçam. Uma dezena de empregados europeus decide sair e procurar refúgio no Negaje, mas os restantes trabalhadores recusam ceder às ameaças da UPA e mantêm-se na fazenda.

Entretanto em Luanda, a direcção do CITA¹ impede a exploração mediática do alastramento territorial e respectivos danos humanos e materiais causados pelos terroristas, bem como sobre as carências do dispositivo defensivo: a capacidade de decisão do governador-geral dr. Silva Tavares é posta em causa face à insistência em visitar as regiões afectadas, mas a tal se opondo o comandante militar general Monteiro Libório que afirma não dispôr de forças para segurança pessoal durante a pretendida viagem; a par do problema da defesa militar, também o comandante militar é acusado de pactuar com excessos em Luanda e de não atender fazendeiros do Congo que exigem soldados e armas para defesa pessoal de suas famílias e haveres.

– «Estávamos a 30 de Março de 1961. Na véspera [i.e, cerca das 18:30 de 28Mar61] tinha chegado a Luanda [vindo da BA6-Monrtijo com escalas em Bissau e São Tomé] com o destacamento dos [dois] P2V-5. [...] Vi algumas das fotografias que entretanto já circulavam em Luanda com o espelho horroroso, macabro, dantesco, de tudo o que se passara e continuava a passar naquele norte de Angola. [...] Os aviões de transporte Nordatlas andavam num vaivém permanente entre o norte afectado pela sublevação e Luanda, na evacuação das populações da área. Recordo perfeitamente, de ser mencionado que num avião previsto para transportar uma média de 50 passageiros, chegou a trazer perto de 150 do Negaje para Luanda com a agravante da pista de descolagem [do AB3] não passar de uma língua de terra batida sem quaisquer condições para a operação de aviões.»²

Da capital angolana para Lisboa, o comandante da 2ªRA brigadeiro Pinto Resende remete uma longa carta endereçada ao subsecretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga, a quem afirma:

– «Os que têm dinheiro fazem corrida aos transportes para a Metrópole; outros desejam ir mas não o fazem porque não podem. Receio meia dúzia de ataques a Luanda e a cidade tem poucos polícias, não há rondas com ligação-rádio e as poucas tropas em Luanda não são próprias ao patrulhamento da cidade. Penso ser razoável a vinda de cem polícias ou batalhão da GNR. Dispomos de dois mil soldados brancos e estamos no pináculo da estação das chuvas, não podendo actuar em zonas afectadas onde os rebeldes engrossam fileiras com novatos, criando sensação de impunidade. Sobre a fase das armas automáticas, já anunciada pelos rebeldes, bem como à terceira fase (defecção de tropas indígenas), junto extracto de relatório de um cônego da UPA: “nas tropas, brancos analfabetos ganham de pré 600\$00/mês e indígenas com a 3ª/4ª classe ganham 4\$00/mês, além dos brancos terem 20\$00 e os pretos 5\$50 para abono de alimentação.”»

– «Março 30 - São presos e deportados para Portugal nove padres angolanos, entre os quais o cônego Manuel Mendes das Neves.»³

Por essa ocasião em Lisboa, o MDN general Botelho Moniz informa os seus subordinados que vai para o Algarve passar o fim-de-semana pascal.

¹ (o subdirector Carlos Ribeiro será exonerado pelo novo ministro do Ultramar no início de Mai61, regressando a Lourenço Marques);

² (Silva Cardoso, op.cit pp.142,143); ³ (Antunes, op.cit pp.19)

Março.31

No Cairo termina a VI Conferência Pan-Africana, que declara revogada a indiscutibilidade da Argélia fazer parte da França; os conferencistas decidiram «*empenhar esforços para libertar completamente a África*»; e a representação diplomática do Congo-Leão decretou a destituição de Kasavubu da presidência, sendo esta imediatamente assumida pelo governo lumumbista de Antoine Gizenga, sediado em Stanleyville.

Em Lisboa os jornais informam que «*decorrem com regularidade as operações militares no Norte de Angola*», ao mesmo tempo que são publicados diplomas legais (há muito preparados) sobre atribuições dos comandantes-chefes e comandos militares territoriais ultramarinos e suas relações com as autoridades civis bem como as relativas a organizações de defesa civil, medidas governamentais de grande importância perante a grave situação de instabilidade que já se avizinhava na África Austral, nomeadamente na sequência das independências de países africanos ao longo do ano passado. Contudo, alguns membros do Governo e chefias militares, oponentes¹ ao general Botelho Moniz, atribuem ao elenco militar dos ministérios da Defesa Nacional e do Exército a incapacidade para enfrentar a situação, e o subsecretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga induz o PM Salazar a reunir com o subsecretário da Administração Ultramarina e os CEMGFA e CEME, insistindo estes que «*a situação militar em Angola está resolvida, bastando realizar operações de limpeza e acções de polícia*».

– «*Especially in Luanda, suspense reigned. Some refugees from the north recognised terrorists in the streets and the police had great trouble in preventing vengeance being taken. The native quarters of Luanda were continuously patrolled in order to maintain the peace. Suspected natives were arrested and much dust was kicked up as a result of the arrest of Canon Manuel das Neves, who was accused of being one of the terrorist leaders. The Portuguese were not idle. Many measures were taken with the aim of coping with the difficult situation. On the 31st of March a volunteer corps was founded, meant as assistance for the army, civil guards were set on foot in the various cities and night-patrols was instituted.*»²

Enquanto isso em Luanda, a direcção dos serviços de Obras Públicas e Transportes provinciais acaba de distribuir um novo mapa rodoviário de Angola – numa escala de 1:1500000 para a área total da província com 1,2 milhão km², em formato de caderno quadripartido –, que é entregue às forças militares e civis que actuam em conjunto contra o terrorismo no norte do território. Uma tal cartografia, apesar de precária, vai auxiliar as missões de reconhecimento e apoio com fogo de artilharia; as forças terrestres actuam em condições semelhantes às Campanhas Ultramarinas (de finais do século anterior e início do presente), e os quadros e tropas operacionais – que estão a ser preparados na Metrópole – são alheios à topografia e ambiente que vão encontrar em Angola, particularmente numa das regiões mais ricas e mais próximas da capital provincial, não dispondo sequer de cartas topográficas à escala 1:100000, que é manifestamente insuficiente não apenas para operações militares de guerra subversiva como também para muitos dos usos civis comuns.

No interior dos Dembos, grupos terroristas já atacaram Pango-Aluquém, a Roça Monserrate e Quibaxe. E ao longo da fronteira norte outros bandos lançaram ataques em Nóqui, Mavoio e Quibocolo, na missão católica de Maquela do Zombo, em Sacandica e em Santa Cruz.

– «*Pouco passava das 10:00 quando deixámos [tenente-coronel Diogo Neto e major Silva Cardoso no PV-2 4619] a pista do aeroporto de Luanda. Era o dia 31 de Março de 1961, sexta-feira. [...] Prosseguimos para norte [i.e, les-nordeste] até às imediações de Carmona (Uije) e aqui inflectimos para leste ao longo duma picada [Negaje-Púri] que nos levaria até Sanza Pombo, tendo sobrevoado diversas sanzalas [Caímbo, Cuilo (Alfândega), Quitanga] onde a vida parecia normal. Sanza era uma pequena povoação com casas de alvenaria e, como tal, construídas por colonos que naquelas paragens tinham encontrado condições para fazer as suas vidas. A partir deste ponto prosseguimos para norte [sobrevoando Quimbata, Macocola, Rianda] em direcção de Quimbele. Antes de atingir esta povoação sobrevoámos uma outra sanzala [a nordeste da nascente do rio Lunga] onde pareceu haver uma certa agitação. [...] O comandante de grupo [operacional 901 da BA9 tenente-coronel Diogo Neto] pediu-me os comandos do avião e, em volta bastante apertada, por duas vezes circundou aquele aglomerado de cubatas. Subitamente informou através da interfonia: “Lá estão eles!”. [...] Entregou-me os comandos e disse-me para largar ali as bombas. [...] Peguei no avião, subi para a altitude de segurança e executei um passe de bombardeamento, largando uma salva de oito bombas [tipo “General Purpose”] que atingiram o objectivo. [...] Num dos extremos da sanzala destacava-se uma cubata bastante maior que as restantes e parcialmente envolta por árvores de grande porte. Foi-me indicado ser esta cubata o alvo ideal para os [oito] foguetes [de 5 polegadas]. Mecanicamente, levei o avião à posição adequada para o disparo dos foguetes que accionei em salva, tendo saído ligeiramente curta sem ter atingido a cubata. Voltei o avião em torno da sanzala. As pessoas fugiam em todas as direcções, corpos inertes jaziam no terreno e outros feridos arrastavam-se pelo solo. [...] Regressámos à base em Luanda, onde aterrámos cerca de uma hora mais tarde após um vôo directo bastante alto. [...] Não fiz relatório da missão como era mandatário e ignoro se o comandante de grupo o terá feito. Limitei-me a registar no mod. 1 do livro do avião, as horas de vôo efectuadas e o tipo de missão que me informaram ser “O” de operacional. [...] As bombas GP, algumas de 750 libras de peso, tinham um efeito semelhante [às bombas de profundidade de 200 libras]: uma enorme cratera no solo com a projecção para o ar de volumosos estilhaços, acabando por constituir um perigo para o avião atacante se viesse abaixo da altitude de segurança. Igualmente os foguetes de 5 polegadas de cabeça perfurante, concebidos para actuar contra navios, não tinham qualquer efeito neste tipo de conflito. Mas era do que se dispunha e havia que gastar este material pois os prazos de armazenamento aproximavam-se do seu fim, acabando por ter de ser destruído.»³*

Entretanto em São Paulo, o mensário Portugal Livre – órgão do MNI no Brasil e em cujos sucessivos 16 números foram inseridos «*bastantes artigos do epígráfico [ex-capitão Henrique Galvão], na sua campanha difamatória do Governo português e de incitamento à rebelião armada*»

- , decide suspender a sua publicação «crê-se que por desinteligências entre os elementos da “oposição” no Brasil»⁴.
- «Acabei por conseguir que se organizasse em São Paulo no primeiro trimestre de 1961, uma “Comissão de Inter-Ligação” [Antifascista das JAP’s do PCP] que começou a corresponder-se⁵ com todos os grupos antifascistas espalhados pelo mundo e com os movimentos nacionalistas das [...] colónias [vg FRAIN e pós-20Abr61 rebaptizada CONCP]. Após uma fase de intransigente oposição, os responsáveis do PCP no Brasil aderiram com relutância a esta iniciativa: Augusto Aragão [dos Santos, o controlador local] foi um dos membros da Comissão, para a qual fui eleito secretário-geral.»⁶

¹ (Adriano Moreira, Albino dos Reis, Correia de Oliveira e Trigo de Negreiros (transmontano, anterior ministro do Interior e actual presidente do STA, virá a falecer em 22Mar72 em Lisboa); general Gomes de Araújo e brigadeiro Santos Costa; coronel Kaulza de Arriaga com ligação ao coronel Mário José Pereira da Silva (nascido em 1906); e José da Costa Leite (Lumbrals) com interesses económicos nacionais e internacionais, em particular no ramo petrolífero através da Sacor e Petrangol);

² (Huibregtse, op.cit pp.69/70); ³ (Silva Cardoso, op.cit pp.144-146,205); ⁴ (cf info PIDE, cit in “Presos Políticos...” vol.VI pp.30-43);

⁵ (utilizando, entre outros meios, a lista de assinantes da revista “Seara Nova”, da qual em Portugal havia sido director-adjunto e de que agora é o representante no Brasil);

⁶ (Sertório, op.cit pp.41)

Abril.1 (lua-cheia)

A norte de Luanda e perto do Caxito, às 08:00 arranca da Fazenda Tentativa rumo nordeste uma coluna de 18 viaturas civis sob escolta militar de duas secções da CCE82 com 20 homens comandados por um furriel, com destino final a Carmona. O comboio rodoviário, com 800mts de extensão, transporta 70 civis entre os quais – numa camioneta da empresa Setas & C^a, conduzida por um comerciante de Vista Alegre (onde foi morto Viriato, um dos seus irmãos) –, seguem os fazendeiros Amadeu, José Pires e Miranda, Manuel Necas Nunes como guia, e Joaquim Ventura a quem mataram os filhos perto de Quibaxe, povoação que é actual sede concelhia dos Dembos e foi fundada há 40 anos por Licínio Correia, o qual escapou aos terroristas e conseguiu juntar-se ao Corpo da Defesa Civil local. Entretanto no Cólua, aglomerado de três casas comerciais a noroeste de Aldeia Viçosa, um grupo terrorista assaltou e chacinou com machetes, canhangulos e catanas, 15 pessoas, incluindo a mulher de Augusto Correia, um proprietário europeu de 58 anos que fundou a povoação quando também há 40 anos chegou a Angola, e que não foi morto por ter conseguido fugir para Carmona. Para acção em todo o sector do Uije, o BC3 dispõe apenas de dois pelotões de caçadores indígenas na sede (Carmona), um pelotão no Quitexe, outro em Nova Caipemba e um pequeno destacamento na Fazenda Liberato (alto da Serra do Encoje). Nos restantes postos de resistência, ou há pequenas secções do Exército ou os civis estão isolados tal como na zona do soba Gonçalo, que trava combate contra os grupos da UPA sem quaisquer auxílios de elementos militares ou policiais.

Ao início da noite, passa por Aldeia Viçosa a coluna-auto vinda do Caxito que – após deixar alguns fazendeiros no Mucengo, Úcua, Quibanda e Roça Santa Luzia (onde mataram António, outro irmão do condutor da camioneta, sua cunhada e um sobrinho de 4 anos) –, chega a Quibaxe às 22:00 sob chuva torrencial. Na povoação, com 24 habitações intactas, encontram-se 50 homens civis (entre eles Licínio Correia) e duas secções de caçadores especiais de infantaria, que usam a cadeia civil como posto-de-comando e defesa da área, organizada de colaboração com os militares pelo secretário da administração, na ausência do respectivo administrador que se encontra ausente em Luanda por doença. Os militares e os civis, com auxílio de seis rádios P19, têm realizado patrulhas e operações de limpeza nos arredores, encontrando sanzalas inteiras destruídas, pontes seriamente danificadas, enormes abatizes e valas fundas com dois metros de largura, cavadas num dos lados das estradas de terra batida.

Abril.2 (domingo de Páscoa)

Em Lisboa, o PR contra-almirante Américo Thomaz sai para uma caçada no Alentejo.

- «Decorreu todo o mês de Março e iniciou-se o mês de Abril, sem que Salazar nada houvesse feito para enfrentar a situação que se ia agravando. Nas trocas de impressões [do ministro do Exército] com os ministros da Defesa e do Interior, com os subsecretários de Estado da Aeronáutica (Arriaga), Exército (Costa Gomes) e Administração Ultramarina (Adriano Moreira), as preocupações e incertezas eram idênticas.»¹

Ao mesmo tempo em Luanda, regressa à Metrópole o ministro do Ultramar contra-almirante Vasco Lopes Alves e respectiva comitiva, depois de nove dias em Angola.

- «Fui à missa no domingo de Páscoa. Não me satisfiz. O bispo fala com pedras na boca e durante muito tempo, sem se perceber nada. O resto da missa é dita entre os padres como se só eles tomassem parte nela. O clero de cá anda muito por baixo e alguns membros da igreja dão os piores exemplos.»²

Entretanto junto ao litoral-centro angolano, um pelotão de caçadores indígenas sob comando de um alferes metropolitano deslocou-se em patrulha às zonas do Bocoio-Balombo (80 km do Lobito na estrada para Nova Lisboa), e de Monte Belo (Lobito-Benguela), para controlar desordens provocadas por agitadores da UPA junto das populações indígenas.

Por essa ocasião nos Dembos a noroeste de Aldeia Viçosa, numa picada entre a Fazenda Ferreira de Lemos e o Cólua, um bando terrorista da UPA – que naquele povoado já havia chacinado todos os civis residentes –, ataca um jipão do Exército e massacra os cinco ocupantes.

† ABÍLIO EURICO CASTELO DA SILVA, Capitão

† ANÍBAL GONÇALVES ALMEIDA, Soldado

† JOFRE FERREIRA DOS PRAZERES, Capitão

† MANUEL SERAFIM LAVADO, Soldado

† (Cipaio angolano), Guia nativo

Enquanto isso, a coluna mista que ontem arrancou do Caxito, chega aos Dembos e às 15:00 entra em Vista Alegre, onde três cabras vagueiam no meio de um silêncio medonho, com o cheiro nauseabundo de cadáveres em decomposição a envolver um cenário dantesco: duas camionetas saqueadas e manchadas com sangue das vítimas; portas esventradas e janelas espatifadas, num amontoado de destroços das dez casas dos europeus, todos chacinados; duas bombas de combustível rebentadas; e do edifício da administração civil restam parte das paredes mestras e um vaso com begónias. Os recém-chegados amarram lenços em volta da cabeça para tapar o nariz, e só ao fim de uma hora conseguem sair do estupor dando início a buscas por entre o capim das redondezas, recolhendo cadáveres a quem dão sepultura.

Em seguida a coluna retoma a marcha e segue para Aldeia Viçosa, onde chega já noite cerrada: seis viaturas e 53 militares, os primeiros europeus ali chegados há catorze dias. Nos arredores da vila as patrulhas militares capturaram hoje três negros: o chefe local dos terroristas, velho feiticeiro com cerca de 60 anos que matou mulheres negras e três europeus; e os seus dois ajudantes de 19 anos que, interrogados separadamente, denunciaram o chefe que lhes prometeu fazendas e mulheres dos fazendeiros, forçando-os sob ameaça de morte a saquear e matar os brancos. Acareados, repetem as afirmações perante o velho que se mantém calado e em seguida são todos levados para Vista Alegre, postos a dormir juntos numa das dependências da cadeia com as mãos amarradas; durante a noite o chefe logra libertar-se e com as cordas estrangula os seus ajudantes.

¹ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182); ² (alferes de cavalaria Manuel Barão da Cunha, Luanda 03Abr61)

Abril.3

Em Vista Alegre os soldados pelas 05:30 passam revista à cadeia e encontram os dois jovens terroristas estrangulados, com o chefe sentado a seu lado em silêncio e ostentando um estranho sorriso. O preso é transferido para Aldeia Viçosa.

Um avião do AB3-Negaje às 07.00 comunica ao BC3-Carmona que localizou a 22km noroeste de Aldeia Viçosa, os cadáveres de alguns elementos da patrulha saída ontem da Fazenda Liberato para sul em direcção ao Cólua. Uma hora depois em Aldeia Viçosa, onde desde há 4 dias se encontra instalado o posto-de-comando do BCacEv/CN (transferido do posto administrativo do Terreiro), surge um jipe conduzido pelo capitão Lobo acompanhando o major Rebocho Vaz, o qual rapidamente organiza uma operação para recolha dos corpos, ficando na vila uma guarnição de poucos militares, com o cozinheiro surdo e os fazendeiros vindos do Caxito. Guiados os militares pelo caboverdeano do Úcuá, e por Augusto Correia que leva preso o velho terrorista ontem capturado, cerca das 09:00 a coluna arranca pela picada em direcção sul-sudoeste com 18 viaturas, seguindo na retaguarda o jipe do serviço de saúde com o médico da unidade (um goês de 26 anos que há seis meses se formou em Coimbra), um primeiro-cabo enfermeiro e uma equipa da televisão portuguesa. Poucos quilómetros andados, a coluna sai da estrada para Vista Alegre e 2km depois à direita um pontão destruído sobre o rio Lombo obriga à primeira paragem; reparado o pontão com grossas pranchas de madeira, a marcha é retomada com extrema precaução. Por volta das 11:00, serpenteando para noroeste pela picada que sobe e desce as grandes colinas dos contrafortes do Encoje em direcção a Cambamba, por entre capim alto que impede a visão entre as viaturas, a coluna-auto entra em zona de floresta densa com avencas e fetos altos a que se sucedem os cafezais, grandes arbustos carregados de bagas verdes. No cimo da serra do Encoje, limites das fazendas Albuquerque e Silva e Ferreira de Lemos, a coluna interrompe a marcha e os soldados montam um perímetro de defesa; uma secção de batedores desce a ravina à direita e a cem metros encontram desnudo, decapitado, pernas e braços partidos por 48 catanadas, o cadáver do capitão de infantaria Jofre Ferreira dos Prazeres; vinte metros mais abaixo com os membros partidos e retalhado por grandes golpes, o cadáver do capitão de infantaria Abílio Eurico Castelo da Silva, comandante da CCE78. Os restos mortais dos dois oficiais são recolhidos pelo médico e alguns soldados, picados por grandes moscardos verdes que zunem sobre os cadáveres. Pouco depois pela encosta do lado oposto, descem em linha dois pelotões guiados pelo velho terrorista a indicar os trilhos do capim, e uma centena de metros abaixo deparam com três corpos completamente mutilados e crivados de balas: o soldado Manuel Serafim Lavado, com um outro praça; e o guia-cipaio angolano, retalhado pelos terroristas que o castraram e espetaram o sexo numa estaca em local elevado e de capim ceifado; os restos mortais da patrulha vinda da Fazenda Liberato, são transportados para o jipão, junto do qual um sargento traz o terrorista que se mantém impassível perante o macabro cenário. O jipão do malogrado capitão Castelo da Silva, bem como três pistolas-metralhadoras FBP, duas carabinas, granadas-de-mão e munições, de tudo se apossou ontem o grupo terrorista que emboscou parte da guarnição da Fazenda Liberato. Às 16:00 a FAP avisa pela rádio que a região está infestada de bandos terroristas e, face à reduzida largura da picada, o major Rebocho Vaz manda a coluna avançar 8km até ao Cólua, único local onde as viaturas podem inverter a marcha; depois de 45 minutos e meio-caminho percorrido, são emboscados em zona de capim alto com uma rajada que varre a dianteira da coluna, cujos ocupantes saltam das viaturas enquanto o sargento Tavares descarrega balas das fitas da metralhadora Madsen em varrimento sobre o capinzal; a fuzilaria dura um quarto-de-hora, o capitão Lobo grita para que disparem a *bazooka* (que ninguém levou), depois manda cessar-fogo e os soldados entram nas viaturas reiniciando a marcha. Poucas centenas de metros andados o jipão da frente, que se tinha adiantado, galga um outeiro desaparecendo de vista e logo depois ouvem-se duas rajadas de pistola-metralhadora FBP, seguidas de um silêncio prenunciador de nova emboscada; antes que a tropa chegue ao local, os terroristas apoderam-se das armas e cunhetes de munições e retiram para o matagal. As viaturas aceleram e passam o topo do morro, de onde vêem uma sanzala a arder e,

junto a uma cubata, o corpo inerte do primeiro-cabo José Martins Silvestre com uma rajada no peito; duzentos metros adiante, à esquerda da carrinha de Augusto Correia capotada há três dias, num lamaçal está morto o primeiro-cabo Francisco Agostinho Luís, junto do jipão afocinhado na berma com o capot todo perfurado. Mas os corpos do segundo-sargento Francisco José Ribeiro, e dos soldados Aníbal Gonçalves Almeida, António José Cerejo e Manuel Santos Moreira, não são encontrados.

† ANTÓNIO JOSÉ CEREJO, Soldado

† FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO, 2ºSargento

† FRANCISCO AGOSTINHO LUÍS, 1ºCabo

† JOSÉ MARTINS SILVESTRE, 1ºCabo

† MANUEL SANTOS MOREIRA, Soldado

- «On the 5th [?] of April, terrorism broke out afresh. Nine soldiers on patrol were ambushed and killed at Cólua. It was the first [?] time the rebels came into contact with the army.»¹
 - «Em 1961 eles tinham trucidado uma secção nossa no Cólua, entre Vista Alegre e Nambuangongo, e que era comandada pelo tenente Castelo Branco [i.e, capitão Abílio Eurico Castelo da Silva]. Neste ataque foram mortos o tenente, o sargento e uma secção inteira de nove homens [i.e, 2 capitães, 2 soldados e 1 guia nativo em 02Abr61; e 1 sargento, 2 cabos e 2 soldados em 03Abr61]. Morreram todos: foi um ataque surpresa, era um grupo grande. Isto foi logo depois [ie, antes] de eu ter chegado [em 19Abr61 à BA9-Luanda com a CCE89], talvez em Maio [?]. Depois de termos aberto o itinerário Vista Alegre-Quitexe, fizemos [em 11Ago61] uma operação em que fomos até ao Cólua para apoiar o desembarque de pára-quadistas [sobre Quipedro]. Quando chegámos à zona do Cólua, apanhámos [no Quissenzel] um jipe civil e lá dentro encontrámos uma barrica cheia de banha. Na correspondência que apanhámos nessa aldeia, que era perto do Cólua, constatámos que a banha que eles tinham conseguido era humana e, possivelmente, de um sargento muito gordo. Eles tinham conseguido aquela banha dos corpos dos soldados. Faziam isso da mesma maneira que se faz com o porco. Isto foi na altura daqueles ataques no Norte.»²
 - «Regressados num sábado – depois de ter queimado vivos dentro de uma cubata, na sanzala do Cassumba, o soba e os ajudantes que não quiseram aderir ao movimento –, no dia seguinte a tropa apareceu no Cólua, tendo os bandidos matado os brancos que lá se encontravam. Nesse combate agarraram quatro soldados, tendo-os comido não só os “soldados” do Ferraz Bomboco mas também os “soldados” de Nambuangongo comandados por Alberto Domingos, e foram cozinhados na sanzala do Cólua. Nessa ocasião as tropas mataram nove nativos. Do massacre do Cólua o bailundo Severino José, carregador do ‘cabo’ Pascoal Quimvana, nada sabe além do cozinhamento dos quatro militares, a quem cortaram os dedos e as ‘matubas’, pendurando-os nuns paus a secarem, e que o ataque foi proveitoso para os bandidos do Cólua e de Nambuangongo, pois apreenderam uma metralhadora grande, além de dez armas e um jipe, que o Domingos Cacola levou para Muhombo, nunca mais o tendo visto. O Ferraz Bomboco e, sobretudo, o Simão Lucas organizaram autênticas cenas de canibalismo, começando com os quatro soldados brancos agarrados no Cólua, obrigando os bailundos a cozinhá-los e a entrar no festim. O pessoal do Quinguenga conseguiu agarrar um sargento que fugira do Cólua e cozinhou-o, tendo o mesmo sargento dado muito azeite e carne. Um soldado morto há pouco foi levado para o Cólua e igualmente cozinhado, tendo o bailundo Severino José participado no festim, tal e qual como os outros bailundos, pois que os que se negavam a isso eram mortos e igualmente comidos, tendo o Severino José assistido à morte de, pelo menos, vinte e cinco bailundos, em que ele teve igualmente de participar. Desde a primeira hora todos os que morreram, quer brancos, quer bailundos, quer naturais da terra, foram comidos, jamais se procedendo ao seu enterramento, pelo menos na parte que diz respeito ao Cavanga-Cólua-Quinguenga, embora saiba, por ouvir dizer, que nas outras partes se faz a mesma coisa. Sabe igualmente, por eles se gabarem disso, que antes mesmo dos acontecimentos [14Mar61] já se entregavam a actos dessa natureza, embora subrepticamente para fugir às autoridades.»³
- Depois de recolhidos os restos mortais dos cabos Silvestre e Luís, o major Rebocho Vaz manda avançar a coluna com os homens apeados até ao Cólua, onde tomam posição defensiva no largo; ao centro monta-se o emissor-rádio e a norte os oficiais reúnem com o comandante; contactada a FAP, meia-hora depois surgem dois aviões Lockheed-PV2 que largam sobre o capim um embrulho, (com uma mensagem do general Monteiro Libório e um saco de amêndoas), e seguem à picada antes percorrida pela coluna onde, em duas passagens, largam bombas de fragmentação e em seguida *napalm* para destruir a vegetação junto à picada. Sem mantimentos e com escassas munições, e porque a picada termina ali, toda a coluna tem de regressar a Aldeia Viçosa pelo mesmo trajecto e em total escuridão; logo após a última passagem dos PV-2, o major Rebocho Vaz dá ordem de marcha e a coluna arranca com os cadáveres e alguns feridos, e duas cabras, únicos seres vivos encontrados no Cólua. Sem nada no estômago desde as oito horas da manhã, os homens viajam sem mais percalços e chegam às 23:00 a Aldeia Viçosa onde comem uma refeição quente; forma-se nova coluna com a guarnição de reserva, para transportar os mortos, os feridos e o prisioneiro para Carmona em cujo hospital, durante a noite, foram notados movimentos suspeitos entre os enfermeiros autóctones, tendo sido presos 40 serviços negros que se preparavam para envenenar todos os doentes ali internados. O Rádio-Clube do Congo, sediado em Carmona, a pretexto de falta de verbas para substituição de três válvulas, decide interromper todas as emissões em dialectos locais.

Entretanto perto de Maquela do Zombo, morrem em combate dois militares da CCE81.

† JOAQUIM LOURENÇO SOEIRO CARRAJOLA, 1º Cabo

† MANUEL LUÍS FARIA GEADA, 1º Cabo

Durante o dia em Lisboa, o PM convoca o MDN e comunica-lhe formalmente a sua reacção desfavorável à exposição que este lhe apresentou, pelo facto de «*peças mais responsáveis o haver informado, em tempo e com verdade, sobre os males que importava remediar*».

- «*Em Abril de 1961, verificou-se uma situação de dissidência no interior do próprio regime, quando o ministro da Defesa, general Júlio Botelho Moniz, conspirou para afastar Salazar. As origens da “crise Botelho Moniz” continuam [em 1997] a ser algo obscuras [?], mas no âmago da questão estava a ambiguidade das relações entre as componentes civil e militar do regime.*»⁴
- «*Nos bastidores da alta política, entretanto, o ministro da Defesa continuava a conspirar, multiplicando-se em segredinhos pelos cantos, resolvido a encontrar uma “solução política” para o problema ultramarino. Os seus planos eram simples: obrigar o contra-almirante Américo Thomaz a demitir Salazar; as coisas deviam processar-se “constitucionalmente”, em circunstância nenhuma a força devia ser usada senão persuasivamente.*»⁵
- «*Quando na altura se propunha uma “solução política”, que se tinha em mente, qual era o problema? O problema era então este: “como acabar com a guerra sem perda dos territórios”. Para este problema ninguém apresentou qualquer solução viável. Não digo que não a houvesse, digo que ninguém a apresentou. Porque, para acabar com a guerra mediante a entrega dos territórios, não surgia qualquer dificuldade: sendo a entrega total a finalidade da guerra, feita aquela acabava esta. Insisto: o problema em debate era o de saber como se punha termo à guerra, “mas” conservando os territórios. E recorde-se que na altura, com excepção do Partido Comunista, ninguém mais defendia o “abandono” de África. Justamente, era para evitar tal abandono que se multiplicavam as sugestões acima referidas. E aqui cumpre sublinhar que o “25 de Abril”, ao proclamar a “solução política”, recorreu a um sofisma grosseiro: a solução política destinou-se e aplicou-se a “outro” problema, como abandonar e entregar os territórios; não resolveu o problema de saber como mantê-los sem guerra. Deverá convir-se em que entregar os territórios era fácil e qualquer o saberia fazer acaso até com mais dignidade e brio, e mais cuidado pelos interesses nacionais. Por isso a solução política do “25 de Abril” não foi uma solução política: tem outro nome.*»⁶
- «*Desligados das forças esquerdistas tradicionais, [os comandos militares conspiradores] representam essencialmente aqueles sectores liberalizantes da burguesia e do Exército que pretendiam um Portugal rectangular, evitando a guerra a todo o preço. [...] Os partidários da entrega do Ultramar não eram apenas os comunistas e esquerdistas de várias correntes: havia no seio do regime, da burguesia de negócios, do Exército, das classes dirigentes e dominantes, um sector importante que com apoios externos se inclinava para uma “autodeterminação” a prazo, compensada por financiamentos económicos; entregar os territórios africanos e as suas populações aos interesses do neocolonialismo internacional, a troco dos favores de alguns aliados sob a fórmula de uma “solução política”, era já então moeda corrente. A dicotomia política nacional, que correctamente se deveria formular em termos de integracionistas e separatistas (ou “abandonistas”), e não como foi, sobretudo a partir do advento marcelista, em comunistas e anticomunistas, teve aqui uma confrontação importante e reveladora. [...] A política de defesa condicionada à procura de “soluções políticas” levou à crise do Exército, à confusão nas forças nacionais, ao equívoco dos melhores e à ruína dos seus próprios artífices.*»⁷

Entretanto em Elizabethville, o governo catanglês declara que a presença de 600 soldados indianos da ONU na base de Kamina pode conduzir a uma declaração de guerra. E em Stanleyville o governo lumumbista de Gizenga replica que o Congo «*não esquecerá o apoio soviético*».

Ao mesmo tempo em Dacar, prosseguem as celebrações do primeiro aniversário da declaração de independência do Senegal, enquanto mais para sul o regime da Nigéria e de Moscovo trocam embaixadores.

¹ (Huibregtse, op.cit pp.69); ² (Raul Folques, in “A Guerra de África”, pp.694/5);

³ (Artur Maciel, in “Angola Heróica”, pp.220-222, cf auto lavrado em Out62 pelo administrador de Aldeia Viçosa, posto concelhio do Quitexe);

⁴ (MacQueen, op.cit pp.47); ⁵ (Múrias, op.cit pp.76); ⁶ (Franco Nogueira, Londres Fev79); ⁷ (Nogueira Pinto, op.cit pp.128,133,110)

Abril.4

Entra em Carmona às 04:00 a coluna-auto vinda de Aldeia Viçosa sob comando do major Rebocho Vaz, com os feridos levados para o hospital e os cadáveres depositados na respectiva morgue; o operador de imagem da RTP António Silva, com febre alta e vômitos, fica internado delirando durante toda a madrugada e parte da manhã.

- «*A cidade foi alarmada muito cedo, pela notícia de que uma força militar fôra trucidada lá para o Cólva, entre Aldeia Viçosa e Cambamba. Estes militares chacinados, barbaramente mutilados, vieram para Carmona. De Luanda virá um avião para carregar o montão de carne esfacelada, corpos decepados, juntos no local.*»¹

Enquanto isso no areópago da ONU em Manhattan, a AG aprova uma moção favorável à autodeterminação de Angola.

E em Lisboa é promulgado o dec.43582, que altera a orgânica dos serviços da PIDE e eleva o quadro de funcionários para «*cerca de 2 mil, dos quais 1097 pertencem ao Continente e Ilhas*»². Ao mesmo tempo o ministro do Ultramar contra-almirante Lopes Alves, regressado anteontem de Luanda, declara que «*o Governo desenvolve todo o seu esforço para recondução do progresso e tranquilidade*». No entanto omite deliberadamente que, antes e ao longo da sua estadia em Angola, foi por diversas vezes informado pela administração civil e militar sobre «*as frágeis forças militares metropolitanas existentes, que as tropas indígenas não foram usadas em operações por se julgar inconveniente, e que nas primeiras duas semanas as tropas ajudadas pelos residentes europeus se limitaram à defesa dos principais centros urbanos do Uije e Zaire, tendo abandonado o resto do*

distrito do Congo Português à iniciativa dos fazendeiros e do Corpo de Voluntários Civis contra as hordas da UPA».

– «O general Albuquerque de Freitas, chefe do Estado-Maior da Força Aérea, partia para os Estados Unidos em visita oficial, murmurando a alguns que iria contactar, por conta dos conjurados, determinados sectores da Administração norte-americana favoráveis a uma “viragem” política em Portugal e à “autodeterminação” das províncias ultramarinas. Dizia-se estar iminente uma remodelação ministerial.»³

Entretanto no aeroporto da Portela, o CEMFA general Albuquerque de Freitas e os brigadeiros Braz de Oliveira e José Pereira do Nascimento embarcam rumo a Nova Iorque, enviados pelo MDN general Botelho Moniz para estadia prevista de 15 dias, com a missão oficial de obter para a FAP material e equipamentos indispensáveis, de que se destacam 16 aviões⁴ Douglas DC-6 para fornecimento imediato.

– «Os portugueses começaram a guerra com uma capacidade de transporte aéreo modesta, centrada nos Douglas DC6-A (carga) e DC-6B (passageiros), que foram comprados à Pan-American World Airways. Por fim, Portugal operava uma frota de 10 DC-6. Devido à natureza mecânica dos aviões a hélice e às suas conseqüentes necessidades de grande manutenção, nunca foram disponibilizados mais de 6 aviões de cada vez. Os aviões da série DC-6 podiam transportar apenas cerca de 22.5 toneladas de carga. [...] Os aviões eram operados com segurança a níveis de utilização muito elevados e nunca tiveram um único acidente. As viagens de ida e volta aos teatros eram feitas 2 ou 3 vezes por semana de Lisboa [com escalas no AB2-Bissalanca e BA9-Luanda] para [a BA10-Beira em] Moçambique e duravam 48 horas; estas missões necessitavam sempre de tripulações de reforço estacionadas em rota para manter o horário.»⁵

– «Nas operações logísticas, Portugal foi rápido a pôr de lado o transporte de tropas por mar após a corrida inicial, em favor dos aviões, embora tenha sido menos rápido a elevar [9 anos depois] ao nível dos transportes a jacto. [...] Em suma, os portugueses foram capazes de ultrapassar a ameaça de o Ultramar esmorecer no final de uma longa e lenta via de comunicação marítima. Estabeleceram um sistema adequado ao conflito e suficientemente flexível para assegurar um elevado grau de sustentabilidade.»⁶

¹ (Orbelino, op.cit pp.90);

² (Morais e Violante, op.cit pp.174; em 28Set63 o dec.45280 anexa uma relação do quadro de pessoal, que em 28Out66 será novamente alterado pelo dec.47284);

³ (Nogueira Pinto, op.cit pp.130); ⁴ (nove a entregar na BA9-Luanda durante a próxima semana, seguindo-se outros sete destinados à BA10-Beira);

⁵ (John Cann, entrevista de 03Abr95 a Tomás Jorge Conceição e Silva); ⁶ (idem, op.cit pp.242,243)

Abril.5

navio “Moçambique” segue rumo a Luanda, com a CConstr231 mobilizada pela EPE-Tancos

Em Lisboa são emitidas pelo Ministério das Finanças, 3 portarias que reforçam em 500 mil contos¹ as verbas relativas às FMEU (Forças Militares Extraordinárias no Ultramar), previstas² desde há 2 anos e inscritas³ por aquele Ministério no art.297º-Cap.XI do Orçamento dos Encargos Gerais para o ano corrente.

No Ultramar Português o actual efectivo de tropas expedicionárias do Exército, excluindo guarnições locais enquadradas por militares da Metrópole em comissão de serviço, é o seguinte: em Angola, 10 CCE, 3 ERec, 1 CPM, 1 CManMat, 1 CConstr, 1 DstEng e 1 DstSan; na Guiné, 3 CCE, 1 ERec e 1 PelPM; em Moçambique, 4 CCE, 3 ERec e 1 CManMat; na Índia, 9 CCac, 4 ERec, 4 BtrArt, 1 CSap, 1 CTms, 1 DstEng, 1 CManMat, 1 DstSan e 1 Clnt; em Timor, 1 CCac; e Macau, 1 CCac.

– «Em Carmona comenta-se a ineficácia da força militar, não se justificando a sua estadia na cidade. Não sai do quartel para nada e apenas tem servido para acompanhar uma ou outra caravana que se desloca às fazendas. Apenas é persistente em realizar “quatro operações secretas diárias, MB-A-J-D”, que se traduzem por mata-bicho, almoço, jantar e dormida. A força armada não agrada ao povo, por lhe faltar coragem, civismo, espírito militar. A tropa tem de sentir na sua alma os golpes desferidos pelos assassinos nos corpos violentamente decepados que antes sofreram tormentos morais e sevícias: mulheres violentadas na presença dos maridos, mortas e golpeadas em seguida; crianças tomadas de cabeça para baixo e esquartejadas vivas; mutilação de órgãos sexuais e o mais que se verá por aí documentado. Nada disto interessa ou convém, que a força militar prefere que a “Milícia” bata os pontos vulneráveis, apostada como está a morrer, sem um gesto ou atitude dos que se encafuaram no quartel e por nada desejam arriscar um pêlo que seja pelos que sofrem as dores da carne e do sangue. O Songo esperava uma pequena força que não chegará nunca, forçando a constante e penosa vigília aos pobres que não morreram aos primeiros golpes. [...] Por um criado de nome Manuel, o Marques soube que estavam na Roça Santa Leocádia alguns cabecilhas, para proceder ao massacre dos europeus. Com o auxílio de milicianos, prende o lavadeiro Alberto e seus ajudantes António Campos e Narciso Simão, todos do Songo. O lavadeiro diz que fôra ele incumbido de matar o Marques e ficar como gerente da fazenda.»⁴

Entretanto no palácio de Belém o PR Américo Thomaz, informado pelo PM sobre o teor das conversas havidas com o MDN, convoca de urgência o general Botelho Moniz que lhe confirma a disposição de abandonar o governo, caso não sejam tomadas as medidas preconizadas oficialmente através de cartas e memorandos; responde-lhe o PR que, efectivamente, se pensa em proceder a uma remodelação ministerial, manifestando a necessidade da convocação prévia das chefias militares.

– «O general Botelho Moniz – disse-mo ele próprio – escreveu algumas cartas e teve várias conversas com o presidente do Conselho, que, na maior parte das vezes, dizia estar de acordo com o que lhe era proposto. A situação alterou-se a partir do momento em que recusou qualquer auxílio americano à descolonização. Foi então que o general Botelho Moniz tentou convencer o presidente da República a tomar a decisão de substituir o presidente do Conselho.»⁵

- «Se é fora de dúvida que não se harmonizavam entre si as várias posições do MDN, há que saber: Porque é que o ministro descreveu [em 25Mar61] na sua carta a situação como “angustiosa”, caminhando para “insustentável” e para o “suicídio”, e depois ficou silencioso enquanto os chefes de estado-maior minimizaram [em 27Mar61] a situação de Angola, que era iniludivelmente gravíssima? Como é que por fim acaba por discordar do telegrama do governador-geral, em 5 de Abril, que considerava a defesa de Angola como à “beira do colapso”? Porque é que o primeiro-ministro, conhecedor do que se passava em Angola, quer através do governador-geral quer do ministro do Ultramar, demorou a remodelação [nas pastas militares] do governo e a dos comandos militares, e deixou que se fosse protelando o respectivo reforço militar? [...] Se o agravamento da difícil situação de Angola poderia favorecer as manobras tendentes à deposição de Salazar, o imediato reconhecimento da realidade poderia conduzir a uma reacção nacional e à união dos portugueses em torno do primeiro-ministro; e por sua vez, os conspiradores ficariam privados dos batalhões e dos aviões em melhores condições de combate se os enviassem para Angola. Mas admito que uma decisão anterior correria o risco de não ser compreendida pelas Forças Armadas e de conduzir ao reforço de Botelho Moniz, de consequências imprevisíveis num momento em que era indispensável uma completa congregação de esforços e de sentimentos, até para salvaguarda das vidas dos que em Angola estavam em perigo. Entretanto também era preciso tempo para a preparação e envio de reforços militares, que não deixavam de estar a ser preparados e que, embora de forma insuficiente, iam sendo enviados: perturbar esse trabalho, e arriscar provocar cisões e divisões profundas nas Forças Armadas, era algo que tinha de ser acutelado.»⁶
- «Após a audiência [com o PR], o MDN intriga com o ministro do Exército, a este afirmando que: “Entende não estar o presidente do Conselho em condições físicas para continuar à frente do Governo, pois a sua estagnação e imobilismo demonstram incapacidade para tomar medidas que se impunham, e tal política conduziria ao colapso das Forças Armadas em África. A gravidade da situação exigia mobilização de todos os recursos e uma forte acção governativa nos sectores dos Negócios Estrangeiros, das Finanças, do Ultramar e da Defesa, estando em jogo a sobrevivência da Nação. Por não concordância com a política que estava a ser seguida, e que classificava de suicida, ao MDN só restava pedir a exoneração”. De seguida, o ministro do Exército põe ao corrente da situação político-militar o governador militar de Lisboa [general Silva Domingues] e os comandantes das 1ª e 2ª regiões militares, e através destes os comandantes das unidades “por forma a manter a disciplina e coesão do Exército”.»⁷

¹ (incluídos 100 mil contos concedidos em 1960);

² (no dec.42192, relativo à reorganização do Fundo de Defesa Militar do Ultramar regulamentado pelo art.1º do dec.42559 de 03Out59);

³ (no dec.43653 publicado em 04Mai61, que «isenta do visto do Tribunal de Contas as despesas a efectuar pelo Fundo de Defesa Militar do Ultramar», também conhecido por Fundo Extraordinário de Defesa do Ultramar; por outro lado, o art.8º da Lei 2111 de 21Dez61 cria o «Imposto para a Defesa e Valorização do Ultramar», que fica regulamentado pelo dec.44267 de 04Abr62; além disso, a doutrina com «as disposições da Lei Orgânica do Ultramar concernentes às despesas com a defesa nacional nas Províncias Ultramarinas», será actualizada pelo dec.44342 de 12Mai62; em 1965 o regulamento, referido no dec.44267, será aprovado pelo dec.46387 de 14Jun65 com base no art.10º da Lei 2124 de 19Dez64, mantendo-se nos anos subsequentes a aplicação do citado IDVU, sucessivamente regulamentado através dos dec.47086 de 09Jul66, 47780 de 06Jul67 e 48343 de 19Abr68; a partir de 04Mai68, com o dec.48368 e subsequentes, vão passar a ser abertos créditos «consignados à Defesa Nacional, para continuação do reequipamento extraordinário do Exército e da Aeronáutica»; também neste sentido, em 11Abr70 será emitido pela presidência do Conselho de Ministros um despacho, que «estabelece preceitos a observar na elaboração dos projectos dos orçamentos do fundo privativo dos organismos militares não incluídos no OGE, elaborados pelos órgãos de administração locais dos comandos ultramarinos do Exército e da Força Aérea»;

⁴ (Orbelino, op.cit pp.93/4,100/1); ⁵ (Costa Gomes, op.cit pp.92); ⁶ (Silva Tavares, governador-geral); ⁷ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182)

Abril.6

avião segue rumo a Bissau com uma parte da CCE84, mobilizada pelo RI1-Amadora

Em Luanda, às 07:00 chegam notícias sobre mais civis portugueses chacinados no Songo, 45km a noroeste de Carmona, e horas depois os jornais anunciam que «dois capitães, três sargentos e quatro praças foram chacinados numa emboscada perto de Quitexe». O comando militar de Angola reúne de emergência com o vice-CEME general António de Matos Maia¹ e, por disposição do governo-geral e do conselho de defesa provincial, delibera a imediata convocação de todas as classes militares disponíveis no território, consideradas necessárias para defesa das populações e combate ao terrorismo: a estimativa oficial das autoridades portuguesas, aponta para 10 mil bailundos e 2 mil europeus chacinados pela UPA.

- «No dia 6 de Abril [...] descolei de Luanda [com um PV-2] pelas 11:00, visto as condições “meteo”, com a época do cacimbo a aproximar-se, não permitir fazê-lo mais cedo. [...] Chegado ao Uije rumei direito ao Songo, Mucaba [Quinzala] e ao longo da picada [de 69km] até 31 de Janeiro. Toda a área parecia perfeitamente normal, sem quaisquer indícios visíveis de violência. No cruzamento da picada que de Mucaba se dirigia para o norte com a proveniente do Negaje [passando pelo Bungo], perto de 31 de Janeiro [e no entroncamento com a picada para oeste em direcção à Lêmboia] detectei uma patrulha das forças terrestres [do BC3-Carmona], com 2 Land-Rover e talvez uma dúzia de homens que pareciam estar a descansar na berma da estrada. Rumei para sul ao longo do mesmo itinerário, notando que várias sanzalas [entre elas a do Lembo] estavam anormalmente povoadas com muitos ajuntamentos de pessoas. [...] Prossegui para sul até que, a cerca de 15km da posição onde tinha visto as forças terrestres, detectei um indivíduo de cor branca no meio do capim em mangas de camisa e agitando freneticamente os braços para chamar a atenção do avião. Piquei o PV-2 e rasando o solo passei a seu lado, continuando o homem com o movimento dos braços. O local onde se encontrava bem no meio do capim, distava uns 500 metros da picada. Tratava-se sem dúvida de alguém cuja vida corria perigo e que conseguira escapar à onda de violência. [...] Mande preparar um embrulho com uma pistola-metralhadora, bastante desperdício e papel, tudo conveniente amarrado que foi lançado junto do homem numa passagem baixa e em vôo lento com o trem e flaps em baixo. [...] Voltámos ao local onde estavam as viaturas das FT e com sucessivas passagens baixas, abanando as asas, procurei chamar a atenção da patrulha. Esta reagiu e pôs-se em andamento na direcção que indicava manobrando o avião. [...] À aproximação do local, piquei insistentemente sobre o homem, chamando a atenção das FT que acabariam por o recolher. [...] A grande concentração de gente nas sanzalas ao longo do itinerário Negaje-Damba e o homem no meio do capim, constituíam indícios seguros da instabilidade e insegurança que parecia estender-se para norte. Aterrei [na BA9-Luanda após 4 horas de vôo] com as bombas das asas e do porta-bombas. Não tivera necessidade de as utilizar, o inimigo não se declarara e não as ia largar no mar

como estava estabelecido. As possibilidades de uma bomba se desprender do seu suporte durante a aterragem e rebentar sob o avião, eram praticamente nulas. Ignorava-se qual iria ser a evolução da insurreição e havia que manter um determinado potencial de fogo que, sem uma utilização racional das reduzidas disponibilidades, não era possível.»²

Perto do Golungo Alto, um militar morre durante acção de rusgas na Sanzala Pamba, em consequência de acidente com arma-de-fogo.

† MÁRIO LIMA VIEGAS BEICINHO, Soldado

Entretanto chegam a Lisboa os MNE francês e brasileiro, respectivamente Maurice Couve de Murville e Afonso Arinos, em visita oficial.

– «Quando vieram para Portugal alguns dos mais eminentes emigrados políticos [brasileiros, entre eles o escritor antifascista Paulo Duarte que agora é muito amigo do ex-general Humberto Delgado], foram eles aqui bem recebidos e melhor tratados. Porém, uma exigência lhes foi feita pelos nossos governantes: a de não se ocupar de assuntos políticos, nem efectuar qualquer propaganda contra o legítimo governo brasileiro. Em contradição, na actualidade vemos os vários Delgados e Galvões desenvolver no Brasil a mais fantástica propaganda contra o legítimo Governo português. A outra contradição consiste no facto de os oposicionistas com quem o chanceler [MNE brasileiro liberal] Afonso Arinos³ conversou em Lisboa, andar divulgando que o presidente Jânio Quadros afirma que as relações entre os dois países não podem “melhorar” enquanto houver uma ditadura em Portugal, porque ele não concorda nem com ditadores nem com ditaduras. A ser verdade tal afirmação, pergunta-se: que é o marechal Tito da Jugoslávia, convidado pelo presidente Quadros a visitar o Brasil, que são os países da Cortina-de-Ferro e aqueles que os dominam e aterram as populações à força de baionetas e metralhadoras, e com os quais o presidente Quadros pretende estabelecer relações amistosas, segundo ele próprio tornou público.»⁴

– «Nós, homens do MNI [Movimento Nacional Independente delgadista], faremos no Brasil apenas a construção doutrinária democrática que a sua hospitalidade e a sua Lei nos facultam e nos permitem.»⁵

Ao mesmo tempo, na capital portuguesa é divulgada a ocorrência de baixas militares sofridas nas primeiras emboscadas em Angola – com pormenores do ocorrido no Cólua –, e horas depois nos EUA o general Albuquerque de Freitas elabora uma nota, onde afirma que «a juventude portuguesa não quer ser chacinada em Angola, batendo-se por uma causa perdida, entre selvagens e em território desconhecido». O memorando é imediatamente expedido em telegrama para o EMFA e dali segue para o MDN, que manda entregar uma cópia ao seu homólogo do Exército com ordem para distribuição pelas unidades, a fim de ser comentado entre oficiais superiores que na generalidade concordam com o seu conteúdo.

– «A cartinha foi cuidadosamente expedida a todos os comandos de unidades e discutida em alguns círculos civis arreigados à ideia de um Portugal pluricontinental e multirracial. Considerava-se aí que Portugal, como Estado soberano e independente da Península Ibérica, só tinha justificação enquanto se prolongasse pelo mar fora: “rectangularizados”, em breve seríamos atraídos para a órbita da Espanha que, desde sempre, vivia mal conformada com a dualidade peninsular. [...] Os marcelistas mais liberais partiram em campanha contra a política ultramarina. As tropas pareciam dispostas a seguir o ministro da Defesa, apesar da atitude ultra-prudente do CEME general Luís da Câmara Pina, parente próximo do subsecretário da Administração Ultramarina Adriano Moreira, ferrenho antimarcelista, a quem descrevia ao pormenor a intrincada teia da conspiração.»⁶

Enquanto isso, de Lourenço Marques um «grupo de moçambicanos»⁷ envia uma carta ao PM Salazar.

– «Tive acesso às fotografias macabras do massacre de mulheres e crianças no norte de Angola. Documentavam a mais revoltante selvajaria. [...] Munidos de catanas e canhangulos, e emitindo gritos de guerra que resumavam ódio, milhares de africanos mataram, violaram e desventraram homens, mulheres e crianças. [...] Reagi eu ao massacre perpetrado pela UPA no norte de Angola, com a única arma de que sempre dispus: a pena. Redigi um protesto tão violento contra os agressores, como contra a cegueira dos que porfiavam em negar a evidência. Reclamei medidas políticas e não apenas militares. E com tais extremos de indignação o fiz, que só consegui para o papel mais três assinaturas [do “Grupo de Democratas de Moçambique”] além da minha: a do advogado [comunista Henrique Vasco] Soares de Melo e as de mais dois corajosos democratas da cidade da Beira, Nunes de Carvalho e Francisco Barreto. Reacção da PIDE: prendeu estes e deixou em liberdade o Soares de Melo e eu próprio. Contra-reacção dos impunes: uma carta violenta ao director da [delegação laurentina da] PIDE a exigir-lhe uma de duas atitudes, ou libertava os presos ou nos prendia a nós. [...] O director da PIDE resolveu o dilema soltando os presos. Por essa altura em África, a PIDE fazia os possíveis para não molestar o peixe graúdo. E nós éramos graudinhos. Pouco depois o eng. Cunha Leal, que vinha publicando uma série de livros sobre a situação colonial com receitas de abertura política gradativa, havia de transcrever num deles uma frase patética do nosso protesto. Reproduzo-a porque reflecte a alta temperatura emocional com que foi escrita: “Não nos intimida morrer pela Pátria, mas apavora-nos sermos enterrados com ela”. [...] Tive com Cunha Leal uma relação cordialíssima. Quando vinha [de Lourenço Marques] a Lisboa, com frequência o visitava e ficava a ouvi-lo discretear. [...] Foi gentil ao ponto de, nos seus livros sobre o Ultramar, citar elogiosamente textos meus.»⁸

¹ (após regresso a Lisboa dos CEMGFA e CEME, chegou a Luanda com outros oficiais para organizar a recepção e operações dos efectivos previstos para reforço militar urgente de Angola e que estão a ser intensivamente preparados na Metrópole);

² (Silva Cardoso, op.cit pp.150-152); ³ (em meados de Set62 será exonerado e substituído por Hermes Lima); ⁴ (Juvenal, op.cit pp.31);

⁵ (Humberto Delgado citado pelo próprio, em carta timbrada a Manuel Sertório; Largo da Pólvora 141-apt.54, São Paulo 26Dez59);

⁶ (Múrias, op.cit pp.77); ⁷ (cf Cunha Leal, op.cit pp.176-184); ⁸ (Almeida Santos, op.cit vol.I pp.73,126,67/8,150)

No areópago da ONU em Manhattan, a AG vota uma moção contra a política do regime de Pretória no Sudoeste Africano.

E em Lisboa o ministro do Exército conversa com o MDN general Botelho Moniz, pedindo-lhe «para meditar na decisão de se demitir, até regressar de Fátima para onde partiria no dia seguinte a participar numa concentração/retiro de famílias católicas, onde também iria estar o [general António Augusto de Valadares Tavares, desde há 2 anos] comandante da 1ªRM»¹.

¹ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182)

Abril.8

No noroeste de Angola, o aquartelamento do Comando Distrital da Milícia do Uije começa a distribuir pela população um folheto com o seguinte texto preventivo:

- «A milícia solicita aos habitantes de Carmona, para observar as seguintes determinações “em caso de alarme”. Encontrando-se em casa evite sair, exceptuando-se os componentes da milícia que se devem dirigir para os seus postos; tranque muito bem as portas e janelas; desligue imediatamente a luz; mantenha o máximo de silêncio, especialmente as senhoras e crianças de modo que não prejudiquem a presença de espírito dos que defendem; os civis armados que se preparam para a defesa devem fazer fogo pelo enfiamento das ruas. Os que percorrem as ruas em viaturas automóveis devem dirigir-se para suas casas o mais depressa possível, estacionem os carros e dirijam-se para o primeiro prédio; os que percorrem as ruas a pé, dirijam-se igualmente com a máxima brevidade para suas casas, evitando alarido; evitar atravessar a faixa de rodagem, seguindo pelo passeio colando-se à parede; se não for possível alcançar as suas próprias casas, abriguem-se no primeiro prédio. O sinal de alarme será dado pelas viaturas da PSP.»

Na residência oficial em São Bento o PM Salazar, acompanhado pelo MNE Marcelo Mathias, recebe a visita do MNE francês Couve de Murville.

Entretanto na Rua do Ouro, um grupo de dirigentes do DDS leva a efeito no escritório do advogado Acácio Gouveia «uma conferência de imprensa nacional e estrangeira», onde é apresentado o seu «Programa para a Democratização da República»¹.

- «Subscreveu com outros, o “Programa para a Democratização da República”, datado de 31/1/1961 mas só nesta data [08Abr61] apresentado pelo dr. Mário de Azevedo Gomes no escritório do dr. Acácio Gouveia, durante uma “conferência de imprensa” nacional e estrangeira.»²
- «A guerra colonial em Angola estava no seu início. O “Programa” tem a data simbólica de 31 de Janeiro de 1961, embora só tenha sido divulgado em Maio [?] depois de impresso e distribuído, mais ou menos clandestinamente, em Março [?] do mesmo ano. Por isso se escreve na última página: “O capítulo deste Programa que se refere à política ultramarina ficou directamente afectado pelos acontecimentos supervenientes”. E acrescenta-se: “Problema essencialmente político como este é, torna-se forçoso reencontrar na paz – nunca na guerra – o caminho do diálogo entre as populações e o asseguramento de todos os direitos”. E ainda: “Como Povo que se honra de encaminhar outros povos para a vida de homens livres e estados superiores de civilização, a representação dos portugueses tem que ser confiada a um governo que acredite nas virtudes da Democracia e delas saiba extrair as verdadeiras soluções nacionais”. Era prudente [...] tendo em conta o clima de histeria patrioteira – e de chantagem – que o Governo de Salazar e as máquinas de propaganda e repressão exerciam sobre a sociedade portuguesa. [...] Foi no seu escritório [do advogado Acácio Gouveia] na Rua do Ouro que fizemos [?] a apresentação à imprensa nacional e estrangeira do “Programa para a Democratização da República. [...] A conferência de imprensa correrá bem, o ambiente era eufórico, a PIDE, que ignorava [?] tudo, não nos interrompera. Raul Rego e Ribeiro dos Santos haviam escolhido a dedo os jornalistas das rádios, dos jornais, da imprensa estrangeira: conseguira guardar-se o segredo!»³

Enquanto isso no palácio da Cova da Moura o MDN general Botelho Moniz, a pretexto de ser discutido no CSDN o recente memorandum do CEMFA general Albuquerque de Freitas, convoca uma reunião mas o PM Salazar, avisado sobre o real intuito daquela, decide não comparecer: apesar das graves crises ocorridas no País ou a ele respeitantes, na década anterior raras vezes o CSDN foi convocado, e desde finais do ano passado o Conselho de Ministros apenas reuniu em 24Dez60 e 22Fev61; por seu lado, o ministro do Exército teve contacto directo com o PM somente nos últimos 4 meses; e na Crise do Santa Maria sucederam-se em São Bento – presididas pelo ministro da presidência do Conselho dr. Pedro Teotónio Pereira –, algumas reuniões entre membros do Governo e chefias militares.

- «Praticamente todo [?] o pessoal da Defesa decidiu que devia ser apresentada uma moção de desconfiança ao dr. Salazar durante a próxima reunião do Conselho [CSDN], que seria a 8 de Abril. Salazar, informado secretamente destes planos pelo coronel Arriaga, não assistiu à reunião. [...] Por essa altura, Salazar já identificara os conspiradores.»⁴
- «Salazar sabia e sentia a gravidade de tudo quanto se passava à volta; mas sabia igualmente que nenhuma resistência seria possível sem que a cena do psico-drama fosse iluminada e, com suficiente nitidez, aparecessem em palco bem visíveis os amigos e inimigos, os que eram contra e os que eram a favor do Ultramar. [...] Também sabia alguma coisa de guerrilheirismo e reparara que a arma mais poderosa dos guerrilheiros era a paciência: e a ele, paciência não lhe faltava. [...] Na Legião Portuguesa o grupo mais aguerrido dos antigos Viriatos, que pela nova Espanha se tinham batido heroicamente, preparava-se para vir para a rua caso o golpe preparado por Botelho Moniz se pusesse em andamento.»⁵

No comando da PIDE encontra-se o director-geral coronel de cavalaria Homero de Oliveira Matos, homem de confiança do general Botelho Moniz, mas o anterior director general Adelino Barbieri de Figueiredo Baptista Cardoso continua a trabalhar directamente com o PM Salazar, tal como o subdirector da Inspeção-Geral de Abastecimentos major de engenharia Fernando Eduardo da Silva Pais⁶ se encontra infiltrado no MDN e reporta directamente ao PR.

E logo a seguir à frustrada reunião do CSDN, o subsecretário do Exército coronel Costa Gomes, sob pretexto da necessidade de reflectir sobre a reacção da oficialidade ao citado memorando do CEMFA, alicia o ministro do Interior coronel Arnaldo Schulz⁷ para que o acompanhe à residência do MDN general Botelho Moniz, a fim de que ali possam falar à vontade «sobre a situação do País»: ou seja, para que o anfitrião e o subsecretário aproveitem a citada «conferência de imprensa da oposição» e tomem medidas que se enquadram na conspiração que têm vindo a preparar.

– «Na tarde de 8 de Abril, após ter seguido para Fátima, são dadas instruções à 2ªRM [Tomar] para pôr os comandos das respectivas unidades ao corrente da situação, acção determinada pelo MDN e subsecretário de Estado do Exército (Costa Gomes), na ausência do respectivo ministro e sem seu conhecimento.»⁸

Entretanto nos arredores de Luanda, persistem os tumultos nos muceques: os homens que constituem as milícias do Corpo da Defesa Civil, gastam o seu armamento e combustível que pagam do seu próprio bolso, trabalhando de dia e patrulhando à noite nos bairros indígenas periféricos, onde grupos terroristas se acoitam; todo o negro é suspeito e muitos são criminosos de delito comum. Durante a noite de hoje, um grupo de negros ateia fogo a um grupo de cubatas na parte alta da cidade, para provocar devastação idêntica à das sanzalas do Congo. Uma patrulha da Polícia Móvel desloca-se ao bairro Vila Alice e depara com populares enfurecidos e armados que cercam seis negros e uma negra encostados à parede de um barracão, apanhados em flagrante acto incendiário com outros que conseguem fugir, quando preparavam armas para lançar um ataque e matar mais europeus. A polícia mete os 7 revoltosos numa camioneta e dispersa a multidão.

– «De Luanda regressam a Carmona alguns refugiados que daqui partiram. Trazem novidades confusas, que em breve serão graves boatos a engrossar a onda alterosa de mentiras ou dúvidas, de que os jornais se vão fazendo eco: dizem que há calma no norte da província, que recomeçou o trabalho em todas as fazendas, voltando as populações negras às suas terras. As autoridades sancionam estas e outras mentiras, contra a honra dos pobres mártires que aqui vivem abandonados ao seu desespero, à sua desgraça, ao seu triste destino. Uma caravana saiu de novo, escoltada por alguns militares, para ir ao Vale do Loje recolher cerca de treze toneladas de café armazenado há algum tempo. Os insurrectos não deixam de vir frequentemente àquela zona, buscar o que precisam. A vaga de refugiados das zonas limítrofes de Carmona continua a engrossar, na ânsia de fugir à morte que cada vez ronda mais próximo as terras da selva. Com eles ou a par deles caminham nativos escoltados até à cadeia, onde serão interrogados por crimes cometidos e provados. A emissora local transmite todas as tardes instruções e conselhos à população civil: “Recolher a casa na emergência de ataque, procurando andares altos; nas ruas devem caminhar encostados às paredes ou muros; apagar as luzes todas as noites; e recolher obrigatório às vinte horas e trinta”. Noite fora, o patrulhamento é incessante, empregando carrinhas particulares e jipes.»⁹

¹ (entre os signatários, destacam-se: Acácio Gouveia, Álvaro Salema, António Cândido Miranda Macedo, António Sérgio de Sousa, Armando Adão e Silva, Artur Vieira de Andrade, Augusto Abelaira, Carlos Cal Brandão, Fernando António Piteira Santos, Fernando Mayer Garção, Francisco de Almeida Salgado Zenha, Francisco Ramos da Costa, Gustavo Caratão Soromenho, Helder Armando dos Santos Ribeiro (ex-reviralista coronel reformado que virá a falecer em 73), João Maria Santiago Prezado, José Fernandes Fafe, José Maria Barbosa de Magalhães Godinho, José Mendes Cabeçadas Júnior, José Ribeiro dos Santos, Luís Hermâni Dias Amado, Manuel Joaquim Mendes, Mário Alberto Nobre Lopes Soares, Mário de Azevedo Gomes, Mário Manuel Cal Brandão, Níkias Ribeiro Scapinakis, Raul de Assunção Pimenta Rego, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco da Gama Lopes Fernandes);

² (cf Proc.328/61-1ªDiv. e outros relacionados, in “Presos Políticos...” volumes III-VI); ³ (Soares, op.cit pp.164,163); ⁴ (Cann, op.cit pp.58); ⁵ (Múrias, op.cit pp.74,77);

⁶ (nascido em 16Nov05; casado e residente na Rua de Moçambique à freguesia dos Anjos em Lisboa; em 06Abr62 será nomeado director-geral da PIDE);

⁷ (ministro desde 17Ago58); ⁸ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182); ⁹ (Órbelino, op.cit pp.92/3)

Abril.9

avião segue rumo a Bissau com o restante efectivo da CCE84

No centro-sudeste do Congo-Léo, o soba Albert Kalonjy é proclamado soberano do Cassai-Sul e adopta o título de *Albert I du Katanga*.

É em Lisboa o PM recebe novamente, na presença do ministro Marcelo Mathias, o MNE francês Couve de Murville que termina as conversações do fim-de-semana.

– «O jornal brasileiro “O Estado de São Paulo” publica uma entrevista concedida por Henrique Galvão, intitulada “Opiniões sobre o problema das colónias portuguesas”.»¹

– «Na madrugada de 9 de Abril o [general Valadares Tavares] comandante da 1ªRM é convocado em Fátima por telefone, para uma reunião às 17:00 em Lisboa com a presença do segundo-comandante daquela RM, por decisão do MDN, para comunicar aos generais comandantes das três regiões militares do Continente a decisão de se demitir (sem ter atendido ao pedido do ministro do Exército). No entanto, tal reunião é anulada pouco depois, mantendo-se a convocatória dos comandante e segundo-comandante da 1ªRM, que reuniram com o MDN e a presença do ministro do Exército. Em seguida, este reúne em sua casa com o segundo-comandante da 1ªRM, conversa a que estava presente o subsecretário de Estado do Exército, telefonando de seguida ao [general António Maria Meira e Cruz] comandante da 2ªRM recomendando prudência e discrição nas diligências “a que se iria proceder de harmonia com os meus desejos”. Os comandantes da regiões militares e praticamente todos os comandantes das unidades, dada a aspiração geral da Nação face à gravidade do momento, “entenderam que se procedesse a uma ampla remodelação ministerial que, se fosse julgado conveniente pelo chefe do Estado, pudesse acarretar a substituição do próprio presidente do Conselho”.»²

– «Abril 9 - Botelho Moniz opta pela força. O seu adjunto, Viana de Lemos, transmite a Elbrick que o presidente da República, Américo Thomaz, seria colocado perante factos consumados e teria de demitir Salazar, sob pena de as Forças Armadas o demitir também a ele.»³

É ao fim da tarde, em casa do MDN general Botelho Moniz decorre mais uma reunião privada para «discutir a situação do País», mas nesta estando presentes o ministro do Exército coronel Almeida Fernandes e o comandante da 1ªRM-Porto general António Augusto de Valadares Tavares. Toma-se como certo que o ex-PR marechal Craveiro Lopes apoia o MDN e seu grupo conspiratório, tanto mais que hoje mesmo o general Botelho Moniz chegou ao ponto de referir ao embaixador norte-americano, como possível sucessor de Salazar, o nome de Marcelo Caetano em primeira

escolha (com apoio do subsecretário da Educação Nacional dr. Baltazar Rebelo de Sousa), ou António Pinto Barbosa (ministro das Finanças), para a formação de um governo abrangente e de várias facções. De facto o MDN confia cegamente num generalizado apoio castrense para desencadear o *putsch*, e que os militares apoiarão um novo governo de civis nomeado por Américo Thomaz: o ministro da Marinha vice-almirante Quintanilha de Mendonça Dias encontra-se em França; o CEMGFA general Beleza Ferraz e o CEMFA general Albuquerque de Freitas estão ausentes em visita nos EUA; e quanto ao CEMA vice-almirante Joaquim de Sousa Uva, é leal a Botelho Moniz e simpatiza com as suas intenções, tal como alguns dos comandos superiores da GNR e da PSP, tendo o MDN já revelado o seu plano aos comandantes das unidades e deles obtido a aprovação. Pouco depois, o ministro do Interior coronel Arnaldo Schulz toma conhecimento do teor da reunião e segue ao Largo do Carmo, onde passa a pernoitar no comando-geral da GNR e dali contacta o comandante-geral da PSP general Fernando Oliveira, a quem ordena vigilância sobre movimentos de outras unidades territoriais da GNR.

– «Craveiro Lopes viria a relatar-me que havia sido dado pelos conjurados ao presidente do Conselho o prazo de oito dias para, com toda a dignidade, pedir a demissão.»⁴

Entretanto em Luanda, ao princípio da noite circulam *mujimbos* sobre uma invasão terrorista vinda do Sambizanga para a parte baixa da cidade. Grupos de homens com caçadeiras e pistolas, e de mulheres com catanas e machados, reúnem no Largo da Maianga e ruas adjacentes; cerca das 20:00 arrancam as patrulhas-auto com jipões e jipes do comando militar, e logo a seguir passam céleres as viaturas da Polícia Móvel; o pânico instala-se na cidade enquanto soldados com capacetes de aço e pistolas-metralhadoras chegam à periferia do Sambizanga tomando posições; o muceque está calmo e de luzes apagadas, mas logo se começa a ouvir um rufar de tambores e gritos «UPA, UPA!» e «Mata branco! Mata branco!». A tropa avança sobre o muceque e os revoltosos fogem em debandada em todas as direcções.

¹ (Morais e Violante, op.cit pp.174); ² (Almeida Fernandes, op.cit 159-182); ³ (Antunes, op.cit pp.19); ⁴ (Almeida Santos, op.cit vol.I pp.127)

Abril.10

A cerca de 60km nordeste de Luanda, são avistados às primeiras horas da manhã grupos terroristas nas vizinhanças do Caxito e das Mabubas.

Algum tempo depois, frente ao edifício da Fazenda Pública na capital angolana, um terrorista que actuou no norte é reconhecido por refugiados e agarrado pela população: em seguida, outros dois terroristas são capturados junto à Livraria Lello por populares. Na cidade circulam insistentes rumores sobre contrabando de armas, emissores-rádio clandestinos, serviços de espionagem e contra-espionagem; num hotel onde estão hospedados jornalistas metropolitanos, um negro criado de quarto informa que «*ontem de noite muito bandidos de fora, muita confusão no muceque*».

No norte do Catanga eclodem sangrentos combates, que envolvem soldados etíopes do contingente das Nações Unidas, morrendo mais de 200 indígenas *balubas*.

E em Lisboa o ministro do Exército, após receber uma informação do seu subsecretário, reúne ao fim da manhã com o coronel Arnaldo Schulz e «*expõe pessoalmente ao ministro do Interior que não concorda com a sua distanciação e falta de apoio, e lamenta que o ministro não tivesse manifestado a discordância quando do encontro que com o MDN havia tido*»¹; mas o coronel Schulz replica que, quando saiu da reunião há dois dias em casa do general Botelho Moniz, afirmou ao subsecretário do Exército que «*sempre a sua acção se pautaria por estreita obediência ao Governo instituído*». Pouco depois, instado a esclarecer a sua posição perante o MDN, limita-se a acrescentar que se ausenta «*de Lisboa para parte incerta, dentro de minutos*».

No sudoeste do concelho do Negaje, por volta das 23:00 e cumprindo ameaças proferidas há onze dias por dois agentes da UPA, cerca de mil terroristas atacam a Fazenda Maria José, dirigindo-se em primeiro lugar às instalações dos empregados europeus que saqueiam e destroem, descendo depois em grande alarido às camaratas dos bailundos: dois que estão de guarda atiram-se ao capim e conseguem fugir; outros acordam com o barulho, assomam às portas e são logo abatidos; a maior parte é selvaticamente esquarterada nas camaratas durante o sono. Os terroristas assassinam mais de três dezenas de angolanos negros, entre eles: o capataz Quimuar Dimuca; o casal septuagenário Bumba, que casualmente ali pernoita; dois bailundos a quem cortam os sexos, metidos na boca das respectivas mulheres também mortas; José Cabaça, Manuel Lenga, Mário Catende e outros 20 homens bailundos, mais uma mulher e duas crianças.

– «*On the 10th of April a group of black workers [bailundos] was attacked at Aldeia Viçosa. That had never [?] happened before. It probably resulted from the fact that the terrorists had not succeeded in winning these labourers from the South to their cause. These unarmed people, remaining after the whites had fled or had been killed, were often the only inhabitants of the plantations and were an easy prey. [...] Attacked at a later stage, only black workers lived on the plantation Maria José and they were all killed. The loathsome deeds done with the corpses, cannot be surpassed in repugnance. The Baptist-missionary Clifford Parsons is of the opinion that "when the Africans were under the influence of drugs, and therefore not responsible for their actions, the atrocities, regardless of how terrible they were, lose the shame attached to moral offences".² Congratulations, Mr. Missionary!*»³

Entretanto em Lisboa, durante a noite o ex-MDN brigadeiro Santos Costa alerta o subsecretário da Aeronáutica para reuniões do grupo Botelho Moniz nas instalações do governo militar em São Sebastião da Pedreira, em face do que o coronel Kaulza de Arriaga telefona imediatamente ao ministro do Exército coronel Almeida Fernandes, que o informa terem aquelas sido promovidas pelo próprio governador general Gonçalves Silva Domingues.

– «*Numa reunião de comandos no governo militar de Lisboa, o general Silva Domingues levanta perante os oficiais presentes o problema da "exoneração compulsiva" de Salazar da chefia do Governo. O ministro do*

Exército, interrogado por Kaulza sobre o assunto, esclarece que, segundo informações colhidas junto do governador militar, este apenas exortara os seus subordinados a manterem-se atentos e unidos nas circunstâncias difíceis que o País atravessava.»⁴

¹ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182); ² (in "Angola - a Symposium", pp.69); ³ (Huibregtse, op.cit pp.69/68); ⁴ (Nogueira Pinto, op.cit pp.130/1)

Abril.11

O posto administrativo do Úcuá, a 125km nordeste de Luanda e 59km leste do Caxito, é atacado por numeroso bando da UPA: às 12:10, o chefe Vasco de Abreu lança um pedido de socorro pelo seu rádio P19, ao mesmo tempo que os residentes esgotam as munições contra a horda terrorista, que se lança ao assalto torturando e matando os 12 homens residentes, 2 camionistas de passagem para almoçar, uma criança e a mulher do dono do botequim, que ali regressou anteontem, à qual os terroristas desmembram os braços e abrem o ventre de alto a baixo com uma catanada; apenas se salva um rapaz de 15 anos, ajudante no botequim e única testemunha do massacre, ao qual escapou escondido no mato por estar perto do capim quando os terroristas lançaram o ataque.

– «On the 10th [11] of April, Úcuá became the target of the terrorists. Some of them had painted their faces red and on the handles of the hacking-knives they had scraped "UPA-Lumumba". The inhabitants were butchered. The big road from Luanda to Carmona, which carries most of the traffic to the north, could not be used after this attack.»¹

– «As notícias alarmantes provenientes do norte continuavam a chegar a um ritmo elevado. A chacina alastrava e a desorientação era total. A última acção de envergadura, tinha sido o assassinio dos camionistas quando almoçavam no Úcuá depois de ter feito a estrada do café desde Quitexe com a protecção de uma escolta militar.»²

– «Do Norte chegavam fugitivos alucinados, que tinham presenciado torturas e assassinios de familiares. Calcorreavam centenas de quilómetros, acoissados e apavorados, escondendo-se nas florestas, entravam em Luanda feitos farrapos humanos. Muitos salvaram-se mercê da abnegação de negros que deram a vida por eles ou os furtaram à sanha dos bandoleiros. Entre o Úcuá e a Tentativa, um negro transportou às costas um soldado ferido. Em rasgos de valentia, com o pundonor de militares que honram a farda, o capitão [Rui Vazques] Mendonça, o alferes Robles, foram alguns dos oficiais que supriram a escassez da defesa, travando o ímpeto dos atacantes. Seriam, depois, incoerentemente acusados de excessos. É cómodo e cobarde formularem-se acusações desta índole contra homens que entravam numa casa e viam mulheres de seios cortados, os sexos dilacerados por bocados de madeira, que para onde fossem deparavam com sanzalas queimadas, com culturas destruídas. Quem podia acusá-los de excessos? Por acaso estavam em Luanda, quando ali chegaram caixotes cheios de pedaços de carne humana? Procuraram informar-se de quem eram esses restos? Por acaso, eu estava lá e sabia que a macabra "encomenda" continha ossos, carne, nervos de uma família do Úcuá: do proprietário de um restaurante, da sua mulher, dos seus empregados negros; eu estava lá e soube de um enfermeiro que matou, friamente, o chefe do posto, seu antigo condiscípulo em Moçâmedes. Eu estava lá e ouvi a descrição dos massacres no Úcuá e nos Dembos, dos assaltos aos camionistas desprotegidos, da selvajaria que se abatera sobre o Norte.»³

– «Na manhã de 11Abr61 ocorre uma cisão grave no Governo, por "rigidez e isolamento de Salazar que não atendeu, em tempo útil, aos apelos dos ministros responsáveis pela defesa do Ultramar no sentido de tomar rapidamente medidas que a gravidade da situação exigia. Maus conselheiros terão impedido Salazar de escutar estes apelos". Entretanto ocorre uma "violenta e intencional campanha de boatos [?] na província, e principalmente em Lisboa, lançada por elementos da situação e conhecidos como agitadores profissionais, com evidentes prejuízos para a Nação; alguns estariam na sombra, dirigindo habilmente em seu único proveito toda a manobra. Perante tudo o que se tinha passado e a forma como os acontecimentos se iam precipitando, não estavam em causa quaisquer questões de lealdade para com o presidente do Conselho. Solução: comunicar ao chefe do Estado, o estado de espírito dos ministros descontentes, depondo nas suas mãos o cargo que desempenhavam no Governo, assegurando-lhe a unidade do Exército dentro da legalidade; e solicitar que solucionasse a crise promovendo ampla remodelação do Governo, por forma a que deste fizessem parte os melhores valores da Nação. Qualquer outro caminho conduziria à desagregação das Forças Armadas ou à realização de um golpe de força". Tudo isto é comunicado na reunião da manhã de 11Abr61 [pelo ministro do Exército] ao seu subsecretário e ao MDN, deste obtendo a concordância. De tarde, repete o mesmo ao governador militar de Lisboa, general Silva Domingues, que se "mostrou de acordo com a posição, assegurando lealdade pessoal e das tropas sob seu comando"; de igual forma os [comandantes das 1ª e 2ªRM] generais Valadares Tavares e Meira e Cruz, mereceram a confiança do ministro do Exército.»⁴

Em Lisboa ao princípio da tarde, o presidente da comissão executiva da UN dr. João Costa Leite recebe em sua casa para almoçar o subsecretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga, que o coloca ao corrente da situação conspirativa do grupo Botelho Moniz.

– «Na manhã de 11 de Abril numa conversa com Kaulza, Almeida Fernandes confessa-se apreensivo com o estado de "sobreeexcitação" do ministro da Defesa, que o levava a encarar a hipótese de tentar um golpe de força contra Salazar, o que poderia degenerar numa guerra civil. Acrescentava que ele, ministro do Exército, não acompanharia Botelho Moniz em tal gesto. Chegam entretanto notícias de que o Exército entrara de prevenção e o ajudante-de-campo de Costa Gomes andava em unidades de Lisboa a fazer "sondagens" sobre os eventuais apoios a um golpe de força para derrubar Salazar.»⁵

Durante a tarde o Exército entra de prevenção e, ao mesmo tempo que no estádio de futebol do Restelo decorre um jogo amigável entre equipas militares de Portugal e de Marrocos, no palácio de Belém os MDN e do Exército solicitam à PR uma audiência urgente mas recebem como resposta, do chefe da Casa Militar brigadeiro Humberto Pais, que o contra-almirante Américo Thomaz acede a uma reunião ao meio-dia de amanhã.

Ao anoitecer, o coronel Kaulza de Arriaga recebe em sua casa o chefe da casa militar do PR, que sugere a entrada de prevenção para a Força Aérea. Por seu lado, os MDN e do Exército voltam a insistir junto da PR para que sejam recebidos ainda hoje, mas o contra-almirante Américo Thomaz após o jantar recebe o PM e, antes de aceder ao pedido dos ministros, através do brigadeiro Humberto Pais confirma por telefone com o coronel Kaulza de Arriaga a conveniência da Força Aérea entrar de prevenção; percebendo que o PR não tencionava afastar o PM Salazar, o coronel Arriaga avisa este de que *«lhes preparam um avião para a Suíça»*.

- *«O presidente da República avisa Salazar e consulta os seus assessores e amigos, do que resulta [...] Kaulza de Arriaga, subsecretário de Estado da Aeronáutica, ter começado a actuar mandando colocar a Força Aérea em estado de prevenção e ocupado bases estratégicas, na ausência do CEMFA general Albuquerque de Freitas que era favorável a Botelho Moniz. Tudo foi feito sem Kaulza ter informado Botelho Moniz, de quem dependia por ser este o ministro da Defesa.»*⁵
- *«Havia um avião preparado com dinheiro e uma tripulação para levar o presidente do Conselho para a Suíça, e o presidente da República também para fora de Portugal. Nomeava-se um presidente interino, faziam-se eleições e evoluía-se da ditadura que tínhamos para uma democracia. Não houve nunca em Portugal um comprometimento tão grande como nessa altura. Estavam comprometidas todas as Regiões Militares, todas as forças policiais, até a Guarda Fiscal.»*⁷
- *«Encontrava-se no aeroporto um avião preparado com tudo o que era necessário para que Salazar se pudesse instalar magnificamente na Suíça. Não se falava na destituição do presidente da República, mas naturalmente seria substituído.»*⁸

Em seguida o subsecretário da Aeronáutica convoca o vice-CEMFA general Tiago Mira Delgado e os generais Francisco António das Chagas⁹ e Machado de Barros, para que organizem de imediato um gabinete-de- crise no AB1-Figo Maduro, devendo o reforço da segurança ser constituído por pára-quedistas aerotransportados de Tancos.

- *«Havia que travar uma chacina desencadeada com cerca de 2 mil vítimas em menos de dez dias, e que defender o multi-racialismo contra o ódio racial. Nessa altura Kaulza de Arriaga apoiou Salazar, como tantos outros o fizeram, por concordância com a sua atitude perante o problema ultramarino. Quando fui chamado de Moçambique, acompanhei de perto a sua actuação e mais tarde colaborei na revisão do relato que escreveu, e que veio a ser parcialmente divulgado com interpretações tendenciosas. Sendo certo que a intervenção de Kaulza fôra decisiva para neutralizar a tentativa militar do general Botelho Moniz, em que Costa Gomes participara, não é menos verdade que nunca tinha sido um salazarista incondicional. Nunca o fez por concordância com a doutrina política do presidente do Conselho. Como político e como militar, manteve-se sempre coerente com esta posição.»*¹⁰

Pouco depois, à residência do coronel Kaulza de Arriaga chega o subsecretário da Administração Ultramarina prof. Adriano Moreira, que lhe manifesta o seu total apoio.

Enquanto isso chega a Carmona o chefe Nogueira, do posto administrativo do Ambuíla, que traz novas informações: não é verdade que a aviação tenha bombardeado a serra da Cananga, em cujo topo norte se mantêm escondidos terroristas da região, bem como na serra do Pingano; no Vale do Loje, todos os mortos foram esquartejados; no Gombe¹¹ e na Roça Santa Leocádia¹² conseguiu-se retirar todo o café da região que estava armazenado; em Sanza Pombo a acção do administrador concelho tem sido muito criticada, porque até agora limitou a sua actividade a viver de casa para a repartição e vice-versa, pelo que governador-geral lhe ordenou por telegrama a transferência para Luanda. Simultaneamente, surgem rumores de um novo ataque que os terroristas preparam à Fazenda Cipriana.

Entretanto a Nigéria anuncia um boicote total ao comércio com a União Sul-Africana.

¹ (Huibregtse, op.cit pp.69); ² (Silva Cardoso, op.cit pp.152); ³ (Pompilio, op.cit pp.73/4); ⁴ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182); ⁵ (Nogueira Pinto, op.cit pp.131); ⁶ (Ferreira, op.cit pp.184); ⁷ (Costa Gomes, Expresso 08Out88); ⁸ (idem, op.cit pp.96); ⁹ (em 59-60 brigadeiro comandante da zona militar dos Açores); ¹⁰ (Jardim, op.cit pp.196/7); ¹¹ (posto administrativo concelho de Nambuanguo; port.11995/27Dez61); ¹² (fazenda cafeicola no concelho do Songo)

Abril.12

Pouco depois da meia-noite, na sua vivenda geminada da Rua Almirante António de Saldanha (no bairro do Restelo), o PR Américo Thomaz recebe em audiência os MDN e do Exército general Botelho Moniz e coronel Almeida Fernandes, a insistente pedido urgente destes.

- *«Confiantes de que todos os comandos militares lhes obedeceriam, têm uma audiência cerca da meia-noite com o presidente da República, na qual Botelho Moniz propõe o afastamento imediato de Salazar, que aquele não aceita pedindo algum tempo para reflectir, pelo menos até ao dia seguinte. [...] O almirante Américo Thomaz [...] governara com Salazar [...] em perfeita harmonia, sem nunca se intrometer na resolução dos problemas internos do País que considerava da competência do Governo. [...] Thomaz era um homem sério e pouco político [...] que se acostumara na presidência a não fazer “vida política activa ou palaciana”, mantendo o funcionamento do palácio de Belém praticamente sem despesa pessoal, e vivendo quase sempre retirado e modestamente na sua casa particular do Restelo, adquirida [anos antes da sua eleição] por intermédio dos organismos sociais da Marinha, e não recebendo sequer as ajudas de custo oficiais nas suas muitas deslocações pelo País.»*¹

E enquanto no aeroporto da Portela os pára-quedistas vindos de Tancos ocupam posições, na sua residência o contra-almirante Américo Thomaz prolonga até perto das 04:00 a citada reunião.

- *«Às primeiras horas da madrugada de 12Abr61, a GNR e a Força Aérea entram de prevenção. Prosseguia uma “violenta e verrinosa campanha de boatos lançados contra nós, por verdadeiros elementos de partido que buscavam acima de tudo defender as suas vaidades feridas ou os seus interesses e as suas posições.”»*²
- *«O presidente da República recebe os ministros da Defesa e do Exército que lhe fazem uma exposição sobre a situação, advogando a necessidade da demissão de Salazar, ao que o contra-almirante Thomaz, reservando-se para resposta definitiva, replicou não lhe parecer tal a melhor forma de ultrapassar a crise.»*³

Entretanto no noroeste de Angola, os trabalhadores bailundos passam a usar fitas brancas atadas à cabeça para não ser confundidos com indígenas terroristas da UPA que até à data, entre milhares de massacrados, assassinou os frades capuchinhos Graziani, Felisberto, Agapito e o irmão capuchinho Mariano. Na povoação da Demba, a norte do Uíje, o missionário capuchinho Pedro João de Trieste, brandindo um crucifixo, foi hoje crivado de balas pelos terroristas e em seguida espezinhado selvaticamente. A actividade terrorista aumenta: no Bembe e em Mucaba já há ataques com armas automáticas e granadas; a população do Bungo encontra-se entrincheirada na capela há vários dias; quanto à população da Demba (31 de Janeiro), sitiada por 2 grupos terroristas que já incendiaram toda a aldeia à excepção da residência do administrador de posto, é hoje salva por caçadores especiais vindos de Maquela do Zombo.

– «O tenente 'pára' [Manuel Claudino Martins] Veríssimo, após defender a Damba com o seu pelotão [de 9 pára-quedistas da 1^oCCP], marchara para 31 de Janeiro, a 1^o povoação a ser arrebatada aos bandoleiros. O alferes Mota da Costa deslocou-se para o Bungo como uma secção.»⁴

– «O Bungo está cercado. O Puri vive a maior angústia, na incerteza da hora em que serão atacados os seus habitantes completamente desprotegidos. Na serra da Cananga os insurrectos descem pelas 13:00 à Fazenda Cipriana: através da Roça Lisboa, cortam a ponte do rio Loje e acampam, como prometeram e se esperava, naquela fazenda. Três serviços fiéis conseguem fugir e trazer a certeza do facto. O encarregado da Roça Olívia verificou que a ponte foi cortada, tendo as longarinas e o tabuleiro caído ao rio. Só amanhã será possível sobrevoar a fazenda com o minúsculo aparelho do Aero clube do Congo e, o Fernandes como observador, ver o que ali se passa se a visibilidade o permitir. Cerca das 01:30 regressa a Carmona a caravana que saiu para a margem direita do Vale do Loje, e Ribeiro da Costa confirma que a ponte sobre o Loje foi danificada: da Fazenda de Baracha & Barreira avista-se perfeitamente uma bandeira vermelha espetada num pau em frente à casa da Fazenda Cipriana, e vários nativos esgueiram-se de um lado para o outro a banquetear-se com o que encontram. A Damba chegam os habitantes de 31 de Janeiro. [...] A força militar ali provisoriamente aquartelada regressou a Maquela do Zombo e os rebeldes aproveitaram a situação. A população resistiu bem, tendo os assassinos de retirar abandonando no local mais de trinta mortos. Entre a população foi barbaramente assassinado pelos terroristas um frade capuchinho italiano mas de ascendência germânica, morto a tiro e depois esquartejado a golpes de catana pela turba negra ensandecida. Os sitiados conseguem recolher os pedaços deste corpo mártir e dar-lhe enterro condigno. A sua heroicidade ficará na história dos povos enlutados pela Pátria, na santa e ingénua tentativa de pregar aos assassinos o amor de Cristo entre os homens.»⁵

Por essa ocasião chegam ao Negaje três espavoridos trabalhadores da Fazenda Maria José – os guardas João Baptista e Maurício Jorge, e um empregado europeu –, que na noite de anteontem fugiram no início do assalto terrorista, e relatam o sucedido às autoridades.

– «Nas fazendas Monte Verde e Belpingano, os assaltantes chacinaram [em 14-15Mar61] grande número de trabalhadores bailundos. De Carmona seguiu uma força de 30 homens e igual número de civis, bem como a brigada da Junta do Café, com socorros aos sinistrados. A coluna mista encontrou 24 bailundos mortos nas fazendas referidas, e regressou sem ter contactado com os terroristas.»⁶

Durante a manhã, a vila de Lucunga é atacada e os terroristas massacram a maior parte dos habitantes.

– «On the 12th of April, at a junction of roads halfway to Carmona, Lucunga was destroyed in the same way as Úcua. The women and children were evacuated but the men remained did not have enough arms and only a few escaped. Now it was the turn of fazendas outside the Dembos territory, e.g. in Mucaba. The increased activity of the terrorists was attributed to the fact that they now had certainty about the small numbers of troops present. When attacked, these troops could achieve little, because of the vastness of the area and the density of elephant grass, which grows 3-4 metres high and gives the enemy the opportunity of hiding at a distance of one metre from the road without being seen. The massacres in Cólua, Úcua and Lucunga, made an end to the period of rumours and showed the seriousness of the events. It became clear that the local authorities did not have the means to cope with the situation and that it was necessary to intervene. The forces sent so far – parachutists, riflemen and police troops – were not enough and the lack of counter-measures made the terrorists bold and made them believe that the Portuguese government was hesitating; the wavering natives also believed that the whites had fled for ever and would not return.»⁷

Entretanto numa sanzala ao km.105 da estrada Luanda-Dondo, entre Cassoneca e Maria Tereza, o negro Adão Gongá de 45 anos e lavrador com cem cabeças de gado, há muito que não vê com bons olhos o namoro da jovem negra Aurora João, de 19 anos e filha do soba vizinho, com o jovem europeu João Alves Pinho de 25 anos e natural da Beira Baixa, residente em Luanda há quatro anos. Para separar os dois começou por oferecer gado ao pai da rapariga e nos últimos quinze dias pressionou, com homens do sobado de Aurora, o pároco negro da Muxima para se descomprometer de casar os dois. Nada tendo conseguido, regressa hoje ao sobado vizinho acompanhado por quarenta negros de sua confiança armados de catanas, faz umas feitiçarias, mata o soba António Diogo Ferreira com uma catanada e amarra a filha Aurora João a um tronco, à vista dos patrícios aterrorizados pelos feitiços; em seguida pega numa faca-de-mato e abre o ventre da jovem negra, derrama as suas entranhas no chão de onde escolhe o fígado que leva à boca e come. Depois de mais alguns passes de mágica, retira-se com os seus apaniguados. (A notícia do sucedido só daqui por dois dias chega a Luanda, tendo então e de imediato as autoridades enviado para o local uma patrulha da polícia móvel). Enquanto isso no litoral a sul da capital angolana, encontra-se fundeado em Porto Amboim o NRP São Tomé, cuja guarnição está de visita à vila da Gabela.

Ao fim da manhã na Manutenção Militar em Lisboa o MDN e o PR cumprimentam-se cordialmente, tendo este informado o general Botelho Moniz que após o almoço vai receber no palácio de Belém o PM, a fim de ficar definida a esperada remodelação ministerial. Mas a meio da

tarde, no palácio da Cova da Moura o MDN convoca o subsecretário da Aeronáutica e pergunta-lhe quem autorizou a Força Aérea a entrar de prevenção e a deslocar pára-quedistas para a Portela, ao que o coronel Kaulza de Arriaga responde «considerar ter atribuições para tal efeito e saber que o Exército também se encontra naquela situação»; o general Botelho Moniz acusa-o de exorbitar e de faltar à verdade, e de modo exaltado ordena-lhe que se retire chamando-lhe «velhaco e desleal».

– «Durante a tarde, o MDN pergunta-lhe [ao coronel Almeida Fernandes] se o Exército estava de prevenção; em face da resposta pediu-lhe que aguardasse e mandou chamar o subsecretário de Estado da Aeronáutica, que compareceu em poucos minutos, perguntando-lhe se a FAP estava de prevenção. Pela afirmativa, perguntou a Kaulza de Arriaga porque dera essa ordem, recebendo em resposta por lhe haver dito que o Exército estava de prevenção. O MDN afirmou então que tal não era verdade, não estava nem nunca estivera, e o ministro do Exército ali estava para o confirmar. O MDN perguntou a Arriaga quem lhe dera tal informação e este respondeu “que não podia dizer ao ministro quem lho dissera”. O MDN mandou o subsecretário retirar-se, pois a sua atitude denotava ter sido desleal para com ele pondo as tropas de prevenção sem lhe dar conhecimento, alegando uma informação que era falsa e que não procurara confirmar, e por fim negando-se a revelar-lhe qual a fonte informativa.»⁸

Ao fim da tarde o subsecretário da Aeronáutica dirige-se ao palácio de Belém e relata o sucedido ao PR Américo Thomaz, a quem relembra a crise que decorre em Angola, solicitando que não sejam feitos mais adiamentos contra a conspiração liderada pelo general Botelho Moniz, o qual pouco depois faz chegar à PR novo pedido de audiência urgente, que lhe é liminarmente negada.

– «Botelho Moniz convoca-o [ao subsecretário da Aeronáutica] e interpela-o com violência, mas não o prende e Kaulza fica livre para continuar a acção de impedimento do golpe de Estado. Botelho Moniz tenta a seguir que o presidente da República demita Kaulza e pede-lhe nova audiência para esse fim, mas o presidente passa toda a manhã em visita à Manutenção Militar, onde almoça, e – sem recusar nova audiência – informa Botelho Moniz de que tem combinada já para a parte da tarde uma entrevista urgente com o presidente do Conselho, que terá prioridade. Botelho Moniz não chega pois a ser recebido mas o presidente informa-o de que a demissão dos elementos do Governo precisa de ser proposta pelo presidente do Conselho, pelo que não pode demitir o subsecretário de Estado.»⁹

– «Em resposta ao pedido dos dois ministros, Américo Thomaz entregava-lhes uma carta em que “repudiava, por prejudicial ao interesse nacional, a proposta de saída do presidente do Conselho”. À tarde, no gabinete do ministro da Defesa e na presença de Almeida Fernandes, dá-se viva troca de explicações sobre a situação entre Botelho Moniz e Kaulza, acabada a qual o subsecretário da Aeronáutica se dirige à Presidência da República, onde relata ao chefe de Estado o sucedido. Botelho Moniz telefona também para Belém a pedir uma audiência que lhe é recusada. O golpe desenhava-se com nitidez, os contactos e sondagens para aliciamento de forças multiplicavam-se. [...] Os comandantes de unidades oficiosamente sondados sobre a posição que assumiriam, responderam geralmente que, a dar-se qualquer confrontação, obedeceriam ao superior hierárquico competente. [...] Quanto aos conjurados, observe-se a precipitação e os erros de Botelho Moniz e Almeida Fernandes, e o papel um tanto equívoco deste último. Repare-se que Costa Gomes, embora fosse considerado o “cérebro” do golpe, nunca aparece em primeiro plano nas jogadas desde o momento em que a confrontação surge inevitável. Procura, como fará sempre, ficar de fora empurrando para a fogueira os comparsas mas “queimando-se” o menos possível.»¹⁰

– «Nós não éramos bem conspiradores, porque o assunto foi posto pelo general Botelho Moniz ao presidente do Conselho e ao presidente da República. Não houve uma conspiração, no sentido de haver qualquer secretismo naquilo que estávamos dispostos a fazer. Três ou dois dias antes de sermos demitidos, o general Botelho Moniz e o brigadeiro Almeida Fernandes foram a casa do presidente da República e pediram-lhe para substituir o presidente do Conselho, dizendo que o problema fundamental era a resolução da questão ultramarina. [...] O problema foi que, a partir de certa altura (dois ou três dias antes), houve unidades constituídas que se opuseram ao movimento. Sempre achei que devíamos evitar as modificações radicais, revolucionárias. Sempre pensei que o homem tem capacidade para engendrar processos de modificação das situações sem necessidade de utilizar a força e a violência. Nunca esquecerei o que vivi quando vim para Lisboa, ainda não tinha dez anos. As revoluções eram constantes. Saíamos à rua e não sabíamos se podíamos regressar a casa, eram tiros que nunca mais acabavam. Havia zonas, como a Rotunda, o Rato ou Monsanto, em que o tiroteio era quase permanente. A ausência de um mínimo de segurança pessoal e até social marcou muito a minha formação. O 28 de Maio veio trazer uma certa tranquilidade, mas não total porque as revoluções continuaram até 1932. Fui, pois, profundamente marcado pelo facto de andarmos sempre aos tiros uns aos outros.»¹¹

Regressado do bairro do Restelo, o MDN dirige-se à Avenida Duque de Loulé e entra na embaixada dos EUA, onde solicita encontro urgente com o titular Burke Elbrick; mas este transmite recusa devido aos contactos mútuos por demais conhecidos e especulados; em alternativa, o general envia então o seu chefe-de-gabinete major Viana de Lemos, para lhe transmitir que vai «avançar dentro de um ou dois dias».

– «Os representantes dos EUA em Lisboa dissociam-se imediatamente de Botelho Moniz, mas este acontecimento vem aumentar ainda mais a tensão entre o primeiro-ministro Salazar e a administração Kennedy.»¹²

– «Num último arranque de pesporrência e brutalidade, Botelho Moniz armado encaminhou-se para o Restelo, para a residência particular do presidente da República para o intimar a demitir Salazar e Kaulza. Dando de caras com a negativa de Thomaz e, mais ainda, com toda a casa militar do chefe do Estado escondida e armada por detrás dos reposteiros mas suficientemente à vista, resolveu prosseguir com a sua tarefa. [...] Avisou o embaixador dos Estados Unidos que o presidente do Conselho estaria demitido em um ou dois dias e, tendo Costa Gomes gostosamente como ajudante para que se respeitasse a cadeia do comando, deu ordem à Escola Prática de Infantaria [em Mafra, sob comando do coronel tirocinado de infantaria João Alexandre Caeiro Carrasco]¹³, para fazer avançar dois batalhões sobre Lisboa, para lhe apoiar a

argumentação [mas aquele ignorou a ordem]. [...] Logo a seguir a Botelho Moniz, [o PR] encarregou o sobrinho e ajudante-de-campo comandante Guilherme Thomaz de contactar as tropas, enquanto abundantemente se aconselhava com José Soares da Fonseca, seu amigo de sempre, velha raposa da política¹⁴ que sabia tudo e mais alguma coisa sobre a preparada intentona e sobre as forças com que poderia contar.»¹⁵

Neste entretempo é contactado o ministro do Interior coronel Arnaldo Schulz, que confirma controlar a PIDE, GNR, PSP e LP; por seu lado o subsecretário da Aeronáutica, pouco depois de ter saído do palácio de Belém, recebe a visita do embaixador português em Madrid brigadeiro piloto-aviador Venâncio Augusto Deslandes (cunhado de Botelho Moniz), estabelecendo em seguida contactos directos com os doutores Costa Leite e Correia de Oliveira, brigadeiro Santos Costa e prof. Adriano Moreira, o qual sugere a nomeação do próprio PM para MDN, do coronel de infantaria Mário José Pereira da Silva (1906-1992) para ministro do Exército, do tenente-coronel de cavalaria Jaime Filipe da Fonseca para subsecretário do Exército e do director do IAEM general Manuel Gomes de Araújo para CEMGFA, constituindo tais referências uma *revanche* de vários quadros das Armas contra os oficiais conspiradores do Corpo do Estado-Maior.

Pouco depois em Washington, o CEMFA general Albuquerque de Freitas recebe um telegrama urgente do MDN general Botelho Moniz que lhe ordena o imediato regresso a Lisboa.

– «Botelho Moniz sente-se tão seguro que não hesita ir por diante e nessa noite informa a família que esteja atenta na manhã seguinte (13), porque a imprensa aparecerá com títulos de um palmo. Durante a noite de 12 para 13 o presidente da República aconselhou Salazar a publicar no Diário do Governo, da manhã de 13, as exonerações dos ministros da Defesa, dos outros elementos governativos do Ministério e dos chefes militares comprometidos. [...] A deslocação de tropas que se deveria ter iniciado na madrugada de 12 para 13 com a vinda para Lisboa de dois batalhões operacionais da EPI de Mafra, para a efectivação do golpe de Estado, foi neutralizada por um ou mais oficiais que localmente impediram o cumprimento da ordem, e não houve outros movimentos de forças militares em favor de Botelho Moniz.»¹⁶

– «Nessa mesma altura o dr. Adriano Moreira (que ocupava o cargo de subsecretário de Estado da Administração Ultramarina), foi nomeado ministro do Ultramar substituindo o contra-almirante Lopes Alves que pouco antes sofrera um grave acidente cardiovascular e havia pedido a exoneração.»¹⁷

Durante a noite o subsecretário da Aeronáutica, já instalado no AB1-Figo Maduro com as tropas pára-quadristas, é informado que o ministro da Marinha vice-almirante Quintanilha de Mendonça Dias, recém-chegado do estrangeiro, foi recebido pelo PM e afirmou-lhe fidelidade, ordenando de seguida ao CEMA vice-almirante Sousa Uva (apoiente secreto do MDN Botelho Moniz) para que colocasse a Armada em prevenção no Alfeite, situação alargada pelo ministro do Interior coronel Arnaldo Schulz a todas as forças policiais e para-militares sob sua tutela; e que o PM seguiu da residência em São Bento para o Largo do Carmo, ali se encontrando com o ministro do Interior no quartel-general da GNR, onde vai pernoitar.

Por essa ocasião na Casa Branca em Washington, o presidente Kennedy – há mês e meio na cadeira do poder –, é confrontado na reunião da *Joint Chiefs of Staff* presidida pelo general Lemnitzer, com a decisão de despoletar a “bomba cubana” que os seus quadrilheiros neoliberais julgam consistir apenas na invasão de Cuba, mas o seu chefe não pensa assim: se puder ver-se livre de Castro, isso é bom; ou antes, se pudesse ver-se livre de Castro mas não o fizesse, isso seria mau. As operações da CIA montadas no tempo de Eisenhower eram de sua responsabilidade mas, se depois Kennedy tivesse desmantelado o exército de exilados, logo se teria espalhado a ideia de que tinha medo e de que não estava disposto a libertar Cuba dos comunistas. Assim sendo o presidente dá a volta à mesa, a todos pergunta se devem avançar e todos respondem sim: quem é o ex-tenente da marinha Kennedy, para lhes dizer que não? Em consequência, o presidente dos EUA dá *luz verde* para arranque da *Operação Plutão*.

Horas depois em Havana, Fidel Castro é imediatamente informado pela contra-espionagem cubana.

Logo a seguir em Washington, o presidente Kennedy convoca de urgência uma conferência de imprensa e afirma que «*não haverá nenhuma invasão de Cuba por parte das Forças Armadas dos Estados Unidos, o governo dos EUA fará tudo o que estiver ao seu alcance para evitar que cidadãos norte-americanos sejam implicados em qualquer acção em solo cubano e não permitirá que a partir do seu território se organize uma invasão dirigida contra Cuba*». Mas no momento em que esta declaração é proferida, no Puerto Barrios guatemalteco a frota de invasão da *Operação Plutão* já se tinha feito ao mar sob protecção de torpedeiros e porta-aviões norte-americanos

Simultaneamente, é distribuído pelas agências noticiosas internacionais o seguinte despacho: «*Yuri Gagarin, 18 soviet cosmonaut who graduated from the Air Force school at Orenburg in 1957, went aloft in the spaceship of twelve tons Vostok-1 on April 12 at 9:07 AM. He orbited the Earth once in one hour and 29 minutes, reaching a maximum altitude of 301 kilometers. The ship landed the same day at 10:55 AM. It is the first man in space*».

¹ (Ferreira, op.cit pp.183/4, 151); ² (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182); ³ (Nogueira Pinto, op.cit pp.131); ⁴ (Pompilio, op.cit pp.77);

⁵ (Orbelino, op.cit pp.97/8, 125); ⁶ (idem, pp.155); ⁷ (Huibregtse, op.cit pp.69/70); ⁸ (Almeida Fernandes, op.cit pp.159-182); ⁹ (Ferreira, op.cit pp.184);

¹⁰ (Nogueira Pinto, op.cit pp.131/2, 149, 134); ¹¹ (Costa Gomes, op.cit pp.99-102); ¹² (Wright, op.cit pp.86);

¹³ (em Mai32 com o posto de tenente estava colocado, com o recém-promovido furiel Manuel Neto Portugal, no BC5-Campolide);

¹⁴ (ex-ministro das CPS em 01Ago50-05Jul55); ¹⁵ (Múrias, op.cit pp.78, 79); ¹⁶ (Ferreira, op.cit pp.184); ¹⁷ (Silva Cunha, op.cit pp.265);

¹⁸ (nascido em 09Mar34 perto de Gjatck; virá a falecer num acidente de viação em 09Mar68)

Abril.13 (vésperas de lua-nova)

Durante a alvorada, a vila do Quitexe é alvo de assalto terrorista.

– «*Pelas 06:00 e sob cerrada neblina, os assaltantes atacam em massa o povoado, encaminhando-se para o Posto, onde a maioria da população se refugiara. A coberto do nevoeiro fazem as primeiras descargas. São centenas de indígenas assassinos, drogados, inconscientes, que fazem o ataque com espingardas caçadeiras*

e algumas metralhadoras. Os europeus, com pouca visibilidade, tentam a defesa ripostando aos assaltantes e mantendo-os à distância. Salienta-se nesta defesa o tenente miliciano [de infantaria Pedro] Simões Dias, ferido à bala, de que vem a cair mais tarde mas que parecia não ter dado pelo ferimento. Um caçador especial [da CCE67], quando tentava lançar uma granada de mão, é atingido por uma bala e morre instantaneamente; cai sobre a granada que tinha na mão e é esfacelado; [morre 1 soldado]. Entretanto a neblina dilui-se e pode verificar-se que são muitas as centenas de bandoleiros a tentar esmagar-nos. A resistência, reforçada pelos bailundos fiéis, é firme, passando-se ao contra-ataque. Os assassinos recuam e engolfam-se de novo no capim, a caminho da serra. A população em massa persegue-os. No estabelecimento do Laurindo [Marques] Ribeiro, foram chacinados o empregado Bessa, a companheira preta e dois filhos mestiços, deixando-os horrivelmente mutilados.»¹

† CÂNDIDO MARTINS DE JESUS, Soldado

- «O Quitexe foi atacado de noite e durante o dia. Assassinarão ferozmente brancos e negros fiéis, não poupando as mulheres a ultrajes repugnantes, antes de assassiná-las. Os mesmos ataques na povoação do Cuando, junto à fronteira e no concelho do mesmo nome. Desconhece-se ainda o número e os nomes dos infelizes que tudo acabam de dar à terra – a vida inteira, perdida assim, a golpes de catana dos assassinos das trevas. [...] Do Aeroclube do Congo levanta voo às 07:00 um avião [da FAV-201] com os pilotos Albino [Augusto] Leite e Raul Cardoso, ficando o [Rui José Lemos Moller] Freiria em terra, conforme operação ontem ajustada para observação sobre um grupo terrorista instalado na fazenda Cipriana. Meia-hora depois o avião retrocede, não tendo passado da Fazenda do Padre Rosa por completa cerração da neblina. Esperando que a operação se verifique após as 09:30, quando os pilotos regressam a Carmona há burburinho na cidade, com grande número de civis e carrinhas frente ao hospital e este cercado por forças militares. Houve ataque geral ao Quitexe e vêm a caminho de Carmona várias carrinhas com feridos. Enquanto uma força militar se dirige ao Quitexe a levar auxílio, sabe-se que [ontem] Lucunga também foi atacada: uma parte da população refugiou-se no Bembe e há doze desaparecidos, entre eles o chefe Coutinho do posto administrativo de Lucunga. Junto à fronteira, os terroristas saquearam e incendiaram todas as casas do Cuango, que já tinha sido evacuado pela população civil. A povoação do Songo também sofreu duro embate, mas desconhece-se o número de vítimas. A povoação de 31 de Janeiro está isolada, refugiando-se na Damba alguns dos seus habitantes e outros retirando para Luanda. Na estrada Damba-Lucunga um jipe sofreu duro ataque que chacinou barbaramente quatro europeus e um outro conseguiu fugir mas desconhece-se o seu paradeiro. A cem quilómetros de Luanda houve mais chacinas de europeus: o Úcuá sofreu [anteontem] novo e violento ataque. Os aviões que sobrevoaram esta região, dão conta de elevado número de cadáveres espalhados ou amontoados nos locais do crime, sobretudo em frente das residências queimadas. Pouco depois aterra em Carmona um Dakota para transportar feridos para Luanda, e a seguir um avião vindo de Sanza Pombo com o respectivo administrador exonerado e sua mulher.»²
- «Voluntários civis da FAV (Formação Aérea de Voluntários 201), tripulando pequenos e frágeis aviões dos aeroclubes. Estes rapazes, na sua maioria empregados em ocupações civis, conseguem sempre dispôr de algumas horas diárias, tripulando os seus aviões e transportando pequenas encomendas e o correio para as unidades espalhadas pelos Dembos. Mas a acção dos voluntários da FAV é muitíssimo mais lata: dentro das inúmeras missões que podem competir a uma aviação ligeira com as forças de superfície, as quatro ou cinco dezenas de pilotos desta organização têm executado missões de vigilância, observação, escuta-rádio, reconhecimentos, busca e salvamento, lançamento e recolha de mensagens, evacuação de feridos, etc.»³
- «Dadas as circunstâncias já referidas [...], a pequena e ligeira aviação particular, do Aero Clube de Angola e das suas filiais do norte, desempenhou também uma acção operacional de relevo. [...] Um pequeno grupo de [8] pilotos civis dessas organizações desportivas, mercê de um acrisolado fervor patriótico e de um espírito de servir igualável, conseguiu – não obstante as piores condições técnicas –, que aos defensores de Mucaba, Cangola, Damba, Caipemba, Quimbele e de tantas outras povoações cercadas, nunca lhes faltasse a tempo e horas os necessários meios bélicos e de sobrevivência para poder prosseguir na luta. [...] Campos de futebol [como por exemplo na vila 31 de Janeiro] e arruamentos mais ou menos direitos [como por exemplo em São Salvador do Congo e em Santa Cruz], foram as pistas de que muitas vezes se serviram para chegar junto dessa gente cercada. A [2ªRA da] Força Aérea, reconhecendo o valor real e positivo dessa pequena aviação, acabou por a enquadrar posteriormente na sua orgânica geral, para dela poder tirar o seu pleno rendimento operacional na execução de missões aéreas complementares da sua acção militar. Surgiram assim, com a necessária assistência técnica e material [2 monomotores Auster] daquele ramo das Forças Armadas, as [FAV] formações aéreas civis de voluntários.»⁴
- «Não pode deixar de se referir o enorme e valiosíssimo contributo dado pelos pilotos do Aeroclube local que, depois de organizados em FAV (Forças Aéreas Voluntárias) sob o impulso do comando da 2ª Região Aérea, realizavam diariamente e em pequenos aviões tipo "Auster", missões de transporte de frescos, embora a sua capacidade não ultrapassasse os 300kg de carga. Por uma questão de segurança voavam sempre [?] em pares, o que não impediu que alguns fossem sacrificados. Todas as semanas roubavam uma ou duas manhãs à sua actividade normal para, graciosamente e apenas dentro dum enorme espírito de solidariedade e cooperação, dar o seu contributo a estas acções que não podem deixar de ser inseridas no esforço de guerra. [...] Poucos [dois] dias depois [da chacina terrorista no Úcuá], manhã cedo sou solicitado [na BA9-Luanda] a ir socorrer em PV-2 a população de Sanza Pombo, que na véspera à noite tinha sido violentamente atacada tendo conseguido resistir sem baixas. Novamente em PV-2 descolei perto das 08:00 e voei directo ao Uije para, a partir daí e ao longo da picada, me dirigir para Sanza. Cerca de 10km antes de alcançar esta povoação, deparei com uma sanzala superpovoada que foi objecto de uma atenção especial. Voiei em círculos bastante baixo sobre este aglomerado, a fim de detectar qualquer reacção anormal nas pessoas. Não foi necessário dar muitas voltas para verificar que se encontravam armados e ensaiavam disparos contra o

avião. Após alguns impactos (total de 18 sendo 2 perfeitamente visíveis na ponta da asa direita), prossegui [para norte] na direcção de Sanza Pombo verificando que a picada se encontrava obstruída por inúmeros abatizes e um pontão destruído. [...] Na povoação todas as pessoas visíveis se encontravam entrincheiradas nos telhados [terraços] das casas de alvenaria. [...] Percorri toda a área envolvente do pequeno aglomerado, procurando detectar eventuais grupos de guerrilheiros. [...] Após cerca de duas horas de vôo na região, voltei a Sanza Pombo. [...] Iniciei uma série de círculos em torno do povoado, que fui alargando de modo a passar o mais perto possível da sanzala de onde tinha sido alvejado. Verifiquei que a pessoas se começavam a concentrar no terreiro que ladeava a picada, em número bastante elevado. [...] Activei o sistema de tiro das metralhadoras .50 e preparei-me para um passe rasante. No momento adequado desfiz a volta e fixei o visor de pontaria no terreiro: mantendo uma linha de picada suave e antes que do solo comessem a disparar premi o gatilho e as metralhadoras começaram a vomitar fogo, enquadrando perfeitamente o alvo; tentando não ultrapassar a linha de segurança, puxei pelos comandos e voltei pela esquerda. O terreiro estava pejado de corpos e pessoas corriam ainda, procurando refugiar-se nas casas [cubatas] ou nas matas próximas. O ataque tinha cessado, não se tendo largado as bombas. [...] Dirigi-me para Luanda, após a aterragem desloquei-me às operações do comando da Região Aérea onde fiz um relato completo da situação naquela área e da actuação que tinha levado a efeito. [...] Na sequência da morte dos camionistas no Úcuá, a Força Aérea alertada fez descolar um PV-2 que deparou com uma grande massa de revoltosos ao longo da estrada e à saída da povoação, que pareciam festejar a vitória conseguida. A entrada em acção do avião foi imediata e eficaz, tendo abatido uma dezenas de rebeldes que durante uns largos dias permaneceram no local em consequência do facto de que, quer de um lado quer do outro, havia o receio de os retirar e dar-lhes sepultura.»⁵

– «During the attacks on the 13th of April, the terrorists already used firearms and automatic guns. On that date, the inhabitants of garrisons of various villages, like Nova Caipemba and again Úcuá, had to open fire on blacks rushing towards them shouting “Maza! UPA! Lumumba! ONU!”»⁶

– «Os ‘slogans’ eram MAZA!, LUMUMBA!, UPA! Poucos sabiam o nome “Holden Roberto”...»⁷

Junto à fronteira leste do enclave de Cabinda com o Congo-Léon, uma patrulha militar é atacada por terroristas da UPA nas proximidades do Tando-Zinze.

† ANTÓNIO DE JESUS PINTO FERREIRA, Soldado

Entretanto no AB1 do Figo Maduro, aterra às 07:00 um avião vindo de Nova Iorque com o CEMFA general Albuquerque de Freitas, aguardado na placa por um ajudante-de-campo do MDN mas também pelos generais da FAP Francisco Chagas e Mira Delgado, tendo estes instruções para que o recém-chegado entre em contacto imediato com o coronel Kaulza de Arriaga, subsecretário da Aeronáutica e seu superior directo.

– «Nessa altura já o Kaulza de Arriaga tinha minado as coisas e se colocara contra o Botelho Moniz. Ele nunca teve apoio estratégico, tático ou até mesmo logístico por parte do ministro da Defesa. Assim se compreende melhor o seu comportamento ambíguo na Abrilada, começando por concordar [?] e acabando a denunciar o que se estava a passar junto do presidente da República e do chefe do Governo, a quem aconselhou a destituir os então ministros militares e a substituí-los por outros da sua inteira confiança. Já que o presidente da República não tinha aceite as recomendações de Botelho Moniz e como estávamos convencidos de que tínhamos todas as forças a nosso favor (excepção feita à Aviação e à Marinha, mas essas não faziam falta nenhuma), era uma reunião preparatória de um golpe militar, onde se destituiria o presidente do Conselho e, talvez também, o presidente da República. Chegou a estar preparado um avião para, nesse mesmo dia, levar o presidente do Conselho para a Suíça.»⁸

– «Chega-se ao “ultimatum” aos poderes constituídos – tanto se avançou –, mas a decisão do chefe do Governo, a firmeza do presidente da República (actuando na sua qualidade de comandante supremo das Forças Armadas), a lealdade do subsecretário de Estado da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga, desbaratam quase fulminantemente toda a construção, deitam por terra o jogo laboriosamente e astuciosamente arquitectado.»⁹

– «Madrugada alta [de 13Abr61] os legionários de José Manuel Salgado, chefe dos serviços secretos da Legião Portuguesa e antigo combatente da Guerra da Espanha [actual adjunto da Autoridade de Segurança da NATO e chefe dos serviços secretos da presidência do Conselho de Ministros], vieram para a rua vigiando as residências dos conspiradores. Redigiu-se um decreto [43590] que demitia dos seus cargos os ministros da Defesa e do Exército, e os chefes de Estado-Maior conspiradores. Em Cavalaria 7 [RC7-Ajuda], os comandantes das unidades do governo militar de Lisboa reunidos, três vezes explicaram a Guilherme Thomaz que só obedeciam à cadeia do comando: foi também demitido o governador militar de Lisboa. Outro decreto redigido à pressa nomeava ministro da Defesa, Oliveira Salazar; ministro do Exército o general [i.e, coronel promovido a brigadeiro] Mário Silva; subsecretário de Estado do Exército o tenente-coronel Jaime da Fonseca (o “Fonseca dos coices” como era ternurentamente conhecido entre os camaradas de armas); e chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas o general Gomes de Araújo.»¹⁰

Por essa ocasião, ainda no AB1 do Figo Maduro, o CEMFA general Albuquerque de Freitas decide ignorar as instruções recebidas do subsecretário da Aeronáutica, seguindo ao encontro do general Botelho Moniz, em casa de quem se inteira dos acontecimentos dos últimos dias; acto contínuo convoca uma reunião urgente do CSDN, agendando uma moção de desconfiança ao Governo, e depois regressa cerca das 10:00 ao AB1 para dizer ao coronel Kaulza de Arriaga que: voltou de urgência a Lisboa por um telegrama do MDN com o qual acabou de se encontrar; e acrescenta que por volta das 17:00 vai ter lugar uma reunião (de facto apazada para as 15:00) no Departamento da Defesa Nacional, ou em casa do ministro, devendo comparecer o ministro do Exército e respectivo subsecretário de Estado, bem como os CEM dos três Ramos e alguns outros

chefes militares; e que nessa reunião será decidido ou não o uso da força para demitir o PM Salazar (no preciso dia em que decorre o 28º aniversário da sua tomada de posse). No entanto, o coronel Arriaga já sabe que os oficiais conspiradores, ligados ao general Botelho Moniz, decidiram iniciar às 16:00 um movimento para ocupar posições-chave, e chama ao AB1 o brigadeiro Humberto Pais e o dr. Sollari Allegro, aos quais pede que transmitam ao PR e ao PM que «urgentemente se impõe, até ao princípio da tarde, a exoneração de Botelho Moniz, Almeida Fernandes, Costa Gomes e Beleza Ferraz dos respectivos cargos, com substituição por outras entidades de confiança, pois após as dezassete horas provavelmente (o almirante Américo Thomaz e o dr. Oliveira Salazar) são presos ou o País entra numa guerra civil»; por seu lado, o PM há muito que está atento e bem informado sobre as movimentações do grupo Botelho Moniz, e antes das 10:00 já estavam impressos no suplemento do *Diário do Governo* os quatro decretos (43590-43593), com a exoneração de altos cargos das chefias militares e a remodelação governamental. Em seguida o coronel Kaulza de Arriaga reúne no AB1 com o director do IAEM general Manuel Gomes de Araújo a quem solicita que, logo após seja empossado CEMGFA, intervenha junto das chefias militares para que não compareçam à reunião conspirativa.

– «A exoneração dos elementos do Governo e doutros chefes militares comprometidos, ao retirar-lhes a capacidade legal de decisão, teve efeitos imediatos, desligando-se os principais militares comprometidos das responsabilidades executivas que lhes competiriam se hierarquicamente continuassem a depender do ministro da Defesa, Botelho Moniz. Na manhã desse mesmo dia 13, Botelho Moniz recebeu do presidente da República a carta em que lhe comunicava a sua decisão de manter Salazar na presidência do Conselho e de aceitar a sua exoneração de ministro da Defesa, proposta pelo presidente do Conselho (facto que o *Diário do Governo* tinha entretanto tomado conhecido). Salazar ter-lhe-á enviado carta formal, informando da exoneração, pouco depois.»¹¹

Entretanto no nordeste do enclave de Cabinda um grupo terrorista da UPA, infiltrado do Congo-Léo através do rio Luango e da picada do N'Cutu, ataca no Alto Maiombe a sede da circunscrição do Bucu-Zau, ao mesmo tempo que mais a sul as tropas locais nas florestas dos Dembos continuam a ocorrer como podem, aos sucessivos pedidos de socorro contra ataques dispersos de bandos terroristas.

– «Pelas 12:30 entra em Carmona a caravana de feridos do Quitexe: são muitos, europeus e bailundos fiéis. E Aldeia Viçosa sofreu novo assalto e total destruição, servindo-se de tambores de gasolina para atear os incêndios. Uma força militar aquartelada no Quitexe procedeu a larga batida, prendendo vários assassinos e promovendo a evacuação total dos feridos. Em Carmona estabelece-se de novo o pânico. A força militar manda evacuar as crianças das escolas e dos colégios. Uije está em pé de guerra. [...] Em Carmona, a meio da tarde são presos e conduzidos ao quartel da Milícia para averiguações, quatro serventes-contínuos (Augusto, Domingos, Eduardo e João Baptista) da filial do Banco de Angola, todos indiciados por ter feito parte de um grupo que [em 15Mar61] praticou no Uije o genocídio e esquartejou os mortos. [Um outro implicado é o indígena Afonso, lavadeiro do gerente bancário]. Pouco depois o gerente da filial exige que os quatro serventes lhe sejam entregues e, tendo a milícia recusado, aquele apela ao comandante militar que encarrega um oficial do contacto com a Milícia, mas esta nega-se a condescender, seja com o gerente bancário ou qualquer outra entidade. Conhecida a intimação da tropa, imediatamente começa a juntar-se enorme multidão que logo se dirige ao comando militar. Teme-se que surja a cada momento forte desarmónia entre a tropa e o povo. A ruína económica da região está à vista, pela impossibilidade de efectuar a colheita de 1961. Mas nós não sairemos do Congo. A morte, seja qual for, será a nossa glória maior. O mundo sabe que ficaremos, que a Pátria nos contempla e que a História recolherá mais este heroísmo tenaz, que é um serviço, um dever e a maior razão desta luta que nos foi imposta por ladrões mundiais, empurrando assassinos loucos que é necessário exterminar, sem piedade.»¹²

Enquanto isso em Lisboa o prof. Adriano Moreira, no acto de posse como ministro do Ultramar, afirma:

– «Não se trata do problema de autonomia ou independência de territórios em sujeição: trata-se apenas e exclusivamente de exterminar os europeus no caso de não resolver voluntariamente abandonar o continente. Não se trata dos direitos do homem africano, mesmo que tais direitos tivessem em vista o homem negro. Trata-se de substituir as soberanias e de sujeitar a interesses bem conhecidos todos os povos da área. Não posso conceber que algum português regateie os sacrifícios indispensáveis para lhes enviar com urgência as forças e as armas de que carecem quando penso nos mártires do Uije e do Zaire.»

– «À frente do Ministério do Ultramar é posto o jovem e enérgico subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, prof. Adriano Moreira – “esquerdista” conquistado para o regime pela paixão da tarefa africana –, que eficazmente interviu na desarticulação do “golpe”. Outra tentativa marcelista de assalto ao poder ruía estrondosamente.»¹³

– «Adriano Moreira colhia apoios entre um pequeno grupo de amigos e discípulos, sendo violentamente contestado por boa parte dos militares que não esqueciam os seus antigos desaguidados com [ex-MDN e do Exército brigadeiro] Santos Costa; e ainda pelos marcelistas que, tomando as dores do amo, não perdoavam que em público o ministro do Ultramar tivesse recusado apertar a mão do ambicioso [Caetano] catedrático de Direito Administrativo. [...] A sua nomeação para ministro do Ultramar sobressaltou igualmente a direita e irritou desastinadamente Marcelo Caetano e os amigos. Aquela porque, tal como em relação a Franco Nogueira [director-geral dos Negócios Políticos do MNE e já indigitado para substituir o titular Marcelo Mathias], desconfiava bastante do apregoado liberalismo do novo ministro embora este, lado a lado com Kaulza de Arriaga, tivesse contribuído decisivamente para a frustração do golpe de Botelho Moniz onde – apesar dos desmentidos contemporâneos e futuros de Marcelo Caetano –, alguns marcelistas tinham estado comprometidos com a concordância e o conhecimento do chefe.»¹⁴

Simultaneamente no Ministério do Exército, o recém-promovido brigadeiro Mário José Pereira da Silva toma posse do cargo e renova imediatamente a ordem de prevenção rigorosa naquele Ramo das Forças Armadas. Mas apesar disso nas instalações do SGMN sitas no palácio da Cova da Moura, às 15:00 comparecem os seguintes 12 conjurados, quase todos já exonerados ou em vias de o ser: general Botelho Moniz, ex-ministro da Defesa Nacional; coronel Almeida Fernandes, ex-ministro do Exército; coronel Costa Gomes, ex-subsecretário do Exército; general Albuquerque de Freitas, ex-CEMFA; general António Augusto de Valadares Tavares, comandante da 1ªRM-Porto; general António Maria Meira e Cruz, comandante da 2ªRM-Tomar (a ser demitido amanhã); brigadeiro Francisco António Pires Barata, segundo-comandante da mesma RM (idem); general Alves Veríssimo, quartel-mestre-general do Exército (idem); general Carlos Miguel Lopes da Silva Freire, ajudante-general do Exército; major Viana de Lemos, chefe-de-gabinete do MDN; tenente-coronel Serzedelo Coelho, do gabinete do MDN; marechal Craveiro Lopes, ex-PR, (à civil mas com o uniforme de gala numa mala).

- «Botelho Moniz promoveu uma reunião militar na Cova da Moura, preparatória do golpe de Estado que arquitetara: para 13, Botelho Moniz convocou nova reunião; mas Salazar antecipou-se-lhe. [...] Quando, correspondendo à convocação de Botelho Moniz, compareceram na Cova da Moura os comandantes das 1ª e 2ª Regiões Militares, o quartel-mestre e o ajudante-general do Exército, o governador militar de Lisboa e o ex-presidente Craveiro Lopes (à paisana mas levando a farda numa mala), o contra-golpe de Estado estava concluído: Botelho Moniz já não era membro do governo. Na reunião ainda se discutiu a hipótese de se procurar cumprir o plano que fôra traçado, mas os presentes concluíram que tal tentativa não teria êxito.»¹⁵
- «A reunião convocada previamente por Botelho Moniz para a manhã desse dia 13 na Cova da Moura, a que deveriam estar presentes todos os chefes militares superiores, incluindo o da Aeronáutica acabado de regressar do estrangeiro, ainda veio a realizar-se atrasada no começo da tarde, mas com a falta de alguns dos altos comandos e a desilusão de quase todos os restantes, tendo-se dissolvido após o exame da nova situação criada, passivamente aceite. À reunião esteve presente o general [i.e, marechal] Craveiro Lopes, depois de ter esperado toda a manhã a convocação combinada, pronto para assumir imediatamente a presidência da República e constituir logo governo, que seria presidido temporariamente pelo general Botelho Moniz e, depois, entregue oportunamente a Marcelo Caetano. Por deliberação de Salazar, não foram tomadas medidas disciplinares contra os conjurados nem estes foram depois incomodados nas suas vidas. Todos se apagaram de imediato e apenas Costa Gomes veio a desempenhar de novo acção militar de relevo, e bem inglória, agora interveniente no palco dos acontecimentos, mais de treze anos volvidos.»¹⁶
- «Todos sabemos que [o PM Salazar] foi implacável com os comunistas ou filocomunistas [...] mas não usou do mesmo rigor com a restante oposição não marxista. Muitas figuras da nossa história contemporânea poderiam ser citadas como exemplo, mas vou limitar-me ao caso dum militar [que a partir do 25Abr74 será popularmente] bem conhecido, o marechal Costa Gomes. Em Abril de 1961, pouco depois da eclosão do terrorismo em Angola, foi descoberta uma intentona para derrubar o presidente do Conselho, protagonizada por vários militares das cúpulas das Forças Armadas entre os quais o ministro da Defesa, Botelho Moniz, e o subsecretário de Estado do Exército coronel Costa Gomes. Ao tomar conhecimento da conjura para o afastar, Salazar destituiu das suas funções políticas todos os militares envolvidos. Costa Gomes, apesar disso, prosseguiu a sua carreira com toda a normalidade e [...] ainda durante a guerra do Ultramar [em Ago65 e já com a patente de brigadeiro] são-lhe confiadas [pelo PM Salazar] importantes funções de comando [como segundo-comandante da Região Militar] em Moçambique [até ser promovido pelo PM Salazar ao posto de general comandante da RMM] donde transitou [em 14Abr70] para Angola como comandante-chefe das Forças Armadas neste teatro-de-operações. [...] Este caso, ao qual se poderiam juntar muitos outros de figuras nacionais de alto gabarito, civis e militares, e depois de toda a avalanche de mentiras e calúnias que sobre o ditador Salazar têm sido lançadas, é para as novas gerações absolutamente impensável. Mas é um facto e o seu protagonista ainda hoje [final do séc.XX] se encontra entre nós, o marechal Costa Gomes.»¹⁷
- «[A reunião foi convocada e dirigida] pelo Botelho Moniz, mas com a presença do marechal Craveiro Lopes, que estava de alma e coração connosco. A reunião realizou-se entre as 15 e as 17 horas, e cerca das 15 e 30 soubemos que tínhamos sido destituídos. Fomos informados por um dos ajudantes, que ouvira a notícia na rádio. O comandante da 1ª Região Militar deu, do próprio Secretariado de Defesa Nacional [SGDN], ordens à sua região para apenas obedecer ao seu comando. As ordens que tinha dado anteriormente é que se deviam movimentar por decisão do Quartel-General organizado na Defesa Nacional. Houve unidades de Lisboa, como o Regimento de Lanceiros 2, onde se encontrava o tenente-coronel Spínola, que também disseram não obedecer às ordens do Botelho Moniz, mas às do presidente do Conselho. O comandante da GNR era meu irmão¹⁸ e tinha sob as suas ordens as principais forças daquela corporação. Se eu lhe tivesse dito “sai, cerca o palácio de São Bento e a casa do almirante Américo Thomaz”, ele tê-lo-ia feito. Queríamos mudar o sistema e não para que o general Botelho Moniz fosse presidente do Conselho. Quem estava pensado para chefe do Governo, pelo menos no grupo mais próximo do Botelho Moniz, era precisamente o professor Marcelo Caetano. O golpe pretendia apenas uma alteração dos critérios políticos, sobretudo em relação ao Ultramar. Era um golpe palaciano que teria resultado se as pessoas tivessem cumprido a sua palavra. Continuo a afirmar que me afastaria imediatamente de qualquer golpe militar em que estivesse envolvido, se me passasse pela cabeça que poderia degenerar em guerra civil.»¹⁹

Pouco depois das 15:00, através da EN é divulgada a lista de exonerações – nomes dos dois ministros e do subsecretário, bem como de algumas chefias militares –, e a respectiva alteração executiva: contra-almirante Vasco Lopes Alves, ex-ministro do Ultramar, «por razões de saúde é forçado a abandonar» tendo sido já empossado o prof. Adriano Moreira, subsecretário da Administração Ultramarina (que nomeia para este lugar o dr. João da Costa Freitas); general Botelho Moniz, ex-ministro da Defesa Nacional, pasta assumida pelo próprio PM (ficando sob regime de residência vigiada o ex-PR marechal Craveiro Lopes e o general Botelho Moniz preparados para

substituir, respectivamente, o PR Thomaz e o PM Salazar); coronel Almeida Fernandes, ex-ministro do Exército, substituído pelo já empossado coronel de infantaria Mário José Pereira da Silva (para o efeito promovido a brigadeiro); coronel Francisco da Costa Gomes, ex-subsecretário do Exército, substituído pelo tenente-coronel de cavalaria Jaime Filipe da Fonseca; general Beleza Ferraz, ex-CEMGFA (conivente com a conspiração, tem conhecimento da exoneração através da informação pública norte-americana quando se encontra em Washington no conselho militar da NATO), já substituído pelo general Manuel Gomes de Araújo; general Albuquerque de Freitas, ex-CEMFA (e que passa à reserva a seu pedido), substituído pelo seu vice-CEMFA general Tiago Mira Delgado; e vice-almirante Joaquim de Sousa Uva, ex-CEMA, substituído pelo contra-almirante Armando Júlio de Roboredo e Silva; quanto ao general Câmara Pina, CEME, mantém o cargo.

– «Júlio Botelho Moniz reuniu-se com os partidários no palácio da Cova da Moura em Alcântara: só faltou o embaixador dos Estados Unidos; Craveiro Lopes apareceu à paisana, levando numa maleta a sua dourada farda de marechal; Beleza Ferraz parecia abatido; Costa Gomes, de óculos fumados para não ser visto por dentro; surgiu por fim Albuquerque de Freitas, brandindo o suplemento do “Diário do Governo” que os demitia a [quase] todos. Contactada [a EPI em] Mafra, respondeu-lhes o coronel Caeiro Carrasco²⁰ com uma brutalidade; contactado o governo militar de Lisboa, atendeu-os o general Silva Domingues [demitido menos de 24 horas depois] que os informou que o comando de Lisboa fôra entregue ao general Valente de Carvalho, que o ameaçara de prisão; contactadas as guarnições do resto do País, chegou-se à conclusão de que afinal, os revoltosos eram só eles. Frustrados, regressaram cada um a suas casas.»²¹

– «As revoluções fazem-se com os capitães e com os sargentos, não com os generais. Foi a segunda oportunidade perdida, depois do Delgado. Ter-se-iam evitado as guerras coloniais, a descolonização não teria sido tão dramática, uma transformação política feita pacificamente teria evitado muitos sofrimentos e seria gradual e controlada. A continuidade de Salazar – e da sua Ditadura, esgotada e desacreditada –, comprometeu irremediavelmente o futuro do país. [...] Se Salazar, ao fazer [?] a guerra, tinha essa intenção – garantir a sobrevivência do regime, indiferente ao futuro da Pátria –, então agiu, conscientemente, como verdadeiro traidor [?] aos interesses nacionais, porque pôs a sobrevivência do seu poder pessoal, aliás ilegítimo, acima dos interesses e do futuro de Portugal. [...] Não o conhecia pessoalmente, é certo. Mas combati-o, persistentemente [...] por saber o que representava para Portugal e como era nefasta a sua acção. [...] É por o conhecer bem e ter estudado [?] o sistema que tentou criar, aliás sem [?] êxito, que o combati com todas as minhas forças e hoje [Nov95] falo dele sem contemplos, mas com [?] objectividade. [...] Tentou apenas defender o regime, ou melhor, perpetuar-se no poder, sacrificando [?] os interesses nacionais, desconhecendo em absoluto [?] as condições reais em que viviam as populações que se abrigavam sob a nossa bandeira – nem isso lhe interessava – e sendo o verdadeiro responsável pela tragédia das guerras coloniais e por tudo o mais que se lhe seguiu. [...] Foi quando disse: “Para Angola, rapidamente e em força”. Assim começaram os anos mais trágicos, inglórios e pesados, de nefastas consequências para o futuro, da fase final do salazarismo que Marcelo Caetano não teve coragem de inverter. Para nós, opositores de Salazar, democratas e socialistas, o fracasso de Botelho Moniz foi uma desilusão.»²²

– «Se a vitória tivesse pertencido a Botelho Moniz, é natural que perante as nossas diminutas forças se verificasse um levantamento geral das populações impossível de conter, não se podendo prever a que catástrofe ficariam sujeitos os colonos e os africanos. Perante os velhos ódios que opõem as várias tribos angolanas, avivados com o morticínio dos trabalhadores bailundos em 15 de Março, e as represálias posteriores destes, haveria uma guerra civil e as chacinas eram inevitáveis.»²³

A noite num discurso de 150 palavras transmitido pela EN e RTP, o PM explica a remodelação governamental, ficando a exoneração de altas chefias militares a dever-se aos acontecimentos de Angola e à demonstração de incompetência e imobilismo dos visados. Ao terminar a sua mensagem ao País, afirma:

– «Se é precisa uma explicação para o facto de assumir a pasta da Defesa Nacional, mesmo antes da remodelação do Governo que se verificará a seguir, a explicação pode concretizar-se numa palavra e essa é Angola. Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão. Como um só dia pode poupar sacrifícios e vidas, é necessário não desperdiçar desse dia uma só hora para que Portugal faça todo o esforço que lhe é exigido a fim de defender Angola e com ela a integridade da Nação.»

– «A Metrópole não enviava auxílio, nem de meios humanos nem de meios materiais. Em Luanda o povo pedia armas ao governador-geral dr. Silva Tavares e ao comandante-militar general Libório. A descrença apossava-se de nós, que nos apercebíamos do fim próximo. Um grupo de pessoas convidou o governador-geral a presidir a um triunvirato constituído pelos comandantes dos diferentes Ramos das Forças Armadas: o [comandante naval de Angola] contra-almirante [José Fernando Teles de Castro] Mexia Salema, da Marinha; o general Libório, do Exército; e o brigadeiro Resende, da Força Aérea. Pretendíamos declarar unilateralmente a independência, ou desencadear um golpe de Estado que obrigasse o Governo central a rever a sua política africana. Admittimos igualmente que o Governo de Lisboa se transferisse para Luanda, que seria a capital do Império. Concluiu-se pela viabilidade de um Governo que, instalado no Poder, pedisse ajuda ao estrangeiro. Nessa noite, o governador-geral telefonou a Salazar. Eu estava no palácio e ouvi a conversa. Silva Tavares informou o Presidente do Conselho da situação dramática que nos envolvia e das consequências desastrosas que não tardariam a surgir. Salazar parecia descrente e acabou por chamar ao telefone o general Libório, que repetiu as palavras do governador. Às duas da manhã, soubemos da ordem de destacar tropas para Angola, “rapidamente e em força”. Renasceu a esperança de que nem tudo estava perdido, de que ainda seria exequível colmatar brechas, abertas na consciência e nos sentimentos das etnias.»²⁴

– «A população ignorava por completo o problema africano. De facto, a população considerava que não se podia abdicar do Ultramar, apesar de não conhecer, de não saber nada do que se passava lá. De facto, as noções, mais ou menos abstractas, de pátria e patriotismo que lhe foram insufladas eram suficientemente fortes

para aderir à ideia, proclamada por Salazar, do Portugal uno e indivisível. Havia [uma ideia nacionalista]. Julgo, no entanto, que não era uma ideologia consciente; a ideologia dominante baseava-se antes na ignorância. [...] A posição do doutor Salazar (uma defesa intransigente dos territórios ultramarinos), transformou-se e radicalizou-se depois dos acontecimentos de 13 de Abril. [...] O soldado português, em geral, não tinha realmente uma ideia clara do que ia fazer. Ele ia para o Ultramar por rotina, porque o serviço militar era obrigatório. Em termos de ideais, a maior parte continuava com os velhos mitos da grandeza do império. O soldado propriamente dito não tinha cultura suficiente para se aperceber do que estava ou não em causa na defesa do Ultramar. Exceptuando as tropas especiais, nunca estiveram de facto integrados nesses valores.»²⁵

- «Salazar, com o célebre discurso “Para Angola rapidamente e em força”, traduzindo o sentimento do povo português. E que na altura ninguém contestou mas que hoje [pós-25A] serve a muitos esclarecidos para condenar a decisão para a qual não havia alternativa. [...] Quer se queira, quer não, as atrocidades cometidas no norte de Angola, pela sua violência e barbaridade, pelo seu inesperado, pelas profundas feridas que provocaram em toda aquela gente, mobilizaram o povo português. A grande realidade era uma só e sobre ela não haveria que derramar lágrimas mas unicamente enfrentá-la com a forças dos portugueses e das armas. [...] O povo português compreendeu-o e marchou, como eu marchei, sem necessidade de perguntar porquê, sem dúvidas e com plena consciência da missão que às Forças Armadas estava reservada: defender os nossos irmãos angolanos, combater ao seu lado não só por uma Angola livre das apetências de terceiros, mas também livre de injustiças e de exploração. [...] Todos os sectores da vida nacional se pronunciavam pela necessidade de, rapidamente, repôr a ordem naquele território, Nem a oposição de esquerda, mais propriamente comunista ou filocomunista, se pronunciavam contra o nosso envolvimento na neutralização do surto de terrorismo desencadeado no norte de Angola. A oposição era totalmente pela nossa intervenção no sentido de travar a onda de assassínios que grassava naquela parte do território. [...] Não restam quaisquer dúvidas de que Portugal, os portugueses da então Metrópole, estavam mobilizados, sentiam que era imperioso defender os angolanos pretos, brancos e mestiços das atrocidades de que estavam a ser vítimas. “Para Angola rapidamente e em força” foi o pronunciamento do presidente do Conselho e ninguém contestou ou parecia duvidar de que assim teria de ser.»²⁶
- «Quando em 1961 acabou o mito da “pax lusitana” nas colónias portuguesas e Salazar proferiu a sua famosa voz de comando [...], teve nesse gesto consigo a maioria do povo português, sem excluir alguns dos mais consagrados adversários políticos. Ramada Curto, Acácio Gouveia e Nuno Rodrigues dos Santos, entre outros, servem de exemplo. Se tem tido, nesse então, o rasgo de uma consulta popular – referendária ou eleitoral –, é minha convicção [em Junho de 2006] que teria saído vitorioso dela.»²⁷
- «Durante a 2ª Guerra Mundial, quando a França claudicou ruindo inesperadamente e a Grã-Bretanha ficou sozinha e abandonada aos seus destinos, em situação terrivelmente difícil e quase sem qualquer esperança de vitória (e até de sobrevivência na Europa), o primeiro-ministro [Winston Churchill] desse país tido como o mais democrático do Mundo, não consultou o parlamento, não vacilou, não pôs qualquer dúvida quanto à resolução a tomar, nem sequer admitiu a necessidade ou a conveniência de um sim ou de um não. Apenas encarou com decisão o rumo que a Grã-Bretanha tinha de seguir, apontando todos os riscos e todas as consequências – sangue, suor e lágrimas – do caminho a trilhar. Convicto dos interesses [permanentes] e dos deveres da nação e da vontade do seu povo, não consultou, não procurou cobertura para a actuação a seguir. Considerou sem demoras nem hesitações e sem quaisquer dúvidas, que o caminho da resistência era o único admissível. E seguiu-o! E acabou por vencer!»²⁸

¹ (Pires, “Brasero...”, pp.101); ² (Orbelino, idem, pp.97,100-106); ³ (Laidley, in “Dembos, centro nevrálgico da guerra em Angola”, Ago63);

⁴ (Diniz Ferreira, op.cit pp.95-97; além dos pilotos civis antes e posteriormente citados, destacam-se também: Luís Filipe Craveiro Lopes de Sousa e Faro, chefe da secção de voo dos Serviços Geográfico-Cadastrais de Angola, ex-furriel pilav na guerra civil espanhola; e João Casqueiro, piloto da ATA (Aero-Táxis de Angola), ex-piloto da RAF no Mediterrâneo durante a IIGM);

⁵ (Silva Cardoso, op.cit pp.201,152-154,159); ⁶ (Huibregtse, op.cit pp.70); ⁷ (Eduardo dos Santos, op.cit pp.353); ⁸ (Costa Gomes, op.cit pp.95/6);

⁹ (Freitas da Costa, op.cit pp.51); ¹⁰ (Múrias, op.cit pp.79); ¹¹ (Ferreira, op.cit pp.184); ¹² (Orbelino, op.cit); ¹³ (Freitas da Costa, op.cit pp.51);

¹⁴ (Múrias, op.cit pp.10384); ¹⁵ (Mascarenhas, op.cit pp.370); ¹⁶ (Ferreira, op.cit pp.184/5); ¹⁷ (Silva Cardoso, op.cit pp.110-111);

¹⁸ (não é verdade: nesta data o comando-geral da GNR é exercido pelo general Aníbal Vaz; o irmão a que Costa Gomes se refere é o tenente-coronel de cavalaria José da Costa Gomes, em 12Jan62-23Mar64 comandante do BCav350/RC3 em Angola, vindo a falecer em Lisboa pouco após terminar a comissão);

¹⁹ (Costa Gomes, op.cit pp.66/7); ²⁰ (dois anos depois com o posto de general comandante da RMM até início de Set65, momento em que chegará a Moçambique como segundo-comandante o brigadeiro Costa Gomes, o qual a partir de então vai passar a fazer campanha difamatória sobre a acção desenvolvida naquela província pelo general Carrasco, o mesmo vindo a suceder a partir de Mar69 em relação ao brigadeiro Kaulza: “ódio velho não cansa”...);

²¹ (Múrias, op.cit pp.79); ²² (Soares, op.cit pp.152,161,162,154); ²³ (Silva Tavares, governador-geral); ²⁴ (Pompílio, op.cit pp.75/6);

²⁵ (Costa Gomes, op.cit pp.116,65,174); ²⁶ (Silva Cardoso, op.cit pp.140,141,183); ²⁷ (Almeida Santos, op.cit vol.1 pp.16); ²⁸ (Thomas, op.cit pp.349)

Abril.14

Em Luanda, a Emissora Oficial divulga o essencial do discurso ontem pronunciado pelo chefe de Governo que, tendo assumido a pasta da Defesa Nacional como imperativo categórico, tranquiliza os angolanos africanos e europeus sobre o seu destino: «Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão». Pouco depois da retransmissão radiofónica, a um repórter da RTP um luandense afirma que «não estava com Salazar, mas hoje estou, simplesmente porque ele quer salvar Angola». Contudo, a maioria das notícias divulgadas no estrangeiro carece de veracidade, a exemplo da imprensa norte-americana que publica versões e fotografias oriundas de uma agência da UPA em Nova Iorque, enquanto jornalistas franceses e britânicos fazem reportagens com declarações de Robert Aldane que, apoiado por Gizenga e Nkrumah, e na ideia da África para os africanos ter sido reforçada com as votações dos EUA na Assembleia-Geral da ONU, não esconde ser de sua responsabilidade os massacres de Angola. Ao longo dos últimos 68 dias e noites foram massacrados mais de meio milhar de portugueses negros e brancos no noroeste de Angola e, tanto na capital como em inúmeras localidades angolanas, não mais se dormiu descansado.

- «Em Carmona a noite decorreu sem qualquer incidente, mas a manhã trouxe a notícia da forte pressão terrorista em Nova Caipemba: a população concentra-se no posto administrativo e pede constantemente socorro; carecem de munições, agora quase esgotadas as que possuíam. Sai o avião do Aeroclube do Congo com os pilotos Albino [Augusto] Leite e [Rui José Lemos Moller] Freiria que, embora cerrada a visibilidade pela

completa neblina, conseguem lançar munições sobre o campo entrincheirado da força armada que tem quatro feridos, entre os quais o alferes que a comanda, continuando porém a combater. No regresso referem que a pequena força e a população estão a resistir ao ataque, e que viram uma dezena de bandoleiros mortos nos terrenos anexos ao posto; mais tarde a FAP deu apoio aos sitiados e metralhou os bandoleiros. Pango-Aluquem sofre outros ataques, vigorosamente repelidos pela força militar e pela população atenta a cada movimento do negro traidor. Por meio de aturada e louvável acção da PIDE, orientada pelo chefe [da subdelegação distrital do Uíje inspector Francisco Bartolomeu da Costa] Lontrão, e da Milícia em estreita colaboração, apoiadas pelo administrador concelhio Custódio Ramos, a Carmona afluem bandos de terroristas capturados, entre os quais perigosos cabecilhas que foram preparando o nativo para os crimes de que agora é apenas “obediente executante”. O abastecimento da cidade vai-se fazendo pela estrada do Dondo, com o estóico esforço de camionistas que, desafiando a morte, alheios ao perigo e ao cansaço, escrevem uma página de valentia na nossa História. Comenta-se favoravelmente a reforma ministerial, mas a Emissora Nacional continua a desagradar-nos, pela falta de verdade nos seus noticiários.»¹

Entretanto no enclave de Cabinda, o grupo da UPA que há três dias atacou o Tando-Zinze deslocou-se para o litoral e tenta um assalto em Lândana. Quase ao mesmo tempo, no Cuanza-Sul o administrador do posto da Quibala², Gervásio Vidigal, descobre uma rede terrorista com planos de ataque para a madrugada do próximo domingo; durante a acção de detenção dos sediciosos, alguns ficam feridos e são assistidos pelo médico José Fialho.

Ao mesmo tempo na Metrópole, prossegue a remodelação nas Forças Armadas e o novo ministro do Exército destitui vários comandos militares:

- do cargo de governador militar de Lisboa, sai o general Luís Gonçalves da Silva Domingues;
- do cargo de comandante da 2ª RM-Tomar, sai o general António Maria Meira e Cruz;
- do cargo de segundo-comandante da 2ªRM-Tomar, sai o brigadeiro Francisco António Pires Barata;
- no comando do RL1-Elvas, o tenente-coronel Travassos Lopes é substituído interinamente pelo tenente-coronel tirocinado de infantaria Álvaro Mário Couceiro Neto, que interrompe funções no comando da EPI-Mafra.
- no cargo de QMG-Exército, o general Alves Veríssimo é substituído pelo general Adelino Barbieri de F. B. Cardoso;
- no comando da 3ªRM/Angola, o general Monteiro Libório (por opinião desfavorável dos novos CEMGFA e CEME) vai ser substituído pelo general Carlos Miguel Lopes da Silva Freire, que deixa o lugar de ajudante-general do QMG-Exército;
- para o cargo de ajudante-general do QMG-Exército é nomeado o general David dos Santos, que cessa funções de director do Jornal do Exército;
- para director interino do IAEM, em substituição do general Manuel Gomes de Araújo (agora CEMGFA), é nomeado o general João Carlos G. Quinhones de Portugal da Silveira;
- no comando-geral da GNR, o general Aníbal Vaz é substituído pelo general Francisco Holbeche Fino; mas o brigadeiro João da Cunha Baptista mantém o cargo de segundo-comandante³;
- para a LP são nomeados o contra-almirante Henrique Tenreiro, como presidente do conselho-geral; o general Valente de Carvalho (em 56-59 governador militar de Lisboa), para comandante-geral (mais tarde substituído pelo acima citado general Aníbal Vaz); e o brigadeiro Carlos de Sousa Gorgulho, para adjunto do comando-geral;
- da repartição do gabinete do ministro do Exército, sai Fernando V. Valença (coronel em 1976), colocado nos SCE (Serviços Cartográficos do Exército);
- (após período de ‘quarentena’, o coronel Almeida Fernandes vai ser colocado no EME e o coronel Costa Gomes seguirá para a chefia do DRM-Beja).

Enquanto isso é promulgado o dec.43601, que autoriza o CFB à «construção e exploração de um ramal ferroviário para transporte do minério de ferro do Cuíma».

¹ (Orbelino, op.cit pp.108/9);

² (na sede deste posto administrativo, encontra-se aquartelado o DestacQB/BCac4/RINL, constituído por um pelotão de atiradores indígenas adstrito ao CTC/3ªRM do QG-Luanda, a fim de controlar no noroeste distrital do Huambo os eixos rodoviários Luanda-Catete-Dondo-Quibala e Benguela-Lobito-Novo Redondo-Quibala, os portos marítimos de Porto Amboim e Novo Redondo, e a escala aérea entre Nova Lisboa e o Lobito – com outros secções acantonadas na Gabela, Porto Amboim, Novo Redondo e Calulo);

³ (semanas depois nomeado comandante da Zona Militar da Madeira)

Abril.15

Junto à fronteira norte de Angola, as populações do Béu, Cuílo-Futa e Sacandica abandonaram as respectivas povoações e refugiaram-se em Maquela do Zombo; o chefe do posto de Sacandica e um comerciante eram os únicos brancos europeus que ali ainda resistiam, sendo forçados a fugir apenas com a roupa que tinham no corpo. Na estrada de Maquela do Zombo para a Damba, os terroristas abriram sulcos profundos e intransponíveis, e derrubaram árvores de grande porte que ocupam a picada em toda a largura. Na estrada Lucunga-Bembe e a 3km desta povoação, uma patrulha mista (militar e civil) foi atacada, ficaram feridos cinco militares (3 europeus e 2 indígenas), e desapareceu o chefe do posto de Lucunga tal como nove europeus que com ele se embrenharam no capim. Aviões da FAP efectuaram em seguida intenso bombardeamento sobre concentrações de terroristas nas áreas limítrofes do Bembe e de Lucunga, enquanto a meio da tarde os militares feridos da patrulha chegam a Carmona e dão entrada no hospital, sendo prontamente assistidos pelos médicos dr. Timóteo, dr. Lopes, dr. Almeida Santos e dr.º. Argentina. Àquela cidade regressa a força conjunta de militares e milícia que, durante uma batida aos arredores, capturou no povo Quilevo meia centena de insurrectos ali reunidos, os quais agora recolhem aos calabouços do Uíje e vão ser imediatamente interrogados.

- «A contas com a PIDE está o europeu Benjamim Bertrand, trabalhador do Songo e possuidor de vários segredos dos terroristas. Grande trabalho têm dado também Resende e Pinto Molato, dois funcionários mestiços da administração do Songo, os quais pela matula assassina tinham sido indicados para futuros dirigentes daquele concelho.»¹

No povo Dimuca já tinha sido preso e interrogado o soba Armando que, após confessar a sua interferência directa nos «acontecimentos», tentou fugir da prisão do Negaje e foi abatido. Entretanto chegam a Carmona seis indígenas capturados no Vale do Loje, que participaram nas chacinas do Zalala e confessam ter morto crianças e violentado mulheres.

– «Consequently, drastic measures were necessary and the 15th of April it was decided to send more reinforcements to Angola: not only to protect the white and the black population, but also to take the offensive against the terrorists, who were becoming more and more ruthless. The following days, big centres like Bembe and Damba were attacked a few times. These attacks were repelled but the inhabitants of Bembe were ordered to fall back on Toto, 23 kilometres away, because there was an aerodrome and soldiers. In the North-East of Portuguese Congo and along the Cuango-river, the border with Congo-Leo, several posts were abandoned. The whites were too few to offer proper resistance, and in this way unnecessary bloodshed was prevented.»²

Entretanto no palácio de Belém em Lisboa, o PR Thomaz preside à reunião do CSDN convocada pelo PM e MDN Oliveira Salazar, que no final determina o imediato envio de reforços militares para Angola, devendo o primeiro grande contingente embarcar em breve no cais de Santa Apolónia. Todos os alferes do QP promovidos no passado mês de Novembro, são mobilizados com funções de comandante de pelotão ou adjuntos do comando para formar subunidades. Por outro lado, por ordem do Governo são prontamente fretados meios aéreos e navios comerciais³ destinados a transportar para Luanda unidades militares que estão a ser constituídas em batalhões, com fardamento de caqui amarelo e bota engraxada, cujo armamento e equipamento diverso, do tempo da IIGM, é constituído por: metralhadoras-pesadas MG mod.40/42 alemãs, metralhadoras-ligeiras Bren e Madsen; pistolas-metralhadoras Uzi italianas, FN belgas e MP40 9mm alemãs; carabinas de repetição Mauser Karabiner-98K alemãs; pistolas Luger 9mm alemãs, FN 7.65 belgas, Bergmann's 9mm dinamarquesas, MAR 6.35 francesas e Parabellum .08 inglesas; blindados Daimler/MkII-41 ingleses⁴ e Panhard franceses; material de transmissões pesado e com raio-de-acção limitado; aviões Auster, Dornier-27 e Junker-52 alemães, T6 e DC3 americanos, e Nordatlas franceses. Ao mesmo tempo, é promulgado o dec.43603 que determina o reforço dos Corpos da PSP nas Províncias Ultramarinas, a fim de manter a ordem pública com *Companhias Móveis de Polícia* a mobilizar na Metrópole.

– «Foram postas em prática as directivas aprovadas pelo Conselho Superior da Defesa Nacional para solucionar, ou pelo menos atenuar, a falta de efectivos alegada pelos comandantes-chefes das Províncias. Intensificou-se o recrutamento de naturais das Províncias. [...] Criaram-se [...] unidades de tropas irregulares ou de 2ª linha, que se não integravam na orgânica geral das Forças Armadas mas que tinham grande valor combativo e prestavam excelentes serviços. [...] Em Angola fundiram-se num só corpo [?] a Polícia de Segurança Pública, a Guarda Fiscal, a Polícia de portos e caminhos-de-ferro e as unidades do 3º escalão da Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil: estas unidades eram constituídas por homens que se alistavam em regime de contrato. As suas funções a princípio eram de protecção às actividades rurais no norte da Província; posteriormente alargaram-se à defesa das equipas de construção de estradas onde havia subversão violenta. A medida foi tomada a pedido do ministro da Defesa Nacional [i.e. do novo CEMGFA] general Gomes de Araújo, e foi posteriormente tornada extensiva a Moçambique. Além disso as forças policiais das 2 províncias e da Guiné, foram reforçadas com companhias móveis recrutadas [pelo comando-geral da PSP] na Metrópole, na base do voluntariado. [...] As estruturas militares existentes eram, no essencial, as que existiam antes do início da subversão no Ultramar. Mantinha-se a divisão da organização administrativa e de comandos dos três Ramos das Forças Armadas (Exército, Marinha e Força Aérea), cada uma delas defendendo ferozmente a sua autonomia. O Departamento da Defesa Nacional, criado [em 1949] em cumprimento de obrigações resultantes da nossa participação na [NATO] Organização do Tratado do Atlântico Norte, tinha uma estrutura rudimentar. O ministro da Defesa Nacional [e PM Salazar], nas relações com os seus colegas [?] do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, tinha de usar do maior tacto para evitar conflitos, mal podendo exercer as funções de coordenação que a lei lhe atribuía. Semelhante era a situação do chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas [CEMGFA general Gomes de Araújo], relativamente aos chefes dos Estados-Maiores dos três Ramos. Acresce que o cargo, depois do início do terrorismo esteve muito [?] tempo por preencher, sendo as funções exercidas pelo próprio [?] ministro da Defesa [que até 04Dez62 se mantém o próprio PM], confundindo-se com as atribuições de natureza política e administrativa que lhe eram próprias. [...] A máquina administrativa e os processos de trabalho dos três Ramos das Forças Armadas mantiveram-se os mesmos que existiam antes de 1961. [...] Quer dizer, a máquina militar não [?] se adaptou ao estado de guerra que, a partir daquela data, se passou a viver. [...] A organização das pequenas unidades era, com ligeiras alterações, a que tinha sido concebida para a guerra convencional. Esboçara-se a organização de uma indústria militar que nos tornasse o mais possível autónomos [?] em matéria de armamento e munições, mas não se pôde levar o esforço até ao fim e tinha-se ficado por uma organização rudimentar em que, mesmo em relação ao material que fabricávamos, continuávamos [como qualquer outro "parente pobre" da NATO] parcialmente dependentes do estrangeiro.»⁵

– «As suas forças convencionais estavam mal preparadas para travar um combate de contra-insurreição. Faltavam-lhes quase todas as qualidades necessárias neste tipo de conflito. Os britânicos tinham invadido [?] a Malásia [em 48], o Quênia [em 52] e Chipre [em 54] sem preparação; a França tinha feito o mesmo [na Indochina em 49 e] na Argélia [em 54]; e Portugal encontrava-se agora nas mesmas circunstâncias. Portugal empreendeu então a tarefa de construir um Exército preparado para o combate contra um inimigo não convencional, num ambiente desfavorável, longe de casa.»⁶

Entretanto sobre a ilha de Cuba e no âmbito da *Operação Plutão*, às 06:00 os 24 aviões-bombardeiros B26-Marauder da CIA atacam os aeroportos de La Havana, San António de Los Baños, Cienfuegos e Santiago de Cuba, pondo fora de combate metade da aviação cubana.

¹ (Orbelino, op.cit pp.113/4); ² (Huibregtse, op.cit pp.70);

³ (por exemplo: o “Niassa” da CNN; o “Ana Mafalda” da Sociedade-Geral de Comércio, Indústria e Transportes (CUF); e os paquetes “Vera Cruz” e “Infante Dom Henrique” (ambos da CCN), sendo este de 22 mil ton. e 312 tripulantes com capacidade para 1314 passageiros);

⁴ (autometralhadora-ligeira, carro de reconhecimento com travões de disco, direcção eléctrica e tracção às quatro rodas, velocidade 80km/h em estrada e autonomia de 328km com depósitos auxiliares, canhão de 2lbs e metralhadoras de 7.92mm);

⁵ (Silva Cunha, op.cit pp.296/7,292,293); ⁶ (Cann, op.cit pp.94)

Abril.16 (domingo lua-nova)

Durante a madrugada no Alto Cuale, limite norte do Congo português com o distrito de Malanje, um grupo terrorista assalta o posto administrativo do Bengo (50km do Cuale e 30km de Cateco-Cangola), onde chacina a população, destrói 5 casas comerciais e restantes habitações; ao longo do dia arrancam canalizações que lhes vão servir para o fabrico de canhangulos.

– «A noite foi de pesadelo geral, com notícias terríveis de novos ataques sangrentos: os bandoleiros assassinos cercaram 31 de Janeiro, que já ontem sofrera um embate da matula açulada pela droga, mas a população resistiu firme e aprisionou um razoável número de traidores do bando assassino; Lucunga está completamente arrasada, com as habitações saqueadas e incendiadas com gasolina; Nova Caipemba continua cercada pelos bandos da serra da Cananga e, na resistência aos 700 terroristas que invadiram a povoação, caiu varado pelas balas o miliciano Manuel Ochoa, mas a população resistiu graças às munições lançadas de avião pelo piloto [do Aeroclube do Congo, Rui José Lemos Moller] Freiria. Na serra da Mucaba a aviação [um PV-2 da Esq91 da BA9-Luanda tripulado pelo major piloto-aviador Silva Cardoso], arrasou uma forte concentração de terroristas [na sanzala Quimata] que tentaram abater os aparelhos com balas de espingarda. O Puri foi abandonado, deslocando-se a sua população para o Negaje, onde entretanto são capturados mais terroristas, alguns deles promotores da chacina de Zalala; outros foram apanhados no campo de aviação da FAP, escondidos e preparados para sabotar os aviões da Força Aérea local. Todos marcham para Carmona sob prisão e com eles um ajudante do soba Armando, com especial interesse para demorada inquirição. A Milícia merece todos os encómios: comanda-a o tenente miliciano Cruz Filipe, que tem como imediatos colaboradores os tenentes milicianos António Correia e António Guapo Garção [de cavalaria], e o eng. Mesquita da Junta do Café; centenas de casos de averiguações se lhes ficam devendo, bem esclarecedores da meada de traição, caindo nas suas mãos dezenas de cabecilhas do terrorismo angolano. A caminho parece que vem uma força bem municada do BC9 [actual CIOE-Lamego], com dezenas de carros e centenas de soldados. Na cidade de Carmona é preso o motorista Januário da Casa Rimaga [Ricardo de Matos Gaspar], um elemento seriamente comprometido em conspirações com os terroristas.»¹

† MANUEL FRANCISCO MARTINS, Furriel

† MANUEL OCHOA, Soldado milícia da OPVDCA

– «A instabilidade e insegurança aumentava e alastrava a outras áreas circunvizinhas das já afectadas. A actividade das forças da ordem era incrementada até ao limite das suas capacidades. Fiz mais um vôo [da Esq91 da BA9-Luanda] em PV-2 para a mesma região, cobrindo a Damba, 31 de Janeiro e Bungo, onde os indícios da insurreição se tornavam cada vez mais evidentes. O pânico tinha-se apoderado das populações da área e todos estavam preparados para fazer face a eventuais ataques dos ditos bandoleiros. Entre 31 de Janeiro e a Damba detectou-se [a cerca de 13km oeste daquela primeira localidade] numa pequena sanzala [Quimata junto do entroncamento com a picada Mucaba-Damba], um grupo de homens todos vestidos de calções e camisa que se assemelhava a zuarte azul, à excepção de um deles que envergava uma larga túnica de cores berrantes em que sobressaía o vermelho. Voando bastante baixo verifiquei que se mostravam indiferentes à nossa presença, havendo alguns com armas a tiracolo. [...] A picada que passava ao lado da sanzala estava juncada de abatizes e outros homens também vestidos de azul procediam ao abate de mais árvores, sem se importunar com a presença do avião. Tratava-se na realidade de um grupo de guerrilheiros que iniciara o corte da picada a fim de isolar as populações ou dificultar o seu apoio em caso de ameaça, para em fase ulterior atacar e se possível dizimar. O grupo de 20 a 30 homens mantinha-se no terreiro da sanzala. [...] A cerca de 700 jardas do alvo seleccionado, premi o gatilho e [...] o impacto das balas varria o terreiro que ficou pejado de corpos, entre os quais o do que deduzi ser o chefe nas suas roupagens avermelhadas. [...] Iniciei uma segunda picada suave em direcção à sanzala, activando o sistema de lançamento das bombas das asas que foram largadas quase em vôo rasante. Voltando sobre a esquerda após o lançamento, verifiquei que as bombas tinham atingido o alvo na sua totalidade e que as cubatas sem excepção eram pasto de enormes labaredas. [...] Prossegui o vôo, procurando detectar outros indícios de insurreição na área e transmitir um pouco de segurança aos núcleos populacionais ao longo da picada, que entretanto se tinham organizado em milícias armadas, com ou sem cooperação das forças da ordem, para garantir a sua defesa.»²

No noroeste de Angola a actividade da UPA, exercendo pressão e perseguindo povos que se recusam a matar europeus – ou porque os sobas não acreditam nas promessas, ou porque à sua ligação de séculos aos portugueses repugna tal atitude –, ao longo do último mês levou a que cerca de 18 mil bacongos e muxicongos tivessem atravessado a fronteira para o Congo-Leo, enquanto muitos milhares de bailundos radicados ou contratados nas fazendas do norte continuam a regressar aos distritos do sul.

¹ (Orbelino, op.cit pp.114-118); ² (Silva Cardoso, op.cit pp.155-157)

Abril.17

avião segue rumo a Luanda com a CCE81, mobilizada pelo R11

Durante a madrugada na vila angolana da Damba, cujo administrador concelhio regressou ontem de Carmona com munições, a população refugiou-se toda no posto administrativo quando centenas de terroristas avançaram sobre aquela povoação.

– «Às 08:00 a situação começa a ser desesperada, tal o ímpeto do ataque, mas até ao momento não se registaram baixas. Enquanto de Maquela do Zombo marcham reforços militares, de Luanda seguem dois aviões para prestar auxílio aos sitiados, bem como do Negaje cuja base aérea ouviu a tempo o pedido de socorros. Às 09:30 a população, reforçada com a de 31 de Janeiro ali recolhida, mantém a resistência e consegue repelir o ataque, mas quando terroristas retiraram vingam-se na população dos subúrbios e deixam no terreno grande número de nativos, cruelmente assassinados por se ter negado a acompanhá-los. Cabinda também foi atacada e em Malanje foram presos vários cabecilhas que se preparavam para espalhar o terror na região. No Bungo a população está refugiada na igreja local, sendo elevado o moral dos que ali se preparam para resistir. A meio da tarde sai de Carmona uma coluna militar com uma dezena de homens e munições para reforço a Nova Caipemba, que continua a ser fustigada pelos insurrectos. Em Banza Polo, subúrbios de Carmona, a milícia captura muitas armas; e no povo Candombe são presos sobas, sobetas e regedores, que ali estavam reunidos com vários criados negros que haviam sido incumbidos de assassinar seus patrões e familiares. Circula a notícia de novas “aventuras” dos terroristas de Mário de Andrade em Luanda, enquanto os de Holden Roberto se “entretêm” pelo norte. [...] No Macolo, ao comerciante Alberto Cruz roubaram do seu estabelecimento uma existência superior a duzentos e cinco mil escudos; finda a rapina, os terroristas refugiaram-se no Congo-Leo, a três quilómetros daquele posto fronteiriço.»¹

Por essa ocasião em Léopoldville, o presidente Kasavubu aceita a resolução do CS/ONU de 21Fev e firma um acordo com o secretário-geral Dag Hammarskjöld, a respeito da soberania do Congo e das prerrogativas do seu presidente.

Horas depois no vizinho Congo Português, é recebida do governo-geral a ordem para evacuação imediata de todas as populações rurais para as respectivas sedes concelhias, seguindo os habitantes de Macolo e Macocola para Santa Cruz, e os do Cuango, Quimbele, Buenga, Cuílo e Uamba para Sanza Pombo. Ao mesmo tempo em Carmona, chegam notícias confirmadas sobre o massacre há quatro dias perpetrado no Lucunga, onde perderam a vida o chefe Coutinho, os europeus Alberto Ferreira dos Santos e Bernardo Porto Portugal, e um menor mestiço que foi retalhado à catanada; os europeus António Joaquim Câncio e Loureiro Matos, após penosa fuga pelo capim conseguiram chegar ao Bembe, que às 05:00 sofreu novo ataque terrorista; um dos sobreviventes é o albicastrense Cid Adão Gonçalves, de 73 anos e há várias décadas radicado no noroeste de Angola onde tinha uma fazenda agora totalmente destruída².

– «Embora resistindo em condições desesperadas numa cidade (Carmona) e em 18 povoações – Bessa Monteiro, Bungo, Cangola, Damba, Forte República, Maquela, Mucaba, Negaje, Nova Caipemba, Pango-Aluquém, Quibaxe, Quimbele, Quitexe, São Salvador, Santa Cruz, Sanza Pombo, Songo e Úcua –, fomos forçados a abandonar 48 centros populacionais: Aldeia Viçosa, Bembe (sede concelhia), Bengo, Béu, Buela, Buenga, Cabiri, Caiongo, Canda, Colonato do Loje, Colonato do Pombo, Cuango, Cuílo, Cuílo-Futa, Cuímba (sede concelhia), Danje, Entre-os-Rios, Icoça, Lêmboia, Lucossa, Lucunga, Lufico, Luvaca, Macocola, Macola, Madimba, Massau, Nambuanguongo, Pedra, Pete, Piri, Puri, Quela, Quibala, Quibocolo, Quicabo, Quimbumbé, Quinzau, Quipedro, Sacandica, Sosso, Tabi, Tomboco, 31 de Janeiro, Uamba do Pombo, Vista Alegre, Zala e Zalala. [...] São vexatórios para a humanidade, os incríveis massacres levados a efeito pelo bandoleiros às populações do Cólva [01Abr61], do Úcua [11Abr61] e de Lucunga [12Abr61]. Por outro lado, são símbolos da nossa raça e da nossa vontade firme de ficar em Angola, as epopeias vividas pelos bravos defensores de Mucaba, do Quimbele, Quitexe, etc., graças ao apoio aéreo. Perante a gravíssima situação e quando muitos julgavam que estávamos prestes a sucumbir, toda a Nação se mobilizou rapidamente para vencer.»³

– «Em Angola houve em 1961 um surto de aparência subversiva na região do Congo, depressa dominado pelas forças militares porque justamente não se tratava de um surto subversivo genuíno. Agentes estrangeiros ou estrangeirados, infiltrados nas populações nortenhas, agitaram estas provocando a matança de brancos, que sempre de algum modo se pretendeu encobrir nos seus mais bárbaros aspectos e de que ninguém fala hoje, para que a morte dessas muitas e muitas centenas de portugueses brancos, e também negros, não se levante como uma acusação irresponsável. E a prova de que se não tratava de uma genuína subversão é que – como se contradissesse o axioma [“solução só poderia ser política”] –, foi militarmente dominado e eliminado, em páginas de esforço e de combatividade de que as Forças Armadas portuguesas poderão, um dia, quando puderem fazê-lo, vir a orgulhar-se de novo.»⁴

Enquanto isso na costa de Cuba a cerca de 145km sudeste de Havana, pouco depois das 02:00 os primeiros homens-rã da CIA colocam frente à Playa Girón en la Bahía de Cochinos a sinalização para o desembarque da Operação Plutão. Menos de três meses depois de John Kennedy tomar posse como presidente dos EUA, uma brigada com cerca de 1400 emigrantes cubanos, treinados e equipados pela CIA, desembarcam na Baía dos Porcos na costa meridional cubana, entre a península pantanosa de Zapata e Cienfuegos, tentando ir por Jaguey Grande, Pedro Betancourt e Jovellanos até Matanzas, para descer a La Habana e aniquilar a revolução castrista. A expectativa é a de que a invasão desencadeie um levantamento popular, mas entretanto o exército e a milícia cubanas entraram em alerta rigoroso por ordem de Fidel Castro. Não há levantamento e a invasão, mal planeada e mal localizada, constitui um desastre memorável: as primeiras unidades desembarcam sem oposição, mas durante as primeiras horas os navios de abastecimentos e comunicações são afundados pela artilharia cubana; a brigada invasora sofre de imediato mais de sessenta mortos e uma centena de feridos, ficando entregue a si própria sem reabastecimentos e quase sem munições.

¹ (Orbelino, op.cit pp.118-122,130); ² (Cunha Leal, op.cit pp.123 spts); ³ (Diniz Ferreira, op.cit pp.89);

⁴ (Fernando Augusto Santos e Castro, que em 01Nov72-27Abr74 será o penúltimo governador-geral de Angola)

aviões rumam a Luanda com militares do CmdAgr1, da CCE83 e parte da CArt85, mobilizados pelos RI6-Porto, RI16-Évora e RAAF-Queluz, e todos desde ontem em estado de prontidão

Em Lisboa o matutino *Diário de Notícias* anuncia, que em breve «vão partir de Lisboa e de Leixões dois paquetes com tropas», incluindo material pesado, viaturas e munições «para reforço dos contingentes militares de defesa de Angola».

Ao mesmo tempo na capital distrital do Uíje, o *Jornal do Congo* publica uma reportagem de Sousa Costa sobre a actual situação do terrorismo no noroeste de Angola:

- «Desde o Caxito a Bolongongo [posto administrativo do Terreiro] para norte, Lucunga e Aldeia Viçosa destruídas. Úcuva abandonada pela população civil que, antes do ataque que a trucidou, pediu socorro durante algumas horas – e este chegou depois dos seus habitantes terem sido mortos; Nambuanguongo, Vista Alegre, Danje, Puri, 31 de Janeiro, Bembe, Ambuíla, Cuango, Uamba, Macolo, Buenga, Madimba e Cuimba abandonadas e algumas delas em poder absoluto da guerrilha. Damba já atacada por três vezes, Bungo cuja população vive na igreja em permanente estado de alerta, Quitexe já atacado mais de uma vez [tendo na primeira morrido mais de 20 habitantes], e Quibaxe. Tudo paralizado desde Úcuva à fronteira do Buela e desde Sacandica até perto de Camabatela. Poucos dias depois, Caiongo [na área do Alto Cauale, leste do Negaje], Bengo [no limite com o distrito de Malanje], Quisseque e Entre-os-Rios [na área do Negaje], também abandonadas. Seguiram-se pequenos postos administrativos e povoações comerciais: Zala, Quimbumbe, Quicabo e Muxaluando [área de Nambuanguongo]; Sácamo e Lêmbao [município da Damba]; Quinzau e Tomboco [no de Ambrizete], Mucondo e Cambamba [no de Quibaxe, Cuanza-Norte].»
- «O Quitexe é mais uma vez sacudido pela onda negra criminosa e cobarde que só ataca de noite: a força militar ali aquartelada defende a população e os assaltantes são perseguidos em todas as direcções, praticando-se muitas prisões de cabecilhas que terão de dizer porque vieram e quem os mandou. Aldeia Viçosa vai ser evacuada: quebrando-se a estóica resistência dos que quiseram aguentar os embates criminosos, os sobreviventes terão de se refugiar em lugar menos vulnerável. O mesmo sucede no Bembe, com as populações evacuadas para o Toto já guarnecido de uma força militar. Na Damba resistiu-se até alta madrugada e não há mortos ou feridos a lamentar entre os habitantes; mas, perante a impossibilidade de exterminar os europeus, durante a retirada os facinoras massacraram cerca de 70 negros e mestiços dos subúrbios, facto que levou as autoridades a evacuar os sobreviventes para Maquela do Zombo. Em Cangola assinalam-se poderosas concentrações de terroristas, que cercam a povoação. Em Carmona a milícia do Uíje recebe metralhadoras pesadas.»¹

Entretanto em Novo Redondo, é preso um grupo de indígenas que se intitulam «ministros do governo do Estado do Sul do Cuanza», ao mesmo tempo que em Léopoldville o chefe da UPA Robert Aldane, pouco informado sobre a evolução da situação no terreno, dá uma entrevista a 36 jornalistas estrangeiros e convida o general Humberto Delgado a «cooperar na luta contra o regime de Salazar».

- «A seguir ao caso do “Santa Maria”, que a opinião pública atribuída a Galvão mais do que a Delgado, a ala esquerda da oposição começou a manobrar, por forma a atrair Galvão para o seu campo. Decidira que Delgado era demasiado popular em Portugal, para poder servir de instrumento: devia deixá-lo cair no esquecimento. Mas Galvão recusou todas as alianças. Denunciou publicamente os movimentos de libertação nacional e o comunismo: uma pequena brochura que redigiu, neste sentido, foi até prefaciada por Delgado; este último afirmava o seu completo acordo com as ideias expressas por Galvão. Esta brochura foi publicada no Brasil e quase não teve impacto fora deste país.»²

E em Casablanca, sob patrocínio do novo soberano marroquino Hassan II, tem início uma cimeira de dirigentes do MPLA, PAIGC, MANU e UDENAMO, «movimentos nacionalistas das colónias portuguesas» vindos de Belgrado, Paris³, Argel, Rabat e Dar-es-Salaam.

- «Tanto a MANU como a UDENAMO puseram de lado as suas divergências [étnicas e ideológicas] e assistiram à conferência de Casablanca em 1961, onde os movimentos nacionalistas das colónias portuguesas consolidaram as suas frentes de modo a constituir uma coligação.»⁴
- «A CONCP passa a dedicar-se à cooperação logística e política, bem como à angariação de apoios e solidariedade internacionais.»⁵
- «No regresso [da cimeira do Cairo, Amílcar Cabral] passou por Belgrado, e conseguiu finalmente ajuda militar em Marrocos e no Gana.»⁶
- «Em 18 de Abril de 61, [Amílcar Cabral] é um dos fundadores da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP). A assembleia é em Casablanca; o patrocínio é do rei de Marrocos, país que, doravante, passa a ser de escala obrigatória. Do Brasil vêm algumas bolsas de estudo, facto prontamente noticiado pela Rádio-Moscovo.»⁷

Ao fim da noite, do AB1 anexo ao aeroporto da Portela «tropas pára-quadistas partem de Lisboa para Angola em aviões da Força Aérea Portuguesa».

¹ (Orbelino, op.cit pp.122); ² (McGowan, op.cit pp.151);

³ (na sequência da reunião havida numa casa do Boulevard Raspail, para discutir a conferência de imprensa de Dez60 em Londres);

⁴ (Cann, op.cit pp.53); ⁵ (Wright, op.cit pp.37); ⁶ (Duarte Silva, op.cit pp.45); ⁷ (Castanheira, op.cit pp.39)

Abril.19

avião segue para Luanda com a CCE89, mobilizada pelo RI2-Abrantes e desde anteontem em prontidão

No aeroporto Craveiro Lopes em Luanda, desembarcam uma centena de militares mobilizados pelo RI6-Porto que constituem o 1ºCmdOp (Comando Operacional do Congo) chefiado pelo coronel de infantaria Joaquim Luciano Marafusta Marreiros. Pouco depois, aqueles militares acompanhados por alguns efectivos de uma CCE e parte da 2ºCCP¹, são imediatamente aerotransportados para o AB3-Negaje.

- «Estas providências tiveram [a médio prazo] efeitos benéficos, mas delas não se pôde extrair toda a utilidade [imediat] por falta de enquadramento num conceito geral que abrangesse a organização dos dispositivos de forças, o emprego destas e a organização das operações. O conceito a que obedeciam estas três ordens de matérias fôra elaborado para Angola pelo [novo comandante da RMA] general Raul [i.e, Carlos Miguel Lopes da Silva] Freire, sob influência das lições colhidas [por 3 oficiais do EM-QG de Luanda que haviam estagiado em 24Fev-20Abr59] na guerra da Argélia, onde mantivéramos [em 1958-69 cerca de uma dezena de] observadores militares junto das tropas francesas. A concretização desse conceito realizou-se pela forma a seguir exposta. As zonas em que havia subversão violenta eram divididas em sectores, sob comando de um oficial superior (geralmente um coronel tirocinado, isto é, aprovado no curso de promoção a oficial-general), ou de um brigadeiro. A cada sector eram atribuídas forças agrupadas em batalhões, cujo número variava com a área do sector, o grau de subversão violenta e os efectivos disponíveis. Os sectores subdividiam-se em áreas de acção, atribuindo-se a cada uma efectivos de, pelo menos, uma companhia, umas vezes reforçadas outras diminuídas nos seus efectivos normais, de acordo com os critérios acima indicados. A rede de ocupação formada pelos batalhões e companhias constituía a “quadrícula”, a que competia defender o terreno contra as incursões do inimigo, fazendo patrulhamentos constantes (actividade de “nomadização”), protegendo os itinerários e as populações, desenvolvendo acção psicológica para neutralizar a propaganda das organizações terroristas e realizando as operações necessárias para destruir os grupos terroristas que actuassem nas respectivas áreas.»²
- «Na Fazenda Esperança, do Congo Agrícola, houve insubordinação de nativos, repelidos pelos bailundos que mataram um assaltante e capturaram cinco. No Alto Cavale foram evacuadas Caiongo e Bembe, recebendo Cangoa os refugiados. Forte República tem sido sistematicamente atacada em operações de rotina, que custam aos rebeldes muitas baixas. No Songo são capturados pela PIDE dois serviçais, que descreveram o projecto de novo massacre: as senhoras seriam mortas por envenenamento da comida. Aquela povoação recebe armas e munições, ficando instaladas metralhadoras pesadas nos prédios mais altos que dominam o povoado. Em Carmona os mestiços Resende e Pinto Mulato (funcionários da administração do Songo), após ter sido interrogados e confessado os seus crimes, tentam escapar quando conduzidos à cadeia e são abatidos durante a fuga. Entretanto chegam mais reforços militares, compostos por 86 homens, 29 veículos e respectivo material bélico. Um punhado de homens e viaturas veio levantar o moral da cidade. As forças militares de Carmona ascendem a 300 homens, que atingem 1500 somados à milícia; munições e viaturas não faltam, Exército e Milícia encontram-se em rigoroso estado-de-prevenção e o povo começa a descansar um pouco das estafantes vigílias de mais de um mês em sobressalto.»³

Enquanto isso em Coimbra, estudantes da associação universitária esquerdista “Via Latina” distribuem um panfleto intitulado «Carta a uma Jovem Portuguesa» da autoria de A. J. Marinha de Campos⁴, que em linguagem figurada se insurge contra «o regime e a guerra colonial».

- «Entretanto o PCP concentrava-se na consolidação de organismos montados [desde fins de 59] dentro de Portugal, Juntas de Acção Patriótica (JAP) para as quais se tentava recrutar anti-salazaristas de vários quadrantes, mas sempre sob direcção oculta do PCP (à maneira dos mais recentes MDP, FEPU, APU e CDU). Formaram-se JAP's no estrangeiro entre pequenos núcleos isolados da emigração portuguesa. Muito cedo, motivadas pelo alastramento das teorias de guerrilha da revolução cubana, começaram as dissidências dentro das JAP's que, no entanto, abrangiam uma ínfima parte da população portuguesa. Definiram-se duas linhas: a mais passiva, dos cunhalistas, visava conquistar a opinião contra a guerra no ultramar e contra a ditadura, num sentido unitário (a velha técnica de arranjar uma plataforma, onde fosse mais fácil captar adeptos para o partido); a outra era o começo duma linha mais à esquerda do PCP, que falava em luta armada e em alguns casos em luta de classes, conceito há muito banido da propaganda unitária. Os vários ramos da família marxista gastaram rios de tinta, citando cada um a ser favor todo o panteão marxista, desde Marx a Trotsky, de Rosa Luxembourg a Mao. Estes exercícios eram, e são, perfeitamente escolásticos: a querela foi sempre entre os pró-soviéticos que queriam aproveitar as oportunidades para alargar a sua influência, e os restantes menos [?] cínicos que tinham outros [igualmente inconfessados] objectivos. Mas a querela veio a ter os seus reflexos [depois de 01Nov62] na Argélia.»⁵
- «O início no mesmo ano, no norte de Angola, da chamada luta contra o terrorismo em África depois dos massacres cometidos pelos bandos armados vindos do antigo Congo Belga, foi causa de intensa campanha internacional contra o nosso País, aumentando as críticas que nos eram feitas na base (implícita) de que Portugal continuava a ser governado ditatorialmente depois do triunfo militar dos países democráticos na guerra terminada em 1945, e não cumpria as resoluções da assembleias e da própria Carta da ONU. Toda esta situação está hoje bem documentada e mostra que as posições de ataque por um lado e de defesa por outro, em que nos encontrámos envolvidos especialmente em relação às Províncias Ultramarinas, assentavam em bases mais bem apresentadas e seguras juridicamente defendidas pela nossa diplomacia, do que as dos opositores que apenas utilizavam a fraseologia impressiva, mas destituída de sentido sério, de “descolonização imediata”, “luta anticolonialista”, “luta contra o fascismo”, “luta contra o capitalismo”, etc. [...] A Rússia [a exemplo dos EUA] ia-se tornando impaciente pela demora em lhe ser proporcionada a oportunidade de substituir Portugal – país que considerava minúsculo, arrogante, sem importância no mundo e facilmente manobrável logo que Salazar desaparecesse da cena política (e para mais na época atacado pelos EUA e com pouco apoio de outros países influentes) –, por intermédio de grupos subordinados política e ideologicamente aos seus objectivos, nos novos países que fatalmente iriam surgir do que eram as chamadas Províncias Ultramarinas Portuguesas. Por parte de Portugal havia porém, em termo de interesse nacional histórico – isto é, de futuro no seu papel no mundo e de sobrevivência como País independente –, atitude excessivamente confiante no esforço militar [...] independentemente das resoluções facciosas e falhas de inteligência da ONU.»⁶

Simultaneamente no areópago da ONU em Manhattan, o Comité de Informações reage ao discurso «rapidamente e em força» do PM Salazar e insiste que «Portugal não forneceu informações

sobre territórios que administra e não manifesta intenção de as fornecer; e que Portugal tem obrigação de as transmitir sem mais demoras»: neste sentido é apresentada mais uma resolução anti-portuguesa, que é aceite à discussão na XV-AG por 9 votos (EUA, Argentina, Ceilão, Ghana, Índia, Iraque, Libéria, México e República Dominicana), contra 2 (Espanha e França) e 4 abstenções (GB, Austrália, Holanda e Nova Zelândia); ou seja, com uma pequena variação, repete-se a votação do passado 14 de Dezembro.

¹ (comandada pelo tenente pára-quetista José Guilherme Rodrigues Rosa Mansilha, com 25 anos de idade);

² (Silva Cunha, op.cit pp.297/8); ³ (Orbelino, op.cit pp.124/130);

⁴ (no ano seguinte, convocado para o Exército, foge de Portugal para Rabat; em finais de 1962 contacta Marcelino dos Santos, procurando ingressar na FRELIMO);

⁵ (McGowan, op.cit pp.46/7); ⁶ (Ferreira, op.cit pp.159-160)

Abril.20

Nos portos de Peniche e de Matosinhos, células clandestinas do PCP incitam os pescadores à greve, enquanto no noroeste de Angola prosseguem os ataques terroristas a povoações isoladas.

- «On the 20th of April, the situation was very serious. The circle around Carmona was getting smaller. The terrorists had seized Bembe and Lucunga and attacked places around the capital, Negaje, Quitexe, Nova Caipemba and Mucaba. The entire North was in the hands of the rebels and the whites could only hold a few isolated positions. But they were very brave. In many cases, the inhabitants were ordered to leave their posts but they refused and remained in spite of the difficulties, dangers and scarcity of food and ammunition.»¹
- «No norte, uma povoação ficou isolada e cercada. Ainda antes de lá ir a Força Aérea, 3 camiões, um guiado por um preto, outro por um mestiço e o outro por um branco, onde iam pára-quetistas e onde eu também ia, foram levar munições a essa povoação cercada. Íamos 13 militares nos 2 primeiros jipes, ia também conosco o jornalista Urbano Carrasco. A certa altura [do itinerário Piri-Quibaxe, a cerca de 500mts do Úcuá] sofremos uma carga. Caíram 7 homens, 3 mortos [2 soldados nativos da Btr513 e 1 soldado nativo da CCac101] e 4 feridos. Sofremos a carga e nem percebemos de onde é que ela vinha. Foi a primeira emboscada que eles fizeram empoleirados nas árvores. É claro que também não resultou do lado deles porque, a partir do momento em que foram descobertos, caíram como pombos.»²

† CAVANTE CHANDE, Soldado

† DOMINGOS ADÃO, Soldado

† ISAAC CHIVERA, Soldado

Entretanto termina em Casablanca a cimeira anticolonialista da FRAIN, cujos dirigentes marxistas anunciam a substituição daquele *frentismo* instalado clandestinamente em Argel, por um organismo com o mesmo espírito mas sob a designação de Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) presidida pelo comunista angolano Mário de Andrade, que proclama:

- «A unidade de acção das organizações nacionalistas em luta, usando todos os meios necessários para a imediata eliminação do colonialismo português e para a libertação de todas as formas de opressão; e o estabelecimento de contactos com as organizações democráticas portuguesas.»
- «Em Casablanca, na reunião constitutiva da CONCP, o Mário de Andrade entra no palco e, ao apresentar os representantes dos partidos, sente que há falta de um representante de São Tomé. Vai daí, [...] vendo na plateia o Miguel Trovoada³, único santomense presente, chama-o para a mesa apresentando-o como secretário-geral do CLSTP (Comité de Libertação de São Tomé e Príncipe): claro que a história [posterior] de São Tomé não conta assim, mas é a verdade histórica; o Mário de Andrade criou o Partido e nomeou de imediato o secretário-geral.»⁴
- De 18 a 20 de Abril de 1961 realizou-se em Casablanca a I CONCP, organizada pelo MPLA, PAIGC e pela Liga de Goa; a UPA de Holden Roberto, que ainda participara na fundação da FRAIN, excluiu-se da CONCP [que] elegeu Mário Pinto de Andrade como presidente e o [médico goês] dr. P. Gaitonde como secretário-geral, aprovou uma Declaração Geral (definindo-se como “frente unida” dos movimentos de libertação das colónias portuguesas), uma série de resoluções relativas às colónias africanas, à Oposição portuguesa e à ONU, tendo por fim declarado a extinção da FRAIN. Os representantes da CONCP [que vai ficar sediada em Rabat]⁵, foram recebidos pelo rei de Marrocos, que lhes prometeu apoio ao programa de liquidação do colonialismo e obtenção da independência imediata.»⁶
- «A CONCP, fundada em Casablanca, recebe o testemunho do MAC em 1961. O MPLA e o PAIGC apostam primeiramente nas cidades para começar a sua luta. Fora de Luanda e de Bissau, nem um nem outro movimento têm mais do que audiência restrita.»⁷
- «A Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP) tinha a sua sede em Rabat, capital de Marrocos. Secretariada pelo goês Aquino de Bragança e pelo moçambicano Marcelino dos Santos [ambos dirigentes do MANU e residentes em Rabat], era composta principalmente pelo MPLA e PAIGC. Recebeu asilo e ajuda em Marrocos, graças à alegada amizade pessoal existente entre o rei Hassan II e Marcelino dos Santos. [...] Muitos dos dirigentes da CONCP, particularmente os do MPLA, tinham feito a sua aprendizagem política no seio da oposição anti-salazarista. Eram pessoalmente conhecidos e até amigos de oposicionistas portugueses de Lisboa e Luanda. Na sua maioria de raça mista e em muitos casos casados com mulheres brancas, quase todos tinham passado longos anos na Europa desconhecendo as realidades e o povo indígena de Angola. Alguns, como Agostinho Neto e Lúcio Lara, haviam sido militantes do PCP. Já conhecia alguns dos dirigentes da CONCP, que passaram por Londres em 1961. Ignorante dos labirintos em que se debatia o nacionalismo angolano, aceitei a versão da CONCP quanto às origens do MPLA e à amplitude da sua influência. Tornou-se evidente, dentro de pouco tempo, que essa versão tinha pouco fundamento.»⁸

- «Marrocos foi, durante alguns anos, a ‘Meca’ dos revolucionários africanos; aí se terão ministrado, nos campos ‘Hassan II’, ‘Kebdani’ e ‘Kasbatadla’, os primeiros cursos de formação militar. O MNE marroquino [Ahmed Belafreg] – apoiado pelo goês Aquino de Bragança [há largos anos radicado em Rabat] e pelo moçambicano Marcelino dos Santos [também radicado em Rabat e com passaporte marroquino em nome de ‘Ahmed Draoui’] –, elaborou o “Plano Khatiba”: era concedido um período de tempo a Portugal, para que procedesse à descolonização total por meios políticos; findo esse período, seriam formados “corpos expedicionários africanos para apoiar a acção dos militantes nacionalistas nas colónias portuguesas.”»⁹
- «A partir daqui os apoios foram aumentando. Depois de Marrocos foi a Checoslováquia. Aliás, o apoio da Checoslováquia foi quase simultâneo porque, se as primeiras armas nos foram dadas por Marrocos, as segundas recebeu-as Marrocos da Checoslováquia. A nível de formação de quadros, além da China fomos apoiados por Marrocos, pela Checoslováquia e, um pouco mais tarde, pela Argélia logo que este país conquistou a independência. Cuba também nos ajudou muito, numa fase posterior. O apoio da União Soviética foi o mais importante, embora não se tivesse manifestado logo no início. Mas sempre soubemos que países como a Checoslováquia nos ajudavam com o apoio prévio da União Soviética.»¹⁰
- «Na falada “Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas”, ridículo ápodo dessa reunião fantoche em que a farsa comunista foi descaradamente convincente, estiveram presentes os embaixadores da China Comunista, da Rússia, da Tunísia, da RAU (Egipto) e da Argélia. E enviaram cumprimentos a Krustchev, chefe supremo dos grandes exploradores do mundo, com seus crimes e desgraças que o tempo julgará e condenará.»¹¹

Ao mesmo tempo no areópago da ONU em Manhattan, logo após o secretário-geral ter anunciado a marcação de eleições para o Ruanda e o Burundi, é posta à votação da XV-AG e aprovada – por 79 delegados (entre eles os EUA), contra 2 (Espanha e União Sul-Africana), 9 abstenções (Austrália, Bélgica, Brasil, República Dominicana, El Salvador, França, GB, Holanda e Tailândia) e com 14 ausências –, a Resolução 1603 que exorta o Governo português no sentido de «introduzir urgentes reformas em Angola, tendo em devida conta os direitos humanos e as liberdades fundamentais», bem como «medidas para transferir poderes às populações, a fim destas fruírem de completa independência, no cumprimento da Resolução 1514». Sequencialmente, 40 delegados do bloco afro-asiático propõem e obtêm a institucionalização de mais um comité – designado *Subcomité dos Cinco* –, especificamente para investigar os acontecimentos do Caso de Angola.

¹ (Huibregtse, op.cit pp.70); ² (Galvão de Melo, em 10Ago94 a Freire Antunes); ³ (nascido em 07Dez36); ⁴ (Tomás Medeiros, op.cit pp.262); ⁵ (na Rue Paul Tirard nº6-1º, residência de Marcelino dos Santos); ⁶ (Duarte Silva, op.cit pp.41/2); ⁷ (Enders, op.cit pp.92/3); ⁸ (McGowan, op.cit pp.30,116/7); ⁹ (Cabrita Mateus, op.cit pp.117); ¹⁰ (Luís Cabral, em 13Jan95 a Freire Antunes); ¹¹ (Orbelino, op.cit pp.32)

Abril.21

avião segue para Luanda com o PelPM3, mobilizado pelo RL2-Ajuda e desde há quatro dias em prontidão

NTT “Niassa” larga de Lisboa rumo a Luanda com o primeiro grande contingente do Exército, para reforço da guarnição da RMA

Durante a manhã em Lisboa, a agência noticiosa *Lusitânia* distribui um comunicado com a primeira estimativa oficial do morticínio terrorista no noroeste de Angola, sendo europeus a maioria das vítimas mortais agora discriminadas: 267 mortos e 72 desaparecidos. Horas depois, do cais fluvial de Santa Apolónia larga para Luanda no navio *Niassa* o primeiro grande contingente de tropas do Exército¹.

Por essa ocasião, no noroeste distrital angolano do Uíje uma horda de terroristas desce as agrestes colinas da Serra da Canda e ataca de novo a sede concelhia da Damba, tendo um dos assaltantes entrado no edifício da administração civil e dali roubado a Bandeira de Portugal, logo perseguido pelo mestiço Carlos Alberto e pelo caçador nativo António Aleixo Fernandes da Costa Freire, voluntário do 3ºEscalão do Corpo da Defesa Civil que consegue derrubar o terrorista e resgatar o símbolo nacional. O governador distrital do Uíje anuncia a evacuação imediata do Luvo, povoação fronteiriça que se encontra rodeada por cerca de três mil terroristas. Ao mesmo tempo, um destacamento da milícia de Sanza Pombo, composto pelo secretário administrativo Artur Hermenegildo acompanhado de dois europeus e três cipaiois, desloca-se ao Massarelo para recuperar um tractor roubado ao proprietário Francisco Borges; no trajecto sofrem uma emboscada, durante a qual os terroristas matam um cipaio e cortam as mãos a Manuel da Silva Pinto, antes de o assassinar; o agricultor Domingos Marques e dois cipaiois consideram-se desaparecidos, tendo o secretário Hermenegildo conseguido fugir.

Enquanto isso na margem sul do Tejo, é inaugurada oficialmente a Siderurgia Nacional «que consumirá os minérios de ferro de Moncorvo, Orada e Cercal».

– «Virá a assimilar ainda a guza – ferro com elevada percentagem de carbono –, produzida nos altos fornos de Canas de Senhorim.»²

¹ [http://ultramar.terraweb.biz/Efemerides_Angola_21ABR1961.htm];

² (cf efemerides do CM, 21Abr04)

Abril.22

Em Évian-les-Bains¹ decorre o primeiro encontro oficial entre autoridades francesas e dirigentes da FLNA, na sequência da multiplicidade de encontros secretos já realizados² e decorrentes da alteração constitucional francesa, das declarações gaullistas sobre a autodeterminação argelina e das conclusões da recente VI Conferência Pan-Africana.

E em Argel o anúncio da abertura oficial das negociações provoca um golpe militar liderado pelos generais Maurice Challe, Zeller e Edmond Jouhaud³, que tomam o poder na Argélia com o apoio das tropas pára-quedistas e de grupos de franceses ali radicados.

- «A guerra pela independência da Argélia mobilizou toda a esquerda europeia. Era a época do teórico da descolonização Frantz Fanon, cujos livros [?] devorei. O fim da IV República, com a hesitação vergonhosa de Guy Mollet, que se entendeu com De Gaulle, que nessa altura nos aparecia como um ditador,⁴ foi vivida por mim em directo porque estava em Paris quando se deu a revolta dos generais que estavam na Argélia e o começo da OAS. [...] O nosso grupo [do DDS] sempre teve muita informação e alguns bons contactos nos meios militares, que procurava influenciar. Teófilo Carvalho dos Santos, Vasco da Gama Fernandes, Manuel Mendes, [José] Magalhães Godinho, Eurico Ferreira, Piteira Santos, o próprio José Ribeiro dos Santos não pensavam noutra coisa. Cada um tinha os seus contactos diversificados e a diversos níveis da instituição militar. [...] Foi por essa altura que conhecemos [o capitão] Varela Gomes e outros oficiais que ele nos apresentou. Eurico Ferreira mantinha contactos com os oficiais da Escola Prática de Cavalaria de Santarém. E o Teófilo, por intermédio do brigadeiro [i.e. coronel piloto-aviador Henrique] Troni,⁵ com oficiais da Brigada de Santa Margarida. [...] Continuámos a desenvolver, obviamente, os contactos que tínhamos.»⁶
- «Mário Ruivo e Piteira Santos fazem, em 1961, uma primeira tentativa de instalação de uma rádio clandestina junto do governo jugoslavo, que não a acolheu.»⁷

Entretanto em Lisboa o matutino *Diário de Notícias* titula: «Aclamando Portugal e o Exército e cantando o hino nacional, partiu ontem para Angola uma força expedicionária»; e o vespertino *Diário Popular* publica uma «carta ao Director»⁸ subscrita pelo coronel Costa Gomes, na qual o exonerado subsecretário do Exército apresenta, entre outras banalidades, a seguinte defesa política do seu recente conluio conspirativo:

 - «Ora, a verdade, Sr. Director, é que o problema angolano, como aliás o de todas as províncias africanas, não é um problema simples, mas um complexo de problemas, do qual o militar é uma das partes que está longe de ser o mais importante.»
 - «Essa carta visava vários objectivos. O primeiro era dizer que, em Angola, o problema militar não era o mais importante, porque, de facto, a questão era política. O segundo objectivo era sublinhar a grande transformação então verificada: se os batalhões puderam seguir para Angola e em força, como o doutor Salazar disse, era porque as coisas estavam realmente preparadas, até porque não se muda, nem de tácticas, nem de instrução, nem de organização, de um dia para o outro. Se as unidades puderam seguir para África, imediatamente e em força, era porque havia meses de trabalho prévio, do qual me considerava o principal responsável e impulsor. Foi isso que eu pretendi deixar claro. Não queria tirar dividendos nenhuns, até porque sabia que, politicamente, estava absolutamente queimado ou, pelo menos, bastante chamuscado. Militarmente, também não esperava dividendos, a não ser colocar-me à disposição do País para desempenhar as funções que me viessem a ser confiadas. Foi a primeira vez que se disse, publicamente, que o problema ultramarino não se resolvia militarmente. O director do *Diário Popular*, Martinho Nobre de Melo, um caboverdeano, professor da Faculdade de Direito, amigo de Salazar e que foi nosso embaixador no Brasil, limitou-se a apelar para um patriotismo primário: tínhamos obrigação de defender o que era nosso. Aliás, essa era uma ideia generalizada, a de que tínhamos o direito de propriedade sobre as colónias. Só que essa propriedade não era legal, uma vez que infringia os capítulos XI e XII da Carta das Nações Unidas, à qual, aliás, havíamos aderido. É claro que lhe escrevi uma carta, dizendo que discordava dos seus argumentos, mas que não queria sustentar a polémica publicamente, porque achava não ser o momento oportuno. Dizia, por exemplo, que não queríamos mandar tropas para o Ultramar, que existia uma certa resistência por parte dos militares, especialmente do grupo Botelho Moniz. Tudo isso, no entanto, era totalmente falso: sempre julguei que a evolução nos territórios ultramarinos se devia fazer em paz, mas para isso era necessário um mínimo de forças. Foi nessa convicção, aliás, que procedi à reorganização militar nos territórios ultramarinos, anulando a preconizada pelo [anterior] ministro da Defesa general [i.e. brigadeiro] Santos Costa.»⁹
 - «Solução “política” para a guerra: como se a guerra não fosse a continuação da política por outros meios... [...] Botelho Moniz ainda recebeu uma carta amável do presidente do Conselho, a agradecer-lhe a colaboração prestada. [...] Tal como Craveiro Lopes e Beleza Ferraz. Albuquerque de Freitas suicidou-se. Ficou para semente Francisco Costa Gomes... O embaixador dos Estados Unidos sentiu-se humilhanteramente roubado e falhado; depois, em ofício para o Departamento de Estado, acusou os seus cúmplices [oficiais portugueses traidores] de falta de coragem.»¹⁰
 - «O Governo [?] português, considerando Angola como parte integrante do território nacional, iria enviar os seus militares para punir os responsáveis pela agressão do norte de Angola. Naturalmente que nenhum chefe político manda os seus soldados para uma batalha, pedindo-lhes para arriscar as suas vidas e aniquilar os outros sem lhes assegurar que a sua causa é justa e logicamente a dos inimigos, que irão enfrentar, injusta. Pelo que eu próprio ouvia, pela geral reacção das pessoas, não tinha dúvidas de que naquele momento crítico da vida nacional nenhum militar, digno e consciente da responsabilidade que lhe está associada, poria em causa a justeza da missão que lhes era cometida ao ser enviado para Angola, onde uma agressão brutal tinha tido lugar. [...] A nossa gente, sem um mínimo de condições de trabalho, mostrou raça, espírito de sacrifício, sentido de responsabilidade e grande profissionalismo. Nunca ouvi um protesto, um lamento, uma discordância, indisponibilidade para a missão, muitas vezes ultrapassando-se tudo o que poderia ser exigível. Foi com muito orgulho que me integrei nesse grupo de pioneiros, homens dispostos a tudo para salvar o seu semelhante que, traiçoeiramente, era assassinado. [...] A curto e médio prazo, não havia outra solução. Primeiro teríamos de lutar pela paz total ou pelas condições mais favoráveis para se encontrar, pela via política [i.e. diplomática], uma solução mais justa para todos os que, pretos, brancos ou mestiços, naquele território se haviam fixado e nascido, dentro dos princípios humanitários das suas condições de vida, independentemente de cor, credo ou raça. Naquela altura, não havia interlocutor para se negociar fosse o que fosse e, outra saída ou solução, não era possível.»¹¹
 - «A tarefa de um grande Serviço de Informação é não só ter uma ideia sobre a forma como os outros trabalham no seu próprio país e no estrangeiro, mas também possuir um conhecimento geral do que se passa no mundo. Um dos pontos fracos dos Estados ocidentais, nos seus sistemas de organização e de análise, é

que eles têm que tratar com um adversário global, que raciocina em termos mundiais, para quem todo o planeta é teatro de operações. Infelizmente só conhecemos uma fracção do teatro de operações, aquela que nos interessa no momento. Para a gente do bloco soviético, a noção de tempo de paz e de tempo de guerra não existe. É uma ideia a que se agarram as democracias brandas. A primeira vez que me dei conta disso foi quando compreendi a interpretação soviética da frase de Clausewitz: “A guerra não é senão a continuação da política por outros meios”. Ao parafrasear Clausewitz, o marechal Chapochnikov¹² dá-nos a chave que permite compreender tudo, passado, presente e futuro: “Se a guerra não é senão a continuação da paz por outros meios, para nós a paz não é senão a continuação da guerra por outros meios”. É uma das duas ou três coisas essenciais que é preciso compreender para se tornar naquilo a que eu chamo um grande iniciado da política mundial e da estratégia global. Nós perdemos praticamente a IIGM. Lutámos contra sistemas ditatoriais e encontrámo-nos perante um outro sistema ditatorial, bastante mais perigoso porque se trata de um dos dois grandes Impérios do mundo, cuja filosofia, cuja religião, cobrem agora uma parte do globo. Além disso, os agentes ou partidários do fascismo italiano no mundo contavam-se por milhares, bem como os nacional-socialistas alemães. Desta vez enfrentamos o marxismo, cujos partidários se contam por milhões, mesmo que diminuam devido aos inumeráveis reveses, entre os quais os económicos. O sistema comunista soviético encontra-se ainda naquilo a que chamo a fase religiosa, quer dizer, na sua fase expansionista, messiânica, missionária. Acredito no entanto que é necessário ver esses problemas friamente e sem ódio. Fazem parte do grande jogo entre os homens, do grande jogo da História.»¹³

¹ (frente à cidade suíça de Lausanne, uma estância de veraneio francesa na margem sul do Lago Léman e na vertente norte do Maciço Chablais dos alpes franceses);

² (antes desta data, o presidente De Gaulle enviou o seu colaborador Georges Pompidou, director-geral do Banco Rothschild, em missão secreta para negociar o cessar-fogo com os nacionalistas argelinos);

³ (francês nascido na Argélia, ex-comandante da Força Aérea argelina, residente em Oran);

⁴ (treze anos mais tarde, o PM Caetano também vai ter uma «hesitação vergonhosa» e entender-se tacitamente com o general Spínola, para terminar com a II República);

⁵ (nascido em 1919; fez o curso da Escola Naval e na década de 50 transitou para a Aeronáutica; é cunhado do tenente-coronel Silvino Silvério Marques actual governador do Cabo Verde; em 60 estava em Moçambique como CEM do comando-chefe e actualmente é chefe-de-gabinete do secretário da Aeronáutica brigadeiro Kaulza de Arriaga, mantendo o cargo até este ser exonerado em 03Dez62);

⁶ (Soares, op.cit pp.132,154/5); ⁷ (Adelino Cardoso, in “A imprensa clandestina”, Expresso 25Abr97); ⁸ (remetida à direcção daquele jornal em 19Abr61);

⁹ (Costa Gomes, op.cit pp.116-118); ¹⁰ (Múrias, op.cit pp.283,79); ¹¹ (Silva Cardoso, op.cit pp.186,141);

¹² (desde 1925 oficial do Exército Vermelho, director da Academia Militar Frounzé e conselheiro militar de Staline; falecido em 1945); ¹³ (Marenches, op.cit pp.169/170)

Abril.23

avião segue rumo a Luanda com o PeIPM4 mobilizado pelo RL2 e o restante efectivo da CArt85, todos desde há sete dias em estado de prontidão

Em Londres o jornal *The Observer* noticia que o CEMFA general Albuquerque de Freitas, autor de uma «nota crítica à política governamental» em Angola e na qual refere «assassinios de 300 europeus» no norte daquele território, foi destituído de funções; dez «outros generais pediram para passar à reserva e outros oficiais de patente inferior», planeadores do *putsch* de há dez dias, «foram mobilizados» para Angola.

– «1961.04.23 - Partida de uma companhia de legionários para Angola.»¹

Por seu lado, o *Sunday Times* publica um artigo do seu correspondente Tom Stacey, segundo o qual elementos para-militares da *Force Publique* do Congo-Léo integram a guerrilha bacongo que faz o enquadramento dos terroristas da UPA no norte de Angola.

– «O Luvo sofre o primeiro grande ataque, desferido por milhares de rebeldes incitados por terroristas vindos de além-fronteiras; desconhece-se o número de mortos. O Cugo, junto de Nova Seles, sofre também invasão, saque e destruição das feitorias. Sanza Pombo começa a ser fortemente cercada e os povos limítrofes sofrem os primeiros ataques, procurando os assassinos a vingança de morte sobre os respectivos sobas. Nada escapa à horda devastadora. No hospital de Carmona morre Artur Hermenegildo, secretário administrativo do Sanza Pombo, anteontem atacado com os seus acompanhantes no trajecto para o Massarelo. Regressa a Carmona a brigada da Junta do Café sob direcção do seu delegado em Luanda, eng. Medina, que informa não ter encontrado o corpo do seu camarada Cunha, desaparecido quando do Colonato do Vale do Loje se dirigia ao Toto a pedir socorro.»²

Ao mesmo tempo no noroeste de Angola, como consequência do assalto ao Cugo, é desarticulada a rede de agadores e terroristas que havia sido organizada nas sanzalas da região de Nova Seles por 42 pregadores protestantes, recentemente regressados da Etiópia, Ghana, Guiné-Conackry e EUA.

– «Daqui se conclui que no terrorismo, se haviam empenhado protestantes e comunistas; e que ele, apesar de todos os meios empregues, se circunscreveu efectivamente a uma área reduzida de Angola, e dentro dela a uma pequena porção do Congo, com repúdio de muitas populações. O terrorismo só conseguiu entrincheirar-se verdadeiramente no triângulo de Bembe, Uije (Carmona) e Nambuanguongo, região habitada predominantemente por ‘baxicongos’; mal penetrou entre os ‘bazombos’ a leste e entre os ‘bassurongos’ da região costeira. Padres católicos foram chacinados, prova que o catolicismo não estava com os terroristas. Não se compreendem bem os compromissos havidos entre o protestantismo e o comunismo, mas este olha primeiro para o Estado e aquele para a religião: ambos poderiam dar as mãos nas suas pretensões mais imediatas em regiões que actualmente são a ambos de difícil penetração.»³

O concelho da Damba sofre novamente fortes ataques em diversos pontos e o trajecto desde Carmona é altamente mortal pois os terroristas da UPA, emboscados nas matas e morros em redor, atacam persistentemente quem por ali passa. Um grupo de pessoal auxiliar do AB3, com o seu comandante, fez um reconhecimento apeado até Mucaba e regressou hoje ao Negaje sem ter sido molestado. O comando do BC3 é informado e resolve deslocar para norte um pelotão de atiradores de infantaria reforçado com 18 pára-quadistas, todos seguindo do AB3 numa coluna-auto de camiões civis dos fazendeiros, com destino ao Bungo, Mucaba e Damba, sob comando do tenente-coronel piloto-aviador Soares de Moura.

¹ (Afonso e Gomes, op.cit pp.568); ² (Orbelino, op.cit pp.132); ³ (Eduardo dos Santos, op.cit pp.353/4)

Abril.24

navio "Benguela" segue rumo a Luanda, com material-de-guerra

Chega à Damba, para reforço civil da sede concelhia, um destacamento do Corpo de Voluntários chefiado por Silvério Dias, acompanhado pelo regente agrícola scalabitano Roberto Ferreira, natural do Sobral e há quatro anos a trabalhar no Uíje. No seu deslocamento, a brigada procedeu a várias operações de limpeza, uma delas no povo Quica junto à roça Boa Entrada.

– «Nova Caipemba é sobrevoada por oficiais do Estado-Maior, que aconselham a sua evacuação. Para ali se dirige uma caravana de auxílio com tropas e munições de Carmona, mas a coluna militar não passa além do Luqueia porque a estrada está cortada a seguir à ponte. Um alarme pungente no Songo dá como arrasadas ou cortadas todas as pontes na região, desta forma isolando Nova Caipemba, Bembe e Toto, ficando apenas o Songo ligado ao Uíje. Mais a norte uma coluna mista saída de Maquela do Zombo é atacada no Quibocolo, ficando feridos um oficial, um sargento, dois praças e o aspirante administrativo Oliveira. O Bembe é assaltado, saqueado e incendiado. Do Quimbele fugiram todos os serviços, ficando apenas os cipaios da administração civil. Em Sanza Pombo aumentam as concentrações de nativos hostis. Em Cansonga, sede da circunscrição do Alto Cavale, a população concentra-se em casa do administrador Torcato Salvado, onde esperam o inimigo. Mucaba e Bungo continuam fortemente cercadas por hordas de terroristas. Em São Salvador do Congo são constantes os movimentos dos assassinos, pela posição deste posto avançado junto à fronteira.»¹

¹ (Orbelino, op.cit pp.133/4)

Abril.25

Perto de Pangim, o posto policial de Betim¹ é atacado por um grupo de terroristas que matam dois guardas goeses e fogem sem ser detectados.

† ANTÓNIO XAVIER VIEGAS, Cabo de Polícia**† FLÁVIO J. FARIA, Guarda Auxiliar**

Entretanto no noroeste de Angola, na vila do Bungo um grupo de 30 homens determinados estabeleceram o posto-de-comando na igreja paroquial, dali saindo missões de reconhecimento pelos arredores em patrulhas ocasionais de seis elementos guiados à-vez pelos civis António Dias Martins, Guilhermino Augusto da Costa, pelo camionista João Bernardo Pinto Comenda Caras-Lindas residente do Negaje e pelo caçador profissional Abel Fialho Rico. Com o recente reforço de 5 pára-quedistas da 1^oCCP sob comando do alferes Mota da Costa, foi capturado o motorista negro Ovídio do Nascimento que confessou o sucesso dos seus crimes na região. Os restantes militares retomam a marcha e são forçados a reparar 24 pontes destruídas, transpôr inúmeras valas abertas e tornear abatizes dos terroristas, para levar a cabo a sua missão.

– «Modifica-se a defesa de Carmona e reina a expectativa, por se ter anunciado a substituição do Comando Militar e a vinda de uma coluna com 500 homens para o Uíje, a qual dentro de três dias estará na cidade.»

Enquanto isso no sul distrital de Malanje, na estrada de Nova Gaia entre Mussolo e Quitapa são presos vários terroristas infiltrados do Congo-Leo, entre eles o congolês Pierre Mussermar.

¹ (entre Mandovi e Reis Magos); ² (Orbelino, op.cit pp.134/6)

Abril.26

Em Argel, os generais revoltosos Maurice Challe e Zeller entregam-se às autoridades mas os generais Salan e Jouhaud refugiam-se na clandestinidade, levando o presidente do MAF Georges Bidault – com o antigo governador Jacques Soustelle¹, Pujade e o coronel Jean-Jacques Susini –, a criar a OAS (Organisation Armée Secrète).

O governo central do Congo-Leo e a ONU concordam na devolução às Nações Unidas do controle sobre o porto abastecedor de Matadi, fronteira fluvial com Angola e por onde tem entrado enorme quantidade de armamento para os movimentos rebeldes.

Entretanto no noroeste de Angola, a coluna-auto vinda do Negaje chega a Mucaba onde deixa mantimentos, munições e medicamentos para a população que recusa sair da vila, e prossegue para a Damba.

– «The brave defence of Mucaba made a great impression. The little village had been besieged for a number of weeks, when a small column from Negaje brought provisions and medicine. Along the way the soldiers found 24 destroyed bridges and the column was attacked at each bridge. When the soldiers returned, the terrorists again destroyed the bridges and Mucaba was surrounded once more.»²

– «Rádio-Brazzaville não cessa de espalhar notícias falsas: acaba de anunciar a morte do administrador Custódio Abel Fernandes Ramos, confusamente tomada pela do secretário Hermenegildo. Em redor do Uíje começam a ser incendiadas as sanzalas, para dar caça aos rebeldes que ali vêm dormir. Na Fazenda Monte Verde, auxiliado por bailundos, Rui [Duarte] Pombo fez uma batida na sua propriedade e prendeu muitos cabecilhas, evitando assim assaltos e chacinas que já se anunciavam. De Carmona sai para Nova Caipemba uma coluna motorizada, levando funcionários dos Serviços de Obras Públicas para reparar estradas e pontes.»³

¹ (no início de 1970 publica "Lettre Ouverte aux Victimes de la Décolonisation"; virá a falecer em 07Ago70, com 78 anos);

² (Huibregtse, op.cit pp.70/1); ³ (Orbelino, op.cit pp.136)

Abril.27

NTT "Ana Mafalda" segue rumo a Bissau com as CCE90 e CCE91, mobilizadas pelo RI7-Leiria e RI15-Tomar, desde há dez dias em estado de prontidão

avião segue rumo a Luanda, com os restantes 2 pelotões pára-quedistas da 2ªCCP

Em São Bento, o Conselho de Ministros aprova 2 reformas administrativas para o Ultramar, elaboradas pelo anterior ministro da tutela: o dec.43637 que cria os *Serviços de Inspeção do Trabalho*; e o dec.43639 que determina a proibição do sistema de cultivo compulsivo de algodão bem como a sua venda obrigatória à *Cotonang*, passando aquela cultura a ser livremente praticada sob orientação técnica da Junta de Exportação do Algodão, sendo punido de acordo com o art. 241º do Código Penal quem intermediar na comercialização lesando os produtores quanto a tipo e peso ou preço do produto.

- «*Algumas mudanças políticas e o início em 1961 da luta contra o terrorismo em África, impediram o aproveitamento integral das potencialidades reunidas pelo Governo [desde finais de 57 com destino ao II Plano de Fomento 59-64], tendo a expansão industrial em parte deixado de ser programada por esta intervenção do Estado, e estabelecendo-se a luta descontrolada do livre jogo de interesses privados entre diversos empresários.*»¹
- «*Adriano Moreira [...] era o mais jovem de todos [os novos ministros], vindo também das fileiras da esquerda demo-republicana. [...] Tinha uma boa cultura política atenta às correntes de pensamento e informação anglo-saxónicas. Abusava talvez, defeito peculiar às chamadas inteligências “brilhantes”, das construções engenhosas e originais. Um tanto enigmático quanto aos seus verdadeiros designios, mantinha, por afinidades pessoais, partidários a vários níveis ideológicos, desde indivíduos considerados “fascistas” até elementos de esquerda.*»²

Por essa ocasião em Sacavém, são inauguradas as instalações do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares.

Enquanto isso a nordeste de Luanda, um grupo terrorista tenta invadir o Úcuva mas é repellido por militares auxiliados pela população.

Entretanto em Argel o general Raoul Salan, coadjuvado em Oran pelo general Edmond Jouhaud, assume o comando da OAS, e os adeptos do MAF de Guy Bidault juntam-se àquela organização para-militar que se opõe à política entreguista francesa: os *pieds-noirs* (franceses nascidos ou radicados em na Argélia) também começam a actuar de forma terrorista, particularmente no perímetro de 20km envolvente da capital argelina, incluindo os quarteirões de Agha e Belcourt, os entrepostos comerciais, as fábricas Hussein-Day e Maison-Carrée, e as vertentes onde as *villas* europeias estendem os seus jardins pelos arredores de El-Biar, Birmandreis, Birkadem e Kouba, englobando um total de 900 mil habitantes; o departamento (distrito) de Alger tem 1.56 milhão de habitantes distribuídos por 3393km² divididos pelos *arrondissements* de Alger, Blida e Maison-Blanche (aeródromo-base francês); este último, mais pequeno e mais habitado, circunscrição vital da Argélia em conjunto à de Tizi-Ouzou, apresenta uma unidade geográfica real com a planície de Mitidja coberta pelas ricas culturas europeias, limitadas pelas colinas do Sahel a norte e pelos cumes do Atlas de Blida (ou Mitidjien).

Logo a seguir em Paris, uma portaria governamental cria um *Cour Militaire de Justice* (Supremo Tribunal Militar) especial, para julgar os principais chefes militares ou comandantes de unidades implicados na revolta de Argel.

Ao mesmo tempo em Freetown, é proclamada a independência da Serra Leoa³ que se mantém aderente à *Commonwealth* com a evolução constitucional dominada por Sir Milton Margai, seu irmão Albert Margai e pelo chefe sindicalista M. Siaka Stevens.

¹ (Ferreira, op.cit pp.33); ² (Nogueira Pinto, op.cit pp.156-157); ³ (72033km² em 4 províncias e 13 distritos; em 77, 2.710 milhões hab.; em 84, 3.516 milhões)

Abril.28

No noroeste de Angola, o eng. Jorge Pereira Jardim comanda um destacamento de voluntários moçambicanos contra as hordas terroristas, tendo realizado uma incursão punitiva em Bakwanga, território do Congo-Leo.

- «*Aviões da FAP estão a fustigar duramente os rebeldes concentrados no Puri. De Carmona saem hoje para o Songo nove militares indigenas e um europeu. Consta que foi nomeado um comando operacional do Congo, dirigido pelo coronel Marafusta Marreiros. Também se conhece a vinda a Carmona do eng. Jorge Jardim, ao que parece interessado em observar ‘in loco’ a situação deste Congo mártir e agora arruinado.*»¹
- «*Tinha participado na guerra de Angola e intervindo directamente em operações desde o início de 1961. Primeiro em Luanda e na Baixa do Cassanje; depois nos distritos do Norte, sobretudo na zona do Uíje. Enfrentei a fase mais brutal, em que as violências se sucediam dos dois lados, com crimes horríveis praticados pelos homens de Holden que desencadeara a luta massacrando cerca de 2 mil pessoas. Atravessei povoações arrasadas e muitas delas foram destruídas por minha ordem. Também perdi companheiros inolvidáveis que tombaram, para sempre, em meu redor. Vi centenas de mortos e não poucos foram os abatidos por mim ou pelos meus camaradas. Fui duro na retaliação. Esta tremenda experiência marcou-me profundamente, fazendo-me entender que a guerra só por si não conduzia à resolução do problema. Só era justificável como atitude defensiva e para, aguentando, se encontrar soluções quando os extremismos desencadeados se aplacassem. Sempre defendera a unidade nacional portuguesa, abrangendo as províncias do Ultramar. Afigurava-se-me esse mundo constituído por uma nação pluri-continental e multi-racial, onde se poderia oferecer uma solução ímpar e harmoniosa para os conflitos que pelo continente africano alastravam sem que os povos, que obtinham a independência, passassem a ser mais felizes ou progressivos. Muitas das vezes, nem sequer se tornavam mais independentes. O exemplo do que havia presenciado no Congo mais fortalecia esta minha posição. E nem transigia com fórmulas de evolução moderada. Admitia a crescente descentralização administrativa, enquanto defendia a plena igualdade de todos os portugueses, metropolitanos e ultramarinos, sem qualquer diferenciação racial e com idêntico tratamento no acesso*

promocional, garantido por uma justiça social que pretendia acelerada. A defesa destes pontos de vista encontra-se documentada nos discursos que proferi na Assembleia Nacional, como deputado por Moçambique»²

- Por essa ocasião, reagindo ao recente anúncio de reformas administrativas no Ultramar, círculos oposicionistas em Portugal e no estrangeiro reforçam a agit-prop jornalística antiportuguesa, acusando agora «as tropas portuguesas, que reprimem violentamente as populações civis» das regiões onde ocorreram «levantamentos e outras formas de protesto contra a dominação colonial».
- «Falar [...] das últimas décadas da situação colonial [...] é também falar do eng. Jorge Jardim. Esteve ardentemente, em décadas de coerência consigo mesmo, na defesa das teses integracionistas oficiais. Fez a guerra como comandante civil de milícias mistas – civis e militares – municiadas e financiadas por “fundos confidenciais da Defesa Nacional”. [...] É assim que o encontramos [...] em Angola na Baixa do Cassanje, no decurso da repressão aos incidentes ali verificados. De novo em Angola, no Uije integrado nas forças de retaliação do massacre perpetrado pelos guerrilheiros da UPA. Pequito Rebelo, outro ultranacionalista exaltado, fez o mesmo. [...] Um verdadeiro “homem das arábias”, que se servia do seu avião particular para cultivar a ideia de que estava em diversos lugares ao mesmo tempo.»³
 - «No dia 28 de Abril de 1961 [...] surgiu [na Esq91 da BA9-Luanda] um pedido inopinado de apoio para Cabinda. [...] Decidi utilizar o P2V-5 [4706], embora não dispusesse de qualquer tipo de armamento. [...] Os incidentes teriam tido lugar junto à fronteira [nordeste] com o Congo [ex-Belga] e eram da responsabilidade da UPA. Na área não se dispunha de quaisquer forças militares ou de segurança. [...] Sobrevoámos toda a fronteira com o Congo ao longo do rio Luango. [...] A grande densidade da majestosa floresta do Maiombe não nos dava muitas hipóteses de observar o terreno. Após uma hora de vôo foi decidido regressar quando [ao fim da manhã], mesmo junto à fronteira e num troço visível duma picada [Bucozau-N’cuto] foram avistados alguns homens, dois dos quais estavam ocupados em cortar uma árvore de grande porte e os restantes, que me pareceram armados, deviam fazer a segurança. Tentando não perder o local de vista, subimos um pouco e sempre em volta confirmámos a nossa primeira visão. [...] Foi a primeira e a última vez que um P2V-5 sobrevoou uma área afectada pela subversão. Posteriormente tivemos conhecimento da investida da UPA naquela região mas sem que tivesse provocado vítimas. Apenas algumas destruições e abatizes nas picadas, como tínhamos observado.»⁴
 - «O bispo de Luanda, Dom Moisés [Alves de Pinho], afirma em carta pastoral apoiar “as aspirações justas e legítimas dos negros” e bate-se pela libertação do padre Joaquim Pinto de Andrade, preso pela PIDE.»⁵
- Enquanto isso em Lisboa, ao fim da tarde a radio-televisão anuncia ter sido criado o Movimento Nacional Feminino (MNF).
- «Em 1961, através da rádio transmitiram um apelo a pedir pessoas para a Cruz Vermelha. Eu já ia à Cruz Vermelha antes, ia lá de vez em quando para, por exemplo, dar um prémio, e respondi ao apelo. [...] Em Abril começaram a chegar feridos aos hospitais militares, naquela altura os mais incapacitados. O núcleo inicial da Secção Feminina da Cruz Vermelha começou por incluir pessoas fantásticas, que se lançaram nesses primeiros trabalhos de entrega de encomendas e de visitas aos hospitais. Era tudo trabalho voluntário e as encomendas eram todas gratuitas; muitas vezes até mandávamos coisas compradas por nós. [...] As famílias dos soldados que estavam no Ultramar mandavam encomendas até cinco quilos. Cada dia havia um grupo enorme de senhoras [da CVP] que era responsável pelo serviço. As encomendas às vezes eram um bocadinho pobres e nós tínhamos sempre umas coisas que juntávamos para as guarnecer um pouco. [...] Havia uma senhora que foi muito carinhosa logo no serviço de encomendas, Celeste Soares de Miranda, tão carinhosa que até lhe chamavam a “avó Celeste”; havia também a Maria Luisa Barahona Dias, que era a tesoureira da Secção Feminina. Resolvemos tirar o curso de primeiros socorros, não podíamos estar na Cruz Vermelha sem pelo menos ter uma noção de primeiros socorros. [...] E assim fomos trabalhando mas, quando vimos que a desgraça era grande e que havia feridos graves com grandes mutilações, foi um choque geral para todas nós. Então decidimos ajudar os doentes para além dos tratamentos hospitalares, começámos a fazer os contactos com várias entidades, hospitais, militares, até que se fizeram operações cá em Portugal e depois também lá fora, na Alemanha. [...] O nosso grande objectivo passou a ser a recuperação dos feridos.»⁶

¹ (Orbelino, op.cit pp.140-142); ² (Jardim, op.cit pp.43/4); ³ (Almeida Santos, op.cit vol.1 pp.577,580); ⁴ (Silva Cardoso, op.cit pp.163-165); ⁵ (Morais e Violante, op.cit pp.176); ⁶ (Maria Amélia da Silva Pitta e Cunha, em 19Out94 a Antunes; a partir de 24Jan69, presidente da Secção Auxiliar Feminina da CVP)

Abril.29

No seu avanço para o norte de Angola, a coluna de infantaria e pára-queda da 2ªCCP saídos ontem do Negaje, a 12km desta vila sofre uma emboscada cerca das 10:00 e, logo no início do primeiro assalto, as hordas terroristas matam o motorista civil, o guia cipaio e o soldado pára-queda Joaquim Afonso Domingues, e ferem dois soldados indígenas.

† JOAQUIM AFONSO DOMINGUES, Soldado pára-queda

Sob comando do tenente pára-queda José Guilherme Rosa Rodrigues Mansilha, o poder de fogo das espingardas-automáticas AR10-Armlights evita o aniquilamento total da coluna. Entre os terroristas há avultadas baixas e as tropas fazem três prisioneiros.

Entretanto, do aeroporto de Luanda tinha saído um PV-2 tripulado pelo tenente-coronel Diogo Neto, com a finalidade de referenciar e dispersar concentrações terroristas que se formaram nas áreas do Bungo, Mucaba e Damba. O bimotor sobrevoa o Ucuá, os morros de Quibaxe (onde está acantonado um pelotão de CCE no velho forte), a floresta da serra do Uije, a espinha do Negaje, vira para sudeste sobrevoando os capinzais amarelos da Dimuca e regressa ao rumo norte passando sobre a estrada Negaje-Bungo atravancada por inúmeros abatizes; passada a vertical do Bungo, o avião prossegue rumo noroeste e sobrevoa a dezena de habitações de Mucaba, cujos 42 resistentes (a maioria assalariados da CUF) foram já aconselhados pelo eng. Pereira Caldas a abandonar a

povoação, face às precárias condições de defesa. Rumo à direita, o PV-2 continua o vôo sobre matas densas até à povoação 31 de Janeiro (ex-Demba), assinalada por peladas de mato ardido e várias depredações visíveis por entre casas destelhadas; no trajecto de 36km entre esta povoação e a vila da Damba, a meio-caminho e próximo da picada que para oeste segue à Lêmboa, progride em direcção nordeste a coluna-auto do AB3 cujos militares acenam aos tripulantes do PV-2, que aterra na pista da sede concelhia onde é recebido pelo Corpo de Voluntários da Defesa Civil.

- «Mucaba pede reforços e ajuda pronta, porque fortes concentrações de terroristas a apertam sabedores que ali não existe qualquer força militar. Da Damba saíram os habitantes de 31 de Janeiro, que reconquistaram esta sua terra. Pelas 11 horas chegam a Carmona em avião especial, o governador-geral de Angola, o comandante militar, o subchefe do EMGFA e o secretário provincial Cruz Alvura, entre outras individualidades. O governador-geral concedeu ao Rádio Clube do Congo um subsidio de duzentos contos para reformar a sua antiquada aparelhagem, e prometeu a entrega de um novo aparelho ao Aero clube, cansado e quase impotente para continuar a sua acção. Pouco se demoram e seguem a inspeccionar o Quitexe. A meio da tarde regressam e seguem logo para o Negaje, para embarque para Luanda. Desconhece-se o que vieram fazer, mas sabemos do interesse com que preparam as colheitas e organizaram a defesa dos trabalhadores que às mesmas devem proceder. Pelas 16 horas sabe-se que o comandante militar declarou que já mandara homens para Mucaba a fim de proteger a população. Realmente, enviara oito soldados indígenas e um cabo europeu.»¹
- «Visitei o distrito do Congo: no Quitexe, onde ainda nem todos os cadáveres tinham podido ser sepultados; a população que resistira à fúria dos assaltantes estava mais preocupada com a segurança do governador-geral do que com a sua própria e, exaltadamente, cantou o Hino Nacional; na viagem para o Negaje, a fim de se obter maior velocidade, dispensou-se a escolta; (algum tempo depois, nessa estrada, veio a verificar-se uma acção terrorista).»²

Entretanto em Mucaba, logo após a passagem do PV-2 em direcção nordeste, por volta das 17:00 a povoação começa a ser envolvida por cerca de 2 mil terroristas da UPA. Do mato regressam dois veículos com as respectivas patrulhas: a cerca de 4km da povoação, a carrinha que segue na frente com 8 civis, é atacada por grande grupo de terroristas que matam todos os ocupantes³: os residentes europeus António Aurélio (esquartejado à catanada), empregado de campo Cláudio de Almeida, empregado comercial Eugénio Saudade Veríssimo, trabalhador agrícola Joaquim Lisboa, comerciante José Alves Moreira, mestre-de-obras José Baptista; e os cipaiais bailundos Joaquim Anão e José Malengue. E no jipe do chefe do posto ficam feridos o empregado comercial Artur Moutinho Sequeira, o carpinteiro Joaquim dos Santos e o comerciante José Dias Fernandes, todos conseguindo alcançar a capela onde a defesa é rapidamente organizada pelo chefe de posto Hermínio de Carvalho Sena, com 30 homens válidos: o furriel Domingos Vieira; e os civis Abel Martins Vicente, Abílio Dias, Adelino Afonso, Alexandrino, Almeida, António Brás, António Nunes Madeira, António Viruela, Domingos Brás, Fernando Ribeiro Dias, Francisco Lino, João Carvalho, João Madeiras Jerónimo, Joaquim Silvestre, Jorge de Melo, Jorge de Oliveira, José Aguiar, José Dias Duque, José Morais, José Nunes Jerónimo, Laurindo Cunha, Manuel Farinha, Manuel de Oliveira, Mário Jerónimo, Mário de Oliveira, Mário Teixeira, Ramiro, Raul Dias e Silvano.

Às 18:00, os terroristas procedem à primeira tentativa de assalto sobre a capela e pouco depois o chefe de posto transmite uma mensagem-rádio, recebida no AB3-Negaje e logo retransmitida para a BA9-Luanda: «DEFENSORES QUASE ESGOTADAS MUNIÇÕES DEFENDEM ÚLTIMO REDUTO IGREJA PAROQUIAL».

Enquanto isso, desconhecendo o ataque a Mucaba e cumprida a sua missão na Damba, o tenente-coronel Diogo Neto levanta vôo no seu PV-2 rumo a sudoeste e, depois de percorridas cerca de 65 milhas, perto do Bembe e na vertical do Quinga é forçado a guinar energicamente o manche à esquerda quando sente o avião a ser alvejado, ficando com orifícios de três projecteis no vidro lateral ao seu co-piloto, o qual não foi atingido por ter ido falar com jornalistas que acompanham a missão. A tripulação reage ao ataque terrorista e faz imediato ataque ao solo com as metralhadoras, após o que retoma o rumo de Luanda onde aterra ao anoitecer.

Enquanto isso no Negaje, logo após o dramático apelo ter sido captado, o comandante do AB3 organizou uma nova coluna de socorro aos residentes de Mucaba, com tropas pára-quedistas sob comando do tenente José Guilherme Mansilha e caçadores indígenas do BC3-Carmona, de onde os militares arrancam noite cerrada e em marcha forçada para percorrer 48km de sinuosas picadas com abatizes e sujeitos a emboscadas terroristas. Entretanto no P19 dos CTT de Carmona, são recebidas sucessivas mensagens-rádio provenientes do P19-Mucaba:

- «Ataques em série; se não chegam aviões podem rezar-nos pela alma. Temos mais um ferido; não temos munições e os insurrectos estão a desperdiçar munições; isto é uma tristeza. Quanto tempo leva para chegarem aviões de Carmona a Mucaba? Deus nos acompanhe; defendemo-nos das janelas e portas. Nós somos portugueses; vamos aguentando, se Deus quiser; já há muitas baixas inimiga; temos muita honra, mesmo se morrermos.»

Às 21:00 levanta da BA9 o PV-2 4606 tripulado pelo major piloto-aviador Silva Cardoso, rumo a Mucaba onde os terroristas, não conseguindo desalojar os portugueses, se entregam ao saque e bebem quanto podem.

- «Fui fazer [em 29Abr61] um vôo [de ReVis] programado para Sanza Pombo, Santa Cruz e muito especialmente ao longo da margem do rio Cuango, que fazia [e faz] fronteira entre Angola [nordeste distrital do Uije] com o Congo. Foi um vôo prolongado e cansativo porque foi conduzido sempre a muito baixa altitude e perscrutando permanentemente o terreno. Aterrei [na BA9] já passava das 14:00 com todo o armamento a bordo pois nada tinha detectado que justificasse o seu emprego, embora toda a região mostrasse indícios claros de actividades subversivas. Uma vez elaborado o relatório da missão, segui para a

messe. [...] Pelas 19:00 [...] alguém me bateu à porta do quarto. [...] Deparei com o comandante de grupo, tenente-coronel Diogo Neto que, num estado bastante agitado, me disse que estavam a matar toda a gente em Mucaba e que era necessário ir em seu socorro. [...] “O céu está completamente limpo e estamos quase em lua-cheia. Eles estão metidos na capela e têm um farolim no telhado, pelo que será fácil localizá-los. [...] Tens de ir. O comandante da Região Aérea e o governador-geral estão a pedir. Se não vais, aquela gente morre toda”. [...] Descolámos [no PV-2 4606] cerca das 21:00 levando como segundo-piloto o furriel Jacinto. [...] Ao fim de 20 minutos, tendo penetrado já na região acidentada dos Dembos, começaram a aparecer umas nuvens altas. [...] Mantivemos o rumo e ao fim de 50 minutos devíamos estar à vertical de Carmona. [...] Circulei sobre a cidade talvez a uns 500 pés acima do terreno, o luar tão brilhante em Luanda tinha desaparecido, via-se [para noroeste] a estrada que seguia [45km] para o Songo e a iluminação da pequena povoação. Mucaba ficava para norte de Carmona mas entre as duas povoações havia um desnível de terreno da ordem dos mil metros [altitude 826mts]. Decidi seguir [para nordeste] até ao Bungo passando ao lado [norte] do aeródromo [AB3] do Negaje que tentámos contactar sem sucesso, disse ao telegrafista para iniciar a escuta na frequência do emissor-receptor P-19 das pessoas que se encontravam na capela de Mucaba. [...] Meti direito ao Bungo [a 45km norte do Negaje] tendo avistado as luzes da pequena povoação quase de imediato. [...] Dei umas voltas em torno do aglomerado populacional, metendo depois em direcção ao nosso objectivo que, segundo a carta de que dispunha, se encontrava a [52km oes-noroeste] cerca de 8 minutos de voo no rumo 300°. Pouco depois apercebi-me de que a base das nuvens começava a baixar. [...] Entretanto o telegrafista consegue o contacto com o P-19 de Mucaba que informa estar quase sem munições, cercados por todos os lados e que iriam ligar o farolim no telhado para nos facultar a sua localização. [...] Decidi fazer 180° e voltar para o Bungo, iria tentar a sorte a partir do Songo. [...] Voltei a Carmona e daqui ao Songo, o qual sobrevoei várias vezes antes de meter [25km para leste] o rumo 60° para Mucaba [...]. Segui em frente durante 4 minutos na esperança de visionar o farolim. [...] Voltando pela direita e mantendo a altitude tentei chegar ao Bungo, passados cerca de 5 minutos e bastante à direita lá estava a povoação. Decidi tentar mais uma vez Mucaba a partir daquela posição, meti ao rumo mas depressa verifiquei que à frente as nuvens pareciam colar-se ao chão. [...] Do P-19 informavam que já tinham um ferido e que em breve iriam combater com arma branca à porta da capela. Voltei ao Songo e tento mais uma vez em direcção da encosta da serra [da Mucaba]. [...] Pouco depois o telegrafista informa que lá de baixo, segundos antes, parecem ter gritado: “Passaram mesmo por cima, passaram mesmo por cima”. [...] Durante mais de duas horas dum completo desnorte, foram dezenas de tentativas que se fizeram a partir do Songo e do Bungo para chegar a Mucaba [...], pelos constantes pedidos de socorro, pela sempre viva esperança de acabar por ver o pequeno farolim no telhado da capela. Tantas vezes sobrevoei o Songo, que um outro P-19 entrou na rede e informou que andava um avião a sobrevoar a povoação. Entretanto haviam passado mais de 4 horas desde a descolagem. Num perfeito estado de desespero, desisti! Nada mais podia fazer para salvar aquela gente. [...] Disse ao telegrafista para informar Mucaba que, dadas as condições atmosféricas, tínhamos de regressar à Base. [...] Já passava das duas horas da manhã do dia 30 de Abril de 1961, quando entrámos no circuito de aterragem do aeroporto de Luanda. [...] Sai do avião completamente vergado pelo cansaço e por nada ter feito para salvar aquela gente. Reconheci o Diogo Neto e o comandante da Região Aérea brigadeiro Pinto Resende. Limitei-me a balbuciar: “Fiz tudo o que humanamente era possível. Preparem um avião que esteja lá ao amanhecer, pois talvez ainda encontrem alguém com vida”.⁴

Entretanto da BA9 havia descolado rumo a Mucaba um outro PV-2, que sobrevoou a povoação e largou um saco com pão, alguns dos terroristas lançaram-se a ele mas da capela saíram 3 homens que abriram caminho à punhalada, recuperaram o alimento e voltaram ao refúgio precário. Simultaneamente, o P19-Mucaba continuava a transmitir:

– «Já ouvimos aviões; todas as luzes acesas para sermos identificados e localizados. Aviões estão neste momento à vista e acabam de chegar. Aviões acabam de chegar. Pedimos avião para bombardear pista aterragem e capim em volta; pista está coalhada deles; pode bombardear estrada Damba. Estrada Damba encontra-se concentrado grande número rebeldes. Inimigo está concentrar-se extremo pista e sanzalas próximo povoação. O ataque vem do lado da estrada da Damba, onde ficou uma carrinha isolada; estamos sendo atacados por centenas, senão milhares, de catanas e armas gentílicas aperfeiçoadas. O inimigo ataca pelo caminho da Damba; há seis vítimas. Ataque cada vez maior e o avião desapareceu. Estamos a defender-nos às portas e janelas e à baioneta. Temos mais uma baixa. Temos mais uma baixa e um ferido muito grave. Filhos da puta...!, estão a surgir de todos os lados...»

Depois, meia-hora de angustiante silêncio e às 22:30 o P19-Mucaba volta a ouvir-se, informando que fará contacto com maiores intervalos:

– «Estamos desmoralizados falta aviação. Nada de aviões; estamos na última. Se não vierem reforços ficaremos todos aqui; continuamos sem aviação que não chega. Avião anda sobre o Songo.»

Em Luanda é captada pela segunda vez, às 23:00, outra mensagem-rádio do P19-Mucaba: «FALTAM MUNIÇÕES POVOAÇÃO COM MUITOS CADÁVERES BAIXAS SOFRIDAS ASSALTANTES STOP DEFENSORES PEDEM ANGUSTIADAMENTE AUXÍLIO». A Força Aérea entra em comunicação com São Salvador; às 23:10 o P19-Mucaba emudece, mas cinco minutos depois o P19-Carmona recomeça a receber sinais dos sitiados:

– «Situação cada vez mais apertada; volto às 23:20. 23:20 - Continuamos a aguentar; atender 23.45; avião continua a faltar. 23.45 - Recrudescer o ataque; o avião não aparece. 23:50 - Mucaba nem sequer ouve roncar aviões.»

Às 23:55 a torre de controle do aeroporto de Luanda consegue captar uma terceira mensagem-rádio de Mucaba: «ESTAMOS A MORRER NÃO TEMOS MUNIÇÕES ELES NASCEM DO CHÃO»; de Luanda levantam mais dois aviões e cinco minutos depois o P19-Carmona recebe a seguinte mensagem do P19-Mucaba: «Ataque cada vez maior».

¹ (Orbelino, op.cit pp.140-142); ² (Silva Tavares, governador-geral);

³ (os cadáveres dos europeus e a carrinha, são recuperados em 22Jul61 pelo pelotão acantonado em Mucaba); ⁴ (Silva Cardoso, op.cit pp.165-171)

Abril.30 (domingo lua-cheia)

De Carmona é transmitido às 00:00 para Mucaba: «Vai sair avião de Luanda para ataque a Mucaba. Voará mais baixo. Sai com melhor piloto da Província». Meia-hora depois o P19-Mucaba recomeça a transmitir:

– «Aviões nada; continuamos defesa com a mesma intensidade. O ataque está a aumentar; felizmente tudo continua na mesma. 00:35 - Nós a defendermo-nos e eles a atacar. 00:45 - Continuamos na mesma; abatemos 20 aparecem 40; não temos munições; dos aviões nem sequer vestígios; não devemos comunicar pois bateria já foi abaixo. 00:55 - Avião novamente passou Songo. 01:00 - Há sete horas pedimos avião e nada. 01:05 - Mucaba continua a resistir. 01:30 – Continuamos na mesma; aviões nada.»

Poucos minutos depois, no posto de controle do aeroporto de Luanda é recebida a quarta e última mensagem-rádio do P19-Mucaba: «NÃO TEMOS MUNIÇÕES INIMIGO ATIRA PORTA PRINCIPAL IGREJA SALVEM-NOS MORREMOS PORTUGUESES».

Pouco depois das 02:00 aterra na BA9 o PV-2 4606 do major piloto-aviador Silva Cardoso, sem ter logrado fornecer armas ou munições aos sitiados de Mucaba que, depois de transmitir a última mensagem e em luta corpo-a-corpo até à porta da capela, às 02:30 recuperam os cadáveres de 5 dos europeus e de 1 dos cipaiois, e conseguem barricar-se dentro do edifício. Às 03:05 já regressaram a Luanda todos os aviões que sobrevoaram desde as 22:00 de ontem a vertical de Mucaba, sem conseguir observar o local que está coberto por denso cacimbo. Já decorreram duas horas sem qualquer sinal do emissor P19-Mucaba e todos os operadores do aeroporto falam para aquela frequência na expectativa de que as suas vozes cheguem aos sitiados e lhes proporcionem algum alento.

– «Ao mesmo tempo, Carmona e Maquela do Zombo chamam incessantemente “Mucaba”. Não responde. Tudo se acabou para aquele punhado de bravos, que nem na hora da morte deixaram de gritar que aquele era um serviço de Deus, pela Pátria. Ninguém arreda de ao pé do aparelho.»¹

Na sala de transmissões do aeroporto de Luanda, o repórter João Azevedo, do jornal *Comércio de Luanda*, em desespero grita «aposto que morreram todos!» e logo de seguida acrescenta «nunca ganhei apostas, alguém aposte comigo para perder mais uma vez...».

– «Depois de o nosso avião [PV-2 4606] ter partido [às 21:00 da BA9], descolou uma outra tripulação [num PV-2] com o capitão [José] Ervedosa como piloto que, felizmente, levava como segundo-piloto o comandante Viegas, chefe dos pilotos da DTA e que conheci os céus de Angola como poucos. Assim, um segundo avião descolou pouco depois do 4606 para a mesma área, com a mesma missão e sem que me tivesse sido dado conhecimento. Muito sensatamente, ao chegar às imediações de Carmona, o comandante Viegas aconselhou o Ervedosa a regressar à Base pois as condições meteorológicas na área tornavam impraticável e proibitivo qualquer tipo de protecção aos homens da capela de Mucaba.»²

Por volta das 05:00, frente à capela de Mucaba um grupo de 200 terroristas arrasta um pesado camião e aí entrincheirados iniciam cerrado ataque a tiro contra os sitiados. Mais ou menos à mesma hora, de Luanda levanta em direcção a Mucaba um PV-2 tripulado pelo comandante operacional da BA9 tenente-coronel piloto-aviador Manuel Diogo Neto, restante tripulação e o jornalista João Charula de Azevedo da agência noticiosa *Lusitânia*. Percorridas 175 milhas em vôo directo, são alcançadas as matas do Feitiço nos contrafortes da Serra de Mucaba; na rua principal e com a capela no topo totalmente cercada, os terroristas começam a alvejar o avião que pica sobre o grupo atacante no momento em que o telegrafista de bordo solta um grito de alegria ao receber uma transmissão do P19-Mucaba (reparado durante a madrugada).

– «Eram 06:37 quando se ouviu [no P19-Carmona], em complemento desta agonia longa, a mais alegre e consoladora mensagem deste brilhante e único feito de guerra: “Graças a Deus estamos salvos!”. Há lágrimas de contentamento em todos os olhos, cansados desta penosa vigília. Estavam definitivamente erguidos os últimos heróis de Mucaba, que nada os esmoreceu, com o seu valente chefe de posto a comandar.»³

– «On the 29th of April the inhabitants sought refuge in the church and there waited for the rebels, who attacked repeatedly. The administrator of Mucaba asked for reinforcements by radio and the whole of Angola anxiously listened to the radio to follow the course of events. When the radio fell silent the worst was expected but in the early hours of the next morning the voice came on the air again. The low-lying clouds made it difficult to intervene from the air until the mist lifted and a plane sweeping low over the ground succeeded in driving the attackers away after they had suffered heavy casualties. Mucaba was a turning point in the struggle. From that moment the Portuguese had more freedom of action and they were no longer the only ones who suffered defeats.»⁴

São 07:05 e na povoação de Mucaba e picadas adjacentes encontram-se cerca de 5 mil terroristas. O PV-2 lança primeiro uma bomba sobre o grupo da rua principal e depois dispara as cinco metralhadoras .50 sobre o bando que assedia os portugueses refugiados na capela. Um projectil dos terroristas estilhaça o vidro lateral ao piloto, mas este prossegue a sua missão limpando o terreno até esgotar munições e depois, por mais uma hora, efectua manobras em círculo disparando-se de bordo todas as armas automáticas individuais dos tripulantes e em simultâneo via-rádio são pedidos reforços aéreos, mantendo-se o tenente-coronel Diogo Neto em permanente sobrevôo no local com arrojadas acrobacias e vôos rasantes, protegendo o edifício que abriga os bravos resistentes até que, no limite da reserva de combustível, toma rumo a Luanda quando surgem um T6-Harvard do AB3-Negaje e outro PV-2 da BA9-Luanda, ao mesmo tempo que a sul progride a coluna apeada em socorro dos Heróis de Mucaba. Após quinze horas de lutas na pequena localidade, uma parte dos terroristas foge em debandada para as matas e os restantes reúnem numa sanzala próxima onde erguem uma bandeira branca de rendição. Pouco depois no aeroporto de Luanda, o PV-2 do tenente-coronel Diogo Neto aterra às 09:00 com a missão terminada e integralmente cumprida.

- «Vários camaradas se encontravam naquela sala [do Grupo Operacional 901 da BA9] que dava pelo nome de “operações de esquadra”, apesar de ser domingo. Falavam de um PV-2 que tinha descolado [logo ao raiar do dia] para Mucaba, levando como piloto o tenente-coronel [Manuel Diogo] Neto, o capitão Paulino Correia qualificado no avião como segundo-piloto, e também um jornalista [João Charula de Azevedo]. Parecia saber que o pessoal de Mucaba se encontrava bem e apenas um ferido ligeiro causado por um disparo inadvertido dum dos ocupantes da capela. Não tinha havido ataques durante a noite pois, segundo afirmavam, os pretos não gostam de atacar durante a noite preferindo os crepúsculos ou a luz do dia. [...] Entretanto uma coluna tinha saído do Negaje com tropa indígena destinada à defesa de Mucaba sob a protecção de pára-quedistas, comandada pelo tenente [pára-quedista José Guilherme Rosa Rodrigues] Mansilha. Aos primeiros alvares da manhã uma parelha de aviões T-6 armados e procedentes do Negaje tinha estado na zona, actuando contra grupos de negros que os alvejaram. Seguiram-se outras parelhas de T-6 durante quase toda a manhã e com a mesma finalidade: proteger os homens de Mucaba que durante toda a noite tinham clamado por socorro. Entretanto o capitão [piloto-aviador Mário Augusto de Lemos] Mascarenhas com a sua enorme perícia e segurança, tinha aterrado com um DO-27 [do AB3] na rua de Mucaba junto à capela.»⁵
 - «O reconhecimento aéreo era o método que complementava o reconhecimento terrestre e tinha muita importância na localização da actividades dos guerrilheiros. [...] Havia dificuldade em conseguir um reconhecimento eficaz devido à cobertura proporcionada pelas florestas e selvas. [...] Os observadores [...] adquiriam este conhecimento ao sobrevoar rotineiramente durante muitas horas a área de patrulha designada, num avião de observação Dornier DO-27 à altitude relativamente baixa de 200 metros. Como consequência, conseguiam descortinar os indícios típicos da presença dos insurrectos: uma nova ponte pedonal, uma picada recente, utilização recente e intensiva de uma picada antiga, barcos dissimulados ao longo de um ribeiro, abrigos construídos de preferência na orla das florestas em detrimento do terreno aberto, e a ausência de plantações ou de animais domésticos em redor das choças. Ao observar um local suspeito os pilotos continuavam a voar a direito como se não tivessem notado nada de estranho: com esta rotina esperava-se não alarmar os guerrilheiros; alterar o vôo e baixar a altitude para uma observação mais próxima, poderia originar a rápida mudança do acampamento. Contudo, no caso de pontes, barcos, picadas ou qualquer objecto em transição para uso dos guerrilheiros, justificava-se geralmente um olhar mais atento a não menos de 50 metros. As fotografias destes reconhecimentos eram uma ferramenta útil e a sua análise ajudava a reavaliar a presença ou ausência dos insurrectos. Os pormenores que não se viam facilmente a olho nú, identificavam-se sem grande esforço nas fotografias. [...] Podiam detectar-se outras pistas através da utilização de áreas queimadas, estruturas piscatórias ao longo dos rios, pontes suspensas, pontes flutuantes, picadas, jangadas, pirogas, grutas, etc. E também durante um mês uma série de fotografias podia apresentar mudanças na utilização destas instalações. A informação a partir do reconhecimento aéreo chegava ao Exército de forma contínua, pois o inimigo hoje derrotado num determinado lugar, instalar-se-ia amanhã noutra a uma velocidade extraordinária. [...] O reconhecimento visual tinha necessariamente de ser feito à luz do dia e os guerrilheiros trabalhavam durante a noite, portanto devido a estas limitações havia que fazer deduções a partir desses sinais. Uma vez localizados, a rede informativa portuguesa começava a fazer um esboço das suas intenções. Como os guerrilheiros se movimentavam a pé, avançavam normalmente devagar e davam tempo aos portugueses para preparar as armadilhas. [...] Estes procedimentos estavam de harmonia com a manutenção de uma guerra moderada e com contenção de custos, pois os pequenos aviões eram pouco sofisticados e relativamente pouco dispendiosos na sua conservação. [...] Os resultados destas operações aéreas de baixo custo revelaram-se extremamente satisfatórios, tendo em conta o modesto investimento. [...] O grosso destas informações provinha destas patrulhas militares e das missões de reconhecimento aéreo, e a sua eficácia não pode ser sobrestimada. No norte de Angola durante a reacção às incursões congolenses de 1961, o reconhecimento aéreo foi indispensável na localização dos guerrilheiros entre o capim alto e na orientação das forças terrestres durante o combate. Esta operação especial efectuada pelos aviões Tó-Harvard e Auster a partir do novo aeroporto militar do Negaje, [...] ocorreu em Abril de 1961. Concentrou-se na aldeia de Mucaba e na sua reocupação por unidades do 21º Batalhão de Pára-quedistas [BCP21].»⁶
 - «Nesse dia, tripulando velhos ‘Harvard’ da base do Negaje, tinham-se distinguido [os tenentes-coronéis pilotos-aviadores] Soares de Moura [comandante do AB3] (promovido [em Jun62] por distinção a coronel)», e Galvão de Melo (que ali se encontrava e logo se ofereceu como voluntário). A coluna terrestre de socorro, comandada pelo jovem tenente [pára-quedista] Mansilha, apesar das baixas sofridas em combates que chegaram ao corpo-a-corpo prosseguiu numa dura caminhada até alcançar a povoação cercada. De tudo fui testemunha porque participei no apoio aéreo à coluna de Mansilha, num frágil ‘Auster’ que rasava a lançar granadas-de-mão.»⁸
 - «Cheguei a Angola dois dias antes de começar a guerra. [...] Acompanhei a guerra desde cedo, ainda antes de assumir o comando da Base Aérea de Luanda. Quis participar nas outras modalidades da guerra, nomeadamente em terra. [...] No início houve dificuldades nas relações ar-terra, porque nem os oficiais da Força Aérea conheciam o terreno nem os militares do Exército conheciam os condicionamentos aéreos.»⁹
- Em volta da capela de Mucaba e no terreiro em frente jazem 200 a 300 terroristas, parte deles abatidos desde as 18:00 ontem pelos sitiados e outros durante o recente ataque aéreo. No terreno os terroristas deixam 5 caçadeiras, 15 canhangulos, algumas granadas-de-mão e centenas de catanas.
- «A Imprensa refere [em 30Abr61] que no Norte de Angola “está em execução um vasto plano militar em que intervêm forças de terra, mar e ar”, iniciando a reocupação militar aquela zona do território. De novo, o Governo chefiado por Oliveira Salazar é acusado, em diversos círculos [?] da opinião pública internacional [?], de ser o responsável por uma repressão implacável sobre as populações civis das áreas onde se desenrolam operações militares, o que é negado pelas autoridades portuguesas.»¹⁰

- «No dia 30 de Abril deste ano de 1961, a propósito dos graves acontecimentos de Angola, foi lida nas igrejas do País uma pastoral firmada por todo o Episcopado, na qual se afirma que o curso dos acontecimentos que convulsionam e ensanguentam o Mundo é atinente à destruição do Cristianismo. Grande verdade esta, triste e vergonhosamente agravada pela indiferença, pela inflexão e em muitos casos pela ambição criminosa de muitos que se dizem católicos!»¹
- «Abril 30 - O Conselho de Segurança Nacional [NSC Special Group] da administração Kennedy autoriza o financiamento secreto da UPA. A personalidade decisiva por detrás da atitude é Robert Kennedy. Fixa-se a quantia inicial de 6 mil dólares [já anteriormente retirados ao orçamento destinado ao "Peace Corps"]. Holden Roberto veio a confirmar: "Davam-nos apoio sobretudo para a formação dos quadros da UPA e em medicamentos, pagavam-me os bilhetes de viagem. Mas não davam o dinheiro que se diz. Onde estão os recibos para provar?"»¹²

¹ (Orbelino, op.cit pp.148); ² (Silva Cardoso, op.cit pp.172); ³ (Orbelino, op.cit pp.148); ⁴ (Huibregtse, op.cit pp.71); ⁵ (Silva Cardoso, op.cit pp.173);

⁶ (cf Joaquim Vito Côte-Real Negrão, in "Subsídios para o Reconhecimento Aéreo Visual"; EMFA, Lisboa Dez62; e Augusto Cândido Soares de Moura, in "Testemunho Norte de Angola (1961-1962), revista "Mais Alto" vol.81-89);

⁷ (em 10Jun62 condecorado em Luanda, pelo secretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga, com Medalha de Prata de Serviços distintos c/palma e CG de 1ª classe);

⁸ (Jardim, op.cit pp.180/1); ⁹ (Galvão de Melo, em 10Ago94 a Antunes); ¹⁰ (Morais e Violante, op.cit pp.175); ¹¹ (Juvenal, op.cit pp.36); ¹² (Antunes, op.cit pp.20)

Maio.1

Em Dar-es-Salaam, o líder da TANU Julius Nyerere proclama a «total autonomia do Tanganica» e assume o poder como PM do governo de transição até à independência marcada para final do ano.

Por essa ocasião no aeroporto de Luanda, aterra um avião proveniente de Lisboa com o novo ministro do Ultramar prof. Adriano Moreira e o subsecretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga que, acompanhados pelo CCFAA general Monteiro Libório, logo a seguir assistem na Avenida Paulo Dias de Novais ao desfile do 1º grande contingente metropolitano, recém-desembarcado do navio Niassa para reforço à guarnição militar de Angola. Naquela extensa avenida marginal à baía de Luanda, a população apinhada nos passeios faz uma prolongada ovação aos soldados, sobre os quais lança milhares de flores: o sentimento geral é de que uma catástrofe aguardaria os angolanos de todas as raças e credos, se os reforços demorassem mais um pouco a chegar.

- «On the first of May, the first big contingent of soldiers arrived in Luanda from overseas: it would be followed by more consignments of troops and in Portugal it looked like total mobilisation.»¹
- «Mensagens de Quimbele e do Songo pedem auxílio, seguindo reforços em jipes e jipões da força armada. Pelas 12:30 é recebida em Carmona uma mensagem enviada de Quimbele. Um avião de reconhecimento foi atacado por armas automáticas. Esta povoação está prestes a ser atacada e a população começou a abandonar os seus lares, evitando assim uma chacina geral. Em Mucaba continua a concentração de rebeldes, tendo para ali seguido mais reforços militares. A estrada Negaje-Bungo foi cortada profundamente, impossibilitando qualquer progressão de tropas ou da milícia. A coluna que de Carmona se deslocara ao Songo, a 20km do Uíje foi bloqueada por centenas de rebeldes, entre os quais se encontrava um branco; duas horas depois a coluna regressa com três militares feridos, dois dos quais no ventre e um destes em estado grave.»²

† DOMINGOS ANTÓNIO, Soldado

- «Em Abril, o "Niassa" aportou a Luanda com o 1º contingente de tropas. Antes, forças metropolitanas aerotransportadas tinham seguido para o Norte, distribuindo-se pelas zonas nevrálgicas onde incidiam os ataques e as violências maiores. Foram os pára-quedistas que suportaram as piores provocações, que acudiram aos locais em que o inimigo se concentrava, que operaram em termos de eficácia apesar de escassos, ignorantes do terreno e das artimanhas terroristas.»³

Durante a tarde na fortaleza de São Miguel o major pára-quedista Armindo Videira e os 60 efectivos da 1ªCCP, desde 19Mar61 ali provisoriamente acantonados sob comando do tenente pára-quedista Manuel Claudino Martins Veríssimo, recebem a visita do subsecretário da Aeronáutica coronel Kaulza de Arriaga acompanhado pelo comandante da 2ªRA brigadeiro Pinto Resende.

¹ (Huibregtse, op.cit pp.71); ² (Orbelino, op.cit pp.154/8); ³ (Pompilio, op.cit pp.76)

Maio.2

Em Luanda o governador-geral, na presença do novo ministro do Ultramar, anuncia publicamente o reconhecimento oficial do Corpo de Voluntários da Defesa Civil do Uíje, integrado na Organização Provincial de Voluntários para a Defesa Civil de Angola (OPVDCA), a qual se mantém sob tutela directa do governador-geral. O dec.43655 (a ser publicado dois dias depois), determina «a subordinação disciplinar e o regime jurídico dos elementos pertencentes às forças militarizadas e aos demais organismos do Estado, que nas Províncias Ultramarinas sejam eventualmente colocados sob comando ou autoridade militar».

- «Maio 2 - Adriano Moreira, em Luanda discursa perante o Conselho Legislativo de Angola e faz uma declaração política assente em cinco pontos: 1. Portugal não olharia a sacrifícios para esmagar a rebelião em Angola e conservar a integridade territorial; 2. Portugal responderia militarmente a rebeliões similares à de Angola, em Moçambique e na Guiné; 3. A segurança de Angola era a prioridade, tendo as reformas sociais, económicas e políticas valor secundário até à pacificação militar; 4. A presença de Portugal seria fortalecida pelo investimento e pela imigração; 5. A política dos Estados Unidos estava errada e os americanos deveriam ajustá-la à de Portugal, que estava certa.»¹
- «O Corpo de Voluntários que, na actualidade, é designado oficialmente [...] Escalão Rural da OPV (Organização Provincial de Voluntários) [...], formou-se em seguida à supressão das milícias. Na corporação não existem as patentes de sargento, alferes, tenente, etc., como no Exército, mas apenas as de comandante de secção (correspondente a sargento), comandante de destacamento (alferes), comandante de companhia

(capitão) e comandante de grupo de companhias (tenente-coronel). Por exemplo, o capitão [de infantaria na reserva Alberto Carlos Rodrigues] Ribeiro da Cunha, embora capitão no Exército, tem nos Voluntários a patente correspondente à de tenente-coronel. O soldo de um voluntário é de aproximadamente 3.600\$00 [em 1963], mas a grande parte – senão a maioria – alistou-se animada pelo sagrado ideal de defender a sua terra, outros por puro espírito de aventura, outros ainda por vingança em virtude de haver sofrido perdas dolorosas na sua família, parcial ou totalmente massacrada pelos terroristas. E há, finalmente, aqueles que se alistaram – muito poucos – com o fito de resolver o problema financeiro da sua vida. Mas o que não resta dúvida é que todos aqueles que se alistaram – por dever, espírito de aventura, vingança ou dinheiro –, todos ficam imbuídos do magnífico espírito de corpo que reina na corporação e cumprem o seu dever com a maior valentia, constituindo uma falange de tropas de “elite”, verdadeira tropa de choque utilizada nas missões mais arriscadas e todos, desde o início do terrorismo, actuando permanentemente em sectores operacionais. [...] O comandante de companhia [...] ex-tenente miliciano Silva Bastos, era empregado de uma conhecida firma do Lobito e trabalhava na secção de navegação com um vencimento mensal de nove mil escudos: aquando da eclosão do terrorismo, não hesitou em trocar um emprego tranquilo e bem remunerado por uma ocupação em que ganha menos e em que quase todas as semanas arrisca a sua vida. [...] João Carlos Figueira “o madeirense” [...], antigo criado de mesa na ilha de Luanda e mais tarde capataz da câmara municipal de Luanda: o destino atingiu-o duramente com o bárbaro assassinato pelos terroristas, de três parentes queridos, um dos quais era uma menina de dois anos de idade. [...] Fernando Frutuoso Sampaio, natural de Trás-os-Montes, ex-comerciante em Luanda: [...] de serviço nas regiões do Negaje, Mucaba, Cananga, Serra do Uije, etc. Comandante de pelotão Fernandes, ferido em combate no célebre Morro Teimoso (Serra do Uije), veterano de todas as campanhas. [...] Ilídio Pinto Osório “o 21”, o pequeno caboverdeano nascido na ilha de Santiago, de pequena estatura mas de grande valentia. [...] João Almeida Soares, [três anos depois] comandante de destacamento e comandante do fortim “Major Rebocho Vaz” no Vale do Loje: filho de um abastado industrial, alistou-se logo no início da criação do Corpo de Voluntários, participando em todas as campanhas. [...] E tantos e tantos mais haveria de que teríamos muito que dizer. Os seus nomes e os seus feitos encheriam um grosso volume...»²

– «Relembro no [Corpo de Voluntários do] distrito do Uije, os nomes do capitão Ribeiro da Cunha, do lendário comandante de companhia “Carvalho das Barbas”, o comandante de companhia [alferes de infantaria na reserva Joaquim] Carlos [Neto] Arruda que levou a 1ª companhia ao Zalala tendo nesse combate ficado ferido. Tenho presente o do alferes Abreu, tenente Mourão, alferes Matos, etc. Também o nome do alferes engenheiro Correia da Silva, filho do conde de Paço d’Arcos, (escritor dos mais distintos de Portugal) que, apesar de não necessitar para nada do soldo dos voluntários, se inscreveu na instituição só para lutar pela integridade de Angola.»³

– «Novo ataque à Damba, de madrugada, que durou uma hora. Não houve vítimas, ficando no campo oito assassinos mortos e grande número de feridos. Quimbele continua a pedir auxílio militar e Mucaba continua cercada por forte concentração terrorista.»⁴

¹ (Antunes, op.cit pp.20); ² (Fernando Laidley, op.cit pp.22/3,27,29); ³ (Rebocho Vaz, in “A Guerra de África” pp.928); ⁴ (Orbelino, op.cit pp.154)

Maio.3

No noroeste de Angola «o novo ministro do Ultramar, depois de uma sessão na assembleia legislativa provincial em que expôs o seu programa de governo, percorreu o território começando pelos distritos do Norte, onde se continuava a travar combates»¹.

– «Sanza Pombo sofre às 02:00 o seu primeiro ataque, apenas se registando dois feridos nossos, ficando no campo vários mortos e feridos terroristas. Na povoação 31 de Janeiro, “ataque de surpresa cerca das 04:30 por 200 terroristas, deixou 20 mortos, foram apreendidas 4 armas indígenas, não há baixas da nossa parte, apenas ferimentos sem gravidade”. No Songo é executado um assalto por mais de 1500 terroristas, enfurecidos e gritando: “UPA MATA! UPA MATA!”, “SONGO É NOSSO! UPA MATA! SONGO É NOSSO”, “QUEM RECUA MORRE! QUEM RECUA MORRE!”, “UPA MATA BRANCO! UPA MATA BRANCO!”. O ataque ao Songo foi duro, deixando os terroristas 220 mortos; não há feridos entre os defensores.»²

Logo pela manhã sai do Negaje em direcção à Fazenda Maria José, um pelotão comandado pelo tenente Bruno seguido por elementos civis: o administrador concelhio Santos Reis acompanhado pelo seu secretário; o director do CITA tenente-coronel Francisco de Almeida Correia de Sá de Lucena³ acompanhado pelos fotógrafos António Macedo e Joaquim Cabral e por uma equipa da RTP; o ajudante Baganha da OPVDCA e 3 trabalhadores daquela fazenda. Às 11:00 todos entram na fazenda e derramam álcool em lenços que atam em volta da cabeça tapando o nariz; o operador-de-câmara António Silva, depois de meia-hora de vômitos com o cheiro pútrido que tudo envolve, filma os corpos chacinados de onde saem milhares de moscardos verdes. No terreiro diante da camarata principal estão quatro cadáveres retalhados, outros três nas traseiras; junto a uma árvore no capim, um outro corpo, sem cabeça; dentro do edifício, vinte e quatro corpos inertes, inchados e em decomposição, atacados por milhares de vermes; de uma corda presa a uma trave do tecto, pende outro cadáver. Com uma enxada, dois voluntários puxam para o exterior os corpos, dos quais saem enormes larvas que se espalham pelo chão e rebentam sob os pés dos recém-chegados; as moscas verdes, de abdómen cheio do pus dos mortos, revoltam e picam os homens que arrastam os cadáveres. Enquanto os soldados abrem uma vala para os 33 chacinados, os civis espalham no chão gasolina a que deitam fogo para matar larvas e afugentar varejeiras. Dada sepultura a todas aquelas vítimas da selvajaria terrorista, às 17:00 um soldado do pelotão de caçadores indígenas do BC3 coloca sobre a vala comum uma cruz feitas de dois galhos de uma árvore próxima; os presentes descobrem-se e ali ficam uns momentos em silêncio. Depois, sem ninguém dar ordem, todos entram nas viaturas e regressam ao Negaje.

– «O ministro do Ultramar chega inesperadamente ao Negaje. Cerca das 17:00 entra em Carmona, onde a população em peso o aguarda junto à igreja da Missão Católica do Uije. Apesar da chuva miúda, vem num

jipe descoberto. Manuel João Carvas desfalda uma grande Bandeira Nacional, canta-se o Hino Nacional e chora-se de orgulho. Adriano Moreira canta com o povo e conquista-nos a todos. A sua mão a todos cumprimenta, apertando mãos calejadas de quantos arrotearam esta terra sagrada, agora talada e queimada pelos que, hoje ensandecidos, nela nasceram. Adriano Moreira visitou os feridos no Hospital. Para todos tem uma palavra de ânimo. Depois, recebe várias comissões que ouve atentamente. Vai ao Rádio Clube e saúda o povo, em vibrante alocação que a todos encoraja. Instala-se no palácio do Governo e começa a trabalhar, estendendo-se pela noite fora o seu labor em prol desta martirizada terra do Congo. Entretanto o Songo sofre o aperto dos bandidos e carece de munições. Com tempo chuvoso, a força aérea é impotente para tão arriscada missão; o mesmo sucede ao minúsculo e cansado avião do Aero clube do Songo. No avião do Aero clube de Sanza Pombo, Abílio Gaspar e Arménio Silva prontificam-se a levar essa ajuda ao Songo: por duas vezes ali vão, através de um escuro cerrado e de chuva constante, e as munições lá ficam nas mãos dos sitiados. Regressam já de noite, aterrando à luz dos faróis dos automóveis. Só gente de fibra lusitana se pode conservar num tal inferno. Compare-se semelhante gente com a de outros povos europeus que, em massa, fugiu ao menor sinal de perigo para não mais voltar...»⁴

Do discurso hoje proferido em Lisboa pelo CEME general Câmara Pina, destaca-se a seguinte passagem: «As fases da guerra subversiva são bem conhecidas – e contra elas nos temos nós que bater: actos iniciais de terrorismo sangrento e selvático atingem as populações que logo são obrigadas a reclamar em cada ponto a presença das forças da ordem; deflagram depois novos surtos de terrorismo e insidiosamente se desacreditam as tropas acusando-as de imobilismo; sobressalta-se a retaguarda».

– «Quando da insurreição de 1961, Salazar verificou que o perigo não estava nos colonos e seus descendentes. Estava na política económico-social até aí seguida e então, sem a ajuda de nenhum país, Portugal teve de fazer face à insurreição ao mesmo tempo que se viu coagido a uma política de desenvolvimento, para o que teve de ser feito um esforço financeiro gigantesco.»⁵

¹ (Silva Tavares, governador-geral); ² (Orbelino, op.cit pp.155/160); ³ (virá a falecer em 20Out67); ⁴ (Orbelino, op.cit pp.156-158); ⁵ (Padrão, op.cit pp.282)

Maio.4

Em Brazzaville o presidente Foulbert Youlou critica as resoluções do governo vizinho sobre a condução da crise no Congo-Leo, e pede a libertação do líder catanguês Moisés Tschombé.

E no noroeste de Angola prosseguem os assaltos e depredações das hordas terroristas.

– «Durante a madrugada junto à estrada Songo-Carmona, os terroristas assaltam duas fazendas: na Quituto matam os trabalhadores bailundos; e na Lufije procedem de igual forma mas deixam alguns feridos e chacinam o encarregado Gourgel, sua mulher e filha, retalhando barbaramente os corpos. Em Carmona trabalham activamente o ministro do Ultramar e o subsecretário da Aeronáutica, inteirando-se completamente da situação. Comissões de agricultores e de todas as actividades da região vêm apresentar os seus queixumes e pareceres. Para o Songo seguiu uma coluna militar de 30 homens: a estrada tem 25 cortes profundos mas, sob a protecção da força aérea, os obstáculos são ultrapassados e a tropa progride, chegando ao Songo por volta das 17:00 após ter abatido cerca de 300 rebeldes durante o trajecto.»¹

† MANUEL RIBEIRO MARQUES, Soldado

Entretanto em Lisboa são publicados mais 6 decretos (43647-43652), respeitantes à 2ª parte da remodelação governativa: no Interior, o coronel Arnaldo Schulz foi substituído pelo coronel Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior²; nas Corporações e Previdência Social, Henrique Veiga de Macedo por José João Gonçalves de Proença; na Educação Nacional, Francisco Leite Pinto por Manuel Lopes de Almeida³ e na respectiva subsecretaria Baltazar Rebelo de Sousa por Carlos Soveral; nas secretarias da Agricultura e da Indústria, respectivamente Luís Martin Graça por João Mota Pereira de Campos e Ferreira Dias Júnior por Carvalho Fernandes; na subsecretaria⁴ do Comércio, João Augusto Dias Rosas promovido a secretário e o seu titular Correia de Oliveira promovido a ministro de Estado adjunto do PM; e nos Negócios Estrangeiros, Marcelo Mathias substituído pelo seu director-geral dos Negócios Políticos, Franco Nogueira.

– «Franco Nogueira ministro dos Negócios Estrangeiros, diplomata de carreira, [...] tivera uma formação de “esquerda liberal”, dedicando-se algum tempo à crítica literária [do neo-realismo] e tendo colaborado no semanário “O Diabo”. Chamado por Salazar para o Governo no rescaldo da crise de 1961, depois de ter ocupado o cargo de director de Negócios Políticos nas Necessidades onde dera provas de grande competência e capacidade de trabalho, tornara-se notado à opinião pública pela sua enérgica acção nas Nações Unidas nesses tempos difíceis da mais dura ofensiva internacional contra a África portuguesa. Dadas as suas origens ideológicas, era controversa a opinião sobre a sua personalidade [...], encontrando-se a verdade numa progressiva evolução do jacobinismo patriótico e republicano para um nacionalismo lúcido essencialmente conservador, um pouco pragmático, muito próximo do de Oliveira Salazar.»⁵

¹ (Orbelino, op.cit pp.158);

² (em 1946 e 48 com o posto de major, e em 55 com o posto tenente-coronel, chefiou em Moçambique as sucessivas IV, V e VI Missões Antropológicas);

³ (em Mar33 professor da Universidade de Coimbra e nacional-sindicalista, depois filiado na UN); ⁴ (em 22Jun61 será decretada a extinção desta subsecretaria);

⁵ (Nogueira Pinto, op.cit pp.156-157)

Maio.5

NTT “Vera Cruz” larga de Lisboa rumo a Luanda¹ com o segundo grande contingente², desde há quatro dias em estado de prontidão³

Manhã cedo no Uíje, o ministro do Ultramar com o subsecretário da Aeronáutica e restante comitiva seguem para Maquela do Zombo, ao mesmo tempo que em Mucaba a população retira

para a sede da circunscrição. Pouco depois na *Fazenda Caxalonde*⁴ a meio caminho Carmona-Songo, centenas de terroristas matam alguns bailundos, um consegue fugir e às 12:00 chega a Carmona onde informa a milícia. Entretanto em Quibaxe a tropa é alertada pelo civil residente Adriano Pinto, sobre a presença de terroristas naquela área, comandados por 4 instrutores europeus vindos do Congo-Léo para ensinar táticas de guerrilha e manejo de armas automáticas.

– *«In the beginning, the rebels stole water-drainage pipes to use as gun barrels and were only armed with old muzzle-loaders and “catanas”, the big chopping knives always carried by the natives. Apart from the locally recruited supporters, the volunteers came from Congo-Brazza and Congo-Leo. There were approximately 5 thousand terrorists and a maximum of 25 thousand at the height of terrorism. They were the real members of the UPA and had been trained in guerrilla and terrorist methods. One could call them the heart of the movement. These came from outside Angola, and from Angola itself only half of this number was forced to take part, “definitely not a national movement”. The real terrorists had, in ever-increasing numbers, better arms like machine guns, automatic guns and hand grenades. These weapons came from both Congo republics and had partially belonged to the previous Belgian “Force Publique”, and UN soldiers in the Congo often sold their weapons. Because of Holden’s intervention, the delay deliverance was lifted and from May 1961 the necessary arms and ammunition arrived in large quantities.»*⁵

Por essa ocasião em Léopoldville, o governo protesta contra as declarações de Brazzaville do presidente Foulbert Youlou e a sua ingerência em assuntos internos do Congo-Leo, e determina a proibição de circulação transfronteiriça dos barcos que ligam as 2 capitais através do rio Zaire.

Enquanto isso no polígono militar de Tancos, é criado nas instalações do BCP o Regimento de Caçadores Pára-quedaistas.

¹ [http://ultramar.terraweb.biz/Efemerides_Angola_14MAI1961.htm];

² [http://ultramar.terraweb.biz/06Ivros_RogérioCardosoTeixeira.htm];

³ [<http://www.prof2000.pt/users/avculturi/Artil106/index.htm>];

⁴ (ou “Coxalonde”); ⁵ (Ronald Waring, professor no IAEM-Pedrouços, in “War in Angola”, *Symposium*, pp.41)

Maio.6

Cerca das 10:00 em São Salvador do Congo o aeródromo é alvo da tentativa de assalto por um grupo terrorista, repellido por militares da 2^oCCaCl/BC3 reforçado por caçadores especiais: durante os combates, as tropas sofrem 1 morto e 2 feridos.

† JOÃO MANUEL DE FIGUEIREDO ANDRÉ, Soldado

– *«São Salvador sofreu novo ataque, repellido energicamente com muitas baixas para os assaltantes e dois feridos [da CCE61] nas forças militares. Cerca do meio-dia são captadas em Carmona as seguintes mensagens: “Aqui em São Salvador estão-se a ouvir novamente alguns tiros. Estamos a ouvir o matraquear e barulho daquelas azeitonas que nós sabemos. Aviões Luanda seguiram rumo directo São Salvador”. Hoje uma coluna militar foi atacada a 15km do Negaje, encontrando cortada a ponte existente no local; grande número de terroristas fica no terreno. A meio da tarde os bailundos da Fazenda Esperança, a 13 km do Uije, são atacados por terroristas acompanhados de mulheres que empunham catanas. Os bailundos oferecem resistência e os bandidos retiram, levando 47 cabeças de gado.»*¹

Enquanto isso no Cairo os MNE do Grupo de Casablanca declaram renovar o apoio dos seus países, ao governo congolês lumumbista de Gizenga.

¹ (Orbelino, op.cit pp.160/1)

Maio.7

Em Pequim o CC/PC chinês recebe o presidente do MPLA Mário de Andrade, vindo de Rabat «com o propósito de obter armamento para que o seu movimento de libertação inicie a luta armada em Angola»¹. Na capital chinesa também se encontra desde há alguns dias, numerosa delegação chefiada por “Bernardo Dombele”, vice-presidente da UNTA (União Nacional dos Trabalhadores de Angola).

Enquanto isso no noroeste de Angola, a coluna de voluntários do chefe de posto Rogério consegue regressar sem baixas à sede da circunscrição de Santa Cruz, graças à inteligente acção e bravura do subchefe Guilherme, da Polícia Móvel. Depois de erguer uma paliçada em volta da administração civil, e de colocar sobre a estreita passagem um aviso de «*entrada expressamente proibida a terroristas*», os habitantes encerram-se no edifício e pedem imediato auxílio – munições, alimentos, metralhadoras ligeiras e cargas para baterias –, e reforços militares.

– *«Manhã cedo alarma-se a cidade de Carmona, com a notícia do corte da estrada Cuilo-Cangola: a 1^a povoação é um posto de guarda fiscal; o administrador está doente e Cangola não tem defesa nem pode comunicar, por não possuir aparelho de rádio. A estrada Caiongo-Guarda Fiscal está cortada. Quimbele faz apelos constantes a pedir munições. De Santa Cruz chega 1 mensagem: “Santa Cruz permanecem 8 mulheres e 12 crianças. Próximo limite posto Cuango um europeu não há notícias. Desapareceram 2 europeus Land-Rover seguiram Sanza Pombo. Alguns cipaio e capas operaram limite Buenga desapareceram julgando-se massacrados. Toda população indígena concentrada cercando Santa Cruz. Comunicações terrestres e aéreas não temos. Santa Cruz é Portugal até massacrados”. Na Damba e no Songo esperam novos ataques a todo o momento. De São Salvador comunicam que há ali 1 caçador especial gravemente ferido, aguardando transporte aéreo para Luanda. Pouco depois Santa Cruz diz que lhe cortaram a água, e o Bembe dá parte de forte concentração de nativos em pé-de-guerra, esperando ataque na próxima madrugada. O pequeno avião do Aeroclube sobrevoa a estrada Uije-Songo-Caipemba e verifica incontáveis cortes de estrada e obstáculos na mesma. As fazendas Quinguangua e Belpingano estão a ser assediadas por bandoleiros que descem da serra do Pingano. De Carmona segue para a fazenda Esperança uma coluna militar.»*²

Entretanto em Oslo o novo MNE português Franco Nogueira, na presença do embaixador António de Faria, conversa com o homólogo norte-americano Dean Rusk:

- «Rusk insiste fortemente em dois pontos: a necessidade de fazermos propaganda nos Estados Unidos para esclarecer e persuadir a opinião pública americana que é hostil à política portuguesa em África; e a necessidade de realizarmos urgentemente reformas nas nossas províncias africanas. [...] O secretário de Estado tem em mente “reformas” que aproximem a nossa política em África daquela que é exigida pelas Nações Unidas. Rusk não me deixou dúvidas quanto à “simplicidade” com que vê todos os problemas e a convicção, em que parece estar, de que basta uma palavra dos Estados Unidos para tudo se resolver a seu contento. Afigura-se-me que o secretário de Estado pensa também que, feitas as “reformas” nada acontece e que as Nações Unidas se dão por satisfeitas com meras palavras e cessam os ataques; ou então vê nas “reformas” uma maneira de levar Portugal a deslizar pelo caminho que pensa mais conveniente para os Estados Unidos.»³
- «Ribatejano, Franco Nogueira ostentava deliberadamente todas as características mítico-literárias das gentes da borda d’água – coragem física, franqueza absoluta, uma rudeza brutal no trato com os adversários –, a largueza de vistas do homem pobre da lezíria habituado a lidar com touros e latifundiários aristocratizados e snobs. Descendente de campinos, cavalgou a política externa portuguesa de pampilho em punho, apartando os diplomatas e as ideias como quem aparta o gado e o arruma para a ferra. Tanto nos salões alcatifados das chancelarias como na atmosfera feirante das assembleias internacionais, aguardou sempre com inalterável serenidade a comadura do inimigo. De caras ou de cernelha não houve besta cornuda que o desembardelasse ou lhe saísse das unhas. Algumas das suas conferências de imprensa transformaram-se em autênticas touradas, corridos os interlocutores a refugiar-se nas tábuas, recusando a lide como bichos sabidos e medrosos. Licenciado em Direito, enquanto esperava outra vida que não a da barra ou das repartições, aliteratou-se abundantemente, feito crítico de ficção a cavaquear pelas leitárias com os cultivadores do velho neo-realismo, parentes próximos e pobres de quanto intelectual proletaróide ainda hoje avença as delícias do mais farroupilheiro marxista-leninista. Chegado à carreira diplomática, aferrou-se ao trabalho de tal sorte (estudando, teimando, discutindo, aluno do [secretário-geral do MNE] embaixador Teixeira de Sampaio) que, em breve, defendia com ferocidade os interesses do Estado marrando – salvo seja – a direito. Por considerar que era um trânsfuga do neo-realismo e da esquerda literata, a direita ortodoxa não viu com bons olhos a sua escolha para ministro dos Negócios Estrangeiros, mas assim que admirou as primeiras bandarilhadas no cachocha dos animais onusinos e os lances de muleta na fronha dos aliados atlânticos, adoptou-o fraternalmente. Profissional competentíssimo, executante admirável da política externa de Salazar, alcançou o requinte de, em certas ocasiões, não se poder deslindar com rigor o que era da lavra do presidente do Conselho do que pertencia ao seu trabalho fecundo e imaginativo. Orgulhosíssimo, levou o orgulho até à suprema humildade de não poder dar um passo fundamental sem, primeiro, consultar o velho senhor. Nunca se apagou, porém. Foi durante quase 9 anos ministro, uma 1ª figura, a personalidade política que, se tivesse querido, melhor sucederia a Salazar. Republicano jacobino da linhagem de um Norton de Matos, transpôs para o Ultramar, coerentemente, a sua concepção de Estado unitário, característico do colonialismo patriótico da I República.»⁴
- «Paralelamente à defesa militar nas 3 províncias africanas afectadas pela guerrilha [ou prelúdio da mesma], Portugal travou luta igualmente determinada e persistente no foro internacional, em particular nas Nações Unidas, luta em que se empenhou o ministro Franco Nogueira ininterrupta e brilhantemente.»⁵

¹ (informação da agência noticiosa maoísta Nova China); ² (Orbelino, op.cit pp.161/2);

³ (Franco Nogueira, in “Diálogos...” vol.1 pp.61-62); ⁴ (Múrias, op.cit pp.83); ⁵ (Mascarenhas, op.cit pp.374)

Maio.8

avião segue rumo a Luanda, com a 3ªCCP

Em Luanda é instituído oficialmente, pela port.18464, o batalhão operacional de caçadores pára-quedistas (BCP21), constituído por 3 companhias que vão provisoriamente ficar acantonadas nos seguintes locais: a 1ªCCP na fortaleza de São Miguel; a 2ªCCP nas instalações do Restaurante Velho da fazenda Belo Horizonte (na periferia da cidade e próximo da Estrada de Catete); e a recém-chegada 3ªCCP no hangar velho do antigo campo de aviação.

† LUÍS ANTÓNIO DA ROCHA, 1ºGrumete

Entretanto a povoação de Sanza Pombo sofre ataques de grupos terroristas, com armas automáticas.

- «Sanza Pombo transmite sucessivas mensagens: “Em 24 horas fomos atacados 3 vezes. É conveniente mandar aviação pois eles estão aqui aos magotes. Precisamos de reforços. Esta situação não se pode manter. Necessitamos urgentes reforços. Estamos sem água e estamos com ela cortada. Situação aflitiva. Convém mandar aviação. Eles daqui a um bocado estão aqui. Recuaram um pouco. Do nosso lado ainda não há baixas. Eles têm bastantes”. Logo de manhã sai de Carmona uma coluna militar com 50 civis, que se dirigem ao Songo para levar mantimentos e recolher bailundos espalhados por várias fazendas da região. Pouco depois a tropas comunica que a ponte do Paco se encontra totalmente danificada, e outra coluna militar sai em reforço da primeira. Chegados ao Songo, ali se demoram apenas trinta minutos e a meio caminho de regresso passam pela Fazenda Lufije onde recolhem os bailundos, alguns deles feridos, e os restos mortais do encarregado, de sua mulher e da filha.»¹

Ao mesmo tempo a norte do Uíje, junto à destroçada ponte sobre o rio Diu e 1 km antes das primeiras casas do Bungo, uma patrulha comandada pelo alferes pára-quedista Mota da Costa² e guiada pelo camionista Caras-Lindas, sofre uma emboscada terrorista perto da fábrica de conservas

Andreas Costa. Ao longo de três horas trava-se duro combate, durante o qual ficam feridos quatro pára-quedistas, e morrem o alferes e o guia civil com quatro tiros no peito.

† **JOÃO BERNARDO PINTO COMENDAS CARAS-LINDAS**, Guia civil

† **MANUEL JORGE MOTA DA COSTA**, Alferes pára-quedista

– «*Outra coluna acompanhada de civis que partira do Negaje para o Bungo, foi atacada a dois quilómetros desta povoação, perdendo a vida o alferes que a comandava e um civil de nome Caras Lindas, horrivelmente mutilados e apossando-se os bandoleiros de suas armas e munições; ficaram ainda quatro pára-quedistas feridos. Pelas 17:00 São Salvador comunica suspeitas de concentração de negros à volta da vila. E Santa Cruz não responde.*»³

¹ (Orbelino, op.cit pp.164); ² (filho do capitão Manuel Rosa Costa); ³ (Orbelino, op.cit)

Maio.9

No Bungo o pelotão de pára-quedistas, ali estacionados sob comando do seu sargento Joaquim Santiago, guiados pelo caçador profissional Abel Fialho Rico, perseguem o bando da UPA que ontem emboscou a patrulha, matou um alferes e um guia e feriu quatro militares. O rasto dos terroristas é localizado em direcção a Mucaba e pouco depois trava-se combate nas margens do rio Diu, logrando as tropas liquidar e ferir inúmeros terroristas.

– «*Maio 9 - Decretada a censura a todo o noticiário referente ao Norte de Angola.*»¹

¹ (Antunes, op.cit pp.20)

Maio.10

No noroeste de Angola, a partir das 03:30 a povoação de Mucaba é alvo de nova tentativa de assalto terrorista que dura seis horas. Na Damba os terroristas cortam a ponte do Lueca, a 4km na picada para Maquela do Zombo. Cerca das 05:00, a vila do Songo é de novo atacada pelo lado de Nova Caipemba, tendo os assaltantes sofrido muitos mortos e feridos mas não se registando baixas entre os sitiados. No Bungo aguardam uma avioneta da FAP para evacuar um doente. Do Luvo o aspirante administrativo Diogo comunica que cerca de 250 terroristas, vindos pela ponte internacional, regressaram a território do Congo-Leo; e que a maior dificuldade da povoação é a falta de mantimentos. Santa Cruz está cercada por centenas de terroristas vindos de Buenga, Quimbele e Macocola, armados de catanas, armas gentílicas, pistolas e carabinas.

– «*In the initial stage only the inhabitants had been killed. The terrorists did not want to damage their inheritance and therefore saved the installations. When it became evident that they had been wrong and that the whites would not leave en masse, they started to destroy everything: machines, homes of whites and blacks, everything even the coffee trees. By doing this, they destroyed much of the economy of the district as the destruction of such a fazenda, made habitation as well as the continuation of the coffee culture impossible, and meant the downfall of the owner. The month of May is the end of the raining-season and was characterised by much greater terrorist activity than before. Often, native villages were attacked by terrorists, loyal "sobas" were finished off, women and children were killed and maimed. Throughout the entire period attacks took place on central points occupied by the Portuguese and isolated fazendas, and it became obvious that the enemy was following a new line of tactics. High praise should be given to the black labourers who often returned to the devastated fazendas and continued to protect them, thereby proving the untruthfulness of the statement that "they had been ill-treated by the Portuguese".*»¹

– «*Maio 10 - Prossegue o esforço de contra-ataque militar. Números de baixas, segundo o Governo: 8000 rebeldes e 1000 brancos e africanos leais.*»²

Entretanto no palácio das Necessidades em Lisboa, o MNE Franco Nogueira recebe de Londres um telegrama assinado por 32 socialistas do partido Tory, que «*denunciam evidência de massacres de nativos sob opressão da ditadura, e uso de bombas de napalm*»³.

– «*Não há bombas más e bombas boas. E o napalm não tinha efeitos piores do que as minas que o inimigo colocava nos itinerários, e que causaram a maior parte das baixas nas nossas tropas e na população.*»⁴

– «*A "consciência universal", de Jean-Paul Sartre às Nações Unidas, ficou muda quando o terrorismo no norte de Angola massacrou tudo o que era branco ou preto não colaborante com a eliminação dos brancos. Mas despertou com violência quando o Exército e os voluntários reagiram sem aplicar as convenções de Genebra e recorrendo por vezes aos preceitos de Lynch e ao bíblico "olho por olho". Não vale a pena nem aproveitar a ninguém negar que houve excessos. Entre milhares de homens em operações há de tudo e tem de se contar uma percentagem de sádicos, de irresponsáveis, de prepotentes. Depois, muitos estavam sob acção do que tinham visto, à medida que avançavam nas zonas atacadas pelo terrorismo: as mulheres violadas e mortas com requintes rituais, os homens castrados e torturados até ao fim; os bailundos esquarterados, as crianças... [...] Aliás não pode deixar de pensar-se, a propósito da atitude [...] progressista britânica perante o morticínio [...] de civis num conflito subversivo, que foi Sir Winston Churchill quem pessoalmente fez questão, a poucos meses do fim da Guerra e num momento em que esta já estava ganha pelos Aliados, de que a RAF bombardeasse com bombas de fósforo as cidades alemãs de Dresden [em 07Out44, 16Jan45 e 13-15Fev45]⁵ e Hamburgo, onde se produziram as maiores carnificinas da História entre populações civis [...] para mais rápida vitória e glória da "Cruzada" das democracias⁶. Parecem pois os seus compatriotas moralmente pouco idóneos para vir pregar na matéria aos Portugueses, que além do mais defrontavam um inimigo que apenas se guiava pela filosofia dos resultados e sempre se mostrou, antes e depois do triunfo, impiedoso com as populações.*»⁷

¹ (Huibregtse, op.cit pp.71/2); ² (Antunes, op.cit pp.20); ³ (fabricado no Midland-Michigan pela Dow Chemical); ⁴ (Diogo Neto, em 19Jul94 a Freire Antunes);

⁵ (estimativa de 140-300 mil vítimas mortais); ⁶ (vd Dwight Eisenhower, in "Cruzada na Europa"; edição de 1949); ⁷ (Nogueira Pinto, op.cit pp.382,391)

Maio.11 (5ªfeira da Ascensão)

Pouco depois da meia-noite saem de Carmona 1 pelotão de CCE's e 2 pelotões do BC3, que vão juntar-se no Negaje a 1 pelotão da 2^oCCP, a fim de efectuar sob comando do capitão pára-queda Heitor Almendra uma acção na estrada Negaje-Bungo sobre o povo Lucunga, ocupado por hordas de terroristas.

Entre as 3 e 6 da madrugada, Mucaba sofre novo ataque: os terroristas deixam 10 mortos no terreno e levam os feridos. Nas áreas limítrofes de São Salvador e de Quimbele, são cada vez mais numerosas as concentrações de indígenas revoltosos.

Ao fim da manhã, vindo de Luanda regressa a Carmona o governador distrital, já substituído naquelas funções e que amanhã à tarde vai voltar definitivamente para a capital angolana com destino à Metrópole.

– «Ninguém lastima a sua saída. O povo de Carmona deseja mesmo que se vá, que saudades não deixa em ninguém. Espera-se há quinze dias por uma força militar de 1000 homens, que não chega mais...»¹

Enquanto isso, em Nova Iorque a revista *Newsweek* noticia que o terrorismo no norte de Angola tem sido abastecido em armas e instrutores, através de aviões com vôos regulares entre Accra e Luluaburgo, a 150km da fronteira nordeste angolana.

¹ (Orbelino, op.cit pp.168)

Maio.12

Durante a madrugada no concelho do Uije, a *Fazenda Mahonde* (de José Ferreira Lima) sofre um violento ataque terrorista com saque, destruição e o assassinato de alguns trabalhadores bailundos. Às 04:00, uma força com tropas do BC3 e pára-quadistas do Negaje, inicia o cerco ao povo Lucunga junto à estrada Negaje-Bungo, mas os terroristas ali acoitados logram fugir para a floresta das serranias. Alguns elementos são presos e levados para Carmona.

– «Um caboverdeano diz que: com os negros, estava um oficial do exército do Congo-Léo e outros elementos dali oriundos; que, no povoado tinham comandos organizados e cargos distribuídos; e que, uma senhora branca estava como refém nas mãos dos bandidos.»¹

Ao mesmo tempo, em Léopoldville o presidente Kasavubu proclama a fundação dos *Estados Unidos do Congo*, sendo aquela cidade declarada como «capital federal».

Entretanto em Santarém, o semanário *Correio do Ribatejo* noticia que um contingente da EPC vai seguir daquela cidade para Angola. E ao fim do dia em Lisboa, a PIDE detém alguns subscritores do «Programa para a Democratização da República».

– «Era um dia lindíssimo de Maio. [...] Resolvi ir com o Ramos da Costa à piscina do [Hotel] Atlântico [no Estoril] tomar um banho, seguindo para Cascais almoçar num óptimo restaurante, mesmo no centro da vila. Passeámos depois até ao Guincho e, como estávamos espapaçados e com sono, lembrámo-nos que o Pedro Monjardino tinha uma casa na Quinta da Marinha, com um bom jardim para dormir: deitámo-nos sob os pinheiros e dormimos uma boa sesta. Voltei a correr para Lisboa, eram já sete [19:00] horas. Quando chego à Rua do Ouro [nº87-2º], ao escritório [do advogado Acácio Gouveia], fui apanhado pela PIDE [para averiguações relacionadas com o Proc.328/61-1ºDiv, sobre o crime do art.167º do Código Penal] e enviado para Caxias! [i.e, para o Aljube e em 14Jun61 transferido para Caxias]. Fiquei lá seis meses! Fui o primeiro a ser preso [pela 5ª vez] e o último [?] a sair [i.e, vão sair todos em 03Nov61]². Seguiram-se todos os outros redactores do Programa, um a um! Alguns estiveram detidos 4 a 5 dias, outros uma semana; o Ramos da Costa e o Acácio Gouveia, cinco meses [i.e, Ramos da Costa nem sequer 2 meses, dado que só em 09Set61 vai ser capturado].»³

¹ (Orbelino, op.cit pp.170);

² (todos incriminados mas não chegam a ser julgados devido a uma amnistia, sendo libertados todos no mesmo dia por mandado do 1º Juízo da Boa-Hora);

³ (Soares, op.cit pp.163)

Maio.13

Nos arredores de Carmona, o grupo terrorista que ocupou a Fazenda Caquengue recebe a tiro o proprietário João de Matos que para ali se dirigia com mantimentos para os trabalhadores bailundos.

Ao mesmo tempo, de Luanda arrancam para a zona dos ataques terroristas, em direcção le-nordeste pelo único itinerário não cortado (Lucala-Salazar-Camabatela), dois batalhões do primeiro contingente desembarcado há doze dias.

– «The thirteenth of May was an important day. A strong military column left Luanda on that day to start reconquering Northern Angola. A convoy of lorries laden with food and supplies destined for places besieged by the terrorists left at the same time. The route went past Lucala and Camabatela, along the only way not controlled by the terrorists.»¹

– «Em Carmona sabe-se que de Luanda vai sair uma forte coluna motorizada com centenas de militares, para reocupar Nambuanguo imediatamente. Outra coluna igualmente saiu para se dirigir a Carmona, onde não chegará tão cedo por se empenhar em operações de limpeza no percurso Dondo-Lucala-Salazar-Camabatela-Uije.»²

Ao final da tarde e perto de Camabatela, 230km a leste da capital angolana, as tropas deparam com um espectáculo macabro junto da picada: alinhadas lado a lado, as cabeças decepadas de três trabalhadores bailundos que recusaram participação nos ataques, executados a mando de Robert Aldane para exemplo de bacongos e bailundos.

Enquanto isso em Nova Iorque, o matutino *New York Times* noticia³ que no norte de Angola as tropas portuguesas capturaram vários terroristas, entre eles 71 ghaneses.

¹ (Huibregtsé, op.cit pp.73); ² (Orbelino, op.cit pp.170-172); ³ (nesta data, ocorre a morte do actor Frank James "Gary" Cooper)

Maio.14

Em Londres o *Sunday Telegraph* transcreve um despacho do seu correspondente em Lagos (Nigéria), no qual relata que desde 3 de Abril acostaram ao porto ghanês de Sekondi-Takoradi, a

ocidente de Accra, sete cargueiros soviéticos dos quais foram descarregadas, sempre durante a noite, grandes quantidades de armas soviéticas e checoslovacas transportadas sob escolta policial para diversos aeroportos daquele país, e prontamente carregadas em aviões com destino a aeródromos congolezes perto da fronteira com Angola. O governo ghanês admite receber armamento de origem soviética, mas que se trata de assunto puramente interno do Ghana, embora seja de conhecimento público que o terrorismo no Norte angolano tem estado a ser abastecido com armas e munições – através de várias escalas, duas das quais provenientes do Ghana –, transportadas para aviões que usam pistas do Congo-Leão e lançam armamento em pára-quadras sobre concentrações rebeldes previamente combinadas.

Entretanto no noroeste de Angola, são detectadas no Alto Cauale concentrações de terroristas a 2km daquela circunscrição, cujo administrador envia para a sede distrital a seguinte mensagem:

– «Comunica-se que aviões estiveram a lançar “vitaminas”. Captada mensagem indicando saque e incêndio povoação Bungo madrugada amanhã. Cipaio chegado agora Bungo informa região totalmente sublevada e concentrações fazendo cortes estrada e preparam ataque esta. Pede-se envio FAP amanhã de manhã e aceleração vinda tropa e armamento virtude actual sublevação total concelho e sintomas ataque breve.»

Ao mesmo tempo junto à fronteira a 11km do Luvo na estrada para São Salvador, um grupo terrorista incendeia e saqueia a serração. Em Macocola, são dados como desaparecidos António Ferreira Martins e José Fernandes Peça. Entre o Negaje e Carmona, um empregado da Companhia do Congo Agrícola depara com uma grande concentração terrorista a 20km da sede concelhia do Uíje, e regressa imediatamente ao Negaje onde avisa o AB3; da base aérea saem aviões para metralhar o grupo rebelde. Em Sanza Pombo, um avião lança de grande altitude mantimentos e munições para os sitiados daquela freguesia e de Santa Cruz; um dos volumes fractura o crânio do europeu Manuel Lourenço, causando-lhe morte imediata; e outro volume atinge um tractorista que fica ferido.

– «To make traffic come to a standstill, the terrorists were constantly destroying bridges, they dug holes in the roads and chopped down trees. The patrols were continuously clearing away obstacles but it was often an impossible task. The roads in the north provided safety nowhere; some places had to receive supplies from the air. The position of Carmona was especially critical, as the surrounding area was unsafe because of the presence of innumerable terrorists and it was impossible to achieve anything against them. They showed themselves within a mile of the city and could with impunity attack fazendas and villages in the neighbourhood and disappear before patrols could make inquiries. The ordinary black people were the victims, just like ordinary people everywhere are the victims of war and violence. Clashes with the military increased because patrolling was done more frequently.»¹

Enquanto isso em Luanda, desembarcam do NTT/Vera Cruz mais dois batalhões de infantaria para reforço da defesa de populações e património ultramarino em Angola, onde já se encontram cerca de 25 mil militares. O contingente agora chegado faz a sua adaptação climática directamente embrenhado na ofensiva geral e no terreno da luta, seguindo para norte: o BCac109 sob comando do tenente-coronel Mário Fernandes da Ponte, com destino a Ambrizete, Tombo e Lufico; e o BCac96 sob comando do tenente-coronel Armando da Silva Maçanita, com destino ao Úcua.

– «Não tínhamos informações praticamente nenhuma, não sabíamos de nada do que estava a acontecer. Fui mobilizado, cheguei a Luanda e fui chamado ao quartel-general. Havia dois batalhões [BCac88 e BCac92] que já tinham ido para o Norte [Damba e Sanza Pombo]. Depois foram mais dois batalhões, o meu e o do tenente-coronel Ponte, que foi para Nóqui e nós fomos contra a UPA. [...] O major [de infantaria António Jorge da] Silva Sebastião, que era governador de distrito [do Cuanza-Norte]², convidou-me para almoçar. A certa altura, eu estava ao lado dele, tínhamos as fotografias de cadáveres cortados com catanas. Numa via-se uma senhora com um pau espetado na vagina, toda cortada de catanadas nas pernas e semidegolada, sem uma mama.»³

– «Silva Sebastião [...] funcionava [até 13Abr61] como elemento de ligação [com Lisboa] entre os militares conjurados [para a tentativa de golpe de Estado].»⁴

Entretanto perto da Gabela, civis residentes no Ebo e no Condé abortam planos de acções terroristas no Cuanza-Sul contra brancos e mestiços. E em Nova Lisboa prestam juramento de bandeira no RI21 mais 250 novos furriéis milicianos do recrutamento provincial.

¹ (Huibregtse, op.cit pp.72); ² (entre Jul59 e início de Jan61, novamente em fins de Fev61 até Jul63); ³ (Armando Maçanita, em 26Set94 a Freire Antunes);

⁴ (cf Rodrigues, Borga e Cardoso, in “O Movimento dos Capitães...” pp.203)

Mai.15 (lua-nova)

No norte concelhio do Uíje, os terroristas das UPA prosseguem durante a madrugada as suas actividades: a 7km da Damba é assaltado e incendiado o povo do soba Lengo, que se mantém fiel aos portugueses, tendo os seus súbditos travado luta contra os terroristas; no Toto o aquartelamento militar é alvo de uma tentativa de assalto e às 08:00 comunica ter repellido o ataque, não podendo dar imediatas notícias pormenorizadas, mas pouco depois volta a ser furiosamente atacado e deixa de transmitir; Cangola está assediada por uma concentração de terroristas a duzentos metros da povoação, prontos a atacar.

– «Com a população de Carmona reduzida já a menos de 60%, continua o êxodo para Luanda. É conhecida a nomeação do tenente-coronel aviador Galvão de Melo para governador militar de Carmona; e dá-se como certa a chegada hoje à cidade, da coluna saída de Luanda. Chega até nós o alarme de criminosas atitudes¹ na Metrópole, por parte dos comunistas, cobardes que nem sequer respeitam os mortos deste recanto da Pátria.»²

– «Aquando do desencadeamento da guerra, os brancos de Benguela e Nova Lisboa tomaram posição mais ou menos pela autonomia de Angola. Em Maio de 1961 muitos membros e dirigentes [da FUA]³ foram presos, entre os quais Alberto Morais, Aníbal de Vasconcelos, Carlos Morais, Fernando Falcão, João Mendes, Luís

Porto Carrera e Sócrates Dáskalos que, deportados para Portugal, conseguiram fugir [um mês depois para Paris] seguindo Manuel Faria.»⁴

– «Fernando Falcão, angolano [nascido em Moçâmedes] de origem portuguesa, [re] criou em 1961 a Frente de Unidade de Angola, do que resultou ter estado preso por duas vezes.»⁵

Entretanto em Carmona, a milícia intercepta a camioneta da carreira Carmona-Malanje e prende a indígena Julieta Castro dos Santos, filha de um terrorista preso e casada com António Manuel dos Santos, também activo terrorista, a qual foi denunciada por dois empregados de José Heitor Pereira, em cujo quintal se escondeu na noite anterior.

¹ (alude à recente difusão em Lisboa do Programa para a Democratização da República, manifesto divulgado em conferência de imprensa convocada em 08Abr61 pelo DDS, cujos principais subscritores a PIDE já começou a deter);

² (Orbelino, op.cit pp.174);

³ (inicialmente “Frente Unida de Libertação de Angola”, satélite do CRA/PCP constituído no final de Out48 essencialmente por intelectuais, naturais ou residentes em cidades do litoral, sendo a célula-base dirigida em Benguela pelo dr. Amílcar Barca que algum tempo depois, com outros foi preso e deportado para a Colónia Penal do Bié; e em meados de 1951, na sequência da visita de Gilberto Freyre a Angola, ressurgiu com a designação “Frente Unida Angolana” sob direcção do eng. Sócrates Dáskalos, coadjuvado por Ernesto de Lara (filho) e pelo eng. Fernando Falcão);

⁴ (Maugis, art.cit; além dos 7 mencionados, foram presos em Luanda os poetas da Sociedade Cultural de Angola: António Cardoso, António Jacinto do Amaral Martins e José Vieira Mateus da Graça, todos ali residentes e já detidos em 29Mar59 mas amnistiados em 11Nov60; e Mário Guerra, escritor mestiço também ali residente; (em Jul62 serão julgados pelo TMT-Angola e condenados a 14 anos de prisão maior, por «crimes de terrorismo e actividades contra a segurança exterior do Estado»); os camaradas Belarmino Sabugosa van-Dunem, Lourenço Diogo Vaz Contreiras, Noé da Silva Saúde e Pascoal Verissimo da Costa (que também haviam sido presos em 29Mar59 e amnistiados em 12Nov60), foram entretanto capturados igualmente por participação nos ataques das madrugadas de 4 e 11Fev61, tal como alguns cabecilhas que vão ser transportados para o Campo do Missombo (a sul de Serpa Pinto) onde ficam a aguardar julgamento, de entre eles se destacando o “comandante-geral” Paiva Domingos da Silva, Domingos Manuel da Silva (o controlreiro “Cazumbula” da Textang integrada nas células do Sambizanga), o coordenador-operacional Virgílio Francisco Sotomaior (que comandou o ataque à Emissora Oficial onde morreu um polícia), Eduardo Dias da Silva (controlreiro da UPA no Rangel), o coordenador-geral das células Rangel-Sambizanga Salvador Sebastião, além dos activistas Agostinho Manuel Neto e Augusto Cardoso);

⁵ (Bernard Ulmann, correspondente da AFP em Luanda; cit in “A Revolução das Flores” vol.III pp.236)

Maio.16

No noroeste de Angola, os aparelhos da Força Aérea realizam constantes operações, metralhando incessantemente as concentrações terroristas em redor de Cangola, Damba e outros principais centros populacionais. Aproveitando os últimos dias da época da chuva, a UPA muda de tática e passa a realizar as suas principais acções nos entroncamentos das picadas a fim de atacar as fazendas onde a colheita cafeeira vai começar a efectuar-se, preparando o incêndio e completa devastação das propriedades: em redor de Santa Cruz incendeiam todas as fazendas; na estrada para 31 de Janeiro cavam valas profundas; na estrada para a Damba destroem a ponte sobre o rio Zadi; e na estrada para o Luvo incendeiam a ponte do Lucossa, deixando aquela povoação isolada.

A meio da tarde, perto da fronteira e a 4km de Nóqui na estrada para São Salvador, uma coluna militar sofre uma emboscada na qual morrem um alferes, dois cabos e dois soldados, e ficam feridos outros seis militares.

† ALBERTO DOMINGOS CONGO, Soldado

† BELMIRO DOS SANTOS, 1°Cabo

† HERONDINO GUERRA DOMINGUES, 1°Cabo

† JOSÉ CAMACUNA, Soldado

† JOSÉ JOÃO NEVES FLORES, Alferes miliciano

Por essa ocasião, chegam ao Negaje cerca de mil efectivos militares, desembarcados em Luanda há quinze dias.

Maio.17

Em Nova Caipemba, o quartelamento comunica «vitória em campo aberto, mais de cem baixas rebeldes, uma baixa nossa parte».

† ARMANDO MONTEIRO FERREIRA, 2oSargento graduado

Entretanto a 191km a nordeste de Malanje, é capturado nas proximidades de Forte República um grupo de terroristas com armas e munições, destacando-se entre eles o agente da UPA Mateus loga, assassino confesso de dois jovens europeus.

Enquanto isso, em Quimbele e na Damba o cerco terrorista aperta, em prelúdio para novo ataque na próxima madrugada.

† ARMINDO MENDES COELHO, Soldado

Maio.18

No norte de Angola, o soldado pára-quedaista António Manuel da Costa, da 2°CCP, morre em combate contra as hordas terroristas da UPA.

† ANTÓNIO MANUEL DA COSTA, Soldado pára-quedaista

Maio.19

De Luanda regressa a Lisboa o ministro do Ultramar prof. Adriano Moreira, depois de ter assistido ao desfile do 2º grande contingente de tropas vindas da Metrópole.

Horas depois entra em Carmona o coronel Marafusta Marreiros, com uma centena de efectivos militares do Comando Operacional do Congo (1°CmdOp/RI6), que vai ficar instalado no edifício de

Obras Públicas do Uíje. Ao mesmo tempo marcha para o Songo uma coluna civil escoltada pela milícia, com mantimentos e munições para a população daquele concelho.

- «During this month the new minister of overseas territories, Moreira, journeyed through Angola. This visit had a good effect on the morale of the inhabitants. One of the important measures taken at this time was to ascertain the safety of the coffee-harvest as far as possible. One of the aims of the terrorists was to paralyse the economy in the areas controlled by them and thus to affect the development of the whole of Angola. The disappearance of many labourers was very detrimental to the harvest and by forming a corps of volunteers and recruits they hoped to still save something. Protection was assured by soldiers or by members of this volunteer-corps.»¹
- «Não há dúvida de que a salvação de Angola se deve principalmente a um punhado de civis, negros fiéis e a umas dezenas de militares que, durante mais de dois meses, contiveram o ímpeto das turbas sanguinárias que tinham invadido a província. Mas também não é menos verdade que, quando o primeiro contingente vindo da Metrópole desfilou na marginal de Luanda, os heróis de Angola haviam atingido o limite das suas forças. A grande custo se mantinham na posse das povoações que, desde o início do terrorismo, numa sublime teimosia, se haviam recusado a abandonar. E creio que esta era a opinião geral. A tropa chegou e, poucos meses depois, todo o território em poder dos assassinos estava novamente integrado no património nacional.»²
- «A actividade militar é geralmente descrita em termos de estratégia e de tática, e essa actividade de guerra traduz-se em relatos emocionantes. No entanto, a actividade verdadeiramente importante situa-se fora deste âmbito limitado. O marechal-de-campo [britânico] Archibald Wavell explicou [em 1946] esta perspectiva mais alargada: “Quanto mais vejo da guerra, mais me apercebo do quanto ela depende da administração e do transporte, aquilo que os nossos aliados americanos chamam “logística”. Não é necessária muita prática ou imaginação para ver “onde e quando” queremos que o nosso exército esteja, é necessário ter-se muitos conhecimentos e trabalhar-se bastante para saber onde podemos colocar as nossas forças e se as podemos manter nesse local”. Os portugueses tiveram uma longa história de operações militares nas colónias e desenvolveram uma compreensão destes princípios logo nas suas primeiras operações de pacificação. [...] Em 1961 no início das campanhas em Angola, era relativamente fácil movimentar as tropas para Luanda por via aérea e transportá-las para o campo de batalha. No entanto não havia nenhuma estrutura logística capaz de apoiar efectivamente estas unidades iniciais, nem as subsequentes que chegavam de navio cada vez com mais frequência e em números cada vez maiores. Para resolver este problema a [4ª Rep da] Região Militar de Angola foi forçada a adaptar-se rapidamente à nova situação. Devido ao facto de a luta nestes primeiros anos se centrar na parte mais a norte das quatro áreas de intervenção tática, o grosso do apoio era necessário nessa zona. Como consequência, Angola foi dividida em duas áreas logísticas, cobrindo a primeira a Zona de Intervenção Norte [ZIN] e a segunda o resto do território. [...] Não existia em Angola a maioria dos órgãos tradicionais de um serviço logístico [...] e foi precisa a maior parte de 1961 para estabelecer um depósito funcional em Luanda capaz de servir Angola inteira. A distribuição e manutenção de equipamentos foi inicialmente inadequada e teve de ser adaptada em dimensão e em âmbito para entregar e manter os equipamentos das unidades em movimento. [...] Foram conseguidos progressos quando do estabelecimento, de uma Secção de Transportes na 4ª Divisão do Quartel-General na Região Militar de Angola, em Abril de 1962. O apoio de engenharia estava estabelecido e a funcionar de modo favorável, necessitando apenas da criação de um depósito para os abastecimento. O Batalhão de Comunicações [BTm] 361 só chegou a Angola na Primavera [Março] de 1962 e após a sua chegada o apoio de comunicações melhorou para as necessidades da guerra. A medida que o sistema logístico era planeado, posto em acção e afinado, este recurso de gestão foi repetido na Guiné e em Moçambique, sendo também adaptado às necessidades específicas de cada um desses teatros. [...] Portugal resolveu bem a equação logística, nunca permitindo que os guerrilheiros isolassem totalmente nem mesmo os pequenos postos [de reabastecimento]. Esta capacidade requeria a aplicação de imaginação, de flexibilidade e de muito trabalho. Embora a maioria dos aspectos de comunicações logísticas fossem rotineiros, existiam três que merecem ser mencionados devido ao seu pensamento inovador: transporte aéreo; transporte terrestre; e cuidados médicos. [...] Ao fazer a transição dos aeródromos e portos principais dos teatros para a distribuição local, Portugal desenvolveu um sistema minucioso de transporte por terra baseado numa vasta rede de estradas, em comboios protegidos e em procedimentos de desminagem testados. Estas medidas foram concebidas para derrotar as tentativas dos guerrilheiros de criar rupturas e para apoiar as tropas portuguesas. [...] De tempos a tempos havia escassez nalgumas áreas remotas, devido à acção da guerrilha contra os comboios terrestres. No entanto, em caso algum a interrupção foi mais do que um incómodo. A logística portuguesa era atempada e adequada nas suas entregas, e o resultado desta eficácia foi uma capacidade militar sustentável.»³

Entretanto em Washington, o presidente Kennedy decide enviar para Saigão os primeiros 600 conselheiros militares, a fim de ministrar formação ao exército sul-vietnamita.

- «Kennedy prossegue um intervencionismo global e ordena o envio de 400 Green Berets e o início de operações da CIA no Vietnam, onde os comunistas inspirados por Ho Chi Minh atacam o regime pró-americano de Diem.»⁴
- «Além disso, os EUA já não podiam dizer a Portugal para abandonar África, quando eles próprios se empenhavam numa guerra imperialista no Sudeste Asiático.»⁵

¹ (Huibregtse, op.cit pp.71); ² (Fernando Laidley, op.cit pp.59); ³ (Cann, op.cit pp.223-225,227,243); ⁴ (Antunes, op.cit pp.20); ⁵ (Wright, op.cit pp.109)

Maio.20

Em Lisboa é divulgado pela imprensa, um apelo governamental para alistamento voluntário de cidadãos nacionais, «com 18 anos de idade até ao próximo dia 15 de Agosto mas sem completar os 20 até ao último dia do ano corrente, que saibam ler, escrever e contar», para incorporação no Exército durante o mês de Agosto nos termos dos art.42/43 da Lei de Recrutamento e Serviço Militar; os requerimentos devem entrar até 10 de Junho no Ministério do Exército, obrigando-se os voluntários a servir durante dois anos nas fileiras.

Enquanto «o “Avante!” apela aos soldados para que recusem embarcar para a guerra e desertem»¹, em Praga o ex-membro do secretariado do CC/PCP José Gregório – que há seis anos deixou «de participar na direcção política do Partido devido a doença»² –, morre por causa não revelada.

– «Ele fôra posto à margem pelo “núcleo dirigente” do PCP. José Gregório tinha expresso opiniões aos “quadros” do PCP que passavam por Praga nas suas frequentes visitas à URSS. Eram opiniões discordantes das ideias que esses “quadros” centrais traziam de Moscovo. [...] Os conhecimentos adquiridos por José Gregório, aliados ao seu espírito de sacrifício e modéstia, tornaram-no um dirigente destacado do PCP. Contraindo grave doença na clandestinidade e foi obrigado a submeter-se a rigoroso tratamento em Praga. No Verão de 1960, José Gregório foi convidado a passar algum tempo num hospital do PCUS em Moscovo. Propuseram-lhe que ficasse na capital soviética. Não aceitou. Ele confiou-me a sua atitude: além da consideração que tinha pelo pessoal médico e auxiliar de Praga, dessa capital sempre seria mais fácil o seu regresso a Portugal. José Gregório queria regressar ao nosso país, queria comunicar aos seus camaradas do PCP, da base se possível, as mudanças para ele negativas que observara nos últimos anos na política soviética; e como os dirigentes do PCP que iam à URSS, se deixavam influenciar pelo PCUS. Ele queria que o PCP defendesse rigorosamente os interesses do povo trabalhador e que Portugal deixasse de ser uma peça de jogo, de quem quer que fosse. Um facto difícil de ser esquecido: no 3º trimestre de 1960, Álvaro Cunhal, que se encontrava em Praga [...], não se dignou visitar [no nº6 do cais Brigada de Kiev na margem do Vltava] o camarada José Gregório... [...] Dominado pela ideia do regresso a Portugal, José Gregório [com 53 anos] decidiu submeter-se a uma difícil operação cirúrgica³ [ao coração]. Não resistiu.»⁴

Por essa ocasião no noroeste de Angola, bandos terroristas instalados no povo Ngaje e na aldeia da Missão, sanzalas nos subúrbios do Negaje, põem em sobressalto os sobados de David N’dala e de Domingos Pernambuco.

– «Do Negaje informam que algumas sanzalas enviaram emissários a declarar submissão ao branco, pedindo armas para perseguir os bandoleiros: da vila seguiram cipaios armados para bater a selva, mas os terroristas instalados nas sanzalas matam os cipaios e apoderam-se das armas. Quimbele repete que o cerco de bandoleiros aperta, situando-se agora a trezentos metros; pedem aviação porque a todo o momento se espera novo ataque. Cangola anuncia que o cerco se vai apertando. Nova Caipemba pede evacuação urgente dos feridos que ali ficaram do último ataque.»⁵

Entretanto do Negaje sai para o Bungo uma companhia em reconhecimento do trajecto, por onde amanhã irá passar o primeiro batalhão que vai estabelecer na Damba o seu bivaque operacional. Simultaneamente uma outra coluna, constituída pela engenharia militar e uma brigada de Obras Públicas, segue com autoniveladoras e tractores para desobstruir a estrada em direcção ao Puri.

– «As operações perderam já a brutalidade selvagem dos primeiros tempos da chacina. Os bandoleiros atacam os bailundos, que resolutamente os enfrentam e põem em debandada. A lição começa a ser dura e sobretudo é o indígena que agora o verifica. O moral dos que resistem é elevado. Domingos Cardoso e Manuel João Carvas são atacados por mais de trinta terroristas: resolutamente enfrentam a matula assassina, matando cerca de duas dezenas e embrenhando-se os restantes na selva. Os pequenos aviões dos aeroclubes do Congo e de Sanza Pombo evacuem de Nova Caipemba os feridos que há quatro dias aguardam internamento hospitalar. De tarde saem de Carmona para os arredores algumas pequenas colunas militares.»⁶

– «O indígena João Fonseca, sobrinho do capataz Miguel e criado do empregado Lança, da Fazenda Lucunga de Ricardo Gaspar, declarou [em 20Mai61] a algumas mulheres de empregados e na presença do guarda-livros Horácio Barbosa da referida casa, que esta terra era de pretos e que os brancos tinham de ir para o Puto. O capataz Miguel, implicado nos movimentos terroristas e já capturado, tinha por função matar a menina [filha do sr. Lança] com uma catana, tendo o declarante explicado na minha presença e com todos os pormenores, que a selvajaria seria praticada com um golpe na região cervical.»⁷

Horas depois na estrada Negaje-Bungo, a 12km norte daquela sede concelhia, o grupo terrorista que tem assolado a região ataca o machimbombo do velho colono Sequeira, incendeia a camioneta e mata o condutor; o ajudante angolano Afonso Henriques consegue escapar dos terroristas e fugir para o Negaje.

– «Uma coluna militar apoiada por civis, que do Negaje se deslocava para Maquela do Zombo, próximo do Bungo foi duramente atacada pelos terroristas, travando-se nutrido tiroteio: na luta perece o motorista Sequeira e foram gravemente feridos mais cinco elementos; os terroristas deixaram muitos mortos no terreno. Outra coluna militar saiu do Negaje para Quimbele e sofreu duro embate nas imediações do Puri, lamentando-se muitos feridos da parte dos militares e uma enorme mortandade dos terroristas atacantes. Dois bombardeiros da FAP martelaram duramente os terroristas nas imediações de Quimbele, durante mais de duas horas.»⁸

E em Évian-les-Bains, cerca de um mês após a revolta dos generais em Argel, recomeçam as conversações entre um delegação francesa presidida por Louis Joxe, ministro de Estado para os Assuntos Argelinos, e uma delegação do GPRA chefiada por Belkacem Krim.

¹ (Morais e Violante, op.cit pp.175); ² (idem, pp.146);

³ (idêntico “processo” vai ser aplicado em 02Jan64 por Álvaro Cunhal a Humberto Delgado (com 58 anos), levando este de Praga a Moscovo e dali regressando o ex-general em 20Jan64 para ser imediatamente sujeito a «uma intervenção cirúrgica de urgência» numa clínica estatal checoslovaca, de onde só vai sair 5 meses depois para se instalar em Argel, com a FPLN dominada pelo PCP); ⁴ (Chico da CUF, op.cit pp.44-46);

⁵ (Orbelino, op.cit pp.179); ⁶ (idem, pp.179/180); ⁷ (cf. auto lavrado em 21Mai61 em Carmona, pelo tenente António Guapo Garção); ⁸ (Orbelino, op.cit pp.182)

Maio.21 (domingo de Pentecostes)

Do Negaje arranca às 07:00 o BCac88, que há 11 dias tinha saído de Luanda com destino final à Damba. Nesta etapa de 45km até ao Bungo, abre a coluna-auto uma unidade de reconhecimento seguida por abastecimentos e pelo comandante do batalhão tenente-coronel de infantaria Joaquim de Matos Salvador Pinheiro, fechando uma companhia de atiradores. Integrados naquela força militar, seguem: o comandante da CCac97 capitão de infantaria Nuno Cordeiro Simões (que tem por alcunha “O antes de zangado, zangado”, tendo prestado serviço no norte de Moçambique

onde ficou conhecido por *Inhamcapiriri*); a meio da coluna um jovem comandante de pelotão alferes miliciano com 22 anos (a quem dias antes alcunharam *Alferes Terrorista* porque, durante emboscada recente e com o jipe em andamento, disparava e gritava de pé na viatura «venham cá terroristas, venham cá terroristas!»); um sargento alto e de cabelo grisalho (que entremeia falas em português com frases em castelhano, hábito que lhe ficou como *Viriato* na guerra civil espanhola); o sargento Trindade de 35 anos (que após cumprido serviço em Lisboa se radicou há 12 anos em Luanda, onde há pouco deixou mulher, 2 filhos e 1 irmão associados numa empresa de construção civil, os quais ignoram para onde veio o familiar que, por conhecer a região, se ofereceu como guia); os jornalistas Joaquim Cabral e Urbano Carrasco, com António Silva e Horácio Caio da televisão portuguesa; e 3 guias civis.

A coluna-auto passa pelos restos calcinados da camioneta do Sequeira a 12km norte do Negaje, ultrapassa as sanzalas Cabata e Cavunga destruídas pelo fogo e faz alto em Banza-Lucunga onde um pelotão, depois de uma batida pelos arredores, apenas encontra dois cães; retomada a marcha passam a sanzala Quingonga e na sanzala Ando são sobrevoados por dois aviões militares que informam sobre movimentos terroristas na zona; pouco depois, do jipão dianteiro saem duas rajadas de metralhadora sobre o capim e a coluna avança até à sanzala Quiputo, abandonada e com as cubatas destruídas, rodeadas por altos eucaliptos que dominam a colina, com os restos de dois porcos esventrados no meio do terreno onde às 12:00 estão a almoçar os militares que até ali, a 15km do Negaje, removeram desde ontem cerca de 200 abatizes. O batalhão faz alto para almoçar e depois retoma a marcha até à sanzala Quimbango, onde por volta das 17:00, a 33km norte do Negaje, é feito um reconhecimento: as antigas casas de pedra-e-cal com telhado de zinco, outrora pertencentes à Missão, estão completamente vazias e em seu redor as cubatas destruídas; o local é sobrevoado por 2 aviões-caça durante 15 minutos e o tenente-coronel Joaquim Pinheiro decide acampar e pernoitar. Entretanto um denso cacimbo envolve a região e às 19:00 os homens da coluna são servidos com a única refeição quente do dia: um naco de chouriço acompanhado por grão com arroz; três horas mais tarde faz-se silêncio e ao longo de toda a noite os sentinelas acendem, a espaços irregulares, os faróis das viaturas.

– «On the 17th of May the first big military force arrived in Negaje, which his surrounded by enemies. A few days later the army took action and a battalion left in the direction of Damba and a second went to Puri and Sanza Pombo.»¹

Ao mesmo tempo a sul do Bembe, um grupo terrorista tenta o assalto ao AM32 do Toto, que é defendido pelos militares ali acantonados.

Em Monróvia, sob patrocínio conjunto dos presidentes da Libéria, Camarões, Costa do Marfim, Guiné-Conackry, Mali, Togo e do PM da Nigéria, reúnem em conferência os delegados dos 12 países subscritores da *Declaração de Brazzaville* (entre eles a Etiópia, Líbia, Serra Leoa e Somália). No final é emitido um comunicado conjunto dos 23 países ali representados que, entre várias resoluções finais:

– «Recomenda insistentemente que todos os Estados africanos e malgache se abstenham de encorajar, directa ou indirectamente, grupos ou indivíduos dissidentes de outros Estados em actividades subversivas, pelo consentimento do uso dos seus próprios Estados como bases a partir dos quais tais dissidentes possam operar, ou pelo financiamento de dissidentes ou por outro modo.»

Em Bissau é activado o AB2, ficando anexo ao aeroporto de Bissalanca.

Entretanto na cidade americana do Alabama, os dirigentes da Ku Klux Klan mobilizam a comunidade branca, que agride «selvaticamente brancos e negros que pretendem, através de protesto mudo, alterar diversas formas de segregação racial»².

– «Na ânsia de querer captar a simpatia dos jovens países africanos a fim de os poder escravizar economicamente, como sucede com a Libéria – a quem os Estados Unidos lhe obteve e deu a “vaquinha da Independência na condição do leitinho que corre das suas tetas ser apenas para os americanos” –, a América intitula-se a maior partidária da autodeterminação e protectora dos negros na ONU, tornando-se desse modo inimiga dos seus aliados na NATO, votando contra eles. Contudo, é justamente no seu território que os negros civilizados são barbaramente agredidos, regados com gasolina e petróleo e queimados, especialmente no estado do Alabama onde, depois de espancados, 1500 negros se refugiaram num templo religioso aguardando a chegada dos guardas federais para lhes proteger as vidas, mas que o próprio governador do Alabama protestou contra a chegada dos federais invocando a Constituição, que não permite que o governo federal se intrometa nos assuntos internos de cada estado. É simplesmente ridículo tudo isto ao verificarmos que, em resultado da votação na ONU, os Estados Unidos querem intervir nos assuntos internos dos outros países, como nos actos terroristas praticados em Angola, dirigidos por elementos treinados na Rússia e com balas da ONU.»³

– «Num discurso pronunciado em Boston no dia 23 de Maio de 1961, pouco antes de se reunir com Krustchev, é ele próprio [Kennedy] quem o afirma altaneiramente: “Irei ver o senhor Krustchev em Viena. Vou como líder do maior país revolucionário do mundo”.»⁴

¹ (Huibregtse, op.cit pp.73); ² (Cunha Leal, op.cit pp.120/1); ³ (Juvenal, op.cit pp.42); ⁴ (Múrias, op.cit pp.67)

Maio.22

A norte do Negaje, sob comando do tenente-coronel Joaquim Pinheiro, às 09.00 a coluna-auto acantonada na sanzala Quimbango põe-se em marcha e, após oito horas e 12km de penosa viagem, entra no Bungo onde é servida a única refeição quente do dia: macarrão guisado, com sabor a ranço. A povoação, sitiada por bandos terroristas mas ainda não atacada directamente, tem estado defendida por três dezenas de homens reforçados no último mês meio com um pelotão pára-quedista. Pouco depois do batalhão entrar no Bungo, aterra um avião militar com abastecimentos e logo a seguir chega uma viatura da Cruz Vermelha que se dirigia à Damba mas, a 12km norte do

Bungo, teve de retroceder a marcha perto de Metchila, onde foi atacada à metralhadora por um bando terrorista. Da ambulância para o avião são transportados dois feridos (um deles em estado grave), evacuados para o Hospital Maria Pia.

Em Luanda o governador-geral dá posse a novos governadores dos distritos afectados pelo terrorismo: para o Uíje major Camilo Rebocho Vaz, para o Zaire comandante Abílio Freire Cruz Vaz e para Cabinda coronel Júlio Araújo Ferreira. O administrativo caboverdeano Hermínio de Carvalho Sena, chefe do posto de Mucaba, é condecorado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos; a título póstumo são agraciados os chefes dos postos de Buela e Úcua, mortos pelos terroristas.

– «Escrevi uma longa carta ao primeiro-ministro, dando-lhe conta da minha visão da conjuntura civil e militar, e da necessidade da concentração de poderes admitindo a minha substituição por um general.»¹

No Negaje, os cipaio da administração concelhia Pinto Bambi e Ernesto Quileba, acompanhados por 32 voluntários bailundos internam-se nas matas circundantes e efectuem batidas na área, regressando à sede do concelho com 27 prisioneiros, terroristas da UPA que atacaram uma coluna militar junto ao povo Lucunga.

– «Declaro que tenho estado no povo Banza-Luanda e assisti a umas reuniões feitas pelos indígenas junto do soba, a fim de assistir uma mulher adivinhadora de saber quem feitiçava os outros que não deixava-os viver. Esta reunião que assisti eu pessoalmente, encontrava-se muita gente. Os que foram reuniões dentro das matas e que são os chefes de qualquer assunto assistido sempre pelo soba, são: Francisco Muhongo, Mateus Zembacata, Morais Chibo, Quanza Songó. Mais digo nestas reuniões trata-se de receber tratamento que é para a defesa da morte contra os tiros e receber ordens de mandar matar todas as galinhas e cabras, são ordens que dizem que vêm do chefe que vem governar isto. Mais informo que têm recebido algum dinheiro que o soba mandou juntar era o seu secretário de nome Mário Pinto. Na povoação de Senga também tem havido reuniões do mesmo sentido como os do povo de Luanda. O cabeçário é o próprio soba. Esse tem lá feito uma distribuição de uns papéis que não cheguei a descobrir. Os possuidores de armas de cartuchos e de pistão que se encontram nos povos são: António Fuma, Pascoal Dias, Pedro Moniz, Silvestre Cuzo, Zacarias Quimaco, caçadeira; António Moisés, pistão. Outros rapazes que falam contra e pertencem a seitas: Avelino Cuza, Silvestre Pumba, Venâncio Francisco, Virgílio Cristovão Manuel; Arnaldo Caiola, este é cabo do soba; Mengólio Sábado (de Catalambanza), cozinheiro do aspirante Simões. Informo também que sei uma vez o José Teta, foi a sua fazenda no mês passado para a área do Candombe. Mais informo que os indígenas abaixo designados também são traidores que falam sobre a ocupação e que têm a certeza de um dia ser para eles: António Quijó, João Quissuanga, Manuel Silvestre, Pascoal Dias, estes todos do povo Candombe e têm as suas matas na área do povo Luanda. Mais informo que o soba Binda da sanzala São Salvador vestido de bata mais outros enfermeiros, quando da morte de três oficiais no Quitexe mostrava-se todos satisfeitos. O Francisco da Costa este também é o mesmo partido nestas coisas, porque além de ser residente da mesma sanzala é também natural do Bembe e disse saber alguma coisa de lá. O Pedro Paulo Neto, esse conheço protestante já andou como catequista, já andou muitas vezes fazer propaganda pelos povos junto João Lucas que era cabeçudo. Estes recebiam dinheiro na altura das suas propagandas para mandar para o Congo.»²

No Caxito encontra-se acantonada a CCE66 sob comando do capitão Rui Vazques de Mendonça, que naquela área a norte de Luanda tem levado a efeito acções 'psic' nas sanzalas para recuperação de autóctones, fugidos para as matas em consequência do terrorismo.

– «The army had a second task: to renew contact with the natives. Since the outbreak of terrorism many natives had not seen Portuguese. In some parts the blacks came running out of the bush when they saw the white soldiers to beg for help against the terrorists. But it was not so easy everywhere. In some places it took a long time to establish contact and the inhabitants would only hesitatingly return. In deserted villages pamphlets were left behind to encourage them to return and once they had returned a trifle could make the terror flare up again: once, a chicken was killed by a jeep; it was a bad omen and the population fled once more.»³

¹ (Silva Tavares, governador-geral);

² (depoimento escrito e assinado em Carmona a 22Mai61 pelo mestiço Carlos dos Reis Brandão, apenso ao auto lavrado pelo tenente Guapo Garção);

³ (Huibregtse, op.cit pp.73)

Maió.23

No Negaje, um grupo de voluntários bailundos divididos em duas secções, chefiadas pelos cipaio Bambi e Quileba, regressaram ontem ao mato e ali permaneceram escondidos até à noite, aproveitando a noite de lua-cheia para surpreender nos esconderijos os terroristas acoitados na floresta. Durante a madrugada, já com alguns prisioneiros, são atacados por cerca de 300 terroristas que, aos gritos de «UPA!» e «ONU!», se lançam sobre as duas secções. O cipaio Bambi empunha a sua velha espingarda-caçadeira e ordena aos seus homens que se mantenham firmes e avancem sobre o grupo atacante, ao mesmo tempo que o cipaio Quileba faz o mesmo. A desproporção de forças é grande, a resistência é quebrada, os voluntários são cercados perto do sobado Dambi e os terroristas matam quantos podem: atingido mortalmente, o primeiro a cair é o cipaio Pinto Bambi (que deixa viúvas cinco mulheres e orfãos seis filhos, o mais novo nascido hoje); o cipaio Ernesto Quileba é morto à catanada e o seu ajudante Taca aprisionado e executado pouco depois. Perante a superioridade numérica, os restantes 29 voluntários fogem para a administração do Negaje, onde relatam o sucedido.

– «Do Negaje informam que uma coluna militar cercou e atacou o povo Dambi, centro de reuniões constantes de terrorismo, sem que houvesse resistência. O povo é incendiado e a coluna regressa à base.»¹

No Bungo, a coluna do BCac88 comandada pelo tenente-coronel Joaquim Pinheiro levanta o acantonamento e segue para a Damba.

¹ (Orbelino, op.cit pp.183/4)

Maió.24

navio segue rumo a Lourenço Marques com as CPM130 e CPM131, mobilizadas pelo RL2

No litoral noroeste junto ao rio Zaire, a população do posto administrativo de Porto Rico é atacada por um bando da UPA, munido de armas automáticas.

E ao entardecer a povoação de Quimbele sofre idêntico ataque, que se prolonga pela noite e madrugada durante treze horas consecutivas.

– «Pela manhã uma coluna mista de militares e civis, dirigiu-se de Carmona numa operação de reconhecimento ao Vale do Loje, mas não passou além da fazenda do dr. Durão Leitão por ter encontrado um pontão danificado: a partir da fazenda de Manuel Rodrigues Couto, assinalam-se concentrações protegidas por cordões de armas de bandoleiros; os civis queriam avançar mas o comando não autorizou, por levar ordens para regressar ao primeiro obstáculo que encontrasse. Reina o desassossego em Carmona: o povo desejava acções punitivas mais enérgicas da tropa, e não compreende o que sejam planos militares para esta luta traiçoeira. Na periferia de Carmona foi atacada a sanzala Banza-Polo e chacinaram a mulher do soba, fiel aos portugueses. Na estrada Negaje-Maquela do Zombo foi atacada uma coluna militar em operações de limpeza, deixando os bandoleiros no campo grande número de mortos e feridos; as forças da ordem tiveram um morto, e um civil e dois mestiços feridos. A Damba comunica que a sanzala Zuzuanda foi atacada por enormes hordas de malfeitores, que tentam devastar aquele sobado fiel aos portugueses. Na embocadura do rio Zaire foi atacada a povoação de Porto Rico, mas a população resistiu causando aos terroristas muitas baixas, destroçando-os e obrigando-os à fuga para as matas; uma coluna militar de Santo António do Zaire foi em seu socorro, mas no regresso ao aquartelamento foi atacada por insurrectos em número elevado; houve um militar e um civil feridos. Em Quimbele os terroristas lançam um ataque a partir das 19:00 e toda a população opõe resistência firme aos bandoleiros.»¹

¹ (Orbelino, op.cit pp.187/8)

Maio.25

Em Carmona é recebida de Quimbele, às primeiras horas do dia, a seguinte mensagem-rádio:

– «Sobrevooou-nos um avião desconhecido. Passado pouco tempo fomos atacados com algumas armas gentílicas e metralhadoras, durante toda a noite. Os assaltantes desceram aos milhares, deixando na luta cerca de 300 mortos frente às casas do administrador e do médico, onde a população se concentrou para a defesa. Os defensores eram apenas 21 civis e 5 polícias especiais. A avioneta sobrevooou várias vezes o local da luta. Uma parte atacada e outra saqueada diversas vezes. O ataque durou doze horas. Algumas casas saqueadas e outras incendiadas. Último ataque foi às quatro da manhã. Da nossa parte um polícia ligeiramente ferido a zagalote.»

Durante a madrugada, também o Puri sofreu o incêndio de algumas casas. O troço do Bungo a 31 de Janeiro está juncado por centenas de abatizes, encontrando-se naquela picada forças militares que procuram desobstruir o percurso, com apoio de pequenos aviões dos aeroclubes que fazem vigilância sobre os arredores.

Maio.26

avião segue rumo a Bissau com CCac153, mobilizada pelo R113-Vila Real

Na floresta angolana dos Dembos, durante a madrugada um bando terrorista ataca a Roça Santa Clara, perto de Pango-Aluquém, onde saqueiam e incendeiam as casas, tendo os seus ocupantes travado luta com os assaltantes.

Na estrada do Bungo para 31 de Janeiro, uma coluna militar é atacada a meio da tarde por um grupo terrorista que sofre pesadas baixas, tendo a tropa prosseguido para norte com dois feridos.

† JOSÉ FERREIRA DA SILVA CAPA, 1ºCabo

Ao fim do dia chega ao aeródromo de Carmona um major do Estado-Maior, acompanhado pelo administrador Oliveira Santos, a fim de planear com os fazendeiros a colheita do café, que já se está maduro.

Maio.27

No noroeste de Angola foram assaltadas na área de Nova Caipemba, durante esta madrugada, a Roça Esperança, a Roça Marília e a Granja do Bembe, tendo os bailundos travado luta com os terroristas. Na estrada do Puri, uma coluna militar em deslocação para Sanza Pombo, enquanto tapava valas e deslocava abatizes, foi por duas vezes atacada, causando baixas aos terroristas e sofrendo um ferido. As principais concentrações da UPA estão confinadas às zonas limítrofes de Nambuanguongo, Úcuva, Santa Cruz, Quimbele, Damba e Sanza Pombo.

Entretanto chegam ao aeroporto de Lourenço Marques dois pelotões pára-quedistas, vindos de Tancos para rendição dos pára-quedistas do DAC que regressam a Luanda e são integrados no BCP21, completando o seu efectivo.

Maio.28

NTT “Niassa” larga de Lisboa rumo a Luanda com o terceiro grande contingente, desde há treze dias em estado de prontidão

Durante a madrugada, a vila de Sanza Pombo é de novo atacada por bandos terroristas que há dias a cercavam. Os assaltantes saqueiam e incendiam casas na parte baixa da povoação, onde se encontram fábricas de descasque de arroz, a zona comercial e o hospital.

† LUMBO QUISANGUE, Soldado

Os guardas da 1^oCMP ali aquartelados, e a população civil refugiada na residência do administrador, no clube e na Pensão Ana Paula, conseguem dominar a tentativa de assalto e os terroristas deixam no terreno um número elevado de mortos.

Entretanto, na estrada de Cangola para Camabatela, outro grupo terrorista cavou valas profundas e obstruiu a via com grande número de abatizes.

Enquanto isso no subúrbio norte de Lisboa, o PR contra-almirante Américo Thomaz procede à inauguração da portagem de Sacavém, destinada ao primeiro troço da A1 até Vila Franca de Xira.

Maio.29 (lua-cheia)

Uma vez mais durante a madrugada, no noroeste de Angola os grupos terroristas da UPA fazem mais ataques: na região de Ambuíla e Nova Caipemba, assaltos, saques e incêndios nas fazendas Santa Clara, Cabinda e Santo António. Nos subúrbios de Santa Cruz, vingam-se da derrota ontem sofrida e atacam as cubatas onde se abrigam as mulheres de indígenas, cipaiois e capitais fiéis, e chacinam-nas barbaramente.

– «*At the end of this month, 2 capitals of concelho, 30 administrative posts and 12 villages were abandoned. To a larger extent than ever before, the rebels were in control of the districts in the north while they had freedom to operate when and where they wanted. The economy was almost completely paralysed and the only traffic was that of the military.*»¹

¹ (Huibregtse, op.cit pp.72)

Maio.30

Em Pretória o PM Verwoerd proclama a *República da África do Sul*¹ e a separação da *Commonwealth*, anunciando simultaneamente o endurecimento da política de *apartheid* para aniquilamento de quaisquer actividades desenvolvidas por grupos subversivos.

Pouco depois no Cairo, é anunciado que a RAU (Egipto e Sudão) rompe relações diplomáticas com o novo regime da União Sul-Africana.

E em Lourenço Marques os dois pelotões de pára-quedistas, recém-chegados de Tancos, iniciam a sua missão de segurança ao AB8-Mavalane e respectivo depósito de material², desenvolvendo paralelamente um programa de treinos, exercícios e saltos de demonstração.

– «*O esforço militar preventivo incide nos distritos de Cabo Delgado, Niassa e Tete.*»³

Por essa ocasião, no palácio Burnay em Lisboa, o ministro do Ultramar prof. Adriano Moreira dá posse ao contra-almirante Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, que irá acumular em Moçambique a função de comandante-chefe com a de governador-geral, em substituição do comandante Pedro Correia de Barros.

Enquanto isso em Londres o ex-MNE irlandês Sean MacBride⁴ decide fundar, com o advogado britânico Peter Benenson⁵, uma organização pomposamente intitulada *International Amnesty* (Amnistia Internacional)⁶, com o declarado propósito de «*trazer à atenção pública mundial a questão dos detidos por razões políticas*», entendendo-se por «*preso político a pessoa detida por atitudes ou actividades anti-governamentais*».

– «*To bring the problem of political prisoners to the attention of the world, an English lawyer named Peter Benenson founded an organization called Amnesty International in 1961. Its aims were to work for the release of persons imprisoned for political or religious opinions, to seek fair and public trials for such prisoners, to help refugees who had been forced to leave a country by finding them asylum and work, and to work for effective international means of guaranteeing freedom of opinion and conscience. Members are responsible for maintaining contact with specific prisoners and pleading their cases with the government concerned. With the emergence of a number of totalitarian regimes in the 20th century, amnesty for political prisoners had become a significant issue. In the Soviet Union, China, North Korea, South Korea, Taiwan, Iran, South Africa, Argentina, Chile, the nations of Eastern Europe and in several other countries, political dissent and the exercise of civil liberties had been severely curtailed. Millions of individuals were put into concentration camps and prisons. Amnesty International, which was awarded the Nobel peace prize in 1977, by 1990 had 700 thousand members in 47 nations.*»

Entretanto no hospital de Carmona, morre um dos militares feridos no passado dia 13 quando perseguia na sanzala Calumbo um bando terrorista, que havia atacado uma patrulha no itinerário do Negaje para Cangola.

† FERNANDO MONTEIRO PEREIRA, Soldado

¹ (1221043km² em 4 províncias; em 77, 25,470 milhões hab.; em 84, 32,643 milhões); ² (onde vão permanecer instalados nos 14 meses seguintes);

³ (Antunes, op.cit pp.22);

⁴ (born in 1904 in Paris, his parents were both Irish; won fame in Ireland as trial lawyer; in 46 he founded and was the leader of the Republican party; after 47 he his member of the Dail Eireann; foreign minister 48-51; chairman of Amnesty International 61-75; received 74 Nobel prize; died in 88);

⁵ (que havia feito publicar num jornal londrino um artigo no «*Domingo de Pentecostes de 1961*», ou seja em 21Mai61; no entanto a fundação só irá ocorrer formalmente em 01Out62, cf. «*Século XX*» pp.473; ed.Público/El País, Dez99; Benenson virá a falecer em 25Fev2005 em Londres com 83 anos, sendo tal facto largamente noticiado em Portugal com apoio do lobby socialista, cujo patrono Mário Soares promove um cerimonial de homenagem);

⁶ (organization working to free prisoners jailed for political or religious reasons; founded 61; chairman 61-75 Sean MacBride; members in 107 nations)

Maio.31

O diário *New York Times* publica parte de uma entrevista concedida pelo PM Salazar, durante a qual o chefe do Governo português – a propósito do *Estatuto do Indigenato* –, afirmou ao jornalista Roger Faure que «a cidadania é um nobre conceito legal, e leva séculos a criar um cidadão».

- Maio 31 - Salazar dá uma entrevista ao *New York Times*, no dia da chegada de Kennedy a Paris. Critica sibilamente a administração americana, frisa a prioridade portuguesa da pacificação militar, mas revela a vontade de proceder a reformas, com o aumento da participação das populações na vida política e administrativa dos territórios de África.»¹
- «Em Carmona soube-se logo pela manhã que, nas proximidades da cidade, a Fazenda Cantinho do Céu foi atacada por um bando numeroso de malfeitores que matou dois trabalhadores bailundos, enquanto outros, maltratados também, fugiam para vir dar o alarme. O proprietário dr. Marques Mendes, com mais 20 civis, empreendeu uma batida no local e alguns grupos terroristas logo se puseram em fuga através das matas. No Zaire, a povoação do Sumbe sofreu violento ataque com armas modernas e gentílicas, sendo os terroristas dispersos com algumas baixas. Na estrada Negaje-Cangola, a população de Entre-os-Rios sofreu um duro recontro, mas a matula foi dispersa sem tempo para carregar os mortos e feridos. Na picada para o aeródromo [AB3-Negaje], o piloto [da FAV-201 Joaquim Inácio de Almeida] Rosado, do aeroclube de Sanza Pombo, sofre um mortal acidente de viação. Em Sanza Pombo, Santa Cruz, Cangola, Damba e Mucaba, vive-se num aperto com os bandoleiros constantemente à vista, prontos para o ataque.»²

† JOAQUIM INÁCIO DE ALMEIDA ROSADO, Piloto-aviador civil

- «Em 31 de Maio de 1961 o BCac88 chega à Damba, sob comando do tenente-coronel Pinheiro.»³

Entretanto na África do Sul a rebelião nacionalista do ANC, clandestino desde final do ano passado, entra numa nova fase com a formação do *Umkhonto We Sizwe*, guerrilha autónoma liderada por Nelson Mandela com o objectivo de organizar sabotagens; e no sudoeste africano a clandestina SWAPO inicia a luta armada.

Enquanto isso em Accra, um porta-voz do governo de Nkrumah declara o Ghana não reconhece a República da África do Sul.

¹ (Antunes, op.cit pp.22); ² (Orbelino, op.cit pp.194/5); ³ (Hélio Felgas, in "Guerra em Angola", pp.109)

Junho.1

Durante a madrugada no noroeste de Angola, uma horda da UPA leva a cabo uma derradeira tentativa de assalto à Damba que, desde ontem já guarnecida e defendida por elevado número de militares do BCac88, não sofre quaisquer danos.

Algumas horas depois, a 3km de Mucaba é atacada uma patrulha militar que sofre feridos mais não causa baixas aos assaltantes. Em fuga da área de Mucaba, o bando da UPA assassina cerca de 50 mulheres e crianças nativas que se dirigiam ao Songo a pedir protecção.

† ALBERTO MONTEIRO AFONSO, Soldado

† AUGUSTO CAETANO REBELO DE FARIA, Furriel miliciano

Em Accra o presidente ghanês Nkrumah, alegando que Portugal massacrara 30-100 mil nativos angolanos, anuncia o cancelamento de todos os tratados comerciais com Portugal, a proibição de importação de mercadorias portuguesas, e o encerramento do espaço marítimo e aéreo, bem como de portos e aeroportos, a toda a navegação marítima e aérea portuguesa.

- «Com a carnificina provocada pelas represálias dos brancos [?] e, a partir de Maio de 1961, pela tardia reacção dos militares portugueses, no total entre 30000 a 50000 [?] africanos morreram nesta ocasião, para além de várias vezes esse número ter procurado refúgio do outro lado da fronteira junto dos outros bacongos da nova República do Congo. [...] Em 1962, a Cruz Vermelha Internacional calculava que 200 mil refugiados angolanos haviam fugido atravessando a fronteira com o Congo (Zaire).»¹

E enquanto no areópago da ONU em Manhattan o representante do governo de Nova Delhi apresenta um requerimento, para integração dos ocupados territórios portugueses de Dadrà e Nagar-Avely na União Indiana, em Paris o presidente De Gaulle fala do «problema de Angola» com o seu homólogo Kennedy – que ali se encontra em trânsito para Viena.

- «Junho 1 - Kennedy e De Gaulle discutem o problema de Angola. O líder francês concorda que a atitude de Salazar é obsoleta e inflexível, mas pensa que a excessiva pressão sobre ele pode provocar uma revolução em Portugal e criar um Estado comunista na Península Ibérica. Kennedy responde que as mudanças em África são inevitáveis e argumenta que o bloqueio dessas mudanças só beneficiaria os comunistas.»²

¹ (MacQueen, op.cit pp.44/5,83); ² (Antunes, op.cit pp.22)

Junho.2

Durante a noite na fronteira norte de Portugal, um grupo de 44 estudantes africanos da CEI atravessa clandestinamente o rio Minho perto de Monção e, com incentivo de agentes da CIA, conivência de autoridades espanholas e apoio logístico de uma organização protestante francesa, foge para Paris.

- «Quando a guerra começou em Angola, parece não haver dúvida de que a mão dos americanos estaria por detrás do seu desencadeamento. Pensariam os americanos que Portugal não tinha condições para aguentar a guerra durante muito tempo e, por isso, era preciso preparar a retaguarda, isto é, arranjar os quadros que depois fossem dirigir o país. A fuga enquadra-se em tal plano: são os americanos – e mais concretamente a CIA –, quem a organiza; só que os elementos do MAC têm conhecimento dela e incorporam-se, aproveitando a ocasião para sair do país.»¹

- «Um dos membros activos do Clube [Marítimo Africano] era Graça Tavares. Este vem a fazer parte do movimento dos estudantes angolanos (MEA), [designado UGEAN], e sai comigo para a Alemanha em Abril de 1961, respondendo ao apelo do MPLA para organizar a fuga dos estudantes africanos em Junho de 1961. A fuga realiza-se com a ajuda do Conselho Mundial das Igrejas, da CIMADE, de dois agentes da CIA e do governo francês. Saíram angolanos que [em Set61] se juntaram ao MPLA [em Léopoldville], e outros que foram juntar-se a Holden; saíram também moçambicanos, e são-tomenses, guineenses caboverdeanos que aderiram ao PAIGC.»²
- «Em [2 de] Junho de 1961, [organizada pelo núcleo mais jovem do MAC], dá-se a [primeira] fuga de estudantes africanos, na sua maioria da CEI: “Foram de Lisboa, Coimbra e Porto, alguns com mulher e filhos”. No primeiro grupo encontravam-se, entre outros: [os moçambicanos] Filipe Amado, Joaquim [Alberto] Chissano³, Pascoal Mocumbi e Sérgio Vieira⁴ [todos futuros dirigentes da FRELIMO]; [e os angolanos] Eurico Wilson, Francisco Rangel, [Joaquim] Jorge [de Pinho] Campinos⁵, Jorge Alicerces Valentim [futuro dirigente da UPA e depois dissidente com Savimbi para a UNITA] e José Rodrigues Ferreira [ex-jogador do ‘Boavista’ e futuro comandante do MPLA]. Passam a fronteira num bote junto a Monção; em Espanha viajam em carros com matrícula francesa e documentos de estudantes catangueses; pernoitam em casa de um padre protestante e um oficial da polícia espanhola, a troco de cinquenta mil pesetas, deixa-os passar a fronteira; em Paris são alojados num lar da organização protestante CIMADE; cerca de 20 elementos deste grupo são levados para Seengen, junto a Zurique; de início recebem vinte francos suíços mas depois são obrigados a trabalhar para conseguir dinheiro. Recebem a visita de Jonas Savimbi [secretário-geral da UPA], que os tenta convencer a aderir à UPA.»⁶
- «It strikes one that the “events” in Northern Angola are called by different names. The anti-Portuguese propaganda talks of the rebellion, the revolt, the armed struggle. These terms are not heard in Angola. There, they sometimes speak about the war, but mostly about terrorism. These different viewpoints also become clear from the titles of books and brochures. The Portuguese or Angolese books are called: “The day of despair”, “Angola - martyr”, “Angola, our country”. The opposition calls its books “Revolt in Angola”, “Angola in ferment”. Some books have titles which can only be termed as lugubrious: “Angola in flames”, “Death marches in Angola”; this last title probably gives the best idea what the reality was in Northern Angola during the time we could call “revolt” or “terrorism”, “war” or “armed struggle”. Death haunted the country and looked for its victims among ordinary black and white people. More contradictions exist. In his book “Guerra em Angola”, the author Hélio Felgas says that before the events in the North, only a few Portuguese or Angolese knew of the existence of nationalistic parties in Angola. There were nationalistic parties, but they were all seated abroad and as a result of this, the general public in Angola had often not heard of their existence. Many political groups were found: but many of them were insignificant to a degree. Some or other opportunist found a few followers, combined the first letters of the name of his party to form an impressive abbreviation, called himself the president, had contributions paid to him and that was far as it got. A few parties, however, had much influence, but no one could have suspected that their activities would have such consequences. In a publication of the “World University Service”, is a column of fifteen movements for independence: thirteen of them radical and two moderate. Nine of these parties have Portuguese names, six have French names or (in one case) an English name, e.g.: The PDA – Partido Democrático Angolano; a FDLA – Front Démocratique de la Libération de l’Angola; a FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola; and a FNA – Frente Nacional de Angola (moderate). On page 28 of the WUS edition is the following: “after 500 years of civilising work done by the Portuguese, Angola has 93.8% illiterates (an UNESCO-report of 1960), 98 to 99.4% of the African Angolese population can neither read nor write”. Therefore, 6% cannot read or write, but are not illiterate! The labourers of Angola are united in the UNTA – Union Nationale des Travailleurs Angolais and I wonder how many of the workers – since more than 99 per cent of the Angolese population cannot read or write, are capable of understanding that French name. A second question arises when one notices that the black students of Angola have two parties, the UNEA and the UGEAN: the Union Nationale des Etudiants Angolais, and the “Union Générale des Etudiants d’Afrique Noir sous Domination Coloniale Portugaise”. In March 1961, 0.001 per cent of the African (Angolese) population were students, thus approximately 40 students. On page 58 of the above-mentioned publication is a description of how the Angolese students left Angola – where there were no university yet! – and Portugal, after the revolt in March 1961. 200 of them have been studying in different parts of the world since then. Moreover, 500 African students, among them many Angolese, were studying in Portugal. All of these 500 African students would have to speak or understand Portuguese and would consequently have to come from Portuguese “colonies”. If 200 of the 500 come from Angola, I reach a total of 400 students: definitely enough to form two parties. All this, however, is a glaring contradiction of the statement that in 1954, 5 natives took secondary education, as, if there had to be about 400 Angolese students in 1961, there had to be at least 800 to 1000 black pupils in lyceums in 1954. Many black pupils abandon their studies halfway. If, on the other hand, we accept the official number of the 40 students, then UGEAN has 24 members, as UNEA has 16. The UNEA was founded in Switzerland in 1962 by 16 students from Angola (0.0004 per cent of the population), as they felt the UGEAN did not represent the students of Angola. Their idea is (among others) that “the Angolese intellectual has experienced injustice, humiliation, deportation and the enormous suffering of his brothers, who were exterminated by the Portuguese colonialists. He endured force labour and all the suffering one can possibly imagine. Woken by the wind of independence blowing across the entire African continent, he preferred to emigrate to create a truly national organisation in order to free the country from the yoke of colonialism”. UGEAN denies the existence of UNEA. However, this one acknowledges the existence of UGEAN. These two organisations are recognised by many student-bodies all over the world. UGEAN e.g. by UNEM, UGEMA, FEANF, UGEAO, USFP, UNEB, UBES, USNSA, NUSEWNU and VDS. One of these movements is my own invention; do you know which one? I would like to say a little more about the students. We have now accepted that all these students were anti-Portuguese, but this is not true. Only a few were in reality. If we assume that half of them were anti-Portuguese, then UGEAN has 4 members, certainly not

many, but, and that is even more likely, suppose fewer than half were anti-Portuguese, then the UGEAN was negative. We have a curious case here, where the non-existent party denies the existence of the existing party, and the existing party recognises the non-existent! When one reads this information critically and objectively, it all becomes lucid and the worthlessness of these figures and parties becomes clear. The real aim is to suggest resistance, which hardly, if at all, exists.»⁷

Entretanto no noroeste de Angola a 8km de Carmona, durante a madrugada a fazenda de António Nunes é atacada por um bando da UPA, que chacina 7 trabalhadores bailundos e deixa outros 5 gravemente feridos. Simultaneamente na zona do Negaje, outras hordas terroristas atacam as fazendas de Afonso Fernandes e de Fernando dos Santos, assassinando mais de 20 bailundos e deixando muitos outros feridos. No Songo, o mesmo sucede na fazenda de César Augusto de Oliveira, onde são chacinados cerca de 30 bailundos. Perto daquela propriedade, também a Fazenda de São Miguel é assaltada, tendo o bando assassinado crianças mestiças, filhas do encarregado.

Por volta das 13:00 chega a Carmona o coronel José Manuel de Sousa e Faro Nobre de Carvalho, para uma visita de inspecção à secção da PSPA aquartelada na capital distrital. Durante a tarde sai para a Fazenda Candande uma coluna mista com cinquenta militares e civis, a fim de prevenir um ataque anunciado para a próxima noite àquela propriedade. Entretanto, a fazenda de António Nunes sofre novo assalto, ficando feridos mais trabalhadores bailundos; os atacantes estavam acompanhados de mulheres, algumas empunhando espingardas e catanas, constituindo uma segunda linha de fogo.

¹ (Tomás Medeiros, op.cit pp.261); ² (Edmundo Rocha, idem, pp.280; médico angolano, ex-dirigente da CEI, dirigente do MAC, do MPLA e da UGEAN, co-organizador da fuga dos estudantes ultramarinos para França);

³ (em 17Fev05, ex-presidente da República Popular de Moçambique, estará em Braga quando do 31º aniversário da inauguração da Universidade do Minho e será por este agraciado com o título de "doutor honoris causa em Ciências Políticas e Relações Internacionais", estando presentes os próceres socialistas Mário Soares e Jorge Sampaio, respectivamente ex-PR e PR; na circunstância, o diário "Correio da Manhã" fabrica a seguinte "memória histórica": «A 23 de Junho de 1961, noite de São João, partiu do Porto, com a PIDE no seu encalço, para iniciar o processo de fundação da FRELIMO. Lembrou-se de tomar um café perto da Estação de São Bento»; quando da cerimónia acima referida, o "doutor" exigirá a «Portugal que peça desculpa pela escravatura responsável em Moçambique por 50 milhões de vítimas...!»);

⁴ (nascido em Tete, onde a mãe Nini trabalha num stand de automóveis e o pai angaria mão-de-obra para as minas sul-africanas; sua irmã Gabriela virá a concluir em Lisboa o curso de Veterinária; em 1963 virá a radicar-se em Dar-es-Salaam, no ano em que nasce em Tete seu irmão Zé Beto, pós-25Jun75 conhecido em Santo António dos Cavaleiros como a travesti "Tatiana" e anos depois no "jet-set" do Estoril como "marchant d'art" sob o nome de José Castelo Branco);

⁵ (em 56 completou o curso dos liceus no Liceu Diogo Cão em Sã da Bandeira, veio para Lisboa e inscreveu-se na Faculdade de Direito, sendo desde então e até 59 dirigente da CEI; em 60 foi subscritor com outros cerca de 400 universitários de um panfleto em que pediam a demissão do PM; chamado a prestar o serviço militar na EPI-Mafra, junta-se aos demais a pretexto de ir aderir em Paris ao MPLA, facto que jamais se irá verificar; nos dois anos seguintes vive em Paris com o moçambicano Joaquim Chissano e depois inscreve-se na Universidade de Poitiers);

⁶ (Cabrita Mateus, op.cit pp.109/110); ⁷ (Huibregtse, op.cit pp.55-57)

Junho.3

NTT "Vera Cruz" segue rumo a Luanda com mais subunidades do Exército, para reforço da guarnição

Em Viena decorre a cimeira Kennedy-Krustchev, durante a qual o secretário-geral soviético ameaça cortar o acesso ocidental a Berlim, símbolo da Europa dividida no pós-guerra. Mas o presidente norte-americano recusa ceder terreno e são trocadas veladas ameaças de escalada na guerra-fria.

– «Sobre a situação em Angola, especificamente, Krustchev diz que apoiaria sem condições a rebelião contra Portugal e define-a como uma guerra sagrada.»¹

Por essa ocasião em Vale de Zebro é inaugurada a Escola de Fuzileiros da Armada, onde vão ser ministrados cursos de fuzileiros especiais para actuação no Ultramar.

– «Os fuzileiros portugueses têm uma longa história que remonta a 1618 [quando foi criado o Regimento Naval Real] e são as tropas de infantaria portuguesas mais antigas. Dissolvidos em 1890 e activados durante um curto período de tempo de 1924 a 1926, os fuzileiros foram reactivados em 1961 para contingências navais no Ultramar. O contra-almirante Armando [Júlio de] Roboredo [e Silva], na altura [recente] chefe do Estado-Maior da Armada, patrocinou a reactivação acreditando que as lanchas de patrulha e pequenas embarcações com destacamentos de infantaria seriam indispensáveis na contra-insurreição. O treino inicial foi conduzido no Reino Unido através dos Royal Marines, enquanto se estabelecia no Vale de Zebro a Escola de Fuzileiros. [...] Os Fuzileiros Especiais foram criados em destacamentos de 78-80 homens e treinados em técnicas de operações especiais.»²

Entretanto no noroeste de Angola o governador-geral cessante, dr. Álvaro da Silva Tavares, visita tropas estacionadas em São Salvador, onde recebe em audiência a viúva de Dom Pedro VII, penúltimo rei do Congo. Acompanhado do comandante-geral da OPVDCA, coronel de cavalaria na reserva Luís Alberto Filipe Rodrigues³, visita em seguida Maquela do Zombo, a Damba e a vila 31 de Janeiro: nos Dembos os cafezais já estão prontos para a safra nas áreas de Quitexe, Bembe, Carmona e Negaje.

– «Voltei a percorrer os distritos do Norte onde começavam a chegar as tropas idas da Metrópole, acompanhado do meu chefe-de-gabinete major Carlos Gomes Bessa, cujo valor, coragem e lealdade me foram preciosos.»⁴

– «Cangola sofre violento e bem preparado ataque. Os rebeldes vinham fardados com os fatos da UPA – calção branco com faixa azul na cintura, ou calção azul com faixa branca, em tronco nu e fita azul ou branca à volta da cabeça. Os terroristas levam ali a lição que merecem e retiram em desordem, para ir assolar Forte República. Outro grupo ataca o Alto Loje, para onde segue uma coluna de militares e civis a prestar socorro. A época do cacimbo chegou e as primeiras queimadas começam a desalojar os cobardes da selva, empurrados para a serra à procura da floresta que lhes dará guarida. A tropa está mais activa, indo ao encontro dos bandoleiros nas sanzalas, onde são feitos prisioneiros e apreendidos documentos e armas gentílicas. Sabemos da vinda ao Norte do governador-geral e do general Monteiro Libório, comandante militar da Província. De louvar o estoicismo dos camionistas, que chegam constantemente de Luanda com carregamentos de víveres, e não os intimida a morte violenta de alguns camaradas que já ficaram por esses

horíveis caminhos. O mesmo diremos da FAP, com os seus grandes aviões logo ajudados pelos pequenos aviões dos aeroclubes, nos quais se vão expondo os aviadores Albino [Augusto] Leite, Américo Silva, Barros e [Rui José Lemos Moller] Freiria, tanto no transporte de géneros e munições como na evacuação dos feridos que exigem rápido internamento. A Caritas e a Cruz Vermelha têm igualmente sido de generosidade que nunca é de mais encarecer. [...] Na área do Negaje os terroristas atacaram a Fazenda Ferreira que saquearam quase totalmente, sem poupar sequer a criação. Uma coluna militar deslocada do Toto para Nova Caipemba, conseguiu cumprir sem qualquer novidade a sua missão, de transporte de abastecimentos à população. Perto de Carmona os terroristas atacam a Fazenda de Manuel Gonçalves, chacinando alguns bailundos. A meio da tarde saiu de Carmona para Quimbele o avião Auster, que a Força Aérea ofereceu ao Aeroclube do Congo, pilotado pelo Freiria com o observador Albino Leite: vão levar correio e abastecimentos à população. Pela noite dentro não se sabe o seu paradeiro.»⁵

† ALBINO AUGUSTO LEITE, Piloto-aviador civil

† RUI JOSÉ LEMOS MOLLER FREIRIA, Piloto-aviador civil

¹ (Antunes, op.cit pp.22); ² (Cann, op.cit pp.107,108); ³ (em 1995 reside em Lisboa); ⁴ (Silva Tavares); ⁵ (Orbelino, op.cit pp.199,192-194,200)

Junho.4

Do AB3-Negaje, levantam logo pela manhã aviões em acção de busca ao Auster do Aeroclube do Congo, ontem à tarde desaparecido no trajecto Carmona-Quimbele; as operações são auxiliadas pelo pequeno avião do Aeroclube do Pombo e por outros aparelhos civis da DTA, saídos de Luanda; entretanto os serviços dos CTT comunicam com todos os P19 do distrito, mas não há quaisquer sinais nem do aparelho nem dos dois ocupantes¹. Nove aviões esquadrinham todas as pistas e aeródromos do Congo angolano, mas à noite regressam às respectivas bases sem ter sido localizado vestígio algum.

Enquanto isso em Léopoldville, o MNE Justin-Marie Bomboko declara nula a *Convenção Luso-Belga* de 15Dez50, relativa à bacia fluvial do Baixo-Congo e à defesa comum do estuário do Zaire, anunciando em nome do seu governo o rompimento de relações diplomáticas com Portugal.

Horas depois em Lisboa, o PM nomeia o general Venâncio Augusto Deslandes para desempenhar cumulativamente os cargos de governador-geral e comandante-chefe de Angola, onde prossegue a implantação dos destacamentos do Exército em sistema de quadrícula, a fim de debelar os ataques terroristas e apoiar o restabelecimento da autoridade administrativa no noroeste do território.

¹ (em 10Ago61 os destroços do aparelho são localizados na serra da Mucaba, por uma patrulha militar; mas os corpos dos pilotos nunca serão encontrados)

Junho.5

No noroeste de Angola entre o Negaje e Dimuca, são assaltadas diversas fazendas onde os grupos terroristas assassinam todos os bailundos que encontram pela frente.

Enquanto isso no Cairo, um porta-voz governamental nega que dois dirigentes comunistas árabes tenham sido alvo de torturas e mortos naquele país, ao mesmo tempo que o MNE egípcio Mahmoud Fauzi preside à abertura dos trabalhos da cimeira preparatória para o *I Plenário dos Países Não-Alinhados*.

– «Following an invitation of President Tito of Yugoslavia, President Abdel Nasser of the United Arab Republic and President Soekarno of Indonesia, who were joined by the Prime Minister of India, Mr. Nehru, and the Government of Afghanistan which decided to support the sponsorship of the invitation, a preparatory meeting for the Conference of the Uncommitted Countries took place in Cairo from June 5 to 12, 1961, under the chairmanship of Dr. Mahmoud Fawzi, Minister of Foreign Affairs of the United Arab Republic. This meeting was attended by delegations of the following countries: Afghanistan, Burma, Cambodia, Ceylon, Cuba, Ethiopia, Ghana, Guinea, India, Indonesia, Iraq, Mali, Morocco, Nepal, Saudi Arabia, Somalia, Sudan, the United Arab Republic, Yugoslavia and the Provisional Algerian Government. Brasil was represented by an observer.»

Junho.6

No norte de Angola as povoações de Cangola e Duque de Bragança são assaltadas por bandos terroristas; e várias colunas militares sofrem ataques de emboscada, principalmente ao longo das picadas.

Por essa ocasião em Luanda, é anunciado que em Lisboa o PM Salazar «decidiu a favor da política de concentração de poderes proposta na carta que lhe escrevi e escolheu, para governador-geral e ao mesmo tempo comandante-chefe, o general Venâncio Deslandes. Em 6 de Junho o ministro do Ultramar deu-me telegraficamente conhecimento do facto e pediu-me para lhe indicar o dia “em que deseja regressar, visto alguns membros do Governo desejarem estar presentes à sua chegada”. Foi designado o general Carlos Freire, recém-chegado a Angola, como encarregado do governo provincial¹. Simultaneamente, cessam funções o general António Miguel Monteiro Libório² e o coronel Camões Godinho; o general Carlos Miguel Lopes da Silva Freire toma posse como governador-geral-interino, comandante da 3ªRM e CCFAA-interino; o tenente-coronel CEM João de Oliveira Marques é empossado CEM/3ªRM, coadjuvado pelo vice-CEM/3ªRM tenente-coronel de infantaria CEM Joaquim António Franco Pinheiro, ficando a chefia das 1ª, 2ª, 3ª e 4ª Repartições (Pessoal, Informações, Operações e Logística), entregues respectivamente aos majores CEM Carlos Mota Oliveira, Jorge da Costa Salazar Braga, Josefeth Monteiro Figueiredo e Moreira Rebelo. Este novo elenco do QG elabora rapidamente o plano geral de acção que dentro de 9 dias vai ser posto em execução no noroeste, com as seguintes prioridades: socorrer fazendeiros isolados e cercados; reabrir itinerários obstruídos por abatizes e reconstruir pontes e pontões; implementar esboço de quadrícula do Exército; e activar principais pistas de aviação.

Ao mesmo tempo no areópago da ONU em Manhattan, tem início no CS mais uma jornada antiportuguesa orquestrada pelo intitulado *Subcomité dos 5*, com um ciclo de debates sobre Angola. Num ambiente fortemente hostil a Portugal, o embaixador Vasco Vieira Garin faz várias intervenções, das quais se destacam as seguintes passagens:

– «Quando o Conselho decide debater assuntos bem claros de segurança e de manutenção da ordem pública dentro de territórios nacionais de um país membro, está a ser evidentemente violado o artigo 2º, parágrafo 7º da Carta da ONU. Como bem sabem os membros do Conselho, os princípios ali estabelecidos são terminantes. Pelos termos do artigo 2º (7º) nada autoriza a Organização ou qualquer dos seus órgãos a intervir em assuntos que residem absolutamente nos limites da jurisdição de um Estado. Os artigos 34º e 35º foram invocados, mas erradamente, visto que Portugal não originou uma disputa internacional com qualquer dos Estados que pedem ou apoiam a inscrição deste assunto. Ambos os artigos se encontram no Capítulo VI da Carta sob o título “Solução pacífica de disputas”. O caos e a desordem crescentes que afligem o mundo não dão a qualquer delegação o direito de pôr em dúvida a legalidade de uma premissa básica: a segurança interna e a manutenção da lei e da ordem dentro do território de um Estado membro é assunto permanente doméstico desse Estado. Esta interpretação foi sancionada pelo Conselho, naquele tempo em que havia mais respeito pela letra e pelo espírito da Carta como, por exemplo, no processo adoptado em relação ao caso “Terrorismo na Grécia”, trazido perante o Conselho na sua 493ª reunião em 31 de Agosto de 1950. O Conselho rejeitou a inscrição desse assuntos por nove votos a dois. E é óbvio calcular quais os países dos dois votos da minoria... Desse modo, a delegação portuguesa tem de concluir que o Conselho, ao decidir a inscrição de presente assunto para debate, está a violar abertamente a Carta, fazendo o contrário de decisões legais anteriormente tomadas em casos semelhantes. A natureza deste debate traz graves apreensões ao espírito de muitos membros que se sentem verdadeiramente preocupados quanto à futura autoridade do Conselho. Se nada na Carta autoriza esta Organização a intervir nos assuntos internos dos Estados membros; se nada na Carta dá ao Conselho jurisdição em tais assuntos, mesmo quando se invocam falsos pretextos, segue-se que não há qualquer fundamento válido no Direito Internacional para a apreciação deste assunto no Conselho de Segurança. Logo é lógico que o Conselho, se insistir no caminho da ilegalidade, está ‘ipso facto’ a solapar a sua própria autoridade. Além disso é lamentável que, por mero expediente político, e claramente como resultado de um grande concurso de popularidade, haja Estados membros que busquem a simpatia e os votos de um novo Grupo maioritário [bloco afro-asiático] das Nações Unidas. Esse concurso foi claramente confessado por uma grande potência num discurso há dias proferido fora desta Organização. Assim, criou-se um clima especial, em que a Carta é desacatada sempre que haja uma necessidade política de o fazer e de desrespeitar as suas provisões, por uma espécie de ‘mutação de fascínio’. As Nações Unidas não são um superestado que possa ser governado segundo o desejo de episódicas maiorias. A Organização não é, nem pode ser, instrumento de política externa para exercer pressões que, debruçando-se sobre os assuntos nacionais, perturbem a vida interna de outros Estados. As decisões ou moções aprovadas pelas maiorias devem estar de acordo com a letra e com o espírito das constituições dos Estados, para não perder a força moral ou cominatória sobre os outros Estados membros. Qualquer outra orientação apenas introduzirá o caos e a anarquia no Direito Internacional e significará o render incondicional da soberania nacional, o que é perfeitamente absurdo na presente situação do mundo.»

Entretanto na floresta dos Dembos angolanos, ao descer a noite uma horda terrorista assalta a Fazenda Candanea e ali assassina trabalhadores bailundos, enquanto cerca de outros 200 conseguem fugir; em seguida, o bando da UPA saqueia a propriedade, arranca portas e janelas, destroça e queima o mobiliário.

¹ (Silva Tavares, governador-geral); ² (depois da remodelação sucedânea ao golpe da “Abrilada”, o comandante militar de Angola tomou conhecimento da sua exoneração através de um lacónico telegrama recebido de Lisboa; regressado à Metrópole, e embora possa permanecer mais 2 anos no activo, solicita imediata passagem à reserva)

Junho.7

Em Lourenço Marques, o contra-almirante Sarmiento Rodrigues toma posse dos cargos de governador-geral e comandante-chefe de Moçambique.

Enquanto isso no areópago da ONU em Manhattan, prossegue no CS o debate sobre Angola, tendo o embaixador português feito mais uma declaração, da qual se destaca o seguinte:

– «É monstruosa a sugestão de que Portugal, por estar a sofrer perturbações provocadas e inspiradas por terroristas vindos do exterior, numa das suas províncias ultramarinas, deve considerar-se em disputa ou numa situação capaz de criar uma ameaça à paz e à segurança internacionais. Como poderiam certas delegações, a não ser de má-fé, apresentar tal acusação contra Portugal, um dos países, em todo o mundo, mais completamente dedicados à paz e ao conhecimento e compreensão internacionais? Podia absolutamente garantir que Portugal e o Governo português não têm intenção de provocar qualquer disputa ou de criar alguma situação desse género, nem com qualquer dos países que pediram o debate deste assunto, nem com outro. [...] E o mais curioso é que aqueles mesmos que já desrespeitaram a decisão do Conselho de Segurança, desejam agora desrespeitar a decisão da Assembleia Geral. Parece lógico não haver qualquer razão ou objecto de boa-fé para que os países que votaram [em 20Abr61] a moção da Assembleia Geral – e todos os signatários da Carta de agora o fizeram – peçam a reunião do Conselho de Segurança antes de ter a Subcomissão de cinco membros a oportunidade de apresentar o seu relatório. O objectivo do pedido para esta reunião só pode ser, portanto, o de agitação política. De acordo com a moção 1603/XV, o relatório da Subcomissão [Subcomité dos 5] deveria ser apresentado à Assembleia Geral e não ao Conselho de Segurança. Com a inscrição deste assunto na sua agenda, agora, o Conselho de Segurança desrespeita a decisão da Assembleia Geral, como esta, por seu lado, já em parte desrespeitara a decisão anterior do Conselho de Segurança. E é obrigatório concluir, tristemente, que se está a assistir a um jogo de alternativas entre os dois órgãos da Organização – jogo inspirado, promovido e executado sempre com o mesmo objectivo: provocar a agitação internacional com o fim de subverter e minar a estrutura da Nação Portuguesa. E sempre com total desprezo pelo espírito e letra da Carta, pelo bom nome e prestígio da Organização.»

Junho.8

De Carmona e do Negaje, saem colunas militares para Nova Caipemba, Songo e Damba com alimentos e munições para os resistentes, que daquelas localidades recusam sair.

– «Alta madrugada saiu para o Songo uma coluna mista de civis e militares, que ali vai levar alimentos e ânimo, à população agarrada à terra e à força ali aquartelada. São oito carros pesados, que nada encontraram a barrar-lhes o caminho. Com a coluna regressaram alguns civis, famílias completas, que vão fixar-se noutras terras para refazer uma vida desfeita, num desertar forçado depois de três meses de luta sem tréguas. Pelas 10 horas chega a Carmona o secretário-geral dr. Cruz Alvura, que vem para verificar como os agricultores vão proceder à colheita do café. Pelas 15 horas reuniu com os principais agricultores do Congo, que apresentaram as suas queixas e alvires. Há falta de concordância e colaboração, dos potentados com os outros produtores mais modestos, parecendo que por fim se chegou a pleno entendimento. De qualquer maneira, a colheita deste ano será difícil, pois grande parte está perdida e só a coberto da tropa poderá vir a efectuar-se a que ainda há para fazer. Mais uma notícia vem ensombrar este dia: o desaparecimento de um aparelho da FAP, obrigado a aterrar de emergência algures numa propriedade de João Ferreira, perto de Carmona. Alertada a tropa, para lá se dirigiu [na manhã de 09Jun61] uma força militar, que não encontrou indícios sequer do avião.»¹

Entretanto em Luanda são oficialmente inauguradas junto ao aeroporto Craveiro Lopes as instalações da BA9, que passa a ser comandada pelo recém-promovido coronel piloto-aviador Carlos Galvão de Melo, constituída por 3 esquadras do Grupo Operacional 901 sob comando do tenente-coronel piloto-aviador Manuel Diogo Neto: a Esq91 com 10 bombardeiros-hélice Lockheed-PV2 Harpoon (oriundos da BA6-Montijo), sob comando-interino do capitão piloto-aviador Eduardo Alexandre Viegas Ferreira de Almeida; a Esq92 com 6 cargueiros-hélice Nord-2502 Nordatlas; e a Esq93 com 25 caças-jacto Republic F84G Thunderjet (oriundos da BA2-Ota), sob comando do major piloto-aviador Francisco Dias da Costa Gomes; quanto à Esq94, será em breve formada com 6 helicópteros Sud-Aviation/SE-3130 Alouette-II.

– «O PV-2 [4612] do [tenente piloto-aviador] Carlos [António] Alves² desaparecera na selva africana. Apesar das buscas levadas a efeito, não foi possível localizá-lo. No mesmo avião seguia o [Fur MMA José António Nobre] Baiona³. [...] Foram as primeiras [cinco] baixas⁴ nos efectivos da Força Aérea. [...] As notícias de Angola continuavam a chegar [à BA6-Montijo], não através dos órgãos de comunicação social [...] mas do conhecimento dos camaradas dos transportes militares que tinham iniciado [?] uma espécie de ponte-aérea entre Angola e a Metrópole. Um PV-2 tinha desaparecido algures no norte de Angola, pilotado pelo jovem tenente Carlos Alves levando a bordo mais quatro elementos, um dos quais nas funções de observador o alferes pára-quadista Labescat da Silva. [...] O local do acidente ainda não tinha sido detectado e parecia que as buscas iriam terminar, pois as hipóteses de o encontrar⁵ eram bastante remotas.»⁶

† CARLOS ANTÓNIO ALVES, Tenente piloto-aviador

† JORGE RAPOSO GOMES PRATA, 2ºSargento piloto-aviador

† JOSÉ ANTÓNIO NOBRE BAIONA, Furriel mecânico da FAP

† LUÍS RAMOS LABESCAT DA SILVA, Alferes pára-quadista

† ORLANDO CUSTÓDIO MACHADO DOS SANTOS, 1ºCabo radiotelegrafista

– «Só em [meados de] 1963 se dispõe [em Angola] de seis helicópteros Alouette-III. Antes, só havia seis Alouette-II [da Esq94-BA9 formada pós-08Jun61] que permitiram salvar muita gente cercada pela UPA.»⁷

– «A única coisa que mandámos para o Ultramar com uma certa eficiência militar foram os helicópteros, que eram franceses. Em Angola tínhamos os DO-27, uns aviões muito pequeninos; os T-6, que eram aviões da II Guerra Mundial, reservados para apoiar as forças de superfície mas que já não [?] tinham quaisquer possibilidades para o fazer; os Dakota, que eram aviões caros, com uma manutenção cara.»⁸

Enquanto isso na Guiné, os efectivos do Exército são constituídos apenas por 2 CCac e 1 Btr (ambas de recrutamento local), mais 2CCE, 1 ERec e 1 PelPM metropolitanos como reforço. Entretanto em Pirada, posto fronteiriço no extremo nordeste da Guiné, o comerciante Mário Rodrigues Soares⁹ estabeleceu contactos com activistas do FLGC, a fim de «manter boas relações com as populações de ambos os lados» da fronteira nordeste. Nesse âmbito, «promove um encontro, entre um representante do PAIGC e um do Exército Português: o alferes José de Almeida¹⁰ desloca-se a território senegalês num jipe Willys, mas ao regressar pela picada de Buruntuma a viatura capota e o militar morre em consequência daquele acidente de viação»¹¹.

¹ (Orbelino, op.cit pp.205/6);

² (nascido em 1929 na freguesia de São Sebastião em Setúbal; o seu baptismo-de-fogo havia ocorrido aos comandos do citado avião, na tarde de 06Fev61 sobre Cunda-Riabaza na Baixa do Cassanje, numa acção de bombardeamento pedida horas antes ao comando da 2ªRA pelo comandante da 4ªCCE capitão de infantaria Luis Artur Carvalho Teixeira de Moraes);

³ (nascido em 1935; mobilizado pela BA6-Montijo, chegou em 24Nov60 a Luanda como membro da tripulação do PV-2 4607);

⁴ (os outros três são: o 2Sg pilav Jorge Raposo Gomes Prata, nascido em 1936 na freguesia de São Pedro na Covilhã; o 1Cb radiotelegrafista Orlando Custódio Machado dos Santos, natural da freguesia da Sé em Lamego; e o alferes pára-quadista do BCP21 Luís Ramos Labescat da Silva, que ia em missão de observação);

⁵ (os destroços do PV-2 4612 vão ser encontrados em 03Ago61 por uma patrulha do Exército junto ao itinerário Camabatela-Púri, mas os 5 corpos nunca foram recuperados; no caso do alferes Labescat, o seu óbito será registado em 31Jan62, como tenente);

⁶ (Silva Cardoso, op.cit pp.162,187: para o mesmo facto, este autor situa-o temporariamente em duas circunstâncias distintas: na primeira citação, durante a última semana de Abr61 quando ainda estava em serviço na BA9-Luanda; e na segunda citação, durante a primeira semana de Jun61 quando já estava novamente na BA6-Montijo);

⁷ (Diogo Neto, em 19Jul94 a Antunes); ⁸ (Costa Gomes em 27Abr95, idem);

⁹ (nascido em 1922; em 48 instalou-se na Guiné e montou no posto fronteiriço de Pirada um estabelecimento comercial ligado à Casa Gouveia; pós-25Abr74 e «em vias de ser fuzilado pelo PAIGC», consegue fugir e chegar a Lisboa, onde fica «preso 45 dias em Caxias»; virá a falecer em Abr95);

¹⁰ (filho do dr. Manuel Lopes de Almeida, MEN desde 04Mai61); ¹¹ (este duvidoso relato, é excerto de entrevista a Castanheira, revista Expresso 22Jan94)

Junho.9

Em Luanda, desembarca o 3º grande contingente de tropas metropolitanas¹.

Por essa ocasião em Conackry, o angolano Mário de Andrade (presidente da CONCP formada há quatro meses), envia para o areópago da ONU em Manhattan um telegrama ao delegado soviético Krustchev, a quem pede «apoio para os povos de Angola e das outras colónias portuguesas», no preciso momento em que vai ser encerrada mais uma jornada antiportuguesa no CS, perante o qual é posta à votação a moção apresentada pelo Subcomité dos 5 que «aconselha Portugal a cessar as actividades militares e deplora os massacres maciços e as severas medidas de repressão em Angola»; durante a discussão o prócere comunista Krustchev – a par da tradicional fraseologia caluniosa contra Portugal –, lançou à NATO acusações de «apoio ao colonialismo português». Sobre a matéria se pronuncia o embaixador português Vasco Garin, destacando-se do seu discurso a seguinte passagem:

– «Violações flagrantes dos direitos do Homem ocorreram e continuam a ocorrer em muitos países ao contrário do que acontece em Portugal. Muitos Estados não concordam e criticam publicamente as estruturas internas e as constituições de outros Estados. As duas maiores potências mundiais continuam a dar tais exemplos. A que se deve então o facto de tais situações jamais ter sido trazidas perante o Conselho para debate, ou quando aqui são trazidas não se debaterem? A resposta é simples: porque isso seria ilegal, visto estar fora das funções do Conselho, por mais preocupações que possa causar determinada situação. Então, porque se abre este precedente contra Portugal? É dever da delegação portuguesa acentuar que o seu Governo considera este facto uma intervenção imerecida e discriminatória do Conselho de Segurança em assuntos internos de Portugal. E tem como consequência animar as forças da subversão e o terrorismo, que se encontra na raiz do assunto em debate.»

Apesar das razões que assistem Portugal e da argumentação do seu embaixador, o CS – por 9 votos (URSS, Egipto, Libéria, Ceilão, China, Chile, Equador, Turquia e EUA), e 2 abstenções (França e GB) – aprova mais esta moção antiportuguesa, na qual uma vez mais os EUA juntam o seu voto ao da URSS e de outros países do bloco comunista.

– «1961.06.09 - Aprovação, pelo Conselho de Segurança da ONU, de uma resolução deplorando profundamente os massacres e demais medidas de repressão da população angolana, podendo comprometer a persistência desta situação a manutenção da paz e segurança internacionais.»²

Desde as reuniões do CS no passado mês de Março, que os EUA têm apoiado ostensivamente o bloco afro-asiático, congregando votos fiéis em deliberações que interessam à América contra a Rússia, sendo tais atitudes recebidas por alguns países africanos como concordância para apoio aberto à acção contra Angola.

– «A 9 de Junho, o governo de Kennedy apoia outra resolução do Conselho de Segurança, que exigia que Portugal promovesse “uma descolonização imediata e universal” e que fosse criada uma subcomissão para investigar rapidamente a situação em Angola. [...] Kennedy apoia a resolução, apesar de um relatório do Conselho de Planeamento da Política de Estado, acabado de sair, concluir: “Na conjuntura actual, é duvidoso que seja de qualquer utilidade para os Estados Unidos continuar a pressionar Portugal”.»³

¹ [http://ultramar.terraweb.biz/Efemerides_Angola_09JUN1961.htm];

² (Afonso e Gomes, op.cit pp.568); ³ (Wright, op.cit pp.88)

Junho.10

Em Luanda, todos os militares feridos em combate e que se encontravam no Hospital Maria Pia, são transferidos para as novas instalações do HM124, um edifício junto à Maternidade.

– «A coluna [BCac96] saída de Luanda para Carmona, pelos Dembos, tem feito profundo reconhecimento em operações de limpeza, sofrendo seis ataques e grande número de feridos. Uma coluna saída de Camabatela para Aldeia Viçosa, a 8km desta localidade foi atacada com tiros disparados do capinzal, tendo sofrido um morto e três feridos. Na estrada Negaje-Dimuca houve tiroteio entre uma coluna mista e os terroristas, logo refugiados no capim. As nossas forças sofreram três feridos graves. Outra coluna militar deslocada de Sanza Pombo para o Negaje, foi atacada a 2km do Puri, ficando muitos bandoleiros mortos no terreno, e um morto e dois feridos graves entre as tropas.»¹

† JOÃO RICARDO AFONSO, Furriel

– «Durante meses as refeições variavam, de almoço para jantar e vice-versa: chouriço desidratado, dobrada desidratada e bacalhau. Diarreias eram constantes. No primeiro mês emagreci treze quilos. Quando chegámos a Luanda ficámos instalados num liceu que estava em construção, a organizarmo-nos e a receber munições.»²

Enquanto isso no norte do Congo angolano, a povoação de Santa Cruz é alvo de novo ataque terrorista, tendo o chefe de posto Rapazote ficado ferido na cabeça. Logo a seguir, uma coluna do BCac92 sai de Sanza Pombo e tem dois contactos com terroristas, resultando dois feridos ligeiros e a fuga dos terroristas deixando os mortos espalhados no terreno.

¹ (Orbelino, op.cit pp.208/9); ² (alf. inf Leão Repolho, comandante do PelRec CCS/BCac96)

Junho.11

Na Muxima são presos vários terroristas que prepararam assaltos ao Dondo, Zenza do Itombe, Cassoalala, Calulo, Lobolo e Munenga.

† ANTÓNIO JOAQUIM RODRIGUES GUERRA, Soldado

† JOSÉ JÚLIO LOPES, Soldado polícia-aérea

Junto à foz do Cuanza e desde o Bom Jesus até Massangano, são descobertas armas e munições estrangeiras escondidas em canoas dissimuladas nas margens daquele rio. Mais a sul, no rio Lonhe

o chefe de posto do Gungo (Quibala), Domingos Cardoso, captura o nativo Topi que dirigiu ataques à fazenda Chitonde.

Ao longo do último mês, 5 pescueiros soviéticos atracaram a portos angolanos sob pretexto do tratamento de membros da tripulação dados como doentes.

Entretanto em Luanda o dr. Silva Tavares, governador-geral cessante, despede-se de todos os portugueses de Angola:

- «*Dou graças a Deus de me ter sido dada a oportunidade de, em posto de excepcional honra, me poder ter batido pelas gentes de Angola, as que a queriam solidária com Portugal, de ter procurado apoiar os mais desprotegidos e de a ter entregue portuguesa e intacta como a recebi. Findo o meu mandato, o primeiro-ministro ao receber-me elogiou a serenidade e firmeza do meu procedimento, em especial quanto à assunção de responsabilidades.*»

Junho.12

Em Paris o diário *Le Quotidienne*, em artigo assinado por Henri Sacquet, afirma que «*na data do início da guerrilha, Angola tinha cerca de oito mil soldados (para um território com 1.2 milhão de km²), dos quais cinco mil indígenas*».

† CUSTÓDIO DE BASTOS, Soldado

† JOAQUIM ALEXANDRE NETO MARTINS, Soldado

† JOAQUIM PIMENTA FAUSTINO, Soldado

Enquanto isso em Lisboa, é promulgado o decreto-lei 43730, entrando em vigor nos territórios ultramarinos o princípio electivo para a constituição dos corpos administrativos das instituições municipais.

- «*Tinha chegado [a Dili] o novo comandante militar brigadeiro Pires Barata, que [como segundo-comandante da RMC] teve parte relevante no “golpe Botelho Moniz” e por isso foi mandado para Timor, para um comando de nível inferior à sua graduação militar. Em 12Jun61 recebo [do brigadeiro Pires Barata] a Carta de Comando, que me investe nas funções de comandante-chefe.*»²

Entretanto no Congo-Leo, o presidente Kasavubu acede conceder à ONU a fiscalização das finanças daquele país, e o secretário-geral Dag Hammarskjöld põe à disposição 10 milhões de dólares para reforço da economia local.

Por essa ocasião no Cairo, são encerrados os trabalhos da cimeira preparatória para o *I Plenário dos Países Não-Alinhados*, que ficou agendado para a primeira semana de Setembro na capital jugoslava e, nesse sentido, o MNE egípcio emite um «*Official Communiqué on the Preparations for the Belgrade Conference*», do qual se destacam os seguintes pontos:

- «*2- The general discussion on matters concerning the Conference of the Heads of State and Government of the Uncommitted Countries was held in an atmosphere of friendship and understanding. Unanimous agreement was reached on the necessity of holding such a conference. In the opinion of the participants, the zone of non-commitment could be further extended, both from the viewpoint of activity and of influence, with the aim of transforming it into a basic factor for the preservation of peace and international security. The participants expressed the conviction that, with the holding of such a conference, positive results could be achieved in the interests of world peace, effective international co-operation and the realization of the aspirations of millions of people for independence and a better and happier future. They agreed that the Conference of the Heads of State and Government of the Uncommitted Countries should be held in Yugoslavia early in September. [...] 4- The participants in the preparatory meetin recommended a draft agenda so as to help the participating countries. [...] 1) Respect to the right of peoples and nations to self-determination; the struggle against imperialism; liquidation of colonialism and neo-colonialism; 2) Respect of territorial sovereignty and integrity of states; non-interference and non-intervention in the internal affairs of states; 3) Racial discrimination and apartheid; 4) General and complete disarmament; prohibition of nuclear experiments; problem of foreign military bases; 5) Peaceful coexistence between states with diferent political and social systems; 6) Role and composition of the United Nations and the implementation of its resolutions; Problems of unequal economic development; improvement of international economic and technical cooperation.*»

¹ (em Out49 CEIME; recém-demittido de 2º cmdt da RM-Tomar); ² (Filipe Themudo Barata, governador de Timor)

Junho.13

Em Évian são interrompidas as conversações Paris-FLNA, não tendo a delegação francesa acedido às exigências os rebeldes argelinos.

Entretanto Luanda o governador-geral cessante, dr. Silva Tavares, antes de embarcar de regresso à Metrópole, anuncia que «*Lucunga é o primeiro posto administrativo a ser reocupado por forças militares*»¹ (do BCac88), os quais encontram a povoação saqueada e totalmente arruinadas as suas casas e haveres.

- «*A coluna que saíra da Damba no dia 11, foi constantemente incomodada pelos terroristas, tendo de remover mais de meio milhar de árvores que obstruíam a estrada. Pontes, casas de habitação das fazendas, tudo está em ruínas, pairando a desolação, o incêndio e a morte; desapareceu a criação e tudo o que valha dinheiro. Na ponte sobre o rio Lucunga, lia-se em grande tabuleta: “O branco está perdido. Da parte de cá do rio é nosso e para lá é deles”. [...] Em Carmona verificou-se a fuga de vários empregados do Hospital e serventes da Junta do Café, o que faz prever um próximo ataque a esta região.*»²

† JOSÉ ANTÓNIO VALÉRIO MALVEIRO, Soldado

Enquanto isso, de Monróvia para o areópago da ONU em Manhattan, o presidente liberiano William Tubman intercede junto do CS sobre a admissão da Mauritânia.

¹ (desde 31Mai61 a vila da Damba está militarmente ocupada); ² (Orbelino, op.cit pp.212/209)

Junho.14

No noroeste distrital do Congo Angolano, a vila de Tomboco é ocupada por uma força de marinheiros, com apoio da CCac110 comandada pelo capitão Alvena Paula de Carvalho, pertencente ao BCac109 desembarcado em Luanda precisamente há 1 mês. Aqueles fuzileiros, desembarcados há 3 meses entre Ambriz e Ambrizete, foram guiados por civis ao longo de 100 km, tendo sofrido 5 emboscadas terroristas perto de Bessa Monteiro.

– «A coluna militar deslocada de Sanza Pombo, entrou em Macocola depois de remover centenas de árvores e de recontros com terroristas, num dos quais morreu o civil Ângelo Nunes. A coluna mista saída de Nova Caipemba, chegou ao Songo sem novidade. Em Carmona sabe-se que já foi nomeado um novo comandante do BC3. Na zona da Camabatela foi preso um pastor protestante congolês, angariador de pessoal para os actos terroristas. Nesse mesmo dia abandonaram o trabalho cerca de 300 nativos que trabalhavam nas roças Boa Sorte e Miguel, refugiando-se nas matas.»¹

Por essa ocasião, no QG/NATO em Bruxelas é empossado o novo secretário-geral Dirk Stikker, que durante o seu discurso afirma:

– «A luta contra a penetração e expansão comunista estende-se da Ásia à América Latina, passando por África. Nenhum país tem maior experiência do que Portugal em assuntos ultramarinos.»

Enquanto isso em Paris, o vespertino esquerdista *Le Monde* publica um «despacho da UPI emitido em Conackry sobre actividades ali desenvolvidas por Amílcar Cabral»², engenheiro caboverdeano que chefiava um movimento dito *nacionalista da vizinha Guiné portuguesa*.

– «Pressionados pelas autoridades do Senegal e de Conackry, os três agrupamentos [PAIGC, MLGC e MLG], ainda que contrafeitos, acabam por aceitar um período de trégua. Em várias reuniões a três, nas capitais dos países vizinhos, faz vencimento a proposta do PAIGC, no sentido da criação de uma plataforma organizativa.»³

– «Na sequência dos “Memorandos” de Setembro [de 1959], 14 de Julho e 23 de Outubro de 1960 [remetidos a Sekou Touré], Cabral envia mais dois, enunciando no segundo a “ajuda concreta” que esperava receber “do povo guineense, do seu Partido e do seu Governo” [...], evidenciando bem as suas carências materiais.»⁴

¹ (Orbelino, op.cit pp.210); ² (Cunha Leal, op.cit pp.205); ³ (Castanheira, op.cit pp.164); ⁴ (Duarte Silva, op.cit pp.46)

Junho.15

No sopé da serra do Uije, durante a madrugada são invadidas e saqueadas diversas fazendas, entre elas a de Manuel Rodrigues Couto no Vale do Loje. Também nas áreas do Songo e Mucaba, as fazendas agrícolas são saqueadas.

Enquanto isso a nordeste de Luanda, no trajecto para o Úcua e a 12km da exploração de mica da *Mineira do Lobito*, cerca de 400 negros são instruídos em guerrilha por dois congolezes, num quartel de terroristas na ilha do Jungo. De um *mamelão* (morro pouco elevado e arredondado), os ocupantes de um comboio de jipes, acompanhados pelo administrador daquela empresa, dão conta da existência do acantonamento rebelde.

Ao princípio da tarde chega a Carmona o major Camilo Rebocho Vaz, vindo de Luanda e que, no palácio do Governo, assume as suas funções de governador distrital do Congo português; em seguida o director distrital da Fazenda Pública, José de Melo, é nomeado para presidir à Comissão de Auxílio às Populações Deslocadas, anunciando para depois de amanhã a chegada da 1ª coluna da Brigada de Voluntários de Recuperação Económica, destinada à colheita cafeeíola.

Entretanto no estuário do Tejo, largam mais três navios com tropas para o Ultramar.¹

¹ [<http://opombalinho.blogspot.com/2007/07/pombalinhenses-na-guerra-colonial.html>]

navio segue rumo a Bissau com a CCac154, mobilizada pelo BC9-Viana do Castelo

NTT “Uíge” e NTT “Moçambique” largam de Lisboa rumo a Luanda, com o quarto grande contingente

Junho.17

No palácio Burnay em Lisboa, sede do Ministério do Ultramar, o general Venâncio Deslandes é empossado governador-geral de Angola. Referindo-se ao desempenho do dr. Silva Tavares, governador-geral cessante, o ministro do Ultramar dr. Adriano Moreira afirma:

– «No exercício das respectivas funções esteve, em todas as circunstâncias, à altura dos seus gravíssimos deveres. Desenvolveu um tenaz e paciente trabalho de conjugação e coordenação de esforços, sem perder em nenhum momento a serenidade, sem alijar uma só responsabilidade, tomando algumas que não lhe cabiam, tomando algumas que lhe não cabiam, e cumprindo em todas as circunstâncias, sem desfalecimento, este imperativo da lei: “É supremo dever de honra do governador, em cada um dos territórios ultramarinos, sustentar os direitos de soberania da Nação e promover o bem da província”. Correspondeu em tudo ao juramento que prestou no acto de posse do cargo que deixa agora, apenas por imperativo da nova organização de poderes, e por isso enriqueceu o nosso património moral».

Por essa ocasião no noroeste de Angola, em redor de Quimbele os terroristas queimam todas as sanzalas abandonadas pelos nativos: no percurso de 31 de Janeiro à Damba, incendiaram a ponte de ligação à picada para Maquela do Zombo, enquanto que o trajecto entre Nova Caipemba e

Carmona já se encontra completamente desobstruído de valas e abatizes, mas a ponte sobre o rio Diquita está totalmente destruída. Ao mesmo tempo na área da Damba, os indígenas refugiados nas matas começam a regressar às suas sanzalas e oferecem a sua colaboração às autoridades.

– «*In the beginning the attacks were launched carelessly, the terrorists were used to attacking poorly-armed planters; but now they had to cope with well-armed soldiers who could cause heavy losses. After a while the terrorists started to doubt the promises of the medicine-men, that the dead would rise again, and they attacked with greater care but with the same intensity. On the 17th of June, the road to Nova Caipemba over Songo was free again. At night the camps were attacked. It even became clear that the attacks on army detachments were given priority, and that guerrilla-warfare would follow terrorism. Each of the numerous barricades found along every road had to be removed and almost everywhere terrorists lay in ambush and fighting had to take place.*»¹

Entretanto a estrada Carmona-Negaje passou a merecer especial vigilância militar, pelo facto de constituir a única via terrestre com alguma segurança para ligação a Luanda: «*um comboio de camiões foi hoje fortemente atacado perto do Úcuá; morreu Paulo Teixeira de Magalhães, que desde Bula-Atumba viajava como passageiro*»².

† JOSÉ JOAQUIM MAURÍCIO VALADEIRO, Furriel piloto-aviador

† JOSÉ NICOLAU SERRANO DA ROSA, 1º Cabo

† PAULO TEIXEIRA DE MAGALHÃES, Guia civil da OPVDCA

¹ (Huibregtse, op.cit pp.73); ² (Orbelino, op.cit pp.213)

Junho.18

Em Novo Redondo foi assassinado um indígena de serviço ao rádio-clubes local, em consequência do que, por acção do comandante-militar do Cuanza-Sul primeiro-tenente Santos Prado, é desmantelada uma rede do terrorismo que se preparava para actuar na área.

– «*Assaltos e incêndios devastaram e arruinaram as fazendas Beira Alta e Santa Clara, na margem esquerda do Loje. O mesmo sucedeu às fazendas de Milton Cardoso e Francisco Sanches, nas imediações de Carmona, onde morreu um bailundo. E outras, como a Fazenda Candande e a de António Nunes, foram novamente arrasadas. O Bungo foi recuperado pela força militar, mas os terroristas fugiram e ainda incendiaram duas casas. Em Caiongo houve ataque terrorista com graves prejuízos para os sitiados. A ponte sobre o rio Damba, na estrada de Quitexe para Aldeia Viçosa, foi quase inutilizada pelos terroristas.*»¹

¹ (Orbelino, op.cit pp.214)

Junho.19

Perto do Quitexe é atacada a Fazenda Pumbassai, morrendo um europeu e ficando outros dois feridos. Em redor de Carmona são atacadas e saqueadas várias fazendas. Numa sanzala, um grupo terrorista chacina um caboverdeano que ali se encontrava, o mesmo sucedendo a sua mulher e a uma filha de tenra idade que foi selvaticamente cortada ao meio, tendo de seguida a matula pegado fogo a todas as cubatas. A 5km de Carmona uma patrulha militar deparou com um grande grupo da UPA acoitado junto à ponte sobre o rio Lôa, tendo-se travado dura peleja; ficaram no terreno muitos terroristas mortos e as tropas sofreram dois feridos sem gravidade.

Por essa ocasião em Carmona,

o major de infantaria Fernando Godofredo da Costa Nogueira de Freitas toma posse como novo comandante militar distrital, pouco depois da chegada à cidade de 1350 bailundos e 180 voluntários para a colheita cafeícola, que se vai iniciar sob protecção de carros pesados, blindados por chapas de aço e dispoendo cada unidade de um emissor-receptor P19.

– «*Photos of military men, protecting these harvesters, were used in anti-Portuguese propaganda as evidence of the existence of forced labour. A pamphlet on colonialism in Mozambique shows a drawing on the cover “inspired” by such a photograph. The author [Spencer, Mozambique, page 88] forgot that in Mozambique the coffee culture is still in an experimental stage.*»¹

† JOAQUIM MANUEL RAIMUNDO RICARDO, Soldado pára-quedaista

† FREDERICO VICTOR MANUEL AUGUSTO, Soldado

Entretanto no litoral a vila do Ambriz é alvo de ataque da UPA, cujos terroristas usam armas automáticas.

Enquanto isso em Accra o governo ghanês anuncia o estabelecimento de acordos comerciais com a Alemanha Oriental, Polónia, Hungria, Checoslováquia e URSS.

Ao mesmo tempo em Washington, tem início uma cimeira de delegados dos EUA e da URSS, para «*conversações sobre o desarmamento*».

¹ (Huibregtse, op.cit pp.71)

Junho.20

Em Luanda o recém-chegado governador-geral general Venâncio Deslandes, dá posse ao novo governo provincial: secretário-geral, dr. Deodato Nuno de Azevedo Coutinho¹; secretários-provinciais do Fomento, da Economia e da Educação, respectivamente eng. Manuel Pimentel Pereira dos Santos², dr. Carlos Moreira Rato e dr. Amadeu Castilho Soares; para governador distrital do Moxico é nomeado o major Ricardo Carmo Ferreira.

– «Na estrada Negaje-Carmona, os terroristas emboscados no capim atacaram duas viaturas; uma de César Ferreira, que por milagre saiu ileso; outra do Resende, de que resultaram dois feridos sem gravidade.»³

¹ (magistrado e funcionário superior do Ministério do Ultramar; e o engenheiro agrónomo Vieira da Silva, ambos por imposição do ministro do Ultramar);

² (em 02Dez58-30Mai61, secretário provincial de Obras Públicas do governo-geral de Moçambique); ³ (Orbelino, op.cit pp.216)

Junho.21

Na Dimuca, Lucunga e Pango-Aluquem os grupos terroristas redobram os ataques, mas sofrem pesadas baixas e perdem armas e catanas.

- «A tática vai arrasando o próprio invasor, convicto de que ao primeiro golpe desferido os portugueses abandonariam o que é seu, como os belgas. O engano mais enfurece os cabecilhas que de longe dirigem a manada do crime, impelida para o genocídio repugnante. A mentira caluniosa que justifica o apoio da América a esta luta contra nós, não terá nunca o perdão de Deus e da História, onde os actos de heroísmo e sacrifício de vidas e haveres clamarão por justiça, através dos tempos, na vida dos homens e do mundo.»¹
- «O jornalista Sousa Costa do 'Jornal do Congo', integrado numa operação com uma coluna mista, foi hoje gravemente atingido na cabeça² por tiro de canhango, num recontro [entre Negaje e Carmona] em que ficaram feridos 8 militares e morto 1 civil.»³

† ANTÓNIO FERNANDO DIAS DUARTE, 1ºCabo

† CARLOS COMBÓIO, Soldado

† CHIAMBA DUMBA, 2ºCabo

† JUSTINO DOS SANTOS MORAIS, Guia civil da OPVDCA

¹ (Mário de Oliveira, in "Braseiro...", pp.217); ² (prontamente levado para o hospital de Carmona e ali operado com sucesso pelo dr. Rodrigues Lopes);

³ (Orbelino, op.cit pp.216)

Junho.22

No noroeste de Angola, bandos da UPA prosseguem a sanha terrorista:

- «Na estrada Carmona-Songo, os terroristas tentaram atacar depois da meia-noite o acampamento do Corpo de Voluntários, que os recebeu com nutrido tiroteio, ficando no terreno muitos mortos e alguns canhangulos, munições e mantimentos. Outra coluna de trabalhadores, a caminho de Negaje para Carmona, foi igualmente atacada, sofrendo os terroristas algumas baixas sem causar dano aos nossos trabalhadores. Na estrada Quitexe-Cassungo, os trabalhadores indigenas ao serviço do dr. Manuel da Cruz, abandonaram o serviço fugindo para as matas. Na estrada Carmona-Negaje, os bandoleiros foram seriamente fustigados pela tropas, deixando no terreno mortos, armas gentílicas, carabinas e caçadeiras, sem baixas para as forças da ordem. No Lufico, junto a São Salvador, outro ataque dos bandoleiros foi rechaçado pela tropa em luta violenta que, embora com grande razia entre os bandoleiros, originou um morto e quatro feridos entre os militares.»¹

† ANTÓNIO PEREIRA SALVADO, 1ºCabo

† JOAQUIM PIMENTA VERDELHOS, 1ºCabo

Entretanto em Lisboa são publicados 5 decretos (43744-43747), respeitantes à 3ª parte da remodelação ministerial: a subsecretaria do Comércio é extinta; a subsecretaria da Aeronáutica é elevada à categoria de secretaria, mantendo-se Kaulza de Arriaga, promovido a brigadeiro, como seu titular; e tendo sido já extinto o cargo de ministro da presidência do Conselho, o seu titular Pedro Teotónio Pereira é nomeado embaixador de Portugal em Washington (mantendo no entanto o estatuto de conselheiro de Estado vitalício), sendo empossado o dr. Correia de Oliveira como ministro de Estado adjunto do primeiro-ministro.

- «Fidelíssimo ao dr. Salazar, ouvindo-o e sendo ouvido com cuidadosa atenção, agradava aos monárquicos e à extrema-direita. Depressa subiu na hierarquia governamental até chegar a ministro de Estado, especialmente encarregado da política económica externa e das negociações com a CEE e com a EFTA. [...] Integracionista, José Gonçalo defendia a criação de uma zona económica portuguesa onde livremente circulasse a moeda e as mercadorias, caminho entreaberto para um mercado nacional unificado e para a moeda única. As assimetrias de desenvolvimento existentes entre as várias parcelas do território nacional dificultavam-lhe a tarefa.»²
- «Isto é, a transformação do escudo metropolitano em medida comum de valores e instrumento geral de trocas em todo o espaço português: era a solução que mais aceitação tinha na opinião pública; e era defendida em certos meios políticos, por ser considerada a que melhor correspondia às características do Estado português como Estado unitário. [...] A principal razão por que [eu Joaquim Moreira da Silva Cunha] não aceitava a primeira (moeda única), era muito simples [?]. Dentro do quadro das realidades políticas, económicas, sociais e geográficas do País, aquela solução, pensava então e ainda hoje [Jun77] convictamente penso, condenaria as Províncias Ultramarinas à estagnação pois determinaria a breve prazo, a rarefacção total dos meios de pagamento nas áreas menos desenvolvidas, isto é, nas Províncias, para se acumular nas zonas de maior desenvolvimento, ou fosse, na Metrópole. Entre territórios separados por milhares de quilómetros, com graus de desenvolvimento diferentes, com problemas específicos de política orçamental, de preços e de balança de pagamentos, como autonomia e responsabilidades próprias de gestão, não podia efectivamente esperar-se outro resultado. Havia quem defendesse o sistema, argumentando com o exemplo dos EUA e da URSS, onde existe moeda única apesar da grandeza dos respectivos territórios e das diferenciações regionais que neles se verificam. Os exemplos porém não eram comparáveis, sendo por isso ilícito partir deles para concluir pela viabilidade do sistema no espaço português. Na verdade, nos Estado Unidos a contiguidade territorial, a

relativa homogeneidade da ocupação humana [?] e económica, o carácter altamente competitivo dos seus mercados internos, o extraordinário dinamismo das suas empresas e a existência de um forte comando central de intervenção, a nível federal em matéria de política fiscal, monetária, de preços e de balança de pagamentos, são realidades que evitam [?] o risco de que regiões gozando de estabilidade sejam atingidas pelas perturbações inflacionistas com que outras estejam a braços, ou que nuns Estados paralise o investimento enquanto a poupança neles gerada se escoe para outros onde haja melhores infra-estruturas, mais amplos mercados e maior segurança, em suma: melhores e mais seguras oportunidades para investir. Na URSS a socialização dos instrumentos de produção e o planeamento geral da economia, com um comando fortemente centralizado no governo da União, são meios que permitem [?] atenuar as dificuldades apesar de tudo existentes, de fazer crescer ao ritmo da Rússia e de outras regiões soviéticas desenvolvidas, as Repúblicas da “periferia” ainda hoje muito atrasadas. Parece-me também argumento de invocar que na Comunidade Económica Europeia, onde já existem órgãos supranacionais e uma coordenação acentuada de políticas aduaneiras, comerciais, industriais e agrícolas, o facto de existir desníveis de desenvolvimento entre os países que a constituem impede [?] a adopção de uma moeda comum!..»³

¹ (Orbelino, op.cit pp.217/8); ² (Múrias, op.cit pp.85);

³ (Silva Cunha, op.cit pp.153,155-157: m/comentário > No entanto, o que no final do séc.XX vai ser vulgarizado sob o signo da globalização, trata-se apenas da reformulação do discurso de Lenine em 1922, prosseguida com Staline e no final da IIGM adoptada por Roosevelt através da definição da geopolítica de influências. Com a “destalinização” enunciada em 1956 por Krustchev, e com o cisma sino-soviético declarado em 1959, as bases socialistas desligam-se definitivamente do “frentismo popular” que, nas décadas anteriores, havia imposto o modelo “globalizante” de economia estatal. Nesta década de 60, o arranque da CEE tem assim o apoio da dissidência socialista, que inicia um movimento subtil para ocupar o espaço geopolítico e geoeconómico do capitalismo tradicional. Com essa finalidade é formada a “Internacional Socialista” que, na prática, adopta as teses leninistas, conquanto em sentido contrário: da economia centralizada passa a defender sucessivamente a liberalização dos mercados, e daqui a denominada globalização. Assim, não se vê como podem os comunistas, seus parceiros socialistas e demais liberais envergonhados, protestar tão acerbamente contra a globalização, a qual em fim de século vão acusar de «caminhar para o estado selvagem». Afinal, quem lançou a má semente...?)

Junho.23

No Cuanza-Sul, nativos de Mussende apresentam-se ao governador distrital e oferecem os seus serviços para ir combater os terroristas nas matas do noroeste.

– «De manhã partiu de Carmona uma caravana de camiões, escoltada por forte coluna militar acompanhada de civis armados. Na zona do Negaje, a Fazenda Adriana sofreu um ataque, repellido após dura luta em que perderam a vida vários bailundos. Mucaba sofreu novo ataque, sendo os terroristas postos em fuga com pesadas baixas e deixando grande número de canhangulos e outras armas, entre elas uma metralhadora conhecida como sendo dos aviadores [civis da FAV201 Albino Augusto Leite e Rui José Lemos Moller Freiria], caídos nas mãos dos bandoleiros. O Bembe acaba de ser reocupado por uma força militar [CCac98] sob comando do capitão Hélio Esteves Felgas: após a reocupação, no local rezou-se missa a que assistiu a população que acompanhou a tropa na operação; os terroristas produziram enormes estragos na povoação, tendo levado tudo o que encontraram. Em Santa Cruz assassinaram barbaramente oito nativos fiéis, retalhando os corpos.»¹

– «A 22 de Junho de 1961, a bordo de um DC-6, parti [novamente de Lisboa] para Luanda onde cheguei no dia seguinte. [...] No mesmo [?] avião foi também o general Venâncio Deslandes, que ia [?] assumir as funções de governador-geral de Angola [i.e, em 20Jun61 já tinha empossado os membros do seu governo]. Já passava do meio-dia quando entrámos no circuito de aterragem do então aeroporto Craveiro Lopes. [...] Logo após a aterragem dirigi-me à messe onde já tinha reservado um quarto e após o almoço fiz as apresentações do regulamento. Fui então informado de que na Base Aérea 9 iria desempenhar as funções de comandante da Esquadra 91, dos PV-2, passando o então comandante-interino capitão Ferreira de Almeida a oficial de operações [3ºRep da 2ªRA]. [...] O [capitão piloto-aviador José] Ervedosa [tal como o anterior em comissão desde 24Nov60], embora ficasse a voar na Esquadra, tinha sido colocado para efeitos administrativos na repartição de operações da 2ª Região Aérea. Concluíram que lhe faltava qualquer coisa, talvez senso comum e sentido de responsabilidade para o exercício da função [de comandante operacional da Esq91]. [...] Dispúnhamos de nove aviões: um, o do tenente Carlos Alves, [em 08Jun61] tinha desaparecido.»²

Entretanto em Lisboa é publicada a port.18545, que isenta de porte e de sobretaxa aérea os «aerogramas» – edição exclusiva do MNF destinada a facilitar a correspondência rápida e gratuita entre os militares em serviço no Ultramar e os seus familiares e amigos –, em cujo impresso se lê que «o transporte deste aerograma é uma oferta da TAP aos Soldados de Portugal»³.

– «Acerca de Angola, ainda quero referir um facto que me parece importante salientar: [...] o dr. [advogado ex-monárquico integralista, que em 38-39 foi “Viriato” piloto-aviador com “brevet” civil no seu monomotor Miles-Hawk Major de 130cv entre Portugal e a Espanha, depois integrado na missão militar portuguesa com o posto de tenente miliciano de aviação, uma década mais tarde candidato independente às eleições pelo círculo de Portalegre, decorrida outra década apoiante delgadista e conspirador na “Intentona da Sé”, agora quase-septuagenário, José Adriano] Pequito Rebelo [...], foi para lá com um avião particular [adquirido antes de Jul55 nos EUA], para uso sobretudo dos capelães militares a fim de os levar a todos os sítios onde precisassem de ir quando não havia transportes oficiais, fazendo igualmente serviço quando os pilotos da Força Aérea se negavam a fazê-lo, quer transportando leite ou correio bem como ordens de operações ou mantimentos frescos (carnes, arroz, hortaliças, etc.). Esse senhor também escreveu muito coisa sobre aquilo que se passava em Angola, que ele bem conhecia. Tudo isso foi reunido num volume mas o comando-chefe [general Venâncio Deslandes] não o deixou publicar. O dr. Pequito Rebelo no entanto veio para Lisboa e mostrou os seus escritos a Salazar, que lhos deixou publicar em três volumes»^{4,5}

¹ (Orbelino, op.cit pp.218); ² (Silva Cardoso, op.cit pp.190-192);

³ (decorridos 10 anos, num outro local do aerograma encontra-se impressa a seguinte informação: «A TAP concede descontos e facilidades de pagamento nas passagens de avião entre o Ultramar e a Metrópole para os militares em serviço no Ultramar. Consulte os escritórios da TAP Bissau - Av. Almirante Américo Tomaz, 56; Luanda - Av. Paulo Dias de Novais, 79-80; Beira - Rua Governador Augusto Castilho, 47-49; Lourenço Marques - Av. Fernão de Magalhães, 8»);

⁴ (em 1962, o dr. Pequito Rebelo vai publicar um livro intitulado “Portugal e a Índia”); ⁵ (capelão Luís Ribeiro da Silva, dep.cit)

Junho.24

Em Luanda o novo governador-geral anuncia que a vila de Cuimba, sede concelhia a nordeste de São Salvador, foi reocupada por forças do Exército.

- «After Damba had been recaptured [31Mai61], detachments were sent out to occupy Cuimba [24Jun61], Lucunga [13Jun61] and Bembe [23Jun61]. The reconquest of these places meant a complete turning point: from then on, no more locations were lost but only recovered. In the middle of June the road from Negaje to Maquela do Zombo could be travelled again and was relatively safe.»¹

† ARMINDO FIRMINO VICENTE, 1º Cabo

† JOSÉ MARTINS MOREIRA, Furriel miliciano

† SERAFIM DE MATOS PEDRO, Soldado

Ao mesmo tempo, pela avenida marginal Paulo Dias de Novais desfilam 3 batalhões de infantaria recém-desembarcados² e que seguem para o Grafanil, onde ficam provisoriamente acantonados a aguardar transporte para as zonas operacionais. Segundo algumas versões³, durante esta breve aclimação alguns oficiais subalternos teriam recebido uma norma proveniente do QG e que, entre outras disposições, determinaria: «cortar cabeças dos terroristas abatidos e espetá-las em paus à beira das picadas»; o comandante de um pelotão desembarcado há 15 dias, afirmará (15 anos decorridos), que «a maioria dos soldados desta companhia ofereceu-se voluntariamente para o cumprimento de tais missões»⁴.

- «The accusation of reprisals by the army against the natives were founded on nothing and the soldiers even immediately put a stop to the revenge of the planters and, if necessary, took away their arms. The task of specially-formed psycho-social groups was to rewin the trust and friendship of the population, and the soldiers left behind little presents accompanied by a few friendly words in deserted villages, often with surprising results.»⁵

Pouco depois chega a Malanje uma subunidade de artilharia, para reforço do batalhão distrital cujo segundo-comandante é o major António Vaz Antunes: um dos pelotões daquela CArt120, sob comando do alferes Saraiva de Carvalho, marcha para o Cuale, posto administrativo de Cateco-Cangola, 110km a norte das quedas do Duque de Bragança, seguindo na frente um PelRec da CCE66 com experientes soldados que detectam e desmontam uma emboscada, liquidando alguns terroristas e dispersando os restantes, antes da passagem dos recém-chegados maçaricos.

- «Na zona de Cateco-Cangola houve um recontro entre uma coluna militar e um grupo de bandedeiros, que foram metralhados e deixaram muitos mortos no local. O mesmo sucedeu a uma outra força atacada na região Quele-Bengo. De manhã saiu de Carmona uma coluna militar, protegida pela aviação, para uma larga operação de limpeza na estrada do Negaje; o bombardeiro metralhou duramente fortes grupos terroristas e lançou algumas bombas, ficando um número enorme de mortos no terreno e dezenas de canhangulos, caçadeiras e carabinas.»⁶

¹ (Huibregtse, op.cit pp.73);

² http://ultramar.terraweb.biz/Efemerides_Angola_24JUN1961.htm

³ (Carlos Fabião, capitão oficial de operações do BCac132 hoje desembarcado); ⁴ (Otelu Nuno Romão Saraiva de Carvalho, alferes da CArt120);

⁵ (Ronald Waring, professor no IAEM-Pedrouços, in "War in Angola", Symposium, pp.34); ⁶ (Orbelino, op.cit pp.220)

Junho.25

Em Genebra, o director-geral da OIT aceita a queixa formalizada há 4 meses pelo delegado ghanês contra Portugal e, para efeito de inquérito, nomeia uma *troika* presidida pelo suíço Paul Ruegger, tendo como vogais o senegalês Isaac Forrester e o uruguaio Henri Armand. Desde logo, o Governo português presta-se a completa e leal cooperação, permitindo que a comissão ouça testemunhas e visite localidades, fazendas e plantações, empresas industriais, mineiras e obras públicas, e que se informem em pormenor da vida administrativa e práticas locais, em contacto directo com as populações de todos os sectores sociais e económicos, com todas as possíveis oportunidades e amplas facilidades.

- «Ainda em Junho, os EUA votam uma nova resolução da Assembleia Geral que exigia uma investigação à situação em Angola. A razão que levava Kennedy a apoiar as resoluções devia-se, em parte, ao desejo de ripostar ao secretário-geral soviético Krustchev, que reafirmara [...] que os movimentos de libertação nacional eram "sagrados" e que a União Soviética apoiaria a luta anticolonial em Angola.»¹
- «Para que não houvesse dúvidas sobre qual a situação interna nas províncias africanas, Lisboa propôs que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), procedessem ali aos mais amplos e livres inquéritos. As conclusões dos observadores dessas 2 agências da ONU [emitidas em 21Mar62]², não poderiam ter sido mais lisonjeiras para a administração portuguesa.»³
- «A referida comissão foi constituída e deslocou-se às duas Províncias [Angola e Moçambique] a que respeitava a acusação, onde viu o que quis, recolheu testemunhos e examinou documentos. Concluiu pela falta de fundamento da queixa, limitando-se [entretanto] a recomendar um certo número de medidas, entre as quais se incluía a abolição do sistema em uso para o recrutamento de trabalhadores e a criação de serviços autónomos de inspecção do trabalho.»⁴

Entretanto no noroeste de Angola, entre Carmona e o Songo marcha uma coluna militar a render a guarnição que ali está em serviço há quase dois meses: no trajecto, a tropa faz a protecção à brigada de voluntários que segue para a Fazenda Lufije. Nos subúrbios de Carmona foram incendiados os armazéns e maquinaria da fazenda de Manuel Marques Narciso dos Santos, junto à sanzala Tanje. O percurso Carmona-Negaje com cerca de 40km, é agora feito por camionistas apenas sob escolta militar, tal a quantidade de terroristas que infestam aquela área.

¹ (Wright, op.cit pp.89); ² (vd BO da OIT, vol.XLV, Genebra Abr62); ³ (Mascarenhas, op.cit pp.374); ⁴ (Silva Cunha, op.cit pp.139)

Junho.26

Em Accra o presidente Nkrumah e o homólogo daomense Maga, no final da visita oficial de 4 dias, emitem um comunicado conjunto onde se «condenam os actos de Angola, provocados por Portugal».

Entretanto no noroeste de Angola, um bando da UPA ataca um coluna-auto, causando dois feridos e um morto entre os militares, e quinze feridos civis.

† ANTÓNIO MARCOS TEODORO, Soldado

– «Durante a noite de ontem, junto à serra de Mucaba sofreu total devastação a Fazenda Mahomé, perdendo nela a vida dos trabalhadores que não puderam fugir e se não entregaram para seguir presos com os bandidos; todo o gado foi morto e a casa completamente saqueada; e um tractor posto a trabalhar, levaram-no para sítio desconhecido. Cuíma foi novamente ocupada por uma força militar, que limpou o caminho em penosa missão que envolveu a coluna em lutas com selvagens “heróicos” do terror e da morte; aquela povoação oferece um aspecto terrível, sujeita tanto tempo ao saque e incêndio que inutilizaram o seu casario. A meio da tarde soube-se do ataque terrorista à coluna militar que operava entre Macocola e Santa Cruz: a região foi sobrevoada durante quatro horas por um avião desconhecido, que praticou evoluções sobre Santa Cruz; do recontro resultou um soldado morto, e um furiel e um cabo feridos. Entretanto chegou ao Negaje um grande contingente militar com centenas de homens e viaturas, e com eles o comando que vem instalar-se em Carmona. Em Luanda novas detenções recaíram sobre [missionários] europeus comprometidos na traição negra.»¹

¹ (Orbélino, op.cit pp.221/2)

Junho.27

No noroeste de Angola a vila do Bembe – onde há 4 dias chegou a CCac98 comandada pelo capitão Esteves Felgas e dali marchou para reocupação de Cuimba –, uma vez mais cercada por terroristas, os quais são metralhados pela Força Aérea após uma coluna militar ida do Toto em socorro, ter sido atacada no trajecto e sofrido 5 feridos.

Enquanto isso em Londres, dirigentes do Partido Trabalhista e de organizações missionárias protestantes (nomeadamente do Conselho Ecuménico das Igrejas Protestantes), prosseguem a agit-prop contra Portugal sugestionada em «horrores cometidos pelas forças armadas portuguesas em Angola».

– «O reino do terror continua. Durante os três últimos meses desapareceram milhares, levados pela milícia local, por representantes do governo ou pelo exército. O boato que ouvi da boca de brancos, mestiços e africanos, é que os matam e enterram em fossas comuns com a ajuda de ‘bulldozers’. Nunca vi nada disso, e não posso prová-lo. O novo governador-geral, Venâncio Deslandes, foi enviado para fazer exactamente ao contrário do que tinha recomendado a ONU: continuam a prender-se pessoas em Luanda e noutras regiões, e o número de prisões foi mais elevado em Luanda durante a última semana em que lá estive, do que no mês anterior. No dia em que deixei Angola, celebrava-se o funeral de um prisioneiro, Joaquim Figueiredo, um dos primeiros que tinham sido presos. Tinha passado mais de dois anos na prisão sem julgamento e foi efectivamente considerado culpado por um tribunal. Morreu de um ataque em 27 de Junho e os seus restos mortais foram dados à família. Quando deixei o país, um número cada vez maior de africanos era colocado sob vigilância.»¹

– «Um jornal londrino relata que haviam sido descobertos em Angola, fragmentos de bomba marcados “Made in America”. A prova expunha a ambiguidade dos EUA no que respeita à violenta resposta de Portugal à rebelião em Angola. [...] A primeira reacção do presidente [Kennedy] foi pedir a Rusk para cortar o auxílio militar dos EUA à divisão portuguesa da NATO. [...] O governo [de Kennedy] procurava uma estratégia mais abrangente para pressionar Portugal no sentido da sua retirada de África. O secretário de Estado Dean Rusk forma um “Grupo de Trabalho para os Territórios Portugueses em África”, para propôr recomendações do modo como lidar com Portugal. O grupo, dirigido pelo secretário de Estado adjunto [G. Mennen] Williams, incluía representantes do NSC (Conselho de Segurança Nacional) e dos Departamentos de Estado, da Defesa e do Tesouro, da CIA, da Casa Branca, do Gabinete do Orçamento e da Agência Americana de Informações.»²

Entretanto no aeroporto de Lisboa desembarca o secretário de Estado norte-americano Dean Rusk, para conversações com o Governo português.

¹ (McVeigh, op.cit); ² (Wright, op.cit pp.91,89)

Junho.28

De Carmona sai pela manhã uma coluna militar, a fim de escoltar uma coluna camiões que vêm carregados de Luanda.

– «De madrugada o acampamento bailundo das minas de Cassolengue foi atacado, sofrendo cerca de trinta mortos; os atacantes refugiaram-se em seguida nas matas circundantes das Mabubas. A 5km de Carmona, os terroristas assaltaram a Fazenda de Pires & Irmão: chacinaram dois trabalhadores bailundos a quem cortaram as mãos; destruíram casario, incendiaram maquinaria e muitas toneladas de café; inutilizaram centenas de sacos de cimento; mataram a criação toda, os cães de guarda e incendiaram a plantação nova. No Toto e junto a Quissumba, uma coluna militar foi atacada mas a matula foi repelida com numerosas baixas, tendo sido apreendidas duas espingardas automáticas ‘Martini’. De Carmona seguiram para as fazendas do Songo cerca de 600 trabalhadores, transportados em 20 camiões sob vigilância de 160 voluntários bem armados e municiados. A safra do café vai em meio.»¹

No regresso do Negaje, a escolta militar aos camiões encontra na estrada o seguinte letreiro: «O branco não volta a passar por aqui, senão vai ter luta com mil almas dos nossos mortos». À mesma

hora, a caminho do Quitexe duas carrinhas sofrem uma emboscada montada no capim junto da picada, tendo ficado ferido o enfermeiro Alves que conduzia uma das viaturas.

Enquanto isso em Lisboa, largam mais dois navios com tropas para o Ultramar.

¹ (Orbelino, op.cit pp.222/3);

http://www.aminharadio.com/radio/audio_partida

http://ultramar.terraweb.biz/06livros_etelvinodasilvabatista.htm

http://ultramar.terraweb.biz/06livros_joseneves.htm

<http://cenasdeguerra.blogspot.com/>

navio segue para Bissau com os BCac238 e BCac239, mobilizados pelo BC8-Elvas e BC9-Viana do Castelo

NTT “Vera Cruz” larga de Lisboa¹ rumo a Luanda, com o quinto grande contingente do Exército

Junho.29

Em Lisboa é promulgado o dec.43761 que cria, na dependência das Repartições de Informações dos QG da Regiões Militares de «Angola e Moçambique, os serviços de centralização e coordenação de informações», que até à data têm estado sob exclusiva responsabilidade das delegações provinciais da PIDE.

– «O Exército português tinha entrado no conflito bem preparado para combater um compromisso militar e ajustou-se também a ter de suportar uma grande parte da responsabilidade civil, quando compreendeu a contra-insurreição e as suas próprias campanhas. Esta alteração da ênfase foi o resultado da procura por parte de Portugal, da solução bem sucedida, para a insurreição, de acordo com a sua estratégia de baixo custo e longa duração. [...] Como as redes de informação operam na sua maioria em segredo, os pormenores da sua organização e operações não são muitas vezes perceptíveis para quem está de fora. O melhor teste à eficácia de um aparelho de informação é a frequência com que se é apanhado de surpresa. Durante as campanhas, os portugueses raras vezes eram apanhados desprevenidos, mas quando o eram os resultados apresentavam-se graves. Em Angola, em [meados de Março] de 1961 os acontecimentos iniciais representaram mais uma incapacidade [político-militar] de agir com base na informação [entretanto coligida e trabalhada], do que propriamente pouca informação. Daí em diante, o sistema pareceu funcionar relativamente bem nos três teatros e eram os insurrectos que mais vezes eram apanhados de surpresa, durante operações planeadas e executadas regularmente para extrair informações. A contribuição de uma boa rede de informações foi um dos factores decisivos na capacidade de Portugal sustentar o conflito durante treze anos e de ter empregue os seus limitados recursos no controle eficaz da ameaça da guerrilha. Conseguiu antecipar-se bem aos guerrilheiros e derrotou-os amplamente durante este prolongado período, através de um consistente e metucioso trabalho de informação. [...] Em contraste, o exército dos EUA no Vietnam falhou a correcta abordagem dos portugueses e as suas “operações de informação eram dificultadas pela falta de familiaridade com a língua e cultura do povo com quem trabalhavam, bem como pela ausência de quaisquer procedimentos do exército para a obtenção dessa informação”. Os soldados portugueses recrutados em África conheciam uma ou mais línguas e pareciam ter facilidade na sua aquisição. Apesar de tudo, [conforme afirmou Philip Goodhart em 12Fev66 no seminário londrino “Lessons from the Vietnam War”], “não podemos combater numa guerra política se não conseguimos comunicar com as pessoas pelas quais e com as quais lutamos”. Os portugueses compreenderam claramente que o fluxo centralizado da informação era a chave para a contra-insurreição e que esse fluxo viria principalmente da população. Consequentemente, planearam a sua máquina de recolha de informação para trabalhar neste meio especial. Foi novamente aqui que todo o seu esforço se reorientou, de uma guerra convencional que focava o inimigo como a sua principal fonte de informação, para a contra-insurreição em que a área de operações e a população civil estavam em primeiro lugar. A compreensão deste princípio foi bem articulada por um oficial subalterno português [alferes miliciano José Emídio Pereira da Costa], ao escrever num jornal militar da época: “O principal objectivo dos terroristas é destruir a confiança da população nas garantias de protecção que o governo local lhes pode oferecer. Conseguindo este objectivo, a população local sente relutância em fornecer informações às autoridades com medo de represálias. Apenas com operações bem conduzidas será possível restabelecer esta perda de confiança. E isto depende da utilização atempada de informações fidedignas”. A pesquisa de informações foi a chave do sucesso da contra-insurreição. [...] A informação foi a pedra fundamental da contra-insurreição portuguesa e nenhuma operação avançava sem uma quantidade substancial de informação. Esta força apoiava uma presença militar que no resto era frágil, estendida por três teatros de guerra, e era indicativa da utilização por Portugal de todos os meios na procura de uma vantagem relativamente pouco dispendiosa sobre os seus adversários. [...] Para abordar este problema no terreno, cada batalhão tinha uma equipa que incluía uma secção de operações e informações (2ª Secção). Esta secção era composta por 2 oficiais, 2 sargentos e 2 praças. Como apoio a esta equipa existiu um pelotão de reconhecimento composto por 29 homens, 3 sargentos e 25 praças comandados por 1 oficial. Estavam equipados com jipes e rádios a fim de lhes ser dada mobilidade adicional. [...] Assim, havia 35 oficiais e outro pessoal, ou cerca de 5% da força do batalhão, dedicados a actividades informativas, uma proporção um pouco maior do que a que normalmente se encontra numa força estruturada para guerras convencionais. As patrulhas feitas, quer pelos pelotões de reconhecimento que procuravam informação sobre o inimigo, que por grupos regulares de combate que obtinham informações no decorrer de outras missões, demonstraram ser as fontes mais valiosas e produtivas.. Ambos os tipos de unidades tentavam constantemente contactar o inimigo e manter a iniciativa e portanto todas as operações, de um modo ou de outro, incluíam um papel de reconhecimento. [...] Também o tipo, condição e origem das armas identificava seguramente os insurrectos, pois assim sabia-se quem patrocinava os movimentos nacionalistas e com que armamento. Esta identificação indiciava também as capacidades e as missões dos insurrectos e as suas necessidades logísticas, e este conhecimento era valioso para um comandante táctico ao permitir-lhe manobrar contra o inimigo. [...] Foram sempre feitas tentativas para verificar este tipo de informação através do contacto com a população. A população representava uma fonte-

chave de informação e era na verdade o campo de batalha primordial ou, em termos clausewitzianos, o “centro de gravidade” de uma insurreição. O soldado português foi doutrinado neste princípio e foi-lhe dito que nas suas relações com a população teria sempre de procurar informação sobre o momento do recontro, sobre a natureza do armamento e o número das forças guerrilheiras. Não só devia estar alerta a toda a informação acerca do inimigo, como devia também proteger a sua principal fonte da intimidação dos guerrilheiros. Na verdade, descobriu-se que quanto mais alto era o nível de confiança da população na capacidade de protecção dos soldados portugueses, maior era a quantidade de informação fornecida. A intimidação dos guerrilheiros conseguia facilmente erguer um “muro de silêncio” entre a população e os soldados, e depois para penetrar neste “muro” era necessária uma enorme paciência, tempo e boa vontade. No entanto, as recompensas de o fazer eram enormes.»¹

- «Junho 29 - A informação é a chave da contra-subversão. São criados os Serviços de Centralização e Coordenação de Informações (SCCI) em cada uma [?] das províncias ultramarinas.»²

¹ (Cann, op.cit pp.220/1,170-171,156,157); ² (Antunes, op.cit pp.23)

Junho.30

navio segue rumo a Moçambique com um contingente do Exército, para reforço da guarnição

Nos arredores de Carmona, um grupo da milícia com cipaio da administração civil concelhia desloca-se à Fazenda de Pires & Irmão, onde trava intenso tiroteio com o bando da UPA ali instalado desde antontem; com a mesma finalidade uma coluna militar faz uma batida naquela área, não logrando desalojar os cerca de 600 terroristas escondidos nas matas. A jangada do rio Zadi tinha sido destruída, tal como dois fontenários no ancoradouro da margem direita.

- «O dia começa com notícias da destruição de fazendas nos arredores de Carmona: Santa Estefânia, Santa Luzia e Santa Maria [do padre Rosa]; em todas mataram, roubaram e incendiaram. Na região do Songo, os assassinos deixaram na Roça Santa Leocádia uma tabuleta: “O branco está perdido. Da parte de cá é nosso e pra lá é deles”; quando as forças militares batiam a selva na mesma fazenda, foram encontradas na sanzala Matenda duas cartas com “pedidos de reforços para destruição da ponte e pelo menos mais quinze soldados da UPA, pois quando os brancos aparecem só ficam homens do povo Tuco e os do Quiminongo e Zenguda fogem aos primeiros tiros”. Em Santa Cruz atacaram a Fazenda Pegado, de um nativo que tem lutado pela defesa de Macocola, onde reside; naquela propriedade nada restou do saque e incêndio. Durante a noite foi ouvida num P19 em Maquela do Zombo, uma comunicação em dialecto ‘lingala’: as comunicações limitam-se de cada vez a uma chamada breve, seguida de uma só palavra intraduzível. [...] Nas rusgas feitas nos povos Tuco e Matenda, têm sido encontradas cartas e outra documentação que esclarece a relação dos acontecimentos com quem os fomentou e comanda de Léopoldville. São especialmente instruções aos cabecilhas do Songo, sobre a maneira de matar e destruir as fazendas da região.»¹

Nas faldas da serra de Mucaba, as sanzalas Tuco, Matenda e Mbanzi abrigam cerca de 2500 terroristas. A noroeste de Nova Caipemba (área do Songo), as tropas assaltam as duas primeiras sanzalas onde são apreendidas cartas provenientes de Léopoldville, Matadi e Thysville dirigidas aos chefes locais da guerrilha, bem como destes para Léopoldville com indicações precisas sobre assaltos efectuados e destino dos saques.

- «O banditismo continua a imperar na região de Carmona. A morte dos trabalhadores é sistematicamente executada, seguindo-se o saque às fazendas e incêndios às casas das mesmas. Citam-se as de Arnaldo Pinto Machado, na estrada Carmona-Quitexe; a do deputado Carlos Alves, junto à central eléctrica; a de Teófilo [Ferreira] de Sousa, no caminho antigo do Negaje; a Fazenda Santa Comba, de João Mesquita; a fazenda de Firmino António Veríssimo; e a demarcação de Acácio Silva.»²

Entretanto no palácio da Cova da Moura em Lisboa, o SGDN emite o 1º comunicado oficial do SIPFA que «anuncia a morte de 50 militares desde início do conflito, a 4 de Fevereiro, em Angola»³.

Enquanto isso em Nova Iorque, o matutino homónimo “Times” publica uma entrevista⁴ concedida pelo PM Salazar ao jornalista Benjamin Welles, sobre a «questão de Angola».

- «Se os observadores de boa-fé, mesmo animados de um preconceito malévol, reconhecem que não existe discriminação racial nos territórios portugueses, vingam-se descrevendo a pobreza das zonas rurais quase exclusivamente povoadas de africanos, as insuficiências da escolarização, a fraca proporção dos autóctones a que é dada a possibilidade de se elevar a quaisquer funções, públicas ou privadas, importantes. Que tais críticas [como por exemplo a de Jean de la Guévière no “Le Monde” de 08Ago72] sejam em parte justificadas – como o eram a propósito da Argélia em 1954 –, não significa de modo algum que nada tenha sido feito ou não esteja a ponto de ser remediado, nem que a ruptura brutal com a metrópole e a vitória do terrorismo venham a trazer soluções positivas a problemas de subdesenvolvimento tão velhos como a própria África. Nada é mais árduo do que elevar o nível de uma população rural. Em França, precisámos de quase dois séculos e ainda não será difícil encontrar no campo “zonas” subdesenvolvidas. Como então imaginar que o subdesenvolvimento africano possa ser superado com alguns toques de varinha mágica pela expulsão dos europeus, a liquidação do sector moderno da economia e a ditadura de demagogos pretensiosos e sanguinários?»⁵

Por essa ocasião no hemiciclo de São Bento, decorre uma sessão extraordinária na Câmara dos Deputados e perante a qual o PM Salazar acusa o presidente Kennedy de patrocinar a subversão em África. Sublinhando que «não vejo outra atitude que não seja a decisão de continuar», pronuncia discurso epigrafado «O Ultramar Português e a ONU», do qual se extrai o seguinte:

- «Os naturais mostram-se sedentos de instrução, porque nela vêem o meio de valorizar-se, de melhoria económica e mesmo de ascensão política. Há que matar-lhes a sede, sem esquecer equilibrar as escolas nos graus médios e superiores com o desenvolvimento económico geral, sob pena de criar-se perigosamente um proletariado intelectual, dado à agitação pelo desemprego e à política pela ambição».

¹ (Orbelino, op.cit pp.226/7,232); ² (idem, pp.228); ³ (cf “Efemérides”, CM 30Jun05); ⁴ (Cunha Leal, op.cit pp.191-200); ⁵ (Soustelle, op.cit pp.76-77)